

**FAZENDAS NOS SERTÕES DO ACARAÚ, COREAÚ E
SERRA DA IBIAPABA (CE)**

ISABELLE MENDONÇA DE CARVALHO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

FAZENDAS NOS SERTÕES DO ACARAÚ, COREAÚ E SERRA DA IBIAPABA (CE)

São Paulo, 2023

ISABELLE MENDONÇA DE CARVALHO

FAZENDAS NOS SERTÕES DO ACARAÚ, COREAÚ E SERRA DA IBIAPABA (CE)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São
Paulo (FAU-USP) para obtenção do título de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: História e Fundamentos
da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Piccolotto Siqueira
Bueno

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Maria de
Almeida Martins

São Paulo, 2023

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DA ORIENTADORA. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

São Paulo, 07 de fevereiro de 2024.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: mendoncaisabelle@gmail.com

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Carvalho, Isabelle Mendonça de
Fazendas nos Sertões do Acaraú, Coreaú e Serra da
Ibiapaba (CE) / Isabelle Mendonça de Carvalho; orientadora
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. coorientador Renata
Maria de Almeida Martins - São Paulo, 2023.
370.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de
concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do
Urbanismo.

1. Arquitetura Rural. 2. Arqueologia da Paisagem. 3.
Patrimônio Cultural. 4. Sertões do Acaraú, Coreaú e Serra da
Ibiapaba. 5. Arquitetura das Fazendas. 6. Século Xix. I.
Bueno, Beatriz Piccolotto Siqueira, orient. II. Martins,
Renata Maria de Almeida, coorient. III. Título.

Isabelle Mendonça de Carvalho
Fazendas nos Sertões do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba (CE)

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Aprovada em: 18/12/2023

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo

Presidente

Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

Departamento de Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Prof^a. Dr^a. Renata Klautau Malcher de Araújo

Escola Superior de Educação e Comunicação - Universidade do Algarve

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Clóvis Ramiro Jucá Neto

Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design – Universidade Federal do Ceará

Julgamento: Aprovada

Dissertação elaborada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sob o processo de nº. 2021/06049-8



Para todos que viveram e vivem os sertões.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi um trabalho feito por várias mãos. Gostaria de agradecer a cada um que aqui fez sua valiosa contribuição.

À Santíssima Trindade, pelo discernimento ao longo desta caminhada.

Primeiramente, à minha família, em especial aos meus avós Raimundo Oséas e Stella Carvalho, que me proporcionaram e ainda proporcionam tantas vivências nos sertões do Acaraú.

Aos meus queridos pais, Homero e Cybelle, por me darem os melhores presentes que eu poderia receber: amor e educação. Agradeço à minha irmã, Ana Clara, por sempre proporcionar momentos de descontração. À querida Joaquina, que cuidou sempre tão bem de nós.

Na fazenda Ypiranga, agradeço novamente ao vovô Oséas (a quem eu carinhosamente apelido de “Capitão-mor”, por ser minha referência ao adentrar respeitosamente as fazendas) e meu tio Ricardo, por me ajudarem na empreitada de percorrer cerca de 3000 quilômetros nestes sertões e transmitirem seus conhecimentos sobre as plantas do sertão, sobre o gado e o cotidiano do criatório. Nosso levantamento de nada adiantaria sem seus valiosos conhecimentos práticos. À Fatinha e D. Socorro por cuidarem tão bem de mim durante a estadia na fazenda.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento da pesquisa (processo de nº. 2021/06049-8), viabilizando a condução desta em dedicação integral, no âmbito do projeto JP2 Barroco Açú – A América Portuguesa na geografia artística do sul global, coordenado pela profª. Drª. Renata Maria de Almeida Martins.

À minha orientadora, profª. Drª. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, por sua generosidade, aceitando prontamente a orientar uma pesquisa ainda em fase inicial. Bia me ensinou a ver os sertões com um olhar atento, para além das questões arquitetônicas. Agradeço também pela oportunidade em realizar um estágio à docência, oportunidade na qual também agradeço ao Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

À minha coorientadora, profª. Drª. Renata Maria de Almeida Martins. Agradeço imensamente por sua bondade ao aceitar coorientar uma pesquisa já em andamento e pela sensibilidade na condução de um assunto que era até então pouco conhecido por mim: a decolonialidade e os povos indígenas. Agradeço também pela oportunidade de participar dos eventos do grupo Abya-Yala/FAUUSP.

Aos professores Clovis Jucá (DAUD-UFC), Manoel Fernandes (DG-FFLCH-USP) e Renata Klautau Malcher de Araújo (Universidade do Algarve), na qualificação e defesa, por suas generosas e valiosas contribuições.

Na rápida passagem pela FAU-Mackenzie, agradeço às queridas professoras Ruth Verde Zein e Maria Augusta Justi Pisani pelo incentivo e apontamentos valiosos.

À Nathália Diniz e Esdras Arraes, por pavimentaram caminhos, inspirarem este trabalho e pela disponibilidade para conversar sobre as nossas pesquisas. Aos amigos que

fiz na FAU: Caio e Wilmar. Ao Ramiro, pelas indicações valiosas de documentação primária, pelo mapa do padre Jacobo Cócleo e explicações sobre os processos do IPHAN.

Em memória ao meu amigo querido Mateus Xavier Chagas, um dos maiores entusiastas desta pesquisa.

Em Sobral, agradeço imensamente ao arquiteto e professor Herbert Rocha (FAU-UNINTA), por ler o projeto de pesquisa, como também pelo material generosamente cedido: fotografias, indicações de bibliografia e o empréstimo de importantes inventários da Ribeira do Acaraú, presentes nesta pesquisa.

Aos funcionários do Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico, especialmente Nonato e John Victor, pela generosidade e simpatia. Agradeço também às bibliotecárias do IPHAN-CE e da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE).

A todos os proprietários, administradores e moradores das fazendas, agradeço pela generosidade e aproveito o ensejo para me desculpar pela intromissão e atrevimento ao adentrar suas fazendas. Mas, principalmente, agradeço por depositarem confiança em mim e na pesquisa, em um momento no qual predomina violência e insegurança no sertão. A todas as pessoas que encontrei pelas “brenhas”, que prontamente me indicaram mais casas a serem documentadas.

Em Santa Quitéria, agradeço imensamente ao Sr. Aécio Timbó Braga, por prontamente fornecer dados, genealogias, além de visitar conosco algumas fazendas. Ao Jardson Rodrigues e Ribamar Mesquita, por indicar documentos e bibliografias sobre a vida rural oitocentista em Santa Quitéria.

No Pacujá e no Graça, agradeço à Flaviane Ximenes e ao Erasmo por informações cedidas e por nos acompanhar em algumas fazendas. Em Varjota, agradeço à Dra. Isabel Leitão, por ceder a documentação primária relacionada à fazenda Cajazeira dos Caetanos, e ao sr. Carlos Melquíades, pelas fotografias e vídeos da fazenda Transval.

Em Guaraciaba do Norte, agradeço ao primo Cezar Augusto Carvalho, por visitar conosco os sítios Tamboatá e Tabatana. No Croatá, agradeço ao Sr. Chico Cocal, por nos acompanhar até as fazendas Canindé Grande e Angico. Agradeço também ao Sr. Silvero Pereira, pelo envio de fotos antigas da fazenda Canindé Grande.

Em Moraújo e Uruoca, agradeço aos senhores Gustavo Belchior, Belchior Conrado e Manoel Felizardo Fernandes pela generosidade e indicação de casas na região e fornecimento de manuscritos inéditos. Em Barroquinha, agradeço à Tainah pelo levantamento do sítio Unha de Gato.

No Piauí, agradeço ao Helder Fontenelle pela indicação de fazendas dos descendentes do francês Jean Fontaneille, bem como pelo envio e autorização de suas belas fotografias, aqui utilizadas.

A todos que se dispuseram a escutar sobre nossa pesquisa e viagens aos sertões.

Ao Samuel Bertrand, que ao longo da pesquisa se tornou noivo e marido. Pelo amor, companheirismo e paciência incansáveis, caminhando comigo “pelas brenhas” do sertão, ajudando na elaboração de alguns mapas e lendo incansavelmente esta pesquisa em tantas oportunidades, obrigada sempre!

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado realiza o inventário arquitetônico de fazendas construídas nos sertões do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba, datadas do século XIX e das primeiras décadas do século XX, bem como de seu acervo de artefatos e documentos. Analisa as propriedades na lógica do processo de urbanização de sertões transfronteiriços entre o Ceará e o Piauí, por meio do estudo dos diversos agentes e agências ali operantes – Estado, Igreja, fazendeiros, indígenas e povos de matriz africana – que imprimiram aos espaços saberes tradicionais fruto de encontros, transferências e formas de resistência cultural. Analisados à luz das dinâmicas da economia do criatório e da lavoura, esse patrimônio material e imaterial descortina saberes e fazeres, modos de ser e estar, informando sobre a fábrica arquitetônica e sociabilidades. Valendo-se da metodologia da Arqueologia da Paisagem (Bueno, 2021), em perspectiva de longa duração (Braudel, 1949), a pesquisa mobiliza e entrecruza fontes primárias heterogêneas e conexas, textuais e visuais dos séculos XVII a XX, buscando espacializá-las na cartografia coeva da Capitania de Pernambuco e Siará Grande, depois Província do Ceará. Para a leitura da paisagem e arquitetura das fazendas, utilizou-se, fundamentalmente, os inventários *post-mortem* dos proprietários, alinhavados às informações recolhidas em manuscritos pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, desenhos e relatos da Comissão Científica de Exploração, realizada em 1859-1861, livros de genealogia, relatórios oficiais e leis provinciais, além da literatura disponível sobre esses sertões. As fontes primárias entrecruzadas e espacializadas, somadas ao minucioso levantamento arquitetônico e fotográfico das 57 propriedades rurais ali existentes, por meio do instrumental das Humanidades Digitais (SIGs Históricas) permitem revolver camadas de historicidade e representações ancestrais ainda inexploradas pela historiografia. De caráter interdisciplinar, esta pesquisa agrega à geo-história novos dados sobre saberes e fazeres vernaculares de rara beleza, delicadeza e singeleza, pondo luz num patrimônio material e imaterial ainda carente de visibilidade e distante das políticas de preservação.

Palavras-chave: Arquitetura das Fazendas; Arqueologia da Paisagem; Sertões do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba; Século XIX; Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This master's research carries out an architectural inventory of farms built in the backlands of Acaraú, Coreaú, and Ibiapaba mountains including their artifacts and documents, dating from the 19th century and the first decades of the 20th century. It analyses the properties under the logic of the urbanization process of cross-border hinterlands between Ceará and Piauí, by studying the various agents and agencies operating there – State, Church, farmers, indigenous people, and people of African origin – who imparted traditional knowledge to the spaces that result from encounters, transfers, and forms of cultural resistance. Analyzed considering the dynamics of the livestock and farming economy, this material and immaterial heritage reveals knowledge and practices, ways of being, informing about the architectural factory and sociability. Using the methodology of Landscape Archeology (Bueno, 2021), with a long-term perspective (Braudel, 1949), this research mobilizes and intertwines heterogeneous, connected, textual and visual primary sources from the 17th to 20th centuries, seeking to spatialize them in the coeval cartography of the Captaincy of Pernambuco and Siará Grande, later Province of Ceará. To understand the landscape and the farm's architecture, the post-mortem inventories of the owners are fundamental, combined with information collected in manuscripts that belong to the Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, drawings and reports from the Comissão Científica de Exploração carried out in 1859-1861, genealogy, books, provincial laws, and available literature about these hinterlands. The intertwined and spatialized primary sources, added to the detailed architectural and photographic survey of the 57 rural properties, through the instruments of Digital Humanities (Historical GIS), allow us to reveal layers of historicity and ancestral representations that are still unexplored by historiography. Of an interdisciplinary nature, this research adds new data to geohistory on vernacular knowledge and practices of rare beauty, delicacy, and simplicity, material and immaterial heritage that still lacks visibility and is far from being reached by preservation policies.

Keywords: Cattle farm Architecture; Landscape Archaeology; Acaraú and Coreaú Hinterlands and Ibiapaba mountains; 19th century; Cultural heritage.

SIGLAS

ACI | Arquivo Central do IPHAN

AHEX | Arquivo Histórico do Exército

AHU | Arquivo Histórico Ultramarino

ALECE | Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

AN | Arquivo Nacional

ANA | Agência Nacional das Águas

APEC | Arquivo Público do Estado do Ceará

BECE | Biblioteca Pública do Estado do Ceará

BN | Biblioteca Nacional

DAUD | Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design

EMBRAPA | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FAPESP | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FAU | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

FFLCH | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

FWA | Fundação Waldemar Alcântara

IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC | Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)

IHGB | Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPECE | Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

NEDHIS | Núcleo de Estudos e Documentação Histórica

SPHAN | Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFC | Universidade Federal do Ceará

USP | Universidade de São Paulo

UVA | Universidade Estadual Vale do Acaraú

Lista de figuras

Figura 1: painel cronológico de estudos especializados em mapa. No ponto em branco, a localização da região de pesquisa.....	30
Figura 2: Ribeiras e vilas do Ceará na primeira metade do século XIX.....	32
Figura 3: Desenho sobre o mapa intitulado “Termos da Capitania do Ceará e principais rios. Desenho da autora sobre a Carta da Capitania do Ceará Levantada por Ordem do Governador Manoel Ignacio de Sampaio”. Antonio José da Silva Paulet. 1818.	33
Figura 4: Diferentes tipologias de cobertas em casas levantadas do século XIX e XX.	35
Figura 5: Análise de uma mesma fazenda localizada em Granja (CE), por meio da ferramenta “imagens históricas” disponível no software Google Earth. Nos anos de 2003, 2007 e 2010 é possível observar a mudança de disposição e uso dos cercados.	36
Figura 6: Casa-sede da fazenda Águas Livres. Santana do Acaraú (CE).....	39
Figura 7: Casa-sede da fazenda de Inês Rodrigues. Graça (CE).....	39
Figura 8: Carnaubal em Moraújo (CE).....	44
Figura 9: Ceará [Material Cartográfico]. Felix José de Souza. [9 de julho de 1866].....	45
Figura 10: Os limites de nossa região de pesquisa.....	46
Figura 11: Mata-burro a caminho da fazenda Angicos, em Sobral (CE).	47
Figura 12: Ponte de pedra e cal nas proximidades da fazenda Sapucaíba, em Santa Quitéria (CE).	47
Figura 13: Balneário no rio Acaraú.	48
Figura 14: a conformação de serra escarpada do planalto da Ibiapaba.....	49
Figura 15: presença de bromélias na região do carrasco, serra da Ibiapaba.	49
Figura 16: Topônimos da tabela 1 espacializados.	50
Figura 17: Mapa geomorfológico simplificado do Ceará, desenhado por Marcelo Martins de Moura-Fé.....	52
Figura 18: Principais recursos hídricos e formações geológicas de nossa região. Carta Chorographica da Provincia do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge (1861).....	53
Figura 19: Diferenciação entre maciços residuais maiores (representados pela serra da Meruoca) e menores, como o serrote do Barriga. Carta Chorographica da Provincia do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge (1861).	54
Figura 20: Mapa de relevo e recursos hídricos do Ceará.	55
Figura 21: Mapa de unidades fitoecológicas do Ceará.....	56
Figura 22: região do Carrasco, a caminho da Fazenda Canindé Grande, em Croatá (CE).	57
Figura 23: Facheiro (<i>Pilosocereus pachycladus</i>) na caatinga do sedimentar.	58
Figura 24: Mata úmida na serra da Ibiapaba. Guaraciaba do Norte (CE).....	59
Figura 25: Mata úmida na serra da Ibiapaba. Guaraciaba do Norte (CE).....	59
Figura 26: Caatinga em Itapajé (CE). No plano de fundo, a serra da Uruburetama. Foto de Alfredo Domingues e Tibor Jablonsky. 1957.....	60
Figura 27: Lajedo de pedra. Sobral (CE).....	60
Figura 28: O mesmo ponto em épocas diferentes do ano, no Sertão do Acaraú.	62
Figura 29: Ervas que observamos durante as viagens de campo. 1 - <i>Turnera ulmifolia</i> ; 2 - <i>Richardia brasiliensis</i> ; 3 - <i>Emilia fosbergii</i> ; 4 - <i>Ipomoea</i> L.; 5 - <i>Momordica charantia</i> ; 6 - <i>Hedyotis verticillata</i> ; 7 - <i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.; 8 - <i>Centrosema brasilianum</i>	62
Figura 30: Planície fluvial do rio Acaraú. Cariré (CE).....	63
Figura 31: Campos alagadiços com carnaubais, rio Acaraú. Groáiras (CE).	64
Figura 32: Arquitetura e paisagem em simbiose. Fonte termal Olhos d'Água do Pajé, Sobral (CE).	65

Figura 33: Em destaque, a menção a serra e olho d'água do Pajé. Carta Chorographica da Província do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge e revista pelo engenheiro Henrique Théberge, 1882.	65
Figura 34: Caracterização do entorno e fonte interna.	66
Figura 35: Tatajuba, Camocim (CE).	67
Figura 36: Inscrições no sítio Bilheira, Sobral (CE).	68
Figura 37: Inscrições na pedra do mato grosso, serra da Meruoca (CE).	68
Figura 38: fragmentos de artefatos cerâmicos, em Jericoacoara (CE).	69
Figura 39: Mulheres carregando vasilhames cerâmicos com água no rio Acaraú. "Cassimbas do rio Acaraú". Aquarela de Reis Carvalho, Século XIX.	69
Figura 40: No recorte acima vemos o destaque com a localização de alguns povos indígenas que habitavam os sertões do Acaraú, Coreaú e a Serra da Ibiapaba. Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, adaptado do Mapa de Curt Nimuendaju (1944).	71
Figura 41: Acervo do Museu indígena Poticatapuya.	72
Figura 42: imagens religiosas de madeira policromada em oratório.	73
Figura 43: Maranhão Taboa Primeira. [Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará].	75
Figura 44: Em destaque, a "Província dos Taramembes de guerra" (I), menção ao povo Tremembé que habitava a costa entre os rios Coreaú e Parnaíba; "Rio da Cruz" (II), antiga denominação para o rio Acaraú; "He boa bahia para surgir" (III), indicando a costa de Jericoacoara e a série de montanhas (IV) que poderiam representar as serras de Ibiapaba. Maranhão Taboa Primeira. [Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará]. [ca. 1629]. João Teixeira Albernaz I.	75
Figura 45: Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil, extraído do original do Padre Cocleo (c.a. 1700).	77
Figura 46: Destaque para a serra da Ibiapaba, o rio Timonha e as salinas da região. Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil, extraído do original do Pe. Cocleo (c. a. 1700).	77
Figura 47: No ponto em vermelho, a localização aproximada da extinta fazenda da Missão, da Companhia de Jesus. "Planta Topographica da Serra de Ibiapaba, sede da Grande Nação Tabajara". Desenho de Pedro Ciarlini, desenhista, sob inspeção do Coronel Lamartine Nogueira. Viçosa, 8 de Dezembro de 1897.	80
Figura 48: Ribeiras e vilas da capitania do Ceará no ano de 1776.	83
Figura 49: "Recebi do [] Manoel Moreira Ferrões a quantia de 24:000 reis, proveniente da duas dispensas de suas filhas. Palma, 17 de Abril de 1894. Pe. [] Modesto d'Oliveira Rebouças".	87
Figura 50: Vilas, povoados e rede de caminhos no início do século XIX.	88
Figura 51: Cidades, vilas, povoados e rede de caminhos no final do século XIX.	89
Figura 52: fazendas em rede.	90
Figura 53: Implantação da fazenda Groaíras, propriedade do século XVIII.	92
Figura 54: Relações endogâmicas demonstradas através da arquitetura.	96
Figura 55: "Dízimos de 1892. Notas do caderno de dízimos de Francisquinho".	97
Figura 56: piquetes para cultura de vazantes. Fazenda Ypiranga, Forquilha (CE).	98
Figura 57: localização de engenhocas.	99
Figura 58: engenho com tração animal. Guaraciaba do Norte (CE).	100
Figura 59: Jumento carregando cana com auxílio de cangalha. Viçosa (CE).	100
Figura 60: preparo da rapadura em caldeirões. Sítio Caranguejo, Meruoca (CE).	100
Figura 61: Rapadura pronta para consumo. Sítio Caranguejo, Meruoca (CE).	101
Figura 62: localização de casas de farinha.	101
Figura 63: Casa de farinha, fazenda Groaíras.	102
Figura 64: Prensa de mandioca. A retirada da água da massa diminui a fermentação que pode alterar o sabor da farinha, evitando a formação de goma e de grumos da massa. Fazenda Groaíras (CE).	103

Figura 65: localização dos campos calcáreos.	104
Figura 66: Forno de cal de pedra. Século XIX. Aquarela de Reis Carvalho.	105
Figura 67: Caieira desativada em Coreaú (CE).	105
Figura 68: Jazida de pedras calcáreas. Frecheirinha (CE), [19--]. Século XX.	105
Figura 69: Forno de cal em Frecheirinha (CE), [19--].	105
Figura 70: Depósito de cal. Frecheirinha (CE), [19--]. Primeira metade do século XX.	105
Figura 71: "Carnahubal no município de Acarahú" [S.l.: s.n.].	106
Figura 72: Productos da Carnaúba Ceará. Ilustração de Carlos Linde, século XX. [S.l.: s.n.].	106
Figura 73: Fazendas produtoras de cera de carnaúba.	107
Figura 74: foice utilizada para o corte de palha.	108
Figura 75: transporte da palha de carnaúba em Jericó, Messejana - século XX.	108
Figura 76: Carnaúbas desfolhadas, indício claro de exploração. Moraújo (CE).	108
Figura 77: Lastro com palha de carnaúba recém extraídas. Sobral (CE).	109
Figura 78: Pó da cera de carnaúba. Fazenda Angico, Croatá (CE).	109
Figura 79: prensa de carnaúba. Fazenda Groaíras.	109
Figura 80: formas em alvenaria para cera em blocos. Fazenda Retiro.	109
Figura 81: Fazendas devotadas ao criatório.	110
Figura 82: Carimbos das freguesias do Ceará.	114
Figura 83: Marcas de ferro encontradas nas fazendas inventariadas.	115
Figura 84: classificados de bois perdidos	117
Figura 85: Curral de peixes em Acaraú (CE).	119
Figura 86: Esquema de um curral-de-pesca do distrito de Bitupitá, Barroquinha (CE).	120
Figura 87: louças de barro na feira livre de São Benedito.	123
Figura 88: Porto de Acarahú – Hyate "Equador". Século XX.	124
Figura 89: escoamento nos sertões do Acaraú, Coreaú e serra da Ibiapaba no século XIX.	127
Figura 90: Casa-sede Fazenda Canindé-Grande, Século XIX. Croatá.	128
Figura 91: Esboço de uma das mais antigas e mais nobres casas da localidade de campo Grande (Ceará). [Novembro de 1860].	130
Figura 92: Casa do Capitão-Mor. Centro urbano de Sobral (CE), século XVIII.	131
Figura 93: casa-sede da fazenda Pirambeba. Jaibaras, distrito de Sobral (CE). Século XIX.	131
Figura 94: Planta da casa correspondente à figura 2 (adaptado). Desenho de Francisco Freire Alemão, 1860.	131
Figura 95: Sedes das Fazendas Morros, Pereiro e Olho d'Água, grupo possivelmente construído por Macário.	132
Figura 96: Em sentido horário. Alpendre de casa em Ortigosa, Leiria; Casa em Assafora, Sintra; Contraforte em casa portuguesa; Casa da Murtosa.	134
Figura 97: permanências da cultura material e imaterial.	135
Figura 98: Casas-sede e outras construções de fazendas levantadas.	135
Figura 99: Meia parede com madeiramento de apoio, fazenda Casa Grande, Sobral (CE).	139
Figura 100: Meia parede com tesoura, fazenda Santa Maria, Granja (CE).	139
Figura 101: Paiol, fazenda Arraia. Irauçuba (CE).	139
Figura 102: Jirau, fazenda Olhos d'Água do Pajé. Sobral (CE).	139
Figura 103: Volumetrias comumente encontradas em casas-sede.	140
Figura 104: planta da casa-sede da fazenda Tamanduá, Forquilha (CE). Sem Escala. Detalhe em amarelo: sucessão de sala e quartos que permitem a circulação entre os cômodos.	141
Figura 105: cocheira abrigada em alpendre. Fazenda Bom Viver, Santa Quitéria (CE). Século XIX.	142

Figura 106: extensão de alpendre para abrigo de animais. Fazenda Barra dos Prados, Sobral (CE). Século XIX.	142
Figura 107: Imagens religiosas em madeira policromada e oratório em madeira. Fazenda Cajazeira dos Caetanos, Varjota (CE).	143
Figura 108: Altar. Fazenda Sapucaíba, Santa Quitéria (CE).	143
Figura 109: Cozinha e sala de jantar. Fazenda Angicos, Sobral (CE).	143
Figura 110: plantas baixas das casas-sede levantadas.....	144
Figura 111: Casa-sede da fazenda Caraúbas, Moraújo (CE). Século XIX. Fonte: Acervo da casa. Observa-se a escala humana e o alicerce que, em certo ponto, atinge 184 centímetros em relação ao nível do solo.	152
Figura 112: tijolo de baldrame, fazenda Caraúbas. Dimensões 33cmx22cmx7cm.	153
Figura 113: acabamentos em tijolo de cutelo.....	153
Figura 114: entablamento de duas fiadas de tijolos com acabamento à cutelo. Fazenda Barra dos Prados. Sobral (CE).....	154
Figura 115: entablamento de única fiada de pedras. Fazenda Sanharão, Século XIX. Pacujá (CE).	154
Figura 116: entablamento e topo em pedras. Fazenda Canindé Grande, Século XIX. Croatá (CE).	154
Figura 117: Base e acabamento em pedra tosca. Fazenda desconhecida. Século XIX. Viçosa do Ceará (CE).	154
Figura 118: Base e acabamento em pedra tosca. Fazenda Olhos d'Água do Pajé. Século XIX. Sobral (CE).	154
Figura 119: Acabamento em pedra tosca com acabamento com pedras e tijolos à cutelo. Sítio Cajueiro, Século XIX. Tianguá (CE).....	154
Figura 120: diferentes paginações de piso (em vista superior), observadas ao longo dos levantamentos.	155
Figura 121: Pavimento superior. Sítio Tamboatá. Guaraciaba do Norte (CE). Século XIX. Os barrotes, em Aroeira, servem de estrutura de sustentação e são fincados nas alvenarias. As régua, em Cedro.....	156
Figura 122: mudança de paginação de piso na soleira. Fazenda Alegre, Santa Quitéria (CE).	156
Figura 123: Sistema misto. Base em pedras com junta seca e posterior assentamento de tijolos em adobe com argamassa de barro. Fazenda Angico, Croatá (CE).	157
Figura 124: Construção feita inteiramente em taipa de sapapo. Sítio desconhecido, Camocim (CE).	157
Figura 125: Peças utilitárias obtidas a partir da armação no sistema de taipa. Fazenda Volta, Graça (CE).	158
Figura 126: Guarda corpo em tijolos com aplicação de telhas. Sítio Morros, Moraújo (CE). Século XX.	159
Figura 127: alvenaria externa com aplicação de telhas. Sítio Cajueiro, Tianguá (CE). Século XIX.	159
Figura 128: formas de assentamento de tijolos encontradas, em vista frontal. Sem escala.	159
Figura 129: circulação com arco pleno. Sítio Cajueiro, Tianguá (CE). Século XIX.	160
Figura 130: vão de esquadria com arco abatido. Sítio Cajueiro, Tianguá (CE). Século XIX.	160
Figura 131: contraforte. Fazenda Ypiranga, Forquilha (CE).....	160
Figura 132: tesoura de canto. Fazenda Alto dos Noivos. Século XIX.....	160
Figura 133: armários embutidos e caritós.	161
Figura 134: Esquema de vista e planta, identificando alvenaria com enxalso. Sítio Cajueiro. Desenho sem escala.....	162

Figura 135: Sistema construtivo em alvenaria de pedra. Fazenda Canindé Grande, Croatá (CE). Século XIX.	163
Figura 136: Casa da fazenda Lagoa do Barro, Pacujá (CE). Século XIX.	163
Figura 137: Alvenaria externa em técnica de junta seca, em cangicado. Sítio Cajueiro. Século XIX.	163
Figura 138: tipos de portas e janelas e seus sistemas de abertura, encontrados nos levantamentos.	163
Figura 139: quadro com verga curva. Casa do sítio Seriema. Século XIX. Sobral (CE).	164
Figura 140: quadro de madeira com verga reta. Fazenda Pajé. Século XIX. Sobral (CE).	164
Figura 141: desenho com detalhes do quadro.	164
Figura 142: “porta ou janella com verga curva por fora e rebaixo direito por dentro; ferrolho não comum.” Francisco Freire Alemão. Desenhos de Cumoeiras, dobradiças e ferrolhos. Meruoca, 4 de janeiro [1861].	164
Figura 143: dobradiça tipo leme-e-cachimbo. Casa da fazenda Santa Quitéria Velha.	165
Figura 144: tramela. Casa da fazenda Santa Quitéria Velha, século XIX. Santa Quitéria (CE). ...	165
Figura 145: chave da casa de fazenda Várzea Grande, século XIX. Reritaba (CE).	165
Figura 146: desenhos de fechaduras encontradas nas casas de fazenda oitocentistas.	165
Figura 147: painéis cegos na fachada. Casa da fazenda Canindé Grande, século XIX. Croatá (CE).	165
Figura 148: formatos de cobertas e caimentos encontrados em levantamento.	166
Figura 149: casa da fazenda Bom Viver, século XIX. Santa Quitéria (CE).	166
Figura 150: Coberta de quatro águas com lanternim cego. Olho d’Água das Ovelhas, Cariré (CE).	167
Figura 151: Coberta de dois caimentos complementada por quatro águas. Angicos, Sobral (CE).	167
Figura 152: Coberta em formato “L”. Angico, Croatá (CE).	167
Figura 153: Coberta com complemento com rincões posteriores. Morros, Moraújo (CE).	167
Figura 154: Sistema de brabo e pontalete, comumente observado nas construções rurais analisadas. Casas das fazendas Alegre e Canindé Grande, século XIX.	168
Figura 155: encaixes encontrados nos madeiramentos das edificações.	169
Figura 156: pilares e detalhes decorativos.	170
Figura 157: Pormenores de guarda corpo. Casa do sítio Morros, século XX. Moraújo (CE).	170
Figura 158: guarda corpo vazado. Fazenda desconhecida: Viçosa do Ceará	170
Figura 159: beira sobeira, casa da fazenda Pirambeba, Jaibaras, Sobral (CE).	171
Figura 160: arremate em cunhal e silhares. fazenda Groáiras (CE).	171
Figura 161: cachorros. Casas das fazendas Santa Quitéria Velha e Casa Grande. Século XIX. ...	171
Figura 162: cimalha de massa, casa da fazenda Canindé Grande, Croatá (CE).	171
Figura 163:	171
Figura 164: telhas com diferentes inscrições.	172
Figura 165: piso de tijoleira com inscrições. Curral da fazenda Retiro, século XIX, Cariré (CE). .	173
Figura 166: Inscrição em telha. “Angicos 12 de Agosto de 1855”. Fazenda Angicos, Sobral (CE).	174
Figura 167: “Quem nasceu no 79 passou por uma cêca dura”. Curral da Fazenda Olho d’Água do Pajé, Sobral (CE).	174
Figura 168: “Ama Rosário”. Casa sede da Fazenda Alto dos Noivos, Catunda (CE).	174
Figura 169: registros particulares da casa-sede da fazenda Santa Quitéria Velha, século XIX. Santa Quitéria (CE).	175
Figura 170: arquitetura e materialidade das casas de fazenda inventariadas.	176
Figura 171: Levantamento de objetos do cotidiano da moradia rural oitocentista.	178

Figura 172: alambique e tonéis	179
Figura 173: fazenda a renda de bilro. Rendeiras de Itarema (CE).....	181
Figura 174: Auxemma onocalyx.....	182
Figura 175: Copernicia prunifera.	182
Figura 176: Curral com troncos de Carnaúba (em sentido horizontal) e mourões (em sentido vertical). Fazenda Canindé Grande, Croatá (CE).	183
Figura 177: Cerca de caiçara ou Moirão em carnaúba. Ilustração de Reis Carvalho, século XIX..	184
Figura 178: Cerca de mourão também em Carnaúba.	184
Figura 179: curral da fazenda Tamanduá, Forquilha (CE). Estrutura montada em ligação por forquilha ou espiga engasgada. À direita, detalhe aproximado do curral.....	185
Figura 180: curral com forquilhas por posicionamento. Fazenda Sapucaíba, Santa Quitéria (CE).	185
Figura 181: porteira ou tranqueira. Curral no distrito de Bilheira, Sobral (CE).	186
Figura 182: seção circular e quadrangular.	186
Figura 183: "Desenhos (8) de cangalhas, selas, roupas de couro e cercas. Ocorre a descrição da casa em que pousava a comissão científica, em Fortaleza, e notas sobre a linguagem popular. Pacatuba, 23 de maio /1859/ - Fortaleza. S.d. Original".	188
Figura 184: Cercado tipo Caiçara. Curral no distrito de Bilheira, Sobral (CE).....	189
Figura 185: Cerca tipo ramada. Distrito de Aprazível, Sobral (CE).	189
Figura 186: técnicas de Caiçara e fachina com madeira lascada. Curral da Fazenda Pereiro, Sobral (CE).	190
Figura 187: curral em cerca de mourões. Região de Croatá (CE).....	190
Figura 188: cercado tipo pau a pique na região de Coreaú (CE).....	191
Figura 189: pequena cerca de varões. Sítio Caranguejo, serra da Meruoca (CE).	191
Figura 190: Cercado de pedra. Fazenda Lagoa do Barro, Pacujá (CE).....	192
Figura 191: Exemplo de cerca retratada por Freire Alemão em Viçosa do Ceará, serra da Ibiapaba. Não encontramos registros atuais deste tipo nas propriedades rurais. "Outra maneira de tecer cêrca que vi ao chegar a Vila Viçosa e, 1 de dezembro de 1860. A cerca era de Sabiá os moirões devem ser mas juntos."	192
Figura 192: Fazendas inventariadas.	195

Lista de tabelas e gráficos

Tabela 1: Alguns topônimos da região e sua etimologia.	49
Tabela 2: Classificação Etnográfica dos indígenas cearenses.....	70
Tabela 3: Distribuição de sesmarias por localização geográfica, dentro de nosso recorte de pesquisa, entre os séculos XVII a XIX.	78
Tabela 4: “Mapa das quatro fazendas de gado Vacum, Cavalari, e miúdo que administraram os denominados Jesuítas a tratamentos de Missionários da antiga aldeia da Ibiapaba hoje Vila Viçosa Real, com declaração da que pertence a N. Senhora; gado que se reparte com as pessoas que se expressa, e as três que ficam destinadas para a subsistência do hospital, que se intenta formar na sobredita vila em benefício dos seus.”	79
Tabela 5: Parte do inventário de João Pinto de Mesquita, século XVIII.	81
Tabela 6: Resumo das ribeiras da capitania do Ceará e respectivas arrecadações no ano de 1776.	83
Tabela 7: Inventário de Bernarda Cavalcante de Albuquerque. Ano de 1777.....	93
Tabela 8: Inventário de Vicente Alves da Fonseca. Ano de 1842.....	110
Tabela 9: Preços correntes do comércio de Sobral em agosto de 1881	124
Tabela 10: Produtos de importação e exportação comercializados entre as praças de Lisboa e Ceará no ano de 1821	125
Tabela 11: Relação de preços dos gêneros sujeitos a direitos de exportação na semana de 30 do corrente mês a 5 de maio de 1868.....	126
Tabela 12: Parte transcrita dos bens inventariados de Floriana Furtado, ano de 1759.	129
Tabela 13: Parte transcrita dos bens inventariados do capitão Bento Pereira Viana, ano de 1782.	129
Tabela 14: Inventário de madeiras e palmeiras em uso nas construções do sertão.	149
Tabela 15: Sistemas construtivos do século XVIII	150
Tabela 16: Parte do inventário de Anastácio de Araújo Costa Sales. Ano de 1898.....	179
Tabela 17: Classificação de cercas segundo João Pompeu.	187
Gráfico 1: Discriminação de levantamentos preliminares de fazendas. Fonte: autora (2021).....	37
Gráfico 2: alicerces e pisos, materialidade.....	150
Gráfico 3: paredes e vãos, materialidade.....	156

Pesos e medidas

1 alqueira = 13,8 l

1 arroba = 14,68kg

1 boi = 10 patacas

1 braça = 2,2m

1 cipó de milho = 100 espigas de milho

1 conto de reis = R\$ 123.000,00

1 légua = 5.555,55m

1 légua de sesmaria = 3000 braças ou 6.600m

1 palmo = 0,22m

1 pataca = 320 reis ou 32 centavos de cruzeiros

1 pé = 33cm

1 polegada = 2,54cm

1 vara = 1,1m

Sumário

Viajando por tantos sertões.....	22
Capítulo I: Os sertões do Acaraú, Coreaú e a serra da Ibiapaba.....	45
Capítulo II: Agentes e agências em disputa no sertão.....	74
Capítulo III: Para o sustento do território, fazendas em rede.....	92
Capítulo IV: Documentando arquiteturas.....	130
Capítulo V: Levantamento Arquitetônico.....	193
Entre arquitetura e paisagem, um homogêneo impossível.....	296

Referências

ANEXOS

Vendo aquelas casas, aquelas igrejas, de surpresa em surpresa, a gente como que se encontra, fica contente, feliz, e se lembra de coisas esquecidas, de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós.

Lúcio Costa, Registro de uma vivência (2018 [1938], p. 457)

VIAJANDO POR TANTOS SERTÕES

A cultura material e imaterial de um conjunto de fazendas situadas na fronteira entre o Ceará e o Piauí representam modos de viver e de produzir nos Sertões do Norte do Brasil. Implantadas nas ribeiras do Aracatiaçu, Acaraú e Coreaú – e de seus afluentes –, operaram economias variadas (criatório, lavouras, carnaúba) que condicionaram a urbanização desde o século XVIII (Jucá Neto, 2007).

O inventário arquitetônico de 57 fazendas desconhecidas pela historiografia sobre Arquitetura no Ceará e à margem das políticas de preservação locais e do IPHAN, em meio ao inventário do correspondente acervo de artefatos e cultura imaterial que lhes conferem vida, uma vez mapeadas e especializadas, permitem compreender aspectos de uma paisagem cultural híbrida entrelaçada à história de povos originários e redes familiares de adventícios que ali chegaram no século XVIII. A arquitetura aqui documentada é, em sua maioria, datada do século XIX, tendo, contudo, alguns exemplares das primeiras décadas

do século XX, todos construídos nos sertões do Acaraú, Coreaú e da serra da Ibiapaba, região noroeste do estado do Ceará.

Esta não é uma pesquisa de temática inédita. Diversos são os trabalhos que já realizaram inventário arquitetônico de construções rurais, bem como da cultura material e imaterial a elas associada. Esta metodologia de registro surgiu como

(...) modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de informações obedecendo a determinado padrão e repertório de dados passíveis de análises e classificações, e se constituem até hoje como instrumentos de identificação, valorização e proteção dos bens como patrimônio cultural (Motta; Rezende, 2016, p. 2).

Há, portanto, um objetivo comum: a motivação em registrar a arquitetura enquanto fonte primária e vetor material do patrimônio cultural (Meneses, 1980, 2009), principalmente porque os exemplares estudados se encontram em vias de dilapidação, distantes das políticas de preservação. Coincidência ou não, esta motivação tem raízes familiares em autores como Olavo Silva Filho com o Piauí (2007), Nathália Montenegro Diniz com os sertões do Seridó – RN (2008, 2013/2015), Maria do Carmo de Lima Bezerra com os sertões do Inhamuns (2012) e Esdras Arraes com os sertões de Pernambuco (2012, 2017); laços familiares também nutrem nossa pesquisa, na medida em que nossos antepassados são naturais da ribeira do Acaraú e serra da Ibiapaba e ali têm fazendas.

Documentação da arquitetura rural no Ceará

Para além dos remanescentes arquitetônicos sobreviventes na paisagem, minuciosamente inventariados, a pesquisa lastreia-se no pioneiro material coletado pela Comissão Científica de Exploração (1859-1861)¹. Embora não centrado na arquitetura, relata e registra em aquarelas a paisagem e os costumes nesses sertões. Os relatos e desenhos produzidos pelo médico Francisco Freire Alemão e o pintor José dos Reis Carvalho, entre 1859 e 1861, registram o traçado e a aparência dos núcleos urbanos, das edificações rurais e os detalhes construtivos da arquitetura nos sertões do Acaraú, da serra da Ibiapaba e do Ceará. Esta preciosa documentação encontra-se na Seção de Manuscritos

¹ A Comissão Científica de Exploração ou do Império foi uma expedição organizada ainda no século XIX pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB a fim de empreender pesquisas nas áreas de botânica, geologia, mineralogia, zoologia, astronomia, geografia e etnografia na então província do Ceará. Na historiografia relativa à expedição no Ceará, os trabalhos de Braga (2004), Porto Alegre (2003) e Kury (2009) são pioneiros.

da Biblioteca Nacional e recentemente foi analisada (Silva Filho; Ramos; Rios, 2011) e publicada em edição facsimilar (Beserra; Jacó, 2017).

A documentação adentra o século XX. Em 1940, o pintor João José Rescala, a convite de Rodrigo Mello Franco de Andrade, fundador e então diretor do SPHAN, viajou pelo Ceará, inventariando o cotidiano dos sertões, a arquitetura urbana, os bens religiosos – igrejas de Granja, Sobral, Viçosa e Almofala –, bem como a documentação arquitetônica e fotográfica das casas das fazendas Nova Empresa, em Canindé e Umbuzeiro, Belmonte e Monte Carmo², em Saboeiro, sertão dos Inhamuns. A casa do Umbuzeiro, único testemunho arquitetônico setecentista no Ceará (Jucá Neto, 2015), foi, posteriormente, objeto de apreciação em 1974, em correspondência trocada entre o arquiteto e professor da Universidade Federal do Ceará, José Liberal de Castro, e o então diretor do SPHAN, Renato Soeiro, manifestando a importância dessa arquitetura e convocando a instituição a lutar por sua preservação (Castro, 1974).

José Liberal de Castro foi um dos grandes pesquisadores da arquitetura tradicional no Ceará. Dentre sua extensa produção acadêmica, pode-se destacar o livro “Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga no Ceará” (1977), sua tese de livre-docência, “Notas relativas à arquitetura antiga do Ceará” (1980) e o artigo “Arquitetura no Ceará: o século XIX e algumas antecedências” (2014), em que estuda o panorama da arquitetura cearense no século XIX, documentando vários exemplares de arquitetura rural dispersos nas diversas ribeiras cearenses, traçando homologias e diferenças com a arquitetura portuguesa.

Castro orienta, em 1984, a dissertação de especialização de Maria do Carmo de Lima Bezerra, transformada posteriormente em livro intitulado “Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns” (2012), no qual realiza um inventário de fazendas dos séculos XVIII e XIX, revisitando também exemplares vistos por Rescala. Partindo do estado da arte da bibliografia cearense, a autora inova ao eleger documentos de sesmarias para identificar as construções a serem visitadas, reconstituídas em planta e elevações, e documentadas por meio de minuciosas fotografias que registram pormenores de aspectos tectônicos e construtivos vernaculares de rara beleza, chamando a atenção para o estado de conservação dos conjuntos arquitetônicos e para aspectos característicos de sua implantação na paisagem.

² Tais registros, bem como o depoimento oral de Rescala, podem ser encontrados no Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro (ACI-RJ).

Por sua vez, também sob a orientação do professor Pedro de Almeida Vasconcelos, a tese de doutorado de Clóvis Ramiro Jucá Neto (2007), defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e intitulada "Urbanização do Ceará Setecentista: as vilas de N. S. da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati", é estudo chave para a compreensão das casas de fazenda em interface com a rede urbana em seus primórdios no Ceará. Em 2019, o autor publica, junto a Adelaide Gonçalves "Arquitetura como extensão do Sertão" (2019), belíssimo livro no qual debruça-se sobre as casas de fazenda nos municípios de Saboeiro, Arneiroz, Aiuaba, Tauá, Granja, Aracati e Icó, todos no Ceará, revisitando os levantamentos de Bezerra (2012) e Rescala (1940) e elegendo os remanescentes dos séculos XVII e XIX para estudo pormenorizado, por meio de registros fotográficos inéditos.

Documentação da arquitetura rural nos Sertões do Norte

Os estudos de Godofredo Filho sobre o Castelo de Garcia D'ávila (1939) e posteriormente Norberto Macedo sobre as "Fazendas de gado no Vale do São Francisco" (1952) são alguns dos primeiros estudos acerca da arquitetura civil rural na paisagem dos Sertões do Norte – território grosso modo correspondente à atual região Nordeste do Brasil. A terminologia Sertões do Norte, de época, mostra-se mais eficiente para tratar de uma macrozona de fronteiras ainda indefinidas correspondentes às Capitânicas de Pernambuco e anexas, Capitania da Baía e, mais tarde, Capitania do Piauí (Diniz, 2013; Arraes, 2017). Pioneiro, o estudo de Paulo Thedim Barreto, "O Piauí e sua Arquitetura" (1952), a serviço do SPHAN, põe luz a exemplares característicos da arquitetura piauiense vernacular. Outros estudos, como de Josias Clarence sobre a fazenda Abelheiras (1991) e de Olavo Silva Filho intitulado "Arquitetura luso-brasileira no Maranhão" (1986) e "Carnaúba, pedra e barro na capitania de São José do Piauí" (2007) também exploram particularmente exemplares rurais piauienses. A respeito da arquitetura rural na Zona da Mata relacionada à economia açucareira, destacam-se os pioneiros trabalhos de Esterzilda Berenstein de Azevedo – "Arquitetura do Açúcar: Engenhos do Recôncavo Baiano no período colonial" (1990) - e de Geraldo Gomes - "Engenho e Arquitetura: Tipologia dos Edifícios dos Antigos Engenhos de Açúcar Pernambucano" (1998).

Na FAUUSP, sob a orientação de Beatriz Bueno, alguns estudos retomam a questão com enfoque inédito e pautados em minucioso inventário de campo. Nathália Montenegro Diniz realizou mestrado e doutorado (2008 e 2013, respectivamente), compulsando documentação inédita sobre as casas de fazenda e edificações anexas na Ribeira do Seridó

- RN, no mestrado, e ampliando o escopo para os Sertões do Norte como um todo (Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí), no doutorado. Assim, a autora produziu um extenso inventário de edificações rurais devotadas ao criatório, a maioria desconhecidas e carentes de registro por parte do IPHAN, utilizando-se de documentação textual e cartográfica como principal fonte a fim de reconstituir as territorialidades pregressas e um patrimônio em vias de dilapidação. Graças à autora, circunscrições administrativas como as “ribeiras” foram descobertas e a expressão “Sertões do Norte” naturalizada em oposição à anacrônica e preconceituosa “Região Nordeste”, cunhada tardiamente nos alvares do século XX. A autora denuncia a carência de políticas de preservação por parte do IPHAN para a arquitetura singela relacionada à economia do criatório nesses sertões, comparativamente à ênfase aos exemplares da Zona da Mata, devotados à economia açucareira mais monumentais. À luz das discussões ensejadas em 1962 pelo Conselho de Cooperação Europeu, Diniz problematiza a necessidade de inventário exaustivo desses exemplares menos monumentais em meio a paisagens tão plurais como as soluções arquitetônicas, a despeito da generalização carregada de preconceitos por se tratar de uma arquitetura modesta, em zona de caatinga. A autora, ao inventariar a beleza de 62 exemplares na Ribeira do Seridó no Rio Grande do Norte (no mestrado, 2008) e 116 nos sertões do Norte como um todo (no doutorado, 2013), percorrendo quilômetros de estradas vicinais para tanto, evidencia a relevância de se estudar e preservar um patrimônio arquitetônico rural para além dos seus atributos estéticos, mas como testemunhos culturais seculares de economias e modos de viver ameaçados de desaparecer. Ambas as pesquisas foram financiadas pela FAPESP, que, interessada nos resultados, realizou documentário³ sobre as contribuições da jovem autora por ocasião da publicação do belíssimo livro “Um sertão entre tantos outros” (2015), agraciado com o Prêmio Clarival do Prado Valladares.

Na mesma direção, que busca estudar o processo de urbanização nos Sertões do Norte, Esdras Arraes concluiu também na FAUUSP, em 2012, a dissertação de mestrado “Curral de reses, curral de almas”, orientada por Murillo Marx, e, em 2017, a tese de doutorado “Ecos de um suposto silêncio”, orientada por Beatriz Bueno.

Assim como Nathália Montenegro Diniz, agraciado com bolsa da FAPESP e bolsa BEPE para Portugal, o autor inova ao espacializar a complexa urbanização nos sertões do Norte, mapeando a urdida rede fluvial e de caminhos terrestres que entretencia povoações,

³ A ARQUITETURA do Seridó. Produção: Pesquisa FAPESP. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://youtu.be/nTeW7vpTrMs?si=5g26S5PL8tHhjBxO>. Acesso em: 27 nov. 2023.

missões, capelas, freguesias, julgados, feiras, vilas e cidades, atentando-se para a diversidade de hierarquias eclesíásticas e civis nos núcleos urbanos, para a diversidade de paisagens e economias, bem como para a diversidade de agentes em disputa naquelas paragens, chamando atenção para a presença dos povos originários em sertões representados como vazios e inóspitos, desmontando ideologias geográficas (Moraes, 2003), motivadas por interesses dos adventícios colonizadores. Ancorado em farta documentação primária (entre manuscritos e cartografia), o autor desmonta narrativas consolidadas sobre esses sertões como pobres e vazios, contribuindo para dar empiricidade à complexa rede urbana que os alinhava, pulsando ao sabor de economias devotadas tanto ao mercado interno como ao comércio atlântico, operada por indígenas ou escravizados africanos, e motivadas por homens, negócios e interesses variados.

Documentação da arquitetura rural no Brasil

Ao tratar de uma escala a nível nacional, associamos primordialmente o patrimônio arquitetônico ao mais alto órgão de preservação do país, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Desse modo, é importante salientar que a discussão acerca da preservação de bens patrimoniais do período colonial se iniciou com a implantação do antigo SPHAN, em 1936. Um dos instrumentos de divulgação do patrimônio nacional à época foram as publicações da Revista do SPHAN, nas quais identificamos os artigos de Paulo Thedim Barreto (1937) sobre uma casa de fazenda em Jurujuba (RJ), de Joaquim Cardozo (1943), intitulado “Um Tipo de Casa Rural do Distrito Federal e Estado do Rio”, de D. Clemente Maria da Silva Nigra (1943), sobre a Antiga Fazenda de São Bento em Iguaçu, de Lourenço Lacombe (1944), acerca da Fazenda de Santo Antonio, em Petrópolis, e de Luís Saia (1944) com “Notas Sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século”.

Luís Saia, inclusive, foi um dos principais nomes no que tange à preservação das casas bandeiristas de São Paulo (Mayumi, 2014), liderando trabalhos de restauro e publicando, em 1955, “A casa bandeirista: uma interpretação” e “Morada Paulista” (1972). Também em território paulista, o professor da FAUUSP, Carlos Lemos, realiza em 1989 importante pesquisa intitulada “História da Casa Brasileira”, na qual estuda a casa rural brasileira e suas conexões com a arquitetura advinda de Portugal, atentando-se para materiais, técnicas e sistemas construtivos tradicionais. Em 1999, o autor publica “Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café”, relevante contribuição por aportar uma metodologia de inventário e documentação arquitetônica das

fazendas paulistas que inspirou boa parte dos estudos subsequentes. A metodologia de Carlos Lemos privilegia redesenhar as casas, observando sua implantação e refletindo sobre o programa de necessidades, materiais, técnicas e sistemas construtivos tradicionais, como a taipa de mão caracteristicamente mineira e a taipa de pilão caracteristicamente paulista. Tal metodologia norteou o inventário de Diniz (2008, 2013) e Cruz (2008).

Ainda na segunda metade do século XX, temos em Minas Gerais a produção de Sylvio de Vasconcellos. O arquiteto mineiro, um dos expoentes nos estudos do período colonial em Minas Gerais (Bicalho; Araújo, 2015), produz documentação acerca da arquitetura colonial mineira (Vasconcellos, 1957), além dos sistemas construtivos no país (Vasconcellos, 1959).

Subsidiados pelos estudos de Vasconcellos e Lemos, diversos outros se debruçam a inventariar fazendas Brasil afora: Vladimir Benincasa, "Velhas Fazendas. Arquitetura e Cotidiano nos Campos de Araraquara. 1830-1890" (mestrado, 1998, sob orientação de Maria Ângela Bortolucci, IAU-USP) e "Fazendas Paulistas: Arquitetura Rural no Ciclo Cafeeiro" (doutorado, IAU-USP, 2008), Cícero Ferraz Cruz, "Fazendas do Sul de Minas Gerais: Arquitetura Rural nos Séculos XVIII e XIX" (FAUUSP, 2008) e Ana Carolina Gleria Lima, "Um Reconhecimento Arquitetônico das Fazendas Cafeeiras do Município de Ribeirão Preto (1870-1930)" (2013).

Recentemente, alguns artigos indicam construções rurais na região central do Brasil. Pinto Júnior, em 2016, escreve "Construir no sertão de Goiás (1830-1930): Implantação, técnica, conjunto e uso do espaço arquitetônico", em que menciona fazendas goianas e suas particularidades, traçando relações com as fazendas mineiras e paulistas. Em 2018, Lenora Barbo e Andrey Schlee publicam "Uma modalidade arquitetônica primitiva e autêntica", realizando um inventário de dez moradas rurais oitocentistas nos limites do Distrito Federal e indicando sua implantação, técnicas construtivas e parâmetros arquitetônicos.

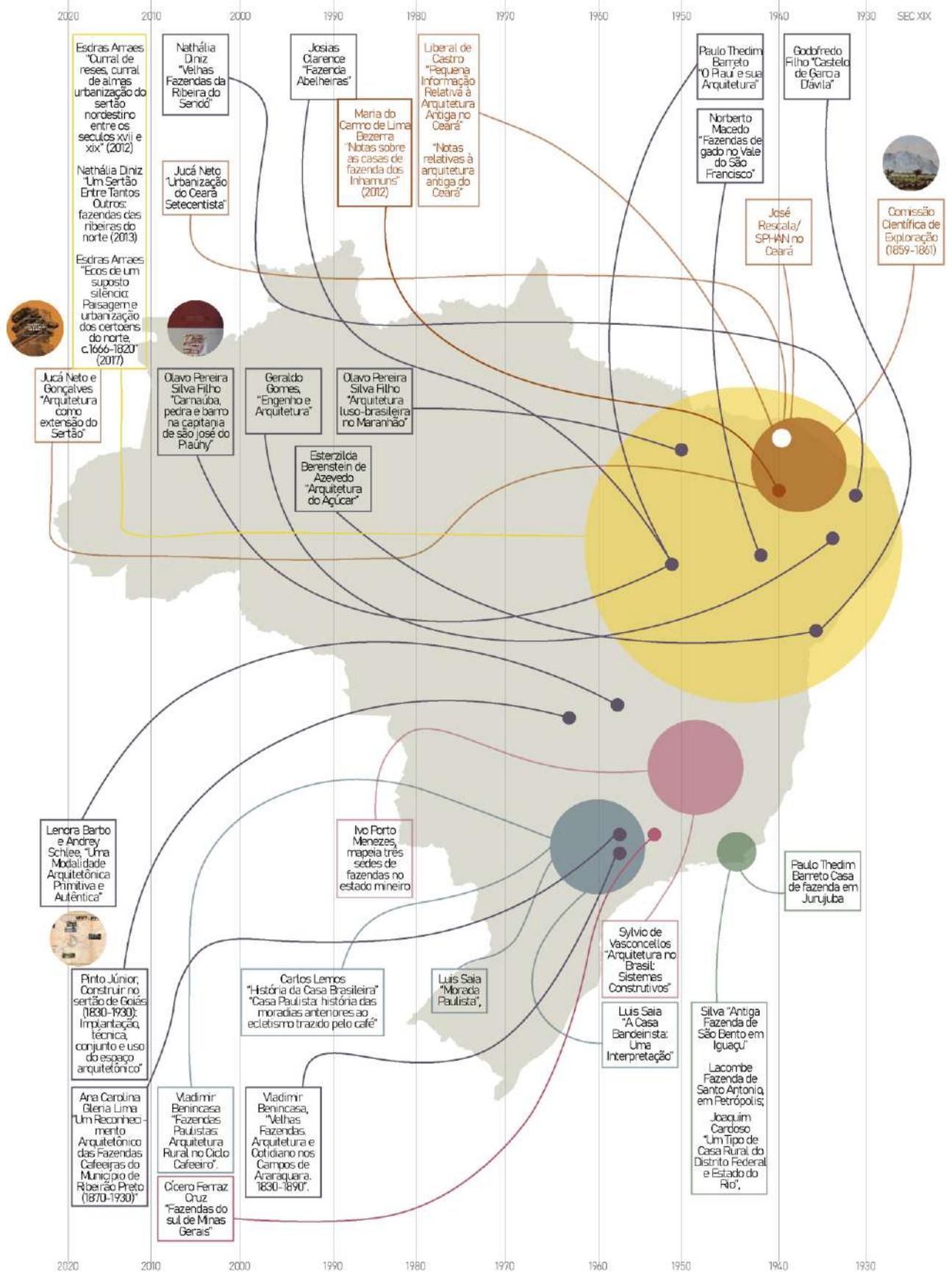
Os trabalhos aqui citados fundamentam o inventário arquitetônico da presente dissertação e somam-se à metodologia em Arqueologia da Paisagem, desenvolvida por Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (2021)⁴, ao problematizar interações antrópicas nas suas interfaces com geografias físicas e humanas pretéritas, em diferentes escalas geográficas e de observação, valendo-se de aportes da geo-história de matriz braudeliana e de estudos

⁴ Grupo de Pesquisa "Arqueologia da Paisagem", registrado no Diretório do CNPq, liderado por Beatriz Bueno e Iris Kantor.

empreendidos por Nestor Goulart Reis Filho – em especial “As minas de ouro e a formação das Capitâneas do Sul” (2013) –, entrecruzando documentação primária (textual e visual) à cartografia histórica que, seriada por meio do uso das geotecnologias hoje disponíveis e cotejadas em pesquisas “in loco”, permitem espacializar paisagens ancestrais, imaginando a vida que as animava, as lógicas de enraizamento e mobilidade em meio a aspectos geomorfológicos e fitofisionômicos, revelando camadas de historicidade e representações ao sabor dos interesses de diversos atores que hoje deixam vestígios nas rugosidades do presente (Santos, 1978, 1994), convertendo-se em inércia ativa para o futuro.

No caso aqui, trata-se de inventariar exemplares arquitetônicos nos sertões do Acaraú, Coreaú e da serra da Ibiapaba, os quais são vestígios de outros tempos e de outras economias e agências humanas, de rara beleza e singeleza, carentes de preservação porque em vias de dilapidação e esquecimento para as gerações futuras. Esse patrimônio material e imaterial configura potentes territórios de identidade, que devem ser transmitidos às futuras gerações pela historicidade e complexidade que carregam na sua aparente modéstia, desvendando fazeres de imensa sabedoria e respeito ao meio ambiente, turgidos de memória e pertencimento, carentes de empoderamento porque plurais e ancestrais, para que não sucumbam à miséria dos paradigmas estrangeirizados homogeneizantes e contemporâneos que insistem em apagá-los.

Figura 1: painel cronológico de estudos especializados em mapa. No ponto em branco, a localização da região de pesquisa



Fonte: autora (2021)

Materiais e métodos: como documentar paisagens, fazendas e redes familiares?

Fontes primárias (textuais e visuais) entretecem-se à cartografia histórica e contemporânea. Os recursos das Humanidades Digitais, como softwares que facilitam a espacialização e o entrecruzamento de dados, foram mobilizados na preparação de cartografias temáticas, nas cronologias e genealogias de pessoas e fazendas, com o intuito de dar visualização às relações sociais em sertões aparentemente – só aparentemente – apartados do mar e desprovidos de tudo.

Estruturamos os procedimentos metodológicos da pesquisa em cinco fases: I. Definição do recorte espacial e temporal da pesquisa; II. Mapeamento e espacialização das paisagens das Ribeiras do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba, situando a rede de fazendas, engenhos e casas de farinha remanescentes; III. Levantamento arquitetônico de fazendas; IV. Identificação de atores e agências em rede e V. Extroversão de dados;

A despeito de nos ancorarmos na *longa duração* (Braudel, 1949), utilizando séries documentais heterogêneas e conexas dos séculos XVII a XX, nosso objeto de estudo, as fazendas, concentram-se sobretudo em construções do século XIX. De início, elegemos como recorte espaço-tempo a definição de *Ribeira do Acaraú*. Ribeiras são circunscrições administrativas para arrecadação tributária pela Coroa Portuguesa (Diniz, 2013, 2015). Para tanto, fundamentamo-nos no manuscrito intitulado “Descrição da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações”⁵, do ano de 1776.⁶ Tal documento fornece a descrição dos limites da capitania do Ceará e suas quatro ribeiras: Ceará, Acaraú, Jaguaribe e Icó, além de suas vilas e freguesias, com dados estatísticos sobre pessoas de “desobriga”⁷, fogos, fazendas e capelas filiais. A Ribeira do Acaraú é delimitada a Leste pelo rio Mundaú, a Norte, pelo litoral, a Oeste pela Serra da Ibiapaba e a Sul pela Serra das Matas – nascente do rio Acaraú (figura 2), como podemos observar na descrição do documento manuscrito:

“Esta grande Ribeira q’ toda é termo da Vila da Fortaleza de N. Snr.^a da Assumpção, excepto a Serra da Tabainha ou Ibiapaba, q’ é de V. Viçosa Real a melhor de Indios q’ a em todas estas Capitánias tem 75 legoas de conta principiando nos Matões da Parnaiba para parte do Norte e dividindo pela parte do Sul no Mundaú com a Ribr.^a do Ceará, como asima vimos, e maiz de 60 de certão até confinar com a serra de Quexeramobim, que pertence a Ribeira de

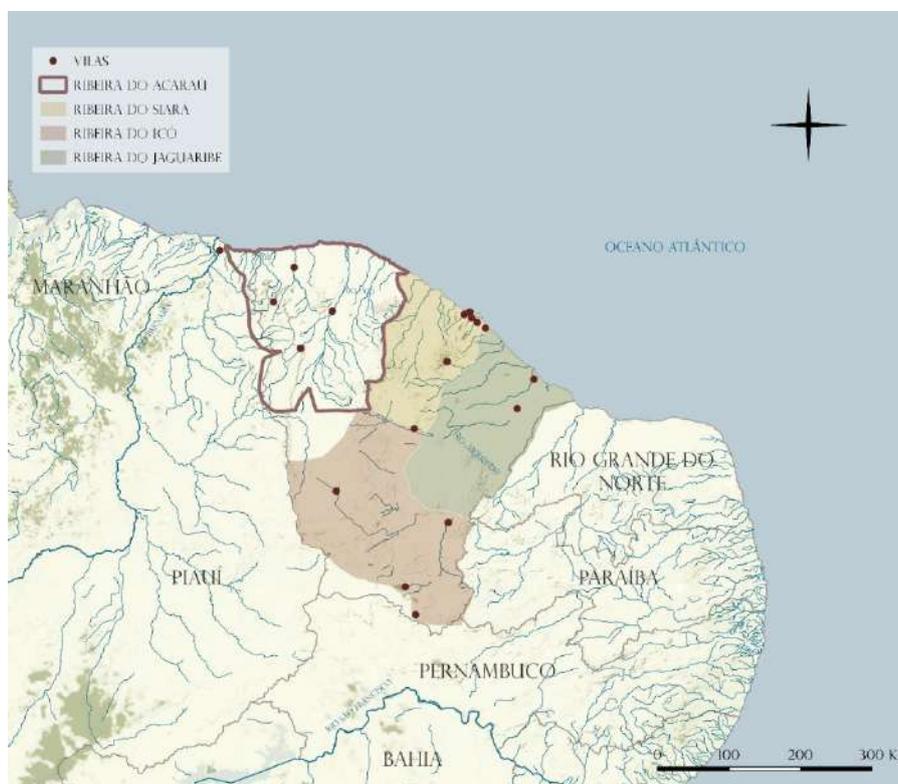
⁵ Disponível em: <https://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/291505>. Acesso em: 10 jul.2022

⁶ Embora um documento do século XVIII, Diniz (2013) comprova que as delimitações de ribeiras como sistema de coleta de dízimos nos sertões persistiram no século XIX.

⁷ Desobrigas eram processos que consistiam na locomoção de religiosos realizando ritos cristãos pelo território.

Jagoaribe ficando-lhe a um lado da Tabainha, a de Cocos, q' fazem extremas com a Capitania do Piauhy (...)"

Figura 2: Ribeiras e vilas do Ceará na primeira metade do século XIX



Fonte: elaborado pela autora no Qgis com base no documento manuscrito "Descrição da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações" (2021)

A toponímia mostra-se uma chave interpretativa importante na escavação de mapas e relatos antigos, porque nos conta a geografia física e humana preexistente, nos facultando especializar e dar vida a paisagens plurais e humanizá-las. A Arqueologia da Paisagem aqui proposta como linha metodológica (Bueno, 2021) mostra-se um recurso interessante para demonstrar a pluralidade de enquadramentos paisagísticos nada vazios do ponto de vista da ocupação humana, com populações originárias ali em disputa ancestralmente, em meio a capilar rede hídrica entremeada a trilhas que se acomodavam à geomorfologia e vegetação rica em diversidade. Os topônimos, para além dos usos políticos sobre processos de devassamento e apropriação desses lugares (Kantor, 2009), permitem imaginar as características, as práticas e as dinâmicas sociais operantes – como campo de forças – nessas paisagens.

No momento da banca de qualificação, contudo, fomos orientados pelos examinadores Profs. Drs. Manoel Fernandes de Sousa Neto (DG-FFLCH-USP) e Clóvis Jucá Neto (DAUD-UFC) a utilizar documentos e delimitações territoriais em consonância com o

século XIX, a fim de evitar anacronismos. Para tanto, apoiados na cartografia oitocentista, sob tutela do mapa intitulado “Carta da Capitania do Ceará Levantada por Ordem do Governador Manoel Ignacio de Sampaio”, desenhado por Antonio José da Silva Paulet (1818) (figura 3), elegemos um recorte espacial dentro das definições dos termos das vilas existentes nas então Ribeiras do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba. É interessante observar, entretanto, que os contornos correspondentes à Ribeira do Acaraú continuam semelhantes e de acordo com a descrição do manuscrito de 1773.

Desse modo, o recorte espacial de pesquisa envolve os Termos⁸ das vilas de Sobral, Granja e Viçosa Real, importantes núcleos urbanos do Ceará no século XIX. À parte de delimitações políticas, os rios Acaraú, Coreaú e a Serra da Ibiapaba representam, respectivamente, os principais elementos naturais destes Termos, dando nome a esses pequenos sertões e à serra, ricos em diversidade geomorfológica, complexidade humana pretérita e arquitetônica, servindo, portanto, como recorte espacial nesta pesquisa.

Figura 3: Desenho sobre o mapa intitulado “Termos da Capitania do Ceará e principais rios. Desenho da autora sobre a Carta da Capitania do Ceará Levantada por Ordem do Governador Manoel Ignacio de Sampaio”. Antonio José da Silva Paulet. 1818.



Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

⁸ Termos são os territórios pertencentes às vilas (Jucá Neto, 2007)

De posse da delimitação espacial e temporal, a metodologia utilizada se valeu, na fase seguinte, das geotecnologias buscando listar e georreferenciar as propriedades rurais que estavam sendo levantadas. O *Sig Histórico*⁹ mostrou-se operacional por ser um banco de dados georreferenciado capaz de entrecruzar informações oriundas de fontes variadas e espacializá-las, permitindo a realização de cartografias temáticas e sistematização dos dados recolhidos. Para tal fim, valemo-nos do Qgis, um software livre.¹⁰

Por se tratar de um território extenso – de aproximadamente 38.000 km² –, e considerando o período de isolamento imposto pela pandemia da COVID-19 em alguns meses do primeiro ano de mestrado, 2020, utilizamos diversas fontes e procedimentos de pesquisa a fim de encontrar e mapear fazendas para posterior levantamento, otimizando, assim, as viagens ao sertão do Acaraú.

Nesse ínterim, cursamos e fomos monitores de diversas disciplinas na FAUUSP, junto de Beatriz Bueno, Euler Sandeville Junior e seus grupos de pesquisa, que nos colocaram em contato com os referenciais teóricos e metodológicos aqui utilizados, conhecendo diversos trabalhos afins.

Em função da pandemia, iniciamos a investigação em *websites*, redes sociais e vídeos do *YouTube*, geralmente mantidos por comunidades locais e moradores regionais. Após identificarmos o nome das fazendas, buscamos localizá-las e georreferenciá-las por meio da cartografia disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)¹¹, a qual contém dados sobre recursos hídricos, localização de propriedades rurais e estradas.

O *software Google Earth* mostrou-se outra ferramenta fundamental para possibilitar o registro das propriedades rurais ainda sobreviventes. Seguindo a lógica de implantação das fazendas – próximas a cursos de rios e afluentes –, buscamos, numa verdadeira “viagem virtual”, encontrá-las próximas aos principais rios das Ribeiras em questão: Acaraú, Coreaú, Aracatiaçu, rios e riachos afluentes. O parâmetro principal utilizado para caracterizar uma fazenda do século XIX é o seu testemunho material mais vistoso: a casa-sede. Nesse sentido, ancoramo-nos em atributos que, no geral, constituem uma casa oitocentista,

⁹ O SIG Histórico vale-se preferencialmente de documentação primária de época (cartografia, iconografia e fontes textuais). Para tanto, valemo-nos da linha de pesquisa de Beatriz Bueno (2021) e seu grupo “Arqueologia da Paisagem” (CNPq) testada em trabalhos anteriores de Giancesella (2008), Diniz (2008, 2013/2015), Arraes (2012, 2017), Borsoi (2020), Moura (2018), Carvalho (2020) e Cabral (2023)

¹⁰ Agradecemos ao Cesad-FAUUSP, na pessoa de Ricardo Nahas pelas orientações recebidas para operação desse software.

¹¹ Atlas de Divisas Municipais Georreferenciadas. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/mapas-municipais/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

amparando-nos em levantamentos já realizados por outros autores (Bezerra, 2012; Jucá Neto, 2007; Silva Filho, 2007; Diniz, 2008, 2013, 2015): I – coberturas de duas ou quatro águas, de formato piramidal em caso das de telhados de duas águas (uma caindo para a fachada principal e outra para os fundos da casa)¹² (figura 4); II – quando não retelhadas e dependendo da região¹³, geralmente os telhados têm aspecto envelhecido, com a presença de limo. Quando é possível utilizar o recurso *Street View* ou banco de dados de imagens, observamos a presença de elementos arquitetônicos complementares, tais como esquadrias com verga em arco abatido, beira-seveira, cornija e/ou pilares de sustentação ornamentados. A casa oitocentista não necessariamente possui todos estes elementos, como é o caso das propriedades mais ao norte da ribeira, em Viçosa, Granja, Moraújo, Barroquinha, Camocim e Luís Correia, esta última no Piauí.

Figura 4: Diferentes tipologias de cobertas em casas levantadas do século XIX e XX.



Fonte: Google Earth (2021).

Ponderou-se considerar os cercados como evidência concreta construída, visto que poucos são os exemplares de fazendas que possuem edificações anexas sobreviventes no momento da realização dos levantamentos arquitetônicos. De modo geral, as propriedades na depressão sertaneja possuem a casa-sede e um ou vários cercados com a função de curral, agricultura, pesca e/ou proteção de pastagens. Entretanto, como já constatado por Pompeu (1958) e em análise de imagens de satélite de propriedades ao longo dos anos, as cercas são estruturas que requerem manutenção a curto prazo, seja por intempéries ou pela fragilidade dos finos toros de madeira. São, portanto, itinerantes e efêmeras. Os desenhos e aquarelas realizados por Francisco Freire Alemão, encontrados no acervo digital

¹² Também encontramos exemplares de casas-sede oitocentistas com cobertas de mais de duas águas, como é possível observar na figura 4;

¹³ Em algumas regiões, como o Carrasco, ou próximo ao litoral, nos municípios de Camocim e Barroquinha, encontramos casas-sede oitocentistas com telhas de aspecto mais claro. Acreditamos que seja devido às características geomorfológicas das várias paisagens que compõem o sertão.

da Biblioteca Nacional¹⁴¹⁵, e os de José dos Reis Carvalho, levantados por Beserra e Jacó (2017), realizados no âmbito da Comissão Científica de Exploração entre 1859-1861, além do levantamento realizado pelo antropólogo João Pompeu (1958), evidenciam o conhecimento antigo praticado até os dias atuais, que dificilmente representam um exemplar original.

Nesse sentido, os cercados foram incluídos como importantes testemunhos da longevidade de certas práticas sociais tradicionais, representadas na cultura material de currais e cercas trançadas com rara beleza e sabedoria, sobreviventes no tempo porque eficiente e sustentáveis. Trata-se de saberes e fazeres cuja longevidade e reprodução ancorada em modos tradicionais merecem ser preservados.

Figura 5: Análise de uma mesma fazenda localizada em Granja (CE), por meio da ferramenta "imagens históricas" disponível no software Google Earth. Nos anos de 2003, 2007 e 2010 é possível observar a mudança de disposição e uso dos cercados.



Fonte: Google Earth (2021).

Ainda sobre a época estimada das edificações existentes nas fazendas, não foi possível identificar o ano específico das construções. Encontramos alguns indícios que permitem estimar uma data de construção aproximada, no século XIX. São eles: escrituras, menções em livros de genealogia, inventários, inscrições em telhas, datas e iniciais de proprietários como elementos decorativos de fachadas e alguns artefatos encontrados, como moedas.

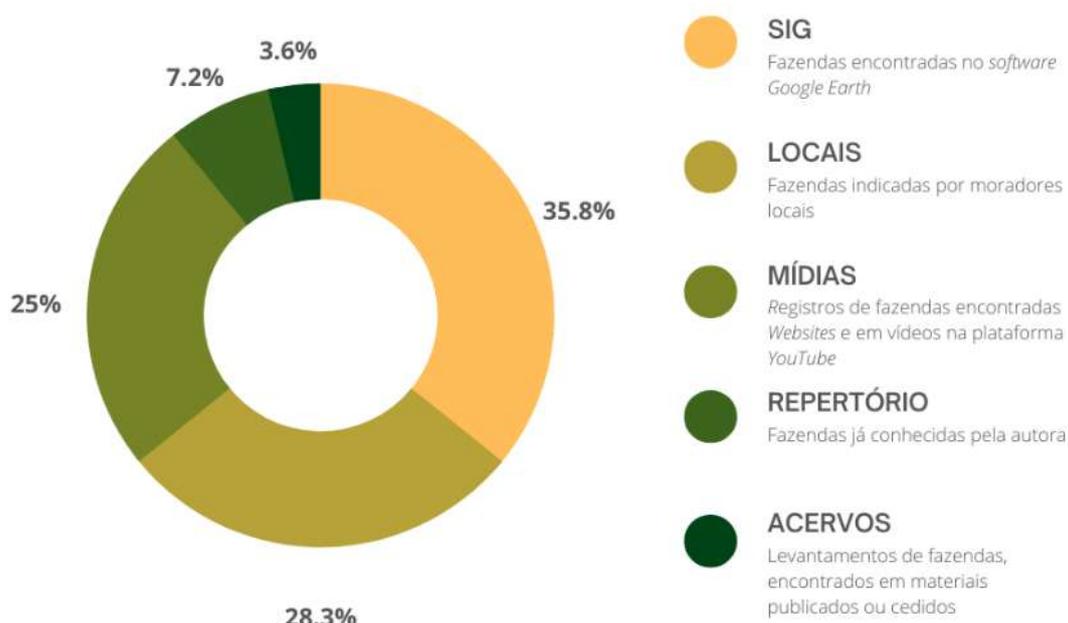
¹⁴ ALEMÃO, Francisco Freire. [Desenhos de cangalhas, selas, roupas de couro e cercas; descrição da casa em que pousava a Comissão Científica em Fortaleza; e notas sobre a linguagem popular]. Biblioteca Nacional 23 maio 1859. Manuscrito. BNRJ I-28,11,16. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1473291/mss1473291.pdf. Acesso em: 9 mar. 2022.

¹⁵ ALEMÃO, Francisco Freire. [Vista da Serra Grande tomada da varanda da casa em que estou arranchado] [Outra maneira de tecer cêra que vi ao chegar a Vila Viçosa]. Biblioteca Nacional 24 out. 1860. Manuscrito. BNRJ I-28,9,27. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/428199>. Acesso em: 6 nov. 2023.

Convém salientar, entretanto, que a casa oitocentista pode não seguir algumas dessas características. Além disso, mapear tais propriedades em SIG (Sistema de Informação Geográfica) não foi suficiente para encontrá-las na fase de levantamento arquitetônico *in loco*. Em certas ocasiões, a estrada mostrada em imagem de satélite tem difícil acesso, ou a casa-sede já não existe mais, devido à falta de atualização de imagens de satélite. Logo, conhecer o território a fundo é imprescindível e, para tanto, foi fundamental nossas vivências desde a infância nessas paragens em fazendas da família.

Nesse sentido, em muitos momentos contamos com apoio de moradores locais. Estes, conhecem atalhos, têm a chave da casa ou propriedade, conhecem o proprietário – quando não o são, e indicam mais exemplares a serem levantados. Têm as mais diversas procedências: são vaqueiros ou administradores das fazendas em questão, familiares da autora, acadêmicos, escritores de livros de genealogia e/ou moradores locais, todos com variados graus de conhecimento acerca das propriedades e da paisagem.

Gráfico 1: discriminação de levantamentos preliminares de fazendas.



Fonte: autora (2021)

O *Google Earth* foi fundamental para modelar as paisagens onde se assenta a rede de fazendas, em geral ao longo das ribeiras e caminhos ancestrais, e entender as lógicas e práticas sociais que presidiram a escolha das situações geográficas e sítios, além dos atores ali operantes, com diferentes poderes de agência. Com este objetivo, recursos da geo-

história de matriz braudeliana e a literatura dos geógrafos Milton Santos, Aziz Ab'Saber, Antônio Carlos Robert de Moraes¹⁶, foram fundamentais.

Diante do objeto de pesquisa mapeado, partimos para o levantamento arquitetônico – terceira fase dos procedimentos metodológicos. Primamos, inicialmente, por estruturar as fichas de inventário, divididas em três seções. A primeira contendo as seguintes informações: nome da propriedade, localidade, coordenadas, ano de construção estimado, família de posse original ou que se tem registro e atividade econômica. A segunda parte contém informações sobre a presença de artefatos ou documentos antigos, as edificações existentes e sua tipologia construtiva (número de águas da cobertura, desenho de esquadrias, tipo de alicerce, presença de alpendre e de intervenções posteriores). A terceira e última parte contém a documentação gráfica – imagens, cortes, fachadas, detalhes construtivos, desenhos e informações complementares. Com as ferramentas necessárias para adentrarmos nas fazendas, mediante autorização, enveredamos por esses sertões com trena, lápis e prancheta para proceder ao inventário arquitetônico *in loco* dos exemplares remanescentes. Minucioso e completo, o inventário arquitetônico de 57 casas de fazenda, casas de farinha, engenhocas e outros equipamentos, bem como de artefatos da cultural material e imaterial coevos, é a contribuição da presente dissertação de mestrado, em caráter inédito até o momento.

Dentre os instrumentos mobilizados, uma camiseta da USP, carta de apresentação, prancheta, fichas de inventário, câmera fotográfica, celular com gravador de voz e GPS, trena laser e trena analógica. Nos levantamentos realizados, primamos por documentar a arquitetura das casas-sede e das edificações anexas, atentando-se para os seus programas e materialidade, o acervo de objetos, a documentação original (quando possível), além de seus cercados, os detalhes em telha e outras informações referentes à cultura material e imaterial, que fornecessem pistas sobre a economia originalmente praticada na fazenda e sobre o perfil social dos proprietários e trabalhadores desde o século XIX.

A fase de levantamentos *in loco* representou uma espécie de “tira-teima” do levantamento realizado em SIG pela internet. Assim, deparamo-nos com situações diversas: algumas construções já não existiam, possuindo, contudo, acervo de objetos preservados

¹⁶ Aqui agradecemos ao prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto (DG-FFLCH-USP), pelas indicações bibliográficas.

pela família; casas fechadas ou muito descaracterizadas; ou mesmo a não obtenção de autorização para adentrar a propriedade.

Além das edificações propriamente ditas, para entender como essa arquitetura se constituiu, foi preciso, também, identificar seus diversos atores e agências, em rede (fase IV dos procedimentos metodológicos). Para isso, listamos todos (povos indígenas originários, grupos de matriz africana, portugueses e miscigenados de diversas procedências. Estes últimos poderiam ser fazendeiros, estar a serviço da coroa portuguesa, serem padres jesuítas ou mesmo membros hierárquicos da igreja católica). Assim, valemo-nos de bibliografia diversa e documentação primária – cartorial, inventários *post-mortem*, entre outros. É importante frisar que, em vários momentos, a fase de identificação dos agentes e agências aconteceu concomitante à fase de levantamento arquitetônico, pois enquanto levantávamos fazendas, encontrávamos (quando possível) o registro de seus primeiros proprietários nas mais variadas fontes, ou o caminho inverso: procurávamos nos aprofundar na árvore genealógica de algum clã e encontrávamos alguma fazenda nos registros¹⁷ (figuras 6 e 7).

Figura 6: Casa-sede da fazenda Águas Livres. Santana do Acaraú (CE).



Fonte: Fonteles (1994).

Figura 7: Casa-sede da fazenda de Inês Rodrigues. Graça (CE).



Fonte: Brito (2015).

Livros de genealogia.

Partimos de fazendas encontradas em uma série de cinco volumes escritos pelo padre sobralense Francisco Sadoc de Araújo, denominados “Cronologia Sobralense (1604-1950)” (2015). São obras elaboradas através de diversos materiais, desde pesquisas *in loco* em cemitérios, livros de batismo e casamentos de dioceses locais, bem como pesquisa na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. Além de mencionarem

¹⁷ Alguns estudos genealógicos, publicados em livro, são desenvolvidos a partir de alguma propriedade, em cujo espaço se desenvolveu um clã. É o caso das fazendas retratadas nas imagens 6 e 7.

fazendas e proprietários, descrevem nascimentos, casamentos e óbitos ocorridos nessas propriedades¹⁸. Com estes dados, conseguimos encontrar gradativamente o *filio de Ariadne*, que se inicia com os pedidos de sesmaria de João Pinto de Mesquita e Antônio Rodrigues Magalhães. A partir destes dois atores e seus registros em livros de genealogia, tecemos uma “genealogia da arquitetura”, termo cunhado por Nathália Diniz em 2008.

Vinculados ao projeto Jovem Pesquisador 2 Fapesp Barroco-açu: a América Portuguesa na geografia artística do Sul global¹⁹, liderado pela Prof^a. Dr^a. Renata Maria de Almeida Martins (coorientadora da presente dissertação), do qual nossa orientadora Beatriz Bueno é associada, que nos facultou a bolsa FAPESP para realização deste minucioso inventário, munimo-nos também das diretrizes teóricas e metodológicas do Grupo Abya-Yala, em perspectiva decolonial, observando processos de transculturação e sobretudo o poder de agência de indígenas e afrodescendentes raramente incluídos nos estudos da arquitetura das fazendas.

Documentação primária

Os documentos compulsados consistem em: série cartográfica disponível em acervos locais, nacionais e portugueses (ANEXO B); inventários *post-mortem* de proprietários de fazendas levantados, cedidos pelos próprios proprietários de fazendas²⁰ e acadêmicos²¹ (Cajazeira dos Caetanos, Unha de Gato, Olhos d’água do Pajé e Morros); Documentos do Arquivo Histórico Ultramarino/Projeto Resgate, manuscritos e desenhos da Comissão Científica de Exploração, encontrados no acervo digital da Biblioteca Nacional; leis

¹⁸ Tais fatos nos permitem aproximar dos possíveis primeiros proprietários das fazendas.

¹⁹ O projeto Barroco-açu: América Portuguesa na geografia artística do Sul global é uma iniciativa que visa dar continuidade às atividades desenvolvidas pelo projeto jovem pesquisador Barroco cifrado: pluralidade cultural na arte e na arquitetura das missões jesuítas no Estado de São Paulo, 1549-1759, financiado pela FAPESP, junto ao Departamento de História da Arquitetura da FAUUSP (2016-2021). Busca-se contribuir para redefinir o lugar da América Portuguesa na geografia artística e cultural da época da primeira mundialização e, ao mesmo tempo, aprofundar e estender a inserção internacional das pesquisas realizadas na universidade paulista, continuando a cooperação com reconhecidas instituições no exterior e com artistas indígenas e comunidades tradicionais, já iniciada na fase anterior. O Brasil era parte das rotas comerciais globais que conectavam os territórios regidos pelas monarquias ibéricas nas diversas partes do mundo. Integrava também a rede mundial formada pelas missões jesuítas. Para tanto, o projeto pretende não apenas prosseguir e ampliar as investigações sobre o trânsito de gravuras, objetos, artistas, materiais e técnicas nas missões e suas oficinas, mas também, a partir destas indagações, contribuir para renovar as perspectivas dos estudos de história da arte e arquitetura na América Portuguesa em conexão com as outras regiões da América Hispânica. O projeto visa promover, ainda, o estudo das fontes históricas e iconográficas que permitam identificar a agência indígena, africana e mestiça, determinantes na tradução dos modelos asiáticos e europeus, e contribuir para a compreensão da função social e cultural das obras e das imagens nos diversos contextos. Número do processo: 21/06538-9.

²⁰ Gentilmente cedidos pela Dra. Isabel Leitão.

²¹ Gentilmente cedidos pelo arquiteto e professor Herbert Rocha, da FAU-UNINTA.

provinciais e documentos sobre povos indígenas²² na capitania do Ceará, levantados no Arquivo Público do Ceará, na Biblioteca Estadual Menezes Pimentel e na Assembleia Legislativa. Citamos ainda o documento “Relação de Plantações e Creações de gado deste termo, que na conformidade da Ordem do Il.mo e Ex.mo S.nr Governador Capitão General das três Capitanias deve fazer desta vila e remeter por cópias authenticas ao dito S.nr do que diz este termo”, gentilmente disponibilizado pelo professor Clóvis Jucá Neto. O arquivo se encontra originalmente no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica da Universidade Estadual Vale do Acaraú (NEDHIS-UVA).

A prospecção de documentação primária, através de referências que encontramos em documentos cedidos por acadêmicos e bibliografia consultada, foi primordial para aprofundar o entendimento sobre relações entre as diversas agências humanas estabelecidas na Ribeira do Acaraú. Se antes esses atores estavam dispersos no projeto de pesquisa, agora se relacionam em narrativas descobertas através de uma série de documentos primários relativos a vínculos entre indígenas, jesuítas, fazendeiros e a coroa portuguesa, emolumentos paroquiais pagos por fazendeiros à igreja, registro de plantações de fazendas registrados pela Coroa e cartas transcritas do senador do império Francisco de Paula Pessoa, sobre atividades desempenhadas na paisagem do Acaraú, por seus vaqueiros e escravizados. Tais documentos revelam o quão as fazendas estão relacionadas à formação e manutenção de núcleos urbanos, bem como a influência determinante da Igreja e ordens religiosas nesse processo de devassamento e ocupação desses sertões.

Desenhos e relatos de viajantes e comissões

Os relatos de padres visitantes no curato do Acaraú, encontrados sob forma de transcrição em Frota (1995), além dos desenhos e manuscritos da Comissão Científica de Exploração (1859-1861) que passou pela Ribeira do Acaraú, encontrados no acervo digital da Biblioteca Nacional, em Beserra e Jacó (2017) e Silva Filho, Ramos e Rios (2011), permitem identificar as lógicas de formação dessas paisagens e relações sociais estabelecidas dentro e fora das propriedades rurais, relações que modelam a paisagem – natural e antrópica e por isso cultural –, imaginando modos de ser e estar, mobilidade e enraizamento, práticas de circulação e dificuldades em períodos de seca, cultura material e imaterial característicos.

²² Sobre esses registros, apoiamo-nos no levantamento realizado por Porto Alegre, Mariz e Dantas (1994).

Nossa contribuição ao rol de levantamentos de propriedades rurais setecentistas e oitocentistas no Ceará, em particular, Sertões do Norte, em geral, soma-se assim a esforços anteriores realizados por José Liberal de Castro (1980, 2014), Maria do Carmo de Lima Bezerra (2012), Olavo Pereira Silva Filho (2007), Clóvis Ramiro Jucá Neto (2007, 2019)²³, e mais recentemente Nathália Diniz (2008, 2013, 2015), Menezes (2017), Damião Esdras Arraes (2012, 2017)²⁴, e iniciativas empreendidas pelo IPHAN e por órgãos estaduais vinculados ao patrimônio, incorporando-os a fim de identificar analogias, similaridades e/ou individualidades nas fazendas das Ribeiras do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba. Nesse sentido, pelo fato do objeto principal da pesquisa aglutinar outras temáticas para além da arquitetura, como história, geografia, história da arte, literatura, paisagem, cultura material (Bayma, 1958; Maia, 2004) e imaterial (Cascardo, 1956; Girão, 1984, 1985; Queiroz, 2004), preexistências indígenas (Studart Filho, 1965; Silva, 2006), formação social (Vieira Júnior, 2004; Menezes, 2015), política (Macedo, 1965, 1966, 1967) e econômica (Girão, 2000), a leitura de artigos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, além de livros, teses e dissertações e literatura regional relacionados à temática da formação urbana ligada às fazendas de gado/algodão foi fundamental na trama e urdidura da presente dissertação de mestrado.

Assim, estruturamos a dissertação em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado **“Os sertões do Acaraú, Coreaú e a Serra da Ibiapaba”**, buscamos caracterizar o território pesquisado, para além de suas fronteiras políticas, no que tange à geografia física e humana, à diversidade de enquadramentos paisagísticos, geomorfologia, rede hidrográfica e fitofisionomias plurais (para além do estereótipo Bioma Caatinga) (Kury, 2012), bem como a diversidade de preexistências indígenas ali operantes.

O segundo capítulo, **“Agentes e agências em disputa no sertão”**, visa explicitar as paisagens plurais nesses sertões formadas social e culturalmente no seu processo de devassamento, buscando demonstrar a sobreposição de interesses e conflitos entre agentes e agências – jesuítas, igreja católica, fazendeiros, coroa portuguesa, indígenas e povos de

²³ É importante ressaltar que Clóvis Jucá já realizou documentação arquitetônica em nossa região de pesquisa, nas fazendas Sambaíba, Malhada Grande e Cajueiro dos Gregórios, todas em Granja.

²⁴ Autores que realizaram documentação de propriedades rurais no âmbito dos Sertões do Norte.

origem africana –, direta ou indiretamente relacionados ao objeto principal de pesquisa: as fazendas.

Já o terceiro capítulo, **“Para o sustento do território, fazendas em rede”**, trata da propriedade-fazenda, desde as lógicas de implantação até o seu funcionamento. Estudaremos os tipos de fazendas encontradas, as diversas economias ali operadas e os respectivos conjuntos arquitetônicos, pondo luz em atributos físicos e culturais característicos: agenciamentos de equipamentos que caracterizam as fazendas – a casa-sede, currais e pequenos cercados, casas de farinha, oficinas de produção de cera de carnaúba, caieiras, engenhocas. Busca, ainda, compreender as relações de parentesco, através da genealogia da arquitetura, especializada na paisagem, em meio ao estudo dos perfis sociais e papéis desempenhados por seus habitantes.

No quarto capítulo, **“Documentando arquiteturas”**, pretendemos estudar o testemunho material mais vistoso deste patrimônio em risco, a casa-sede. Através dela, conseguimos compreender diversas lógicas, como data estimada da construção, dinâmicas sociais da família sertaneja, sistemas construtivos da época, caracterização geomorfológica do local de construção, programa de necessidades, materiais/ técnicas e sistemas construtivos, repetições, confluência de linguagens e estéticas arquitetônicas, similaridades com casas de outras regiões. Neste capítulo, documentamos, ainda, os artefatos encontrados nas casas, como telhas, vasos, cestarias de palha e oratórios, intimamente relacionados ao programa e funcionamento delas, na tentativa de pôr luz nos saberes transmitidos pela tradição representados nesse singelo patrimônio material e imaterial.

Por fim, o capítulo 5, **“Levantamento arquitetônico”**, apresenta as 57 fazendas inventariadas.

Começamos, enfim, a viagem pelo sertão.

Figura 8: Carnaubal em Moraújo (CE).

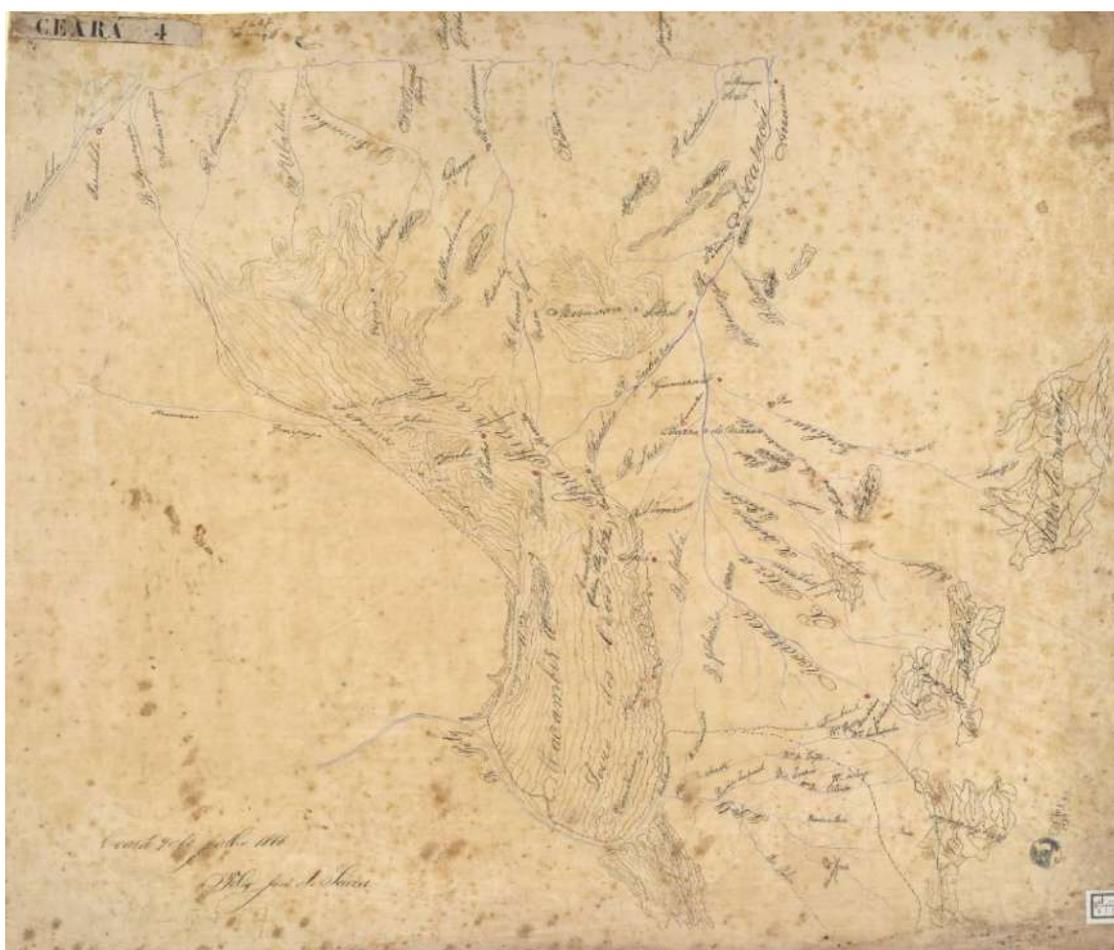


Fonte: autora (2021)

A paisagem é sempre uma herança. Na verdade ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.

Aziz Ab'Sáber. Os Domínios da Natureza no Brasil (2021, p.9)

Figura 9: Ceará [Material Cartográfico]. Felix José de Souza. [9 de julho de 1866].



Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. BNRJ,

CAPÍTULO I. OS SERTÕES DO ACARAÚ, COREAÚ E A SERRA DA IBIAPABA

Viajamos esses sertões por cerca de três meses, percorrendo mais de 2.300 quilômetros, a maioria de automóvel. Alguns trechos a pé, andando por roçados e estradas de terra batida, lajeados de pedra com xique-xique, pulando alguns cercados de mourão, passando por núcleos urbanos estabelecidos no século XVIII e pequenas capelas do século XX, sempre de roupas e calçados fechados, a fim de nos proteger do sol forte, do mato cortante e das cobras.

As rotas eram planejadas com antecedência e às vezes descobríamos estarem equivocadas, pois a fazenda já havia ruído ou era de difícil acesso. Desse modo, a forma de dirigir também dependia de cada situação. Reduzir a marcha e andar em “zigzagues” para o carro não atolar era uma estratégia frequente nas estradas de areia fofa, assim como andar nas extremidades laterais dos caminhos para evitar trechos alagados.

Em alguns caminhos contamos com a ajuda dos transeuntes, que nos davam – cômicas – indicações para seguir em frente em bifurcações, encontradas ao longo das estradas. Raramente asfaltadas, percorremos em sua maioria estradas vicinais de terra. O sertão que nos acolheu é muito vasto, consistindo em aproximadamente $\frac{1}{4}$ do território total do Ceará (figura 10), e pouco disso conhecíamos a fundo. Logo, em certos momentos, fomos acompanhados por gentis moradores locais que nos guiavam na jornada.

Figura 10: Os limites de nossa região de pesquisa.



Fonte: desenho da autora sobre base cartográfica do IBGE e ANA (2023).

A paisagem nos dava indícios do que estávamos buscando. Na civilização do couro (Abreu, 1998), era certa a presença do mata-burro (figura 11): ponte de traves espaçadas feita sobre um fosso escavado para evitar a fuga do gado. Materiais e técnicas construtivas tradicionais e vernaculares também se mantinham por sua sabedoria e lógicas intrínsecas, tais como as arquiteturas de pedra e cal fora das fazendas, em antigas obras de infraestrutura no meio rural (figura 12). Ou ainda, as dinâmicas locais em determinados períodos do ano, quando o nível do rio abaixa e se constroem singelas estruturas de madeira, cobertas por palha de carnaúba, denominadas “balneários” (figura 13), abrigando momentos de lazer no rio, também recurso de subsistência.

Figura 11: Mata-burro a caminho da fazenda Angicos, em Sobral (CE).



Fonte: autora (2021).

Figura 12: Ponte de pedra e cal nas proximidades da fazenda Sapucaíba, em Santa Quitéria (CE).



Fonte: autora (2021).

Figura 13: Balneário no rio Acaraú.



Fonte: autora (2021)

Embora fosse evidente o conhecimento do sistema internacional de medidas, era corriqueiro o uso de unidades de medida do período colonial. Para encontrar nossas fazendas, era preferível – por parte dos passantes – que questionássemos a quantas léguas estava localizada determinada propriedade. Quando visitávamos um curral, perguntávamos quantas arrobas pesava o gado. A tradição oral nos dava a impressão de voltar aos tempos coloniais.

Durante a investigação *in loco* nesses sertões, a toponímia indígena (tabela 1 e figura 16) dava a tônica do lugar, principalmente no que se refere aos acidentes geográficos (Sampaio, 1987; Kantor, 2009). O mais vistoso é a Ibiapaba, terra alta, talhada, de onde nascem boa parte desses rios e riachos, que correm em direção ao mar. De fato, a nível do observador ou em satélite, veem-se vários sulcos, confirmando o significado do topônimo (figura 14). Croatá e Macambira - cidade e região geomorfológica respectivamente - também são topônimos que evocam vegetações epífitas típicas desses locais (figura 15). Tais plantas revelam algumas práticas sociais relacionadas à cultura material e imaterial, como sua extração para tecelagem de redes e alimentação (Nogueira, 1887).

Figura 14: a conformação de serra escarpada do planalto da Ibiapaba.



Fonte: Vasconcelos (2021).

Figura 15: presença de bromélias na região do carrasco, serra da Ibiapaba.



Fonte: Carvalho (2021).

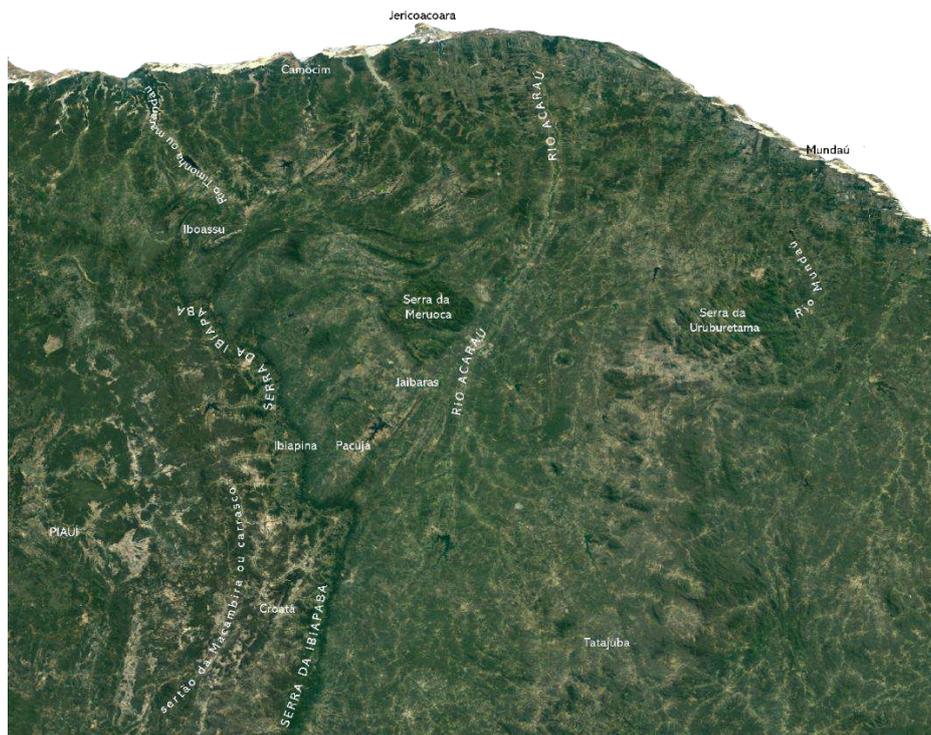
Tabela 1: Alguns topônimos da região e sua etimologia.

Topônimo	Denominações antigas	Informação	Etimologia
Acaraú	Caracu, Acaracú		rio das garças
Caiçara		tipo de montagem de cercado	<i>caa-iça</i> estacas ou tapume
Camocim	Camucim, Camussi	antiga denominação para o atual rio Coreáú,	<i>caa</i> mato e <i>moce</i> m aberto
Croatá		bromélia espinhosa, que tem massa e frutos comestíveis	<i>caragoata</i> erva e <i>caranhe</i> arranhar
Ibiapaba	Upuapaba, Ybiapaba		<i>ybiãpaba</i> de terra alta, escarpada, talhada
Ibiapina	Bayapina		<i>iby</i> terra e <i>apino</i> tosquear
Iboassu		lugar em Granja	<i>i</i> água e <i>maçu</i> quente
Ipueira	Ipoeira	lugar no meio das várzeas, que se enche de água no período chuvoso	<i>i</i> água e <i>pueira</i> poço
Jaibaras	Geybara	rio que nasce na Ibiapaba	<i>yaib</i> brenhas
Jericoacoara	Jeriquaquara, Jurucacoara, Iuracoacoara		<i>Yurucua</i> tartaruga e <i>quara</i> buraco ou refúgio
Macambira		bromélia de cujas folhas extraem-se fios para rede; dá nome à região do carrasco, na serra da Ibiapaba	<i>embira</i> rede e <i>mbira</i> rede de dormir
Marandaú		denominação antiga para o atual rio Timonha	<i>paranaú</i> , <i>maranaú</i> , água ou rio semelhante a mar
Meruoca	Beruoca		<i>Meru</i> , mosca e <i>oca</i> , morada

Mundaú	Mendahug, Mondahug, Mondaú	<i>Hu, yrio e moné</i> cilada, armadilha
Oitica	esta árvore dá um fruto que se extrai óleo para tinta e iluminação. Folhas ásperas que servem de lixa para madeira	<i>Oiti</i> , de que se tira resina, <i>i água e cig</i> pegajoso
Pacujá	fruto da pacova	pacova e <i>ja</i> fruta
Tatajuba	madeira de tinturaria. Lugar explorado no século XVIII por João da Silva Feijó para extração de salitre	<i>itá</i> pedra e <i>juba</i> amarelo, de que se extrai tinta amarela
Uruburetama		Ave Urubu e <i>retama</i> , terra

Fonte: Nogueira (1887) e Pompeu Sobrinho (1945)

Figura 16: Topônimos da tabela 1 espacializados.



Fonte: Edição da autora sobre imagem do Google Earth (2021).

Foi fundamental modelar e imaginar estas paisagens onde assentam-se as 57 fazendas, operando os fundamentos teóricos-metodológicos da linha de pesquisa em Arqueologia da Paisagem desenvolvidos por Beatriz Bueno e seu grupo.

Em um primeiro olhar, a depender da estação, o panorama parece muito seco e homogêneo. Para Papavero e Teixeira (2001, p. 1029), o sertão pode ter sido menos árido

“em um passado nada remoto”. Os topônimos se tornam, portanto, claras evidências e pontos de partida para analisarmos a riqueza e variedade de paisagens naturais e antrópicas nesse pedaço dos Sertões do Norte.

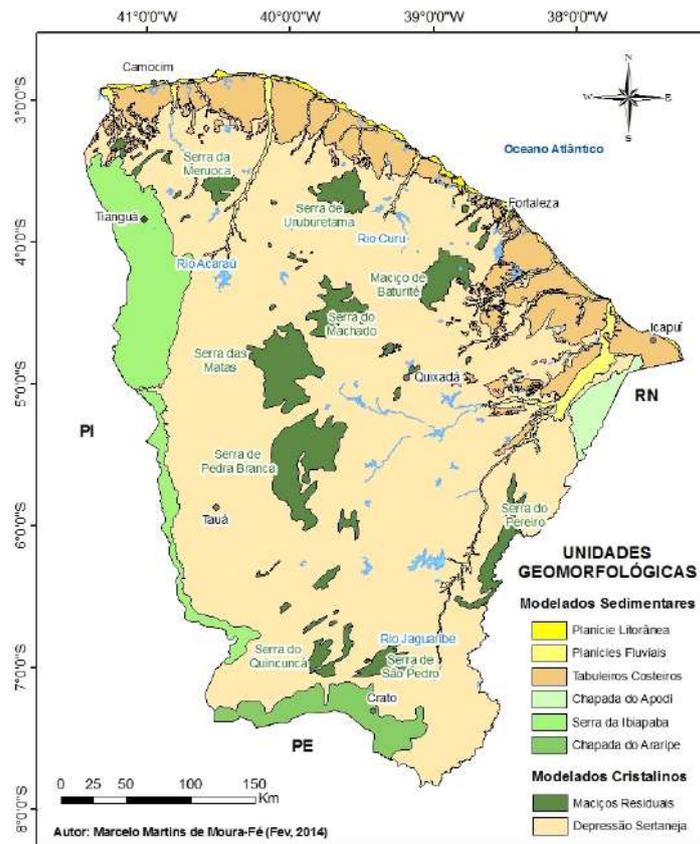
1.1. Geografia física

Grosso modo, o Ceará integra o semiárido brasileiro (EMBRAPA, 1991), área que compreende distintas unidades geomorfológicas. Estas, por sua vez, aliadas ao clima, ao relevo e a outros fatores de ordem natural, resultam em um amplo panorama de unidades fitoecológicas (Bertrand, 1972). Quanto ao seu quadro natural, no que se refere às bacias dos rios Acaraú e Coreaú, estudo circunstanciado foi realizado pioneiramente por Marcos José Nogueira de Souza²⁵, no projeto RADAMBRASIL²⁶, nas folhas referentes ao Ceará.

²⁵ O geógrafo cearense é um importante nome no estudo da geomorfologia do Ceará, tendo desenvolvido sua tese de doutoramento intitulada “Geomorfologia e condições ambientais dos vales do Acaraú e Coreaú – CE” em 1981, orientado por Aziz Ab’Sáber.

²⁶ O projeto Radar da Amazônia, posteriormente RADAMBRASIL, foi uma das maiores iniciativas de mapeamento de recursos naturais do Brasil. Empreendido entre os anos de 1970 e 1985 no âmbito do Ministério de Minas e Energia, empregou tecnologias de sensoriamento remoto, a fim de estudar a topografia, geomorfologia, hidrografia, solos e potencialidades minerais do país.

Figura 17: Mapa geomorfológico simplificado do Ceará, desenhado por Marcelo Martins de Moura-Fé.



Fonte: Moro *et al.* (2015).

Todo o território do Ceará é composto por modelados cristalinos e sedimentares (Moro *et al.*, 2015) (figura 17). As chapadas do Araripe, ao sul, Apodi, a leste, e Ibiapaba, a oeste, margeiam todo o contorno interior do estado. A Ibiapaba, em particular, é sempre representada de forma estratégica²⁷ pela cartografia antiga relativa ao Ceará, seja por disputas litigiosas com o Piauí ou devido à sua ampla extensão territorial como uma espécie de cordilheira. Predominam, contudo, os modelados cristalinos, com depressões e maciços residuais, os quais, ao resistirem melhor à erosão, permaneceram com maiores cotas altitudinais, formando serras e morrotes de menores dimensões, como a serra da Meruoca e o serrote do Barriga, respectivamente. Na Carta Chorographica da Província do Ceará (1861), de autoria do Dr. Pedro Théberge (figura 18), pode-se observar contornos bem delimitados de serras de maiores dimensões, enquanto os serrotes são representados com um conjunto de pequenas colinas (figura 19), indicando clara preocupação em diferenciá-los através das convenções e códigos de representação cartográfica vigentes nos séculos XVIII e XIX (Bueno, 2004).

²⁷ Para Brian Harley (2009), os mapas propiciam visualizar lugares articulados pelos desígnios do homem.

Figura 18: Principais recursos hídricos e formações geológicas de nossa região. Carta Chorographica da Província do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge (1861).



Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. BNRJ. adaptado pela autora.

Figura 19: Diferenciação entre maciços residuais maiores (representados pela serra da Meruoca) e menores, como o serrote do Barriga. Carta Chorographica da Provincia do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge (1861).

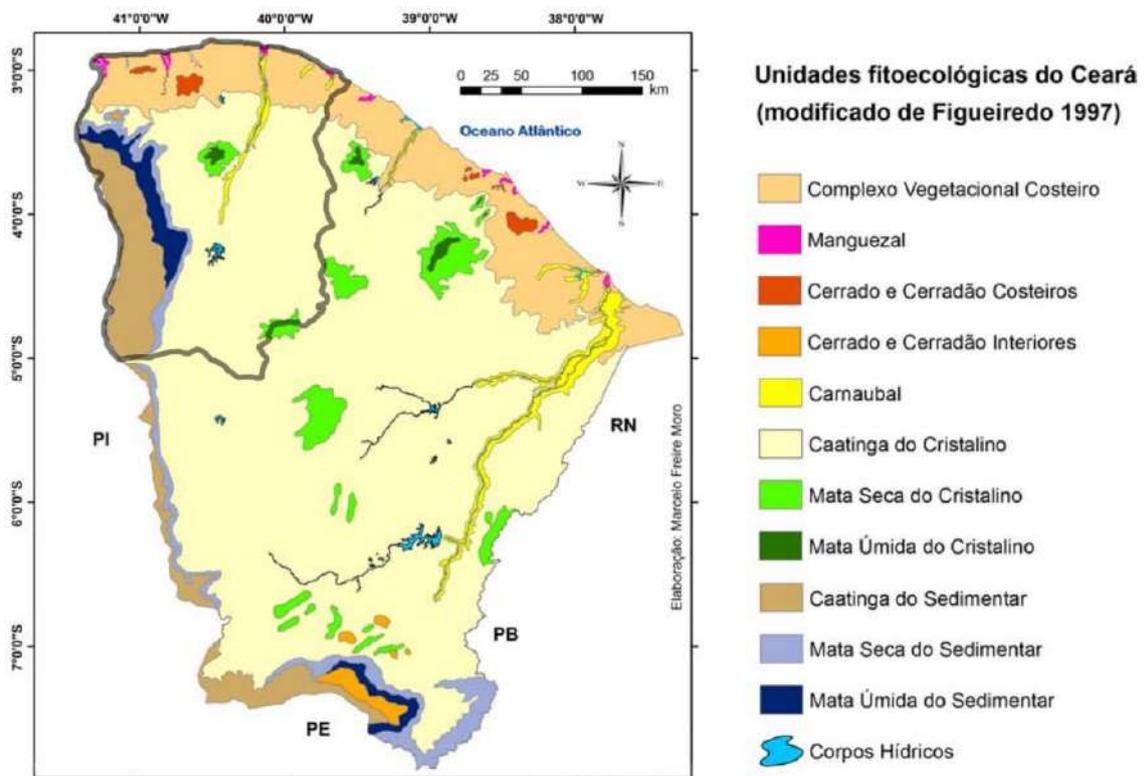


Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, 1861. adaptado pela autora.

Na serra das Matas nasce o rio Acaraú, na serra da Ibiapaba nasce o rio Coreaú. Junto a outros rios de menor percurso, como o Aracatiçu, o Ubatuba e o Timonha, por exemplo, cortam a depressão sertaneja e os tabuleiros costeiros, formando planícies fluviais sedimentares. Os rios cearenses, como bem apontado por Ab'Sáber (2021), convergem para o oceano, mesmo com a sua intermitência característica. Isso foi certamente determinante para a formação da rede urbana, com caminhos alinhados aos cursos d'água (Studart Filho, 1937), como também para o escoamento de produtos da capitania do Siara Grande, partindo dos portos do Aracati, Camocim e Acaraú (Jucá Neto, 2007).

A combinação de variáveis climáticas e geomorfológicas (figura 17) gera a diversidade de unidades fitoecológicas abaixo representadas. No contorno preto que delimita os sertões do Acaraú, Coreaú e a Serra da Ibiapaba (figura 21), pode-se perceber que este fragmento abriga todas as unidades fitoecológicas presentes ao longo do território cearense. Nesse momento, torna-se importante pensar em como essas configurações territoriais moldaram a implantação de diferentes tipos de fazendas, a materialidade de suas construções (por meio de materiais e vegetação disponíveis nos locais), assim como seu cotidiano e as práticas econômicas e sociais operadas nesse território, o que veremos adiante.

Figura 21: Mapa de unidades fitoecológicas do Ceará.



Fonte: Moro *et al.* (2015)

1.1.1. A caatinga do sedimentar

Figura 22: região do Carrasco, a caminho da Fazenda Canindé Grande, em Croatá (CE).



Fonte: autora (2021)

Também conhecida por Carrasco ou Macambira, acontece no planalto da Ibiapaba, indo ao encontro do Piauí. Mesmo localizada em uma região de maior altitude, possui menor índices pluviométricos, portando as mesmas características da caatinga da depressão sertaneja, com vegetação arbustiva densa e terrenos areníticos, rochas observadas nas construções de fazendas desta região. Lá predominam os sítios e fazendas devotados ao criatório e à extração de cera de carnaúba. Sua particularidade consiste na presença de facheiros com alturas de até 3 metros (figura 23), não encontrados na caatinga do cristalino.

Figura 23: Facheiro (*Pilosocereus pachycladus*) na caatinga do sedimentar.



Fonte: autora (2021)

1.1.2. Matas úmidas e secas do sedimentar e do cristalino

Embora as matas úmidas e secas do sedimentar ocorram na serra da Ibiapaba e as do cristalino nas serras da Meruoca e das Matas, sua vegetação possui conformação similar, devido a regimes de pluviosidade e de altitude similares. As matas úmidas têm os maiores índices de precipitação e atingem altitudes de novecentos metros na serra da Ibiapaba, mil metros na serra das Matas, com ocorrência de plantas epífitas e matas de encosta (Santos; Souza, 2012, p. 307) (figura 24). São as regiões com maior ocorrência de sítios e propriedades de pequeno porte como engenhocas e casas de farinha, sem cultura do gado, devido ao relevo acidentado. Já as matas secas, como região de transição entre serras e depressão sertaneja, são consideradas caatinga de grande porte" (Moro *et al.*, 2015).

Figura 24: Mata úmida na serra da Ibiapaba.
Guaraciaba do Norte (CE).

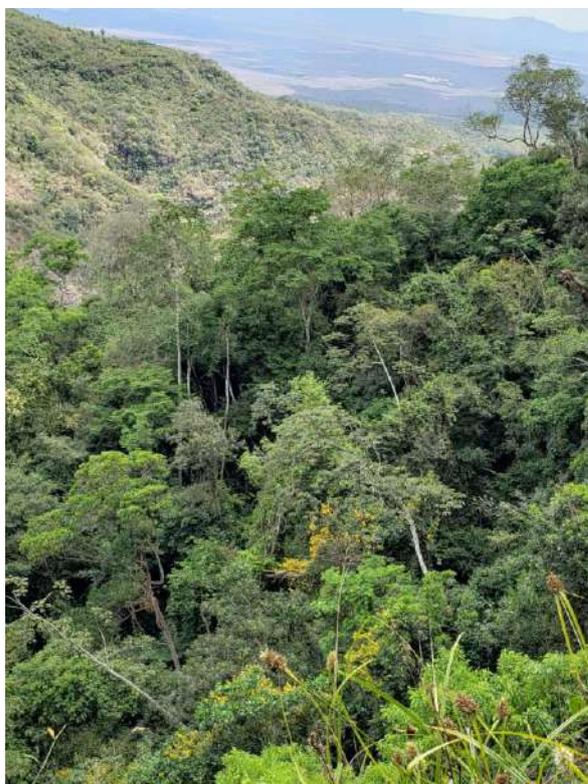


Figura 25: Mata úmida na serra da Ibiapaba.
Guaraciaba do Norte (CE).



Fonte: autora (2021)

A diversidade predomina na aparente homogeneidade da paisagem estereotipada no imaginário coletivo, sobretudo do sul e sudeste do Brasil.

1.1.3. Caatinga do cristalino

Descendo as serras da Ibiapaba e da Meruoca, encontramos a paisagem dominante, formada nas depressões sertanejas. O sertão “bravo” abriga as áreas mais secas e subdesérticas (figura 25), processo potencializado pelo criatório e lavoura desde os primórdios da urbanização.²⁸ Não apenas neste território, como nos Sertões do Norte como um todo, talvez seja a imagem mais preponderante na construção do estereótipo de uma paisagem homogênea, pobre e desabitada (Albuquerque Jr., 2011). Aqui se concentra a maior parte dos exemplares arquitetônicos inventariados, onde os campos planos são propícios para o criatório. Os campos arenosos e afloramentos rochosos, ditos lajedos ou

²⁸ Em 1859, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em “Memória Sobre A Conservação das Matas e Arboricultura Como Meio de Melhorar O Clima da Província do Ceará”, já atentava para as secas decorrentes da ação antrópica, através do desmatamento excessivo no pé da Ibiapaba para fins de agricultura e pecuária.

malhadas de pedra, são formações comuns na região e possuem fendas nas quais nascem cactos e bromélias (figura 27).

Figura 26: Caatinga em Itapajé (CE). No plano de fundo, a serra da Uruburetama. Foto de Alfredo Domingues e Tibor Jablonsky. 1957.



Fonte: Biblioteca Digital do IBGE.

Figura 27: Lajedo de pedra. Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

A vegetação caducifolia, elemento vultoso na imagética do sertão seco, é adaptada aos meses sem precipitações, perdendo sua copa até a estação chuvosa seguinte. Embora comumente associadas ao inverno, as chuvas no Ceará ocorrem, em média, de janeiro a junho, período correspondente ao Verão. Trata-se de um período de despertar (figura 32) e de expectativas. Os profetas da chuva (Magalhães, 1952), homens e mulheres do meio rural, elaboram previsões do tempo antes e durante o período chuvoso, a partir de suas próprias experiências com a natureza, rituais religiosos e conhecimentos ancestrais dos povos indígenas, bem como o comportamento animal e, sobretudo, observando mudanças atmosféricas, como bem relatado pela romancista cearense Rachel de Queiroz (2004, p. 185):

Já aqui no sertão os homens a bem dizer se preocupam mais com o céu que com a terra. Pois não vê que é do céu que depende tudo cá embaixo, fartura ou fome, vida ou morte? E não metafisicamente mas objetivamente mesmo. Cearense nenhum é capaz de passar todo um dia sem estudar o céu, com angústia ou com alegria. Os torreões de nuvens. Os relâmpagos, os carregos de chuva e toda a rosa dos ventos: vento sul que é bom, vento norte que é perigoso, vento nordeste que é ruim como o diabo.

Alagam-se então ipueiras (ver tabela 1), formando verdadeiros oásis em pleno sertão (figura 28), quando se enchem os açudes e rios, dominados por arbustos, plantas aquáticas e ervas (figura 29).

Figura 28: O mesmo ponto em épocas diferentes do ano, no Sertão do Acaraú.



Fonte: Morais (2018).

Figura 29: Ervas que observamos durante as viagens de campo. 1 - *Turnera ulmifolia*; 2 - *Richardia brasiliensis*; 3 - *Emilia fosbergii*; 4 - *Ipomoea* L.; 5 - *Momordica charantia*; 6 - *Hedyotis verticillata*; 7 - *Hyptis suaveolens* (L.) Poit.; 8 - *Centrosema brasilianum*.



Fonte: autora (2021)

1.1.4. Carnaubais

Figura 30: Planície fluvial do rio Acaraú. Cariré (CE).



Fonte: autora (2021)

Características das planícies fluviais do Ceará, as matas ciliares são áreas alagáveis, com a presença endêmica de espécies perenifólias²⁹, como as Carnaubas, as Oiticicas, os Juazeiros e os Umarizeiros. Sua presença indica acesso à água edáfica, que se acumula nos fundos de leito de rio durante períodos de estiagem. Ao preservar a umidade do solo, são trechos de terra capazes de fornecer água para fins domésticos e dar suporte para culturas de vazantes, com o plantio de pequenas hortaliças e de capim para o gado (Moro *et al.*, 2015; Ab'Sáber, 2021).

²⁹ Espécies que se mantêm verdes mesmo em períodos de estiagem.

Figura 31: Campos alagadiços com carnaubais, rio Acaraú. Groaíras (CE).



Fonte: autora (2021)

Próximo ao rio Aracatiaçu, uma particularidade de nossos sertões, há os Olhos d'Água do Pajé (figura 32), fonte de águas gasosas e termais. Retratados nas expedições oitocentistas, sua primeira menção acontece em relatos de Francisco Freire Alemão, membro da Comissão Científica de Exploração nos sertões do Acaraú e Serra da Ibiapaba entre os anos de 1859 e 1861. Posteriormente, Alemão relata ter perdido as águas e os gases coletados no local, entre outras amostras de plantas, objetos que passariam por análises químicas:

Sábado, 20 de outubro, Olhos d'Água do Pajé. Chegamos aos Olhos-d' Água do Pajé às onze [horas] e um quarto (...) Apanhamos nesta travessia grande soalheira, o terreno é chão, mui pouco acidentado, são tabuleiros de juremas e carnaúbas, com malhas pedregosas (...) A serra do Pajé nos fica aqui a sudoeste e a duas léguas, dizem de distância da fazenda do Pajé daqui a Sobral fazem onze léguas à Santa Quitéria onze léguas (...) Às cinco horas o metemos no Olho-d'água do Pajé e desceu a 25 [graus] e meio. O poço tem bastante água; mas não como fora porque se esgota sempre para o bebedouro dos animais. O poço tem obras artificiais, mas toscas — está coberto de telha, e cercado para que os animais não vão lá, tem um bom tanque de tijolo, onde se põe água para os animais beberem. A água é clara, e do fundo saem bolhas gasosas (...) Depois de tomar café, fui-me lavar na fonte do Pajé que estava quase cheia, uma água morna; lavei-me bem a meu gosto (apud Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 315, f. 279)

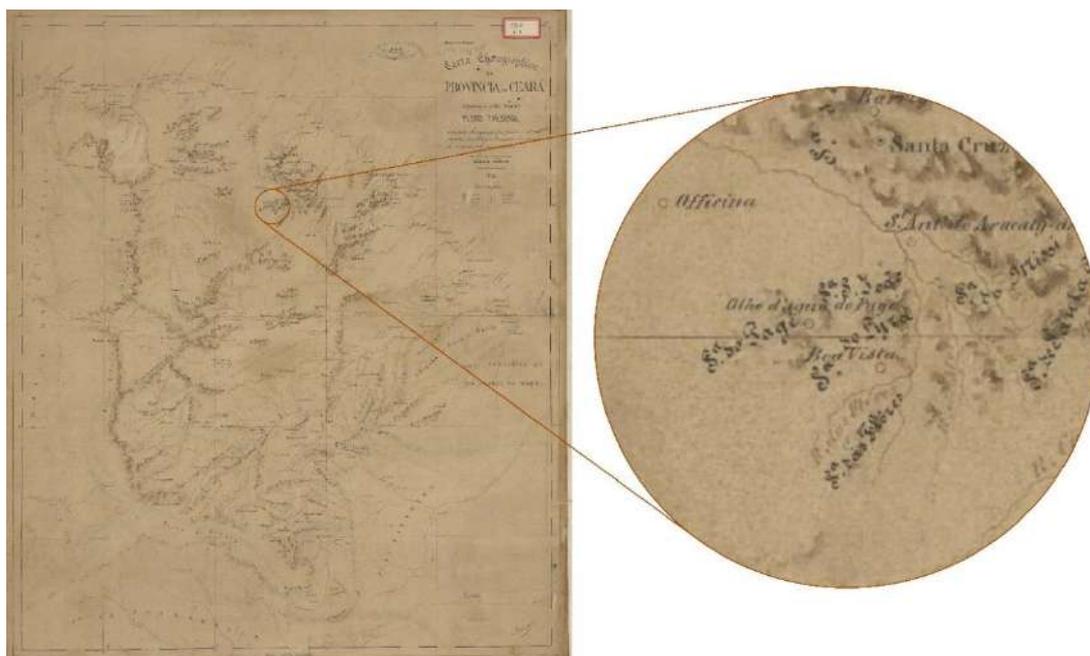
Figura 32: Arquitetura e paisagem em simbiose. Fonte termal Olhos d'Água do Pajé, Sobral (CE).



Fonte: Washington ().

Henrique Théberge, engenheiro militar e professor, filho do Dr. Pedro Théberge, autor da “Carta chorographica da Província do Ceará com divisão eclesiastica e indicação da civil judiciária”(1861) (figura 18), dá continuidade à obra do pai, reeditando a Carta Chorographica no ano de 1882. O mapa reeditado fornece menção aos olhos d’água, anteriormente invisíveis (figura 33).

Figura 33: Em destaque, a menção a serra e olho d’água do Pajé. Carta Chorographica da Província do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge e revista pelo engenheiro Henrique Théberge, 1882.



Fonte: Arquivo Nacional digital (adaptado pela autora) (2021).

Mais tarde, o naturalista e historiógrafo cearense Antônio Bezerra recebe um convite do governo provincial para mapear as especificidades de cada localidade na região norte cearense, partindo em comissão no ano 1884. Dentre diversos apontamentos acerca das paisagens, habitantes e potencialidades econômicas, vai ao encontro das fontes termais:

Ja tarde chegamos ao Pagé, encontrando felizmente bom agasalho para a noite na fazenda do Sr. Joaquim Faustino da Rocha. Ao outro dia fui visitar a fonte termal (...) A' alguns passos da casa, em meio de uma várzea despida de vegetação, rebenta este olho d'água, celebre por suas qualidades especiaes. Um telheiro cobre o pequeno tanque feito de pedra e cal, com um metro de largura, dois de comprimento e pouco mais de um e meio de profundidade, o qual é guardado por forte estacada. A água que sae deste, lança -se em outro tambem feito de pedra e cal com maiores proporções, mas completamente desabrigado, sendo notavel a diferença da temperatura d'agua do primeiro para a do segundo (...) As águas são azuladas, sem sabor particular e um tanto pesadas (...) Por esta ocasião tomavam banhos diversas pessoas accommettidas de rheumatismo e molestias de pelle. De um, que ahi residia cerca de dois mezes, soube que havia colhido melhoras consideraveis, e esperava retirar-se em breve completamente restabelecido. Os moradores affirmam que grande é o número dos curados por virtude das águas da fonte thermal. Nas condições actuaes si não se pode crer, tambem não se pode duvidar. Quem sabe? (Bezerra, 1889, p. 247-248).

Tal fonte permanece, até os dias atuais, como incógnita no que se refere a sua origem e à eficiência de suas propriedades naturais.

Figura 34: Caracterização do entorno e fonte interna.



Fonte: autora (2021)

E, por fim, a costa. Nos contornos formados por tabuleiros costeiros e planícies litorâneas, acontecem as restingas, dunas (móveis e florestas, cobertas de vegetação) (figura 35) e os manguezais, que se estabelecem no encontro das planícies fluviais com o oceano. Aqui predominavam as moradias de pescadores, além dos currais de pesca e o escoamento da produção econômica da então província, na foz dos principais rios, Acaraú, Coreaú e Aracatiaçu.

Figura 35: Tatajuba, Camocim (CE).



Fonte: Rollema (2018).

A paisagem é um complexo e, portanto, não envolve apenas a descrição e caracterização de elementos naturais. Pierre Monbeig (1943, 1957) alerta que, para entender esse sistema, é necessário analisar as relações entre elementos físicos e humanos. Daí entendermos também a cultura material e imaterial expressa na paisagem desses sertões, fruto das relações sociais e culturais operadas em interface com a geografia humana e a física preexistente, em diferentes camadas de tempo, como bem define Milton Santos (1994/2006, p. 92):

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator.

1.2. Geografia humana: agenciamentos humanos preexistentes

Em busca das rugosidades desta paisagem, a arqueologia da paisagem proposta por Beatriz Bueno e seu grupo (Bueno, 2021) consiste em um importante aporte metodológico para mostrar vínculos entre indícios materiais e naturais ancestrais nesses sertões. Os estudos recentes de Verônica Viana, arqueóloga do IPHAN no Ceará, são substanciais, ao passo que analisam a arte rupestre enquanto resultado de diversas técnicas e conhecimentos aglutinados por diferentes grupos (Santos; Viana; Bucu, 2017). Na

caatinga e nas serras que circundam o Acaraú e Coreaú há diversos desses registros (figuras 36 e 37).

Figura 36: Inscrições no sítio Bilheira, Sobral (CE).



Fonte: de Paula (2019).

Figura 37: Inscrições na pedra do mato grosso, serra da Meruoca (CE).



Fonte: Cavalcante (2015).

Posteriormente, as análises de artefatos cerâmicos na costa litorânea, em Jericoacoara (CE) (Viana, 2018) (figura 37), mostram-nos a permanência de técnicas e

materiais da arte cerâmica, identitária dos povos indígenas da Ibiapaba até os dias atuais³⁰ (Porto Alegre, 1994; Freitas e Furtado, 2022). Utensílios como vasilhames para coleta e armazenamento de água, além de panelas, são encontrados com frequência em casas de fazenda, como parte de seu acervo e cotidiano (figura 38).

Figura 38: fragmentos de artefatos cerâmicos, em Jericoacoara (CE).



Fonte: Viana (2018).

Figura 39: Mulheres carregando vasilhames cerâmicos com água no rio Acaraú. "Cassimbas do rio Acaraú". Aquarela de Reis Carvalho, Século XIX.



Fonte: Beserra e Jacó (2017).

Os saberes e fazeres impressos nestes artefatos são indícios da pluralidade de povos que aqui habitaram. A historiografia acerca dos indígenas do Ceará³¹ trata principalmente da etnologia, da arqueologia e da linguística. Os estudos de Studart Filho (1963), em

³⁰ Dora Freitas e Silvia Furtado (2022), organizadoras do "Livro dos mestres", inventário de artefatos do Ceará, evidenciam a cerâmica como fruto de saberes ancestrais, arte utilitária e identitária ainda em produção em Viçosa do Ceará e Ipú, ambas localizadas na serra da Ibiapaba.

³¹ Com fundação do Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico, em 1887, uma importante leva de artigos é publicada entre os séculos XIX e XX, dentre os quais podemos destacar os estudos de Paulino Nogueira (1887), Thomaz Pompeu Sobrinho (1937, 1945) e Carlos Studart Filho (1963).

particular, contribuíram para o registro a respeito da diversidade de povos, sistematizados abaixo (tabela 2).

Tabela 2: Classificação Etnográfica dos indígenas cearenses³²

Famílias linguísticas	Grupos
Tupi	Tapes Tupiniquins Tupinambás: Tabajaras e Potiguaras
Cariri	Arius: Arius, Garius, Urius Cariris Cariuanes Caratiús Coremas (Curemas) Inhamuns Isus
Tarairiú	Canindés Paiacus: Baicus e Pacajus Panatis Jenipapos Aperius Arariús: Irarijus, Areurus e Rerius Camaçus Janduins: Nhanduis e Txocaianas Jacós Jenipaboaçus Quitariús Quixelôs Quixerarius Tocarius (Tusurijus)
Tremembé	

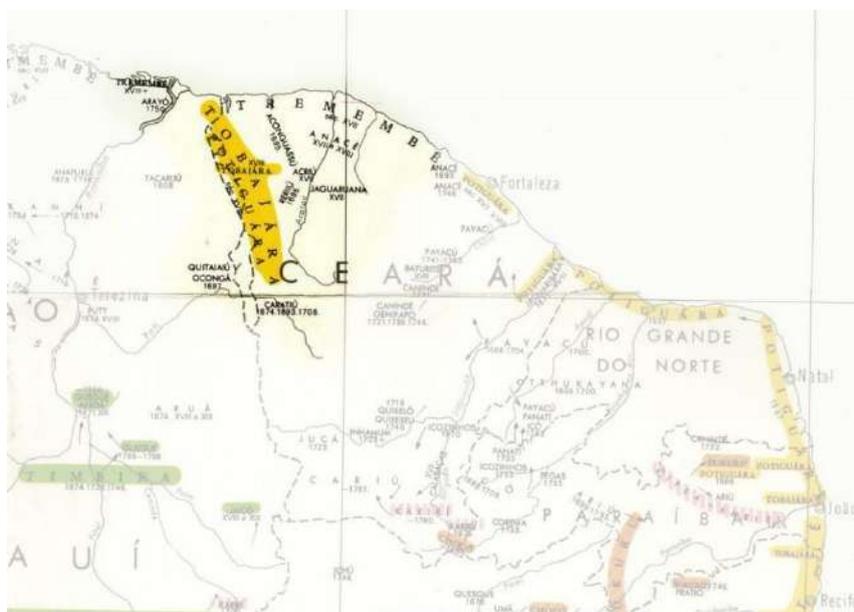
Fonte: Tabela elaborada por Silva (2006, p. 58) baseada nas informações de Studart Filho (1963).

Nos sertões do Acaraú, Coreaú e na serra da Ibiapaba, os povos indígenas também eram muitos e plurais. Segundo Studart Filho (1963), os Tabajara e Potiguara, povos Tupi, eram Ibiapabanos. Os Tremembé estavam na costa, entre os rios Coreaú e Parnaíba (Piauí). Observando o mapeamento de Nimuendaju (1981) (figura 40), notamos que sertões adentro havia também os Aconguassú, Anacé, Acriú, Reriiú e Jaguaruana. Destes grupos, herdamos práticas até hoje encontradas referente à cultura material e imaterial nas fazendas e além-sertão: a produção de cerâmica, a cultura da mandioca e do algodão, as cabaças e objetos utilitários advindos da carnaúba. Daí a importância de se ressaltar os povos originários como parte e matriz do que aqui pesquisamos:

³² Isabelle Braz Peixoto da Silva (2006) afirma ainda a existência de alguns grupos não sistematizados: os Itanhás, os Azimins, os Acocis, os Aconguaús, os Acrius, os Anapurus, os Apujarés, os Calabaças, os Candandus, os Carcuaçus, os Chibatas, os Icóos, os Icozinhos, os Jaguaribaras, os Jaguaruanas, os Jucás, os Peiga, os Tocaiús, os Vidaes, os Wanacés e os Xirirós.

(...) a recuperação do papel histórico de atores nativos na formação das sociedades e culturas do continente revertendo a visão de vítimas dos poderosos. (...) As interações entre os nativos e as sociedades que surgiram a partir da colonização vão além do contato inicial e da dizimação subsequente (Monteiro, 1995, p. 227-228).

Figura 40: No recorte acima vemos o destaque com a localização de alguns povos indígenas que habitavam os sertões do Acaraú, Coreaú e a Serra da Ibiapaba. Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, adaptado do Mapa de Curt Nimuendaju (1944).



Fonte: Biblioteca Digital do IBGE.

O apagamento desses povos é evidente. Muitos permaneceram através de topônimos. Cariri, Inhamuns, Arariús, Quixelô, Pacajus, Canindé, Jaguaribara, Jaguaruana, hoje são nomes de distritos, regiões e cidades do Ceará.

Contudo, ainda encontramos espaços de resistência. Atualmente, há os Tremembé na costa, os Tapuya-Cariri na Ibiapaba, os Pitaguary e Tubiba-Tapuya na serra das Matas, nascente do rio Acaraú e local do Museu indígena Poticatapuya. Dentre os artefatos, cabaças, pilões e vasos cerâmicos, encontramos a imagem religiosa como parte do acervo (figura 41), evidenciando longínquos processos de disputas, catequização e transferência cultural nos sertões, como veremos adiante.

Figura 41: Acervo do Museu indígena Poticatapuya.



Fonte: Aldeia Mundo Novo Pisasu Ywáca, Monsenhor Tabosa (CE).

(...) eram verdadeiramente aquelas aldeias composição infernal ou mistura abominável de todas as seitas e de todos os vícios, formada de rebeldes traidores, ladrões, homicidas, adúlteros (...) hereges, gentios, ateus, e tudo isto debaixo de nome de cristãos, e das obrigações de católicos.

Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil (1943, p. 18-19)

Figura 42: imagens religiosas de madeira policromada em oratório.



Fonte: autora (2021).

CAPÍTULO II. AGENTES E AGÊNCIAS EM DISPUTA NO SERTÃO

A princípio, a falta projetos específicos vindos da Coroa e de atrativos como ouro³³ ou boas perspectivas para o desenvolvimento da atividade canavieira fizeram do Ceará um lugar inicialmente periférico ao devassamento (Jucá Neto, 2007; Farias, 2015). As sucessivas tentativas de ocupação têm registro já no início do século XVII, como a empreendida por Pero Coelho em 1603 e Martim Soares Moreno em 1611 e 1621, com o forte de São Sebastião. Ambos enfrentaram a resistência dos povos indígenas então presentes.

O acesso via marítima também era difícil, como expressado pelo capitão-mor do Maranhão, Jácome Raimundo de Noronha, em carta escrita a El-Rei, em 23 de maio de 1637, "A Capitania do Seará está distante desta do Maranhão 150 legoas aonde senão pode hir senão hua ves no anno que he nas monssões de janeiro E por essa resão pode ser mal socorrida d'esta Capitania (...)".³⁴

Não obstante, entre vias terrestres e marítimas, a Ibiapaba já se constituía como desígnio de aldeamento por parte da Companhia de Jesus. Contudo, em 1607, a missão liderada pelos jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira culminou na morte de Pinto (Maia, 2010). Por outro lado, além da resistência de alguns grupos indígenas da região, a Coroa enfrentava também o conflito com a presença de flamengos e franceses no Ceará.³⁵

João Teixeira Albernaz I, sem nunca ter vindo à então colônia (Bueno, 2009), elaborou, no ano de 1629, o Pequeno Atlas do Maranhão e Grão-Pará. O título já demonstra o contexto ao qual se inseriu: pela Carta Régia de 13 de junho de 1621, as capitanias do Ceará, Maranhão e Pará foram desmembradas do Estado do Brasil para constituírem o então criado Estado do Maranhão, em tática contra as invasões holandesas. Dentro desse discurso estrategista, a cartografia representa projetos político-sociais em determinados territórios (Harley, 2009). Nesse sentido, em "Maranhão Taboa Primeira" (ver figura 42), no trecho referente ao Ceará e Piauí, Albernaz I ilustra uma série de pontos estratégicos para a Coroa Portuguesa neste momento, em específico o que compreende a parte setentrional da costa

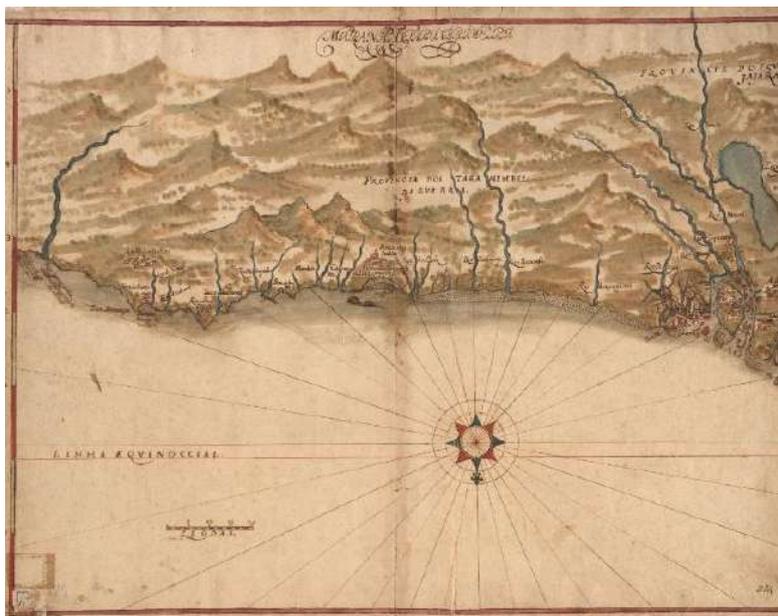
³³ Nem tudo que reluz é ouro. No Ceará, circulou uma espécie de "mito do Eldorado" desde o período colonial, com a busca de ouro, prata, pedras preciosas e outras riquezas minerais. Tal narrativa inspirou expedições como a de Mathias Beck em 1649. A última foi empreendida pelo IHGB, a Comissão Científica de Exploração (Kury, 2009). Provou-se futuramente ser uma tratativa um tanto exagerada, resultando em locais de breve extração de pepitas de ouro em Lavras da Mangabeira e no riacho Juré, no Ipú. Sobre a mineração no Ceará, eu e Beatriz Bueno apresentamos comunicação no TechNetEmpire, Universidade Nova de Lisboa, e publicaremos o seguinte capítulo no livro (no prelo): "Cartography And Mining In Acaraú Hinterlands: Engineers And Practitioners trying to Know Ceará, Brazil (1797-1861)".

³⁴ Trecho transcrito por Studart (1896, p.41).

³⁵ "Público Instrumento do successo que teve o capitão-mor Manuel de Sousa Eça na batalha com os franceses na baía de Jurucacoara". AHU_CU_Maranhão, Cx.1, D.1.

cearense: rios, territórios indígenas, pontos de defesa e formas de relevo (ver figura 43). O traço curvado da costa de Jericoacoara, enseada entre os rios Acaraú e Coreau (no mapa grafada como “lura coquara”) exprime, ainda, a forma curvada da baía, fato que possivelmente retardava correntes marítimas. De fato, Albernaz registrou na taboa, exatamente neste local, “he boa bahia para surgir”.

Figura 43: Maranhão Taboa Primeira. [Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará].



Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Figura 44: Em destaque, a “Provincia dos Taramembes de guerra” (I), menção ao povo Tremembé que habitava a costa entre os rios Coreau e Parnaíba; “Rio da Cruz”(II), antiga denominação para o rio Acaraú; “He boa bahia para surgir” (III), indicando a costa de Jericoacoara e a série de montanhas (IV) que poderiam representar as serras de Ibipaba. Maranhão Taboa Primeira. [Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará]. [ca. 1629]. João Teixeira Albernaz I.



Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (adaptado).

Voltando aos inicianos, apenas em 1656, a comitiva liderada pelo padre Antônio Vieira foi bem-sucedida, com a implantação da Missão de Ibiapaba. Para Silva (2006), a missão jesuítica foi parte do ciclo de expansão da Coroa para o norte do país, buscando ocupar o Ceará via Pernambuco e Maranhão.³⁶ Mais tarde, viria a ser um dos maiores aldeamentos, reunindo "mais de quatro mil almas" (Leite, 1945, p. 66). Vejamos abaixo o relato do Padre Antonio Vieira acerca de suas impressões sobre a Ibiapaba:

Ibiapaba, que na língua dos naturais quer dizer Terra Talhada, não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao sertão das praias de Camocim, e, mais parecidas a ondas de mar alterado que a montes, se vão sucedendo, e como emcapelando umas após das outras, em distrito de mais quarenta léguas; são todas formadas de um só rochedo, e em partes escavado e medonho, em outras cobertas de verdura e terra lavrada, como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitantes, que sendo sempre duras, e como de pedras, às vezes dão esperanças, e se deixam cultivar. Da altura dessas serras não se pode dizer coisa certa, mas que são altíssimas, e que se sobe, às que o permitem, com maior trabalho da respiração que dos mesmos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes. Mas, depois que se chega ao alto delas, pagam muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos painéis que porventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando montes, vales, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadíssimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobretudo, olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que, como é coisa tão parecida ao céu, não só causam saudades, mas já parece que estão prometendo o mesmo que se vem buscar por estes desertos (Vieira, 1992, p. 146).

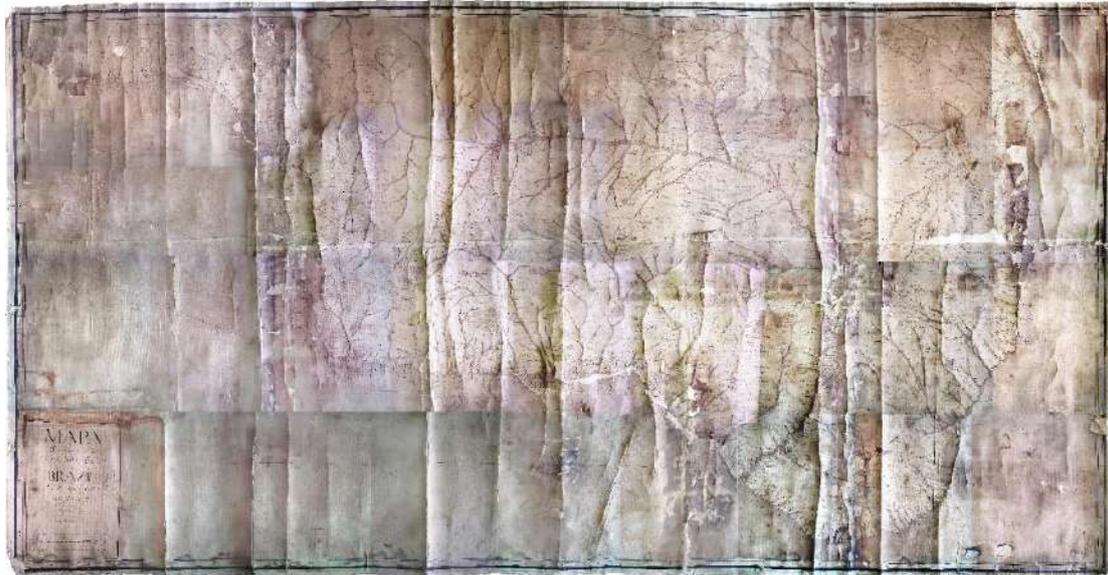
As anotações do também jesuíta Jacobo Cocleo, que esteve no Ceará entre 1662 e 1671 em ações pela Parangaba (antiga Arronches), Camocim e Ibiapaba (Leite, 1945), basearam o "Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil, Extraído do original do Pe. Cocleo", carta produzida por volta de 1700 (figura 45). Cocleo mapeou igrejas, capelas e fazendas, iniciativa basilar para a defesa da Companhia de Jesus quando das disputas fundiárias³⁷ com os fazendeiros nas imediações do rio São Francisco (Santos, 2011). Era, além disso, peça chave para o entendimento das potencialidades econômicas no entorno da Ibiapaba, como as salinas entre os rios Timonha e Ubatuba (figura 46), que posteriormente se constituíam como importante sítio para a salga da carne e exportação de sal para outras províncias: "O [ancoradouro] do Chaval no rio Ubatuba, a 6 léguas da Barra de Timonha, é frequentado por hiates e barçaças, **que ahi vão fazer**

³⁶ Entre os anos de 1656 e 1799, o Ceará esteve subordinado à Capitania de Pernambuco.

³⁷ "Notícia certa da extensão da ilha do Rio de S. Francisco e qualidade das terras de Achará, Rodela e Zarabadê, enviada pelo padre Agostinho Ferreira...". AHU_CU_Bahia Luísa da Fonseca (1599-1700), Cx.32, D.4095.

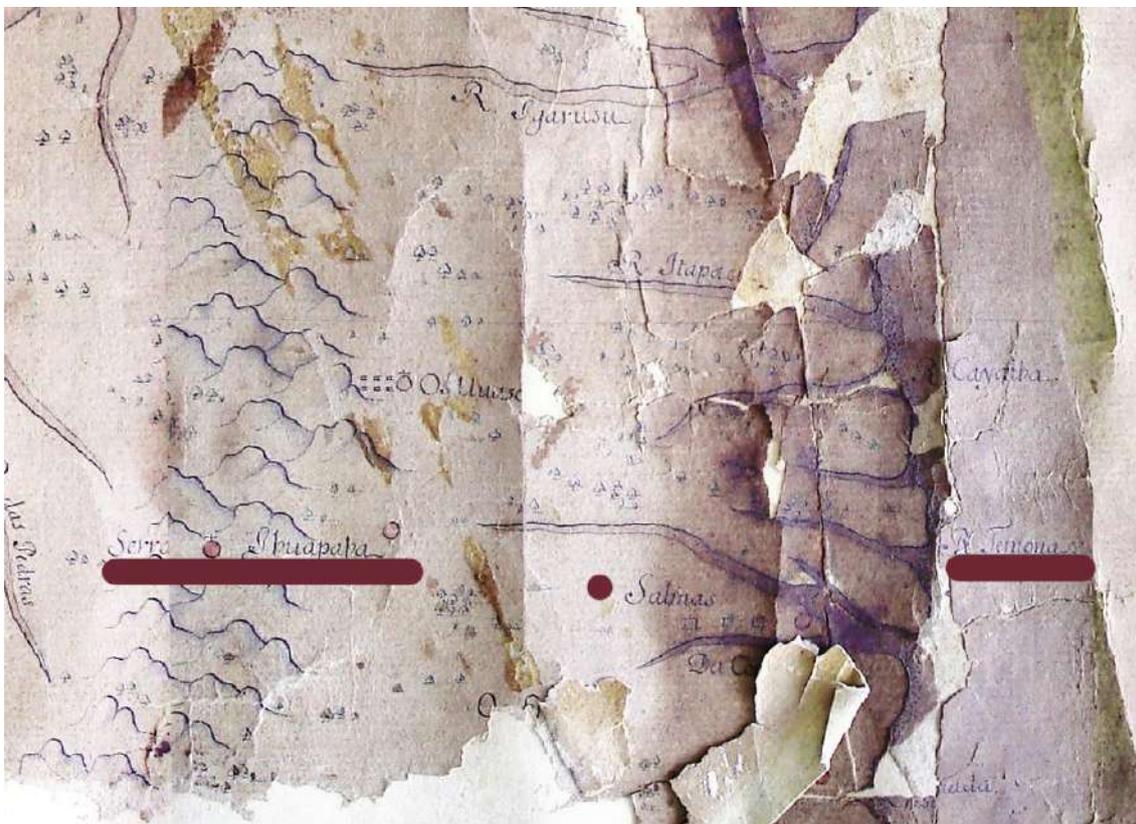
carregamento de sal para Pernambuco e Parnahyba, única fonte de riqueza desse districto” (Martins, 1911, p. 179, grifo nosso).

Figura 45: Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil, extraído do original do Padre Cocleo (c.a. 1700).



Fonte: Mapoteca do Arquivo Histórico do Exército.

Figura 46: Destaque para a serra da Ibiapaba, o rio Timonha e as salinas da região. Mapa da maior parte da Costa, e Sertão, do Brazil, extraído do original do Pe. Cocleo (c. a. 1700).



Fonte: Mapoteca do Arquivo Histórico do Exército (adaptado).

2.1. Sesmarias e os campos [quase] indivisos

Como já vimos, o Ceará foi devassado tardiamente. Em razão disso, o mesmo aconteceu com a implantação de sesmarias, sistema português de concessão de terras por parte da coroa à iniciativa privada para produção agrícola. Ocupar a terra e fazê-la produtiva, na lógica da Coroa Portuguesa, era fundamental no projeto de sua consolidação na América Portuguesa. No rio Jaguaribe, na costa leste do Ceará, por exemplo, o primeiro registro de sesmaria em suas cercanias foi no ano de 1681 (Nogueira, 2010), vindo de sesmeiros do Rio Grande do Norte. Opostamente, no rio Acaraú, o pedido veio do pernambucano Manoel de Góes, em 1683 (Pompeu Sobrinho, 1971).

A geografia física, analisada no capítulo anterior, foi uma das premissas desse processo. Os recursos hídricos fundamentaram as lógicas de solicitação de sesmarias e implantação dos sesmeiros nesses sertões. Não apenas os grandes rios do Ceará (Jaguaribe e Acaraú), como também riachos, lagoas, ipueiras³⁸, olhos d'água³⁹ e poços, balizaram escolhas na implantação de fazendas e currais ao longo do tempo (Antonil, 1837; Prado Jr., 2001), ao passo que as formações geológicas (serras e serrotes) deram localizações mais aproximadas em campos quase indivisos⁴⁰ (ver anexo C).

Contabilizamos, desse modo, 209 pedidos de confirmação de sesmarias entre os séculos XVII a XIX, distribuídos pela serra da Ibiapaba, costa litorânea e rios (tabela 3). Tais contornos, mais adiante, delimitariam a Ribeira do Acaraú, divisão política para arrecadação de impostos pela Coroa Portuguesa (Diniz, 2013).

Tabela 3: Distribuição de sesmarias por localização geográfica, dentro de nosso recorte de pesquisa, entre os séculos XVII a XIX.

Local	Número de sesmarias
Costa litorânea	13
Rios Camurupim, Ubatuba e Timonha	43
Serra da Ibiapaba	19
Rios Una, Coreaú e afluentes	17
Rio Acaraú e afluentes	81
Rios Mundaú, Aracatiaçu e Aracati-mirim	36
Total	209

Fonte: Tabela desenhada pela autora conforme dados levantados por Pompeu Sobrinho (1971).

Os sesmeiros desses sertões tinham as mais diversas procedências geográficas, advindos de outros lugares do Ceará ou mesmo do Rio Grande do Norte, de Recife, da

³⁸ Várzea que alaga em períodos chuvosos. Ver tabela 1.

³⁹ Pontos intermitentes de afloramento de água.

⁴⁰ Jucá Neto (2007) indica que as dimensões das sesmarias, junto a imprecisão de suas demarcações, comumente findadas em acidentes geográficos, impossibilitavam uma delimitação precisa entre fronteiras.

Parnaíba, da Bahia, de São Paulo e Portugal (Araújo, 2000). Muitos dos portugueses eram cristãos-novos, vindos das outras capitanias do Norte (Novinsky, 1972). Iriam, a partir deste momento, aumentar rebanhos e constituir família, através de relações endogâmicas e de poder, como também de mestiçagem com povos originários locais e escravismo.

Havia também os casos de concessões de sesmarias ao povo Tabajara, geralmente aos principais de suas aldeias, próximos aos rios Ubatuba, Coreau e Serra da Ibiapaba (Pompeu Sobrinho, 1971). Na mesma Serra Grande, os jesuítas fizeram pedido de sesmarias em 1708 e 1717 respectivamente (Pompeu Sobrinho, 1971), onde mais tarde fundariam as fazendas Emboeira, Missão, Tiaia e Petinga (tabela 4).

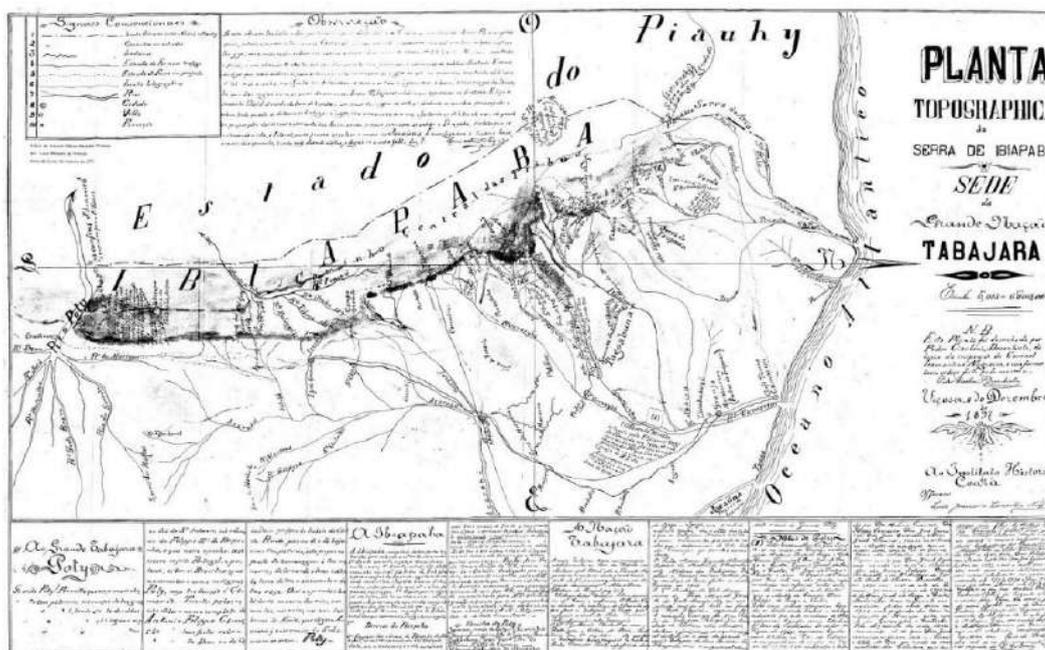
Tabela 4: "Mapa das quatro fazendas de gado Vacum, Cavalar, e miúdo que administraram os denominados Jesuítas a tratamentos de Missionários da antiga aldeia da Ibiapaba hoje Vila Viçosa Real, com declaração da que pertence a N. Senhora; gado que se reparte com as pessoas que se expressa, e as três que ficam destinadas para a subsistência do hospital, que se intenta formar na sobredita vila em benefício dos seus."

	Fazenda da Emboeira	Fazenda da Missão	Fazenda da Tiaia	Fazenda da Petinga	Total de cada qualidade
Léguas de cada fazenda	-	-	-	-	-
Vacas de ventre	1240	1435	720	238	3633
Bois e gado miúdo da mesma qualidade	321	465	290	-	1076
Éguas e poldras	15	134	218	-	367
Cavalos	16	43	44	-	103
Cabras	73	50	-	-	123
Chibatos	40	37	-	-	77
Total de gado Vacum					4709
Total de gado Cavalar					470
Total de gado miúdo					200

Fonte: Studart (2004).

Apesar de tais fazendas terem sido inventariadas, não se sabe ao certo onde foram implantadas, restando apenas supor a localização da fazenda da Missão, no sopé da Ibiapaba, conforme a "Planta topográfica da serra de Ibiapaba sede da Grande Nação Tabajara", desenhada por Pedro Ciarlini em 1897 (figura 47).

Figura 47: No ponto em vermelho, a localização aproximada da extinta fazenda da Missão, da Companhia de Jesus. “Planta Topographica da Serra de Ibiapaba, sede da Grande Nação Tabajara”. Desenho de Pedro Ciarlini, desenhista, sob inspeção do Coronel Lamartine Nogueira. Viçosa, 8 de Dezembro de 1897.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel (BECE).

A missão da Ibiapaba, além de suas fazendas, tornou-se também espaços de instrumentalização de indígenas como mão-de-obra para a agricultura e criatório (Farge, 1986). Como indica Silva (2006, p. 75), “com a justificativa de incapacidade dos indígenas para a auto-organização, legitimava-se a tutoria dos jesuítas, o que na verdade representava o adestramento dos nativos para as conveniências dos colonizadores”.⁴¹ Nesse processo, ao longo dos séculos, elementos característicos de sua cultura, como a mandioca, transformaram-se em instrumentos de penalidade:

Officio a Paulo Fontenele Director dos indios da Villa de Viçosa para castigar os ladrões que ouverem em sua direção e fazer continuar na sua jurisdissão. (...) as villas de índios sempre têm cauzado danos incontestaveis, vícios arraigados (...) portanto continua V.S. na prisão dos índios de sua directoria (...) a taes excessos quaes acuzão no mesmo officio remetendo-os com a competente parte ao Juiz Ordenaria para serem sumariados immediatamente, e depois conduzidos a cadeia da Villa de Sobral, onde estarão seguros até soffrerem os justos castigos que as leis descaregão sobre os ditos crimes semelhantes. **Torna-se da absoluta necessidade que V.S. promovão, quanto antes, a plantação de mandioca em toda extensão de sua directoria nos lugares proprios de cultura obrigando aos índios a certa quantia de covas, e castigando severamente** (...) com as penas do Directorio. Não estar em mim desaldear os seus dirigidos, pois iria contra a ley; e ao contrário V.S. fará congregiar os despertos (...) **obrigando-os a cultura da dita planta, não só para evitar a ociosidade, como de precaver aos furtos, e desvios sem**

⁴¹ Contraria-se, assim, as teses de Abreu (1963) e Caio Prado Júnior (2001) sobre a pouca compatibilidade entre escravidão e criatório.

conto (Governo da Província do Ceará, 1824, p. 52 apud Porto Alegre, Mariz e Dantas, 1994, p. 60, grifo nosso).

2.2. O meio rural e o meio urbano em consonância

Voltemos à paisagem rural. O número de cabeças de gado distribuídas em algumas terras já no primeiro quartel do século XVIII era vultoso. Assim como o conjunto de fazendas sob administração da Companhia de Jesus, com patrimônio de aproximadamente 5.379 cabeças de gado (tabela 4), havia tantas outras com considerável capital. Em 1706, por exemplo, os irmãos Miguel e Domingos Machado Freire pediram alargamento de suas terras no rio Coreaú, visto terem alcançado a posse de mais de 2.000 cabeças de gado.⁴² No mesmo século, o inventário *post-mortem* de João Pinto de Mesquita, dono de terras no rio Jacurutu, indicava 1.812 cabeças de gado (tabela 5). Em suma, números tímidos, se comparados aos de outras capitanias, conforme relatos do padre jesuíta Antonil (1837, p. 200):

E assim como ha curraes no territorio da Bahia, e de Pernambuco, e de outras capitanias, de duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas, oitocentas e mil cabeças: assim há fazendas, a quem pertencem tantos curraes, que chegam a ter seis mil, oito mil, dez mil, quinze mil, e mais de vinte mil cabeças de gado; donde se tirão cada anno muitas boiadas, conforme os tempos são mais ou menos favoráveis á parição, e multiplicação do mesmo gado (...)

Tabela 5: Parte do inventário de João Pinto de Mesquita, século XVIII.

Gado	
782 vacas parideiras	857\$280
120 novilhas	120\$000
100 garrotas	620\$000
300 bezerras	300\$000
50 bois de açougue	100\$000
180 novilhos	190\$000
152 garrotes	800\$000
20 poldras	32\$000
25 poldrinhas	25\$000
50 cavalos	250\$000
10 poldros	300\$000
19 poldrinhos	25\$000
12 burros	600\$000
2 cavalos de sela	140\$000

Fonte: Macedo (1967)

⁴² Ver anexo C.

Paralelo à formação de uma rede de núcleos urbanos nesses sertões,⁴³ a Coroa Portuguesa organizou o sistema de controle administrativo e taxação das economias produzidas no meio rural (em rede de currais e fazendas) em circunscrições denominadas “Ribeiras”, justamente em função das sesmarias se alinharem aos cursos d’água. Como demonstrou Nathália Montenegro Diniz pioneiramente, as ribeiras foram operadas apenas nos Sertões do Norte, mantendo-se o regime exclusivo de freguesias nas demais regiões. O boi era negócio e mercadoria, devendo ser registrado como tal. Logo, marcas de ferro representavam ribeiras e/ou freguesias, definindo a arrecadação do território, como bem analisou Diniz (2013). Um exemplo substancial desse controle é o manuscrito “Descrição da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações”⁴⁴, do ano de 1776, cujas anotações dão luz ao número de fogos, pessoas de desobriga, capelas, fazendas, vilas e freguesias, distribuídas entre as ribeiras do Ceará, Jaguaribe e Icó. Nesse momento, os sertões do Acaraú, Coreaú e a Serra da Ibiapaba estavam circunscritos na Ribeira do Acaraú,

Esra grande Ribeira q' toda é termo da Vila da Fortaleza de N. Snr^a. da Asumpsaõ, excepto a serra da Tabainha ou Ypiabapa, q' é de V^a. Viçosa Real a melhor de Indios q' a em todas estas Capitancias tem 75 Legoas de conta principiando nos Matoes da Parnaiba para parte do Norte e dividindo pela parte do Sul no Mundaú com a Ribr^a. do Ceará, como a simavimos, emaiç de 60 de Certão, até confinar com a serra de Quexeremobim, que pertence a Ribeira de Jagoaribe ficando-lhe aum lado ada Tabainha, ades Cocos, q' fazem extremas com a Capitania do Piauhy. Nesta Ribeira a trez Portos, aq' costumao' vir unz anos por outros, 20 barcos a carregar de carnes secas, coiros, e Pao violete, e fazem Florente a seo Comercio, etambem da Capitania do Piauhy, daqual sevem aqui vender m^{tos}. Gados. Tem quatro Freguezias de Portuguezes, huma Vila e huma Povoasão, com suas respectivas Paroquias de Indios (...) (Descrição, 1776, p. 4)

Para Brígido (1900), a Ribeira do Acaraú foi o território mais significativo da província do Ceará, em termos de atividade pecuarista, dada sua condição geográfica. A confluência de caminhos e de rios favoreceu a conversão da Ribeira em um ponto de intersecção regional, com o auxílio dos portos de Acaraú e Camocim, gerando um importante entroncamento com as capitancias do Piauí e Maranhão, como também Pernambuco e Rio Grande do Norte (Brígido, 1900; Girão, 2000). Na tabela 6, observamos os dados relativos à ribeira, que detinha o maior número de fazendas, capelas e habitantes.

⁴³ Já no século XVII havia um número importante de vilas consolidadas na Capitania do Ceará.

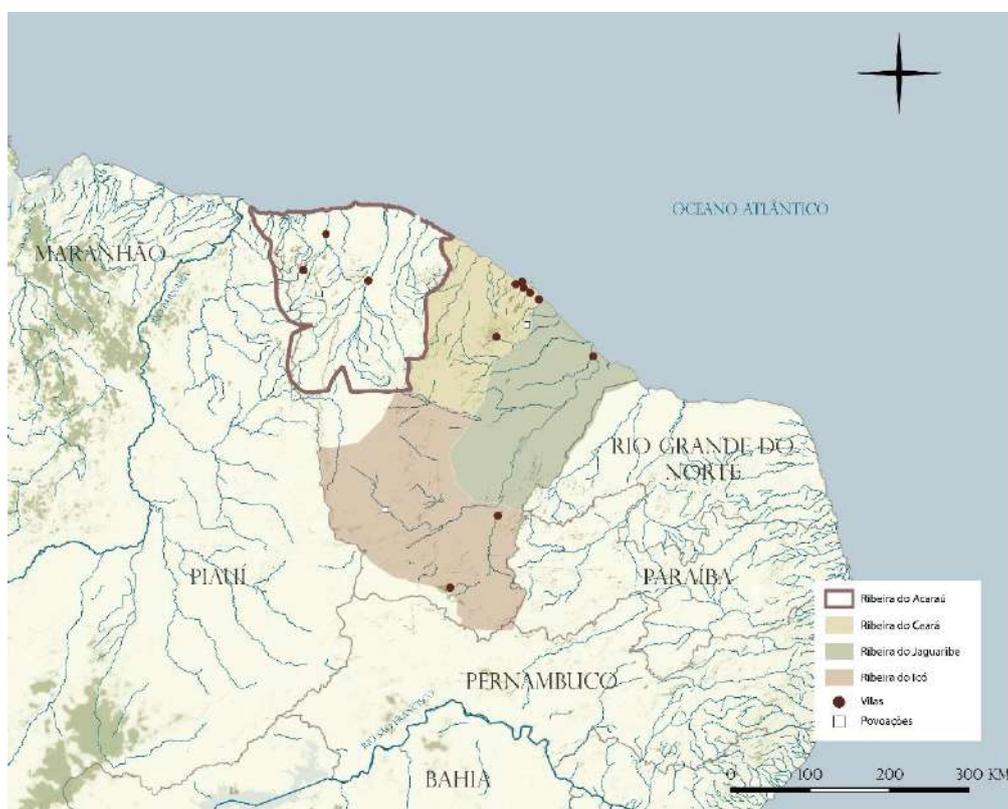
⁴⁴ DESCRIÇÃO da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações [Manuscrito], 1776. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

Tabela 6: Resumo das ribeiras da capitania do Ceará e respectivas arrecadações no ano de 1776.

Ribeiras	Vilas	Freguesias	Capelas	Fazendas	Fogos	Pessoas de desobriga	Dízimos
Ribeira do Ceará	6	7	10	93	2491	7600	1:130\$000
Ribeira do Acaracú	2	6	13	325	3404	11220	3:060\$000
Ribeira de Jaguaribe	1	2	6	240	1253	5449	3:470\$000
Ribeira do Icó	2	5	12	314	2583	9912	4:250\$000
Total	11	20	41	972	9731	34181	11:910\$000

Fonte: Descrição da capitania do Ceará Grande, 1776.

Figura 48: Ribeiras e vilas da capitania do Ceará no ano de 1776.



Fonte: Construção da autora com base no documento "DESCRIÇÃO da capitania do Ceará..." (1776).

O rosário de fazendas ao longo do sertão servia não apenas para o sustento de seus clãs familiares, mas também o abastecimento e financiamento do meio urbano em gestação, através da arrecadação por diferentes instâncias – Coroa, Província e a Câmara Municipal.

Elucidando as necessidades de obras públicas na vila de Sobral (Rocha, 2017), o Ouvidor Geral da Comarca, Dr. José da Costa Dias e Barros deu o seguinte provimento para

facilitar os meios pecuniários a fim de financiar obras públicas, no ano de 1778. É importante perceber como o Ouvidor salienta a importância dos fazendeiros, como os que possuem recursos necessários para o financiamento de tais benfeitorias (Frota, 1974, p. 208):

Provendo e differindo a representação feita pelos respublicos na Audiencia Geral da Preze. Correição **sobre a necessidade q. tem esta Villa de hua cadeia e Caza de Camera**; sendo incompatível com a Regiamente, e determinação de S. Mage. O mandou crear esta villa sem q. se estabelecessem as precisas disposiçõins pa. as das, obras, q. são indispençaveis pa. o exercicio da Justa.; e sendo conste. q. as dispesas de semelhantes obras costumão sempre ser deduzidas dos moradores respectivos como o mesmo Sr. Me foi servido determinar na Villa do Icó, **mandando fintar todas as fazas. de gado e dois bois cada hua, ou a dinheiro pa. a factura de Cada (...)** Conformando-me pois com este exemplo e com a disposição da Ord. Lib. 1º ttº 58 § 43 q. encarrega aos corriges. Das comarcas o cuidº de mandar fazer as obras publicas, cazas de conselho, e q., não tendo este dinro., o poderão fazer tirar por finta até a quantia de 4000 rs., **e visto que neste Paiz os senhorios de terras, e gados são os q. tem possibilidades, pa. a da., contribuição; pa q. esta seja mais suave,** e proporcionada às faculdes. De cada hum; determino o segte.

§1 – A câmara sem perda de tempo procederá a hum **alistamto. geral de todas as Fazas. e Sítios de crear gados compreendidos no tº. desta Villa;** advirtindo que este alistamto. será em 3 classes separadas (grifo nosso)

4000 reis – 1ª classe	as melhores, e mais povoadas fazendas; isto é, aquellas que comumente costumam render de trezentos bezerros pa. cima;
2000 reis – 2ª classe	as fazendas medianas q. rendem menos de 300, e mais de cem bezerros. Sítios de plantar mais lucrativos;
1000 reis – 3ª classe	as fazdas. q. rendem de cem bezerros pa. baixo (...) entrarão também em acerescimo separado todos os creadores q. tem alguns gados, ou lotes de bestas de seo ferro ainda q. não tenham terras próprias; comtanto q. vivão remediados Sítios de plantar menos lucrativos.

De fato, a lucratividade do meio rural naquele contexto era objeto de interesse da Coroa Portuguesa. Uma década após o provimento de Dias e Barros, as fazendas do vale do Acaraú foram inventariadas, para controle do fisco, na “Relação de Plantações e Creações de gado deste termo, que na conformidade da Ordem do II.mo e Ex.mo S.nr Governador Capitão General das três Capitanias deve fazer desta vila e remeter por cópias

autenticas ao dito S.nr do que diz este termo”, assinado em 20 de novembro de 1788 pelo Ouvidor Manoel de Magalhães Pinto e Avellar de Barbedo ⁴⁵⁴⁶.

O manuscrito discriminava informações relativas ao nome, título e profissão do inventariado, se era proprietário ou rendeiro, bem como nome e localização de cada propriedade e seu patrimônio, com tipo e número de cabeças de gado, instrumentos e colheita agrícola (na qual identificamos a predominância da cultura da mandioca, do algodão, do milho e de leguminosas). Havia ainda o controle quanto à comercialização da produção, como podemos observar em alguns trechos:

Francirco [X]a[v]eer [B]e[tt]acor morador na *fazenda* [NJ°]
E Rendeiro na dita fazenda do Capitão Manuel [er] [cop] ade Souza de
Sencoenta bracos de terra de Cumprido Com meya legoa de largo nodito Rio
que [gira] cepca efenda Com terras damesma fazenda [E] Senhor e poSuidor de
trezentos bracos de terra de plantas [] da Serra grande denominado C[opuay]ras
de Cumprido Com Cem bracos de llargo [que] precipia nas terras da Viuva
Francisca Pinto e fenda Com terras de [Ten]ente Antonio Rodregues
Dois Cavallos de sua fabrica -----
Vente Cabras -----
Deis Cabritos -----
dois machados tres eyxadas foice E uma - -
De Clarou que ecupa aterra que poSui [f. 86]

Cruz De Francisco + Antonio
[] de plantas denominado [Caza] na Serra da [Bençoquinha] no Riixo [Dr. de
Mu] []
Manifestou perante esta Camera Como Consta da Relacao aSenado por elle
enumerado Com onumero *primeiro* -----
Este prezente anno plantou duas mil Covas de mandioca que [Seo]xao in
SerEsemeando Eum prato de milho Colheu algum [] e emeyo para Seo gasto - -
[Tem] [Cultevado] Sinco bracas de terra de algodão Colheu E uma a Sobar em
CaroSos- ----- [f. 96]

Ao controle sobre as fazendas e sua respectiva produção, seja para a subsistência ou comercialização, crescemos também o papel do governo no controle da agricultura, regulando tipos de leguminosas a serem plantadas nos roçados, assim como a forma de comercialização para a população, já no século XIX (Arquivo Público do Ceará, 1821 apud Porto Alegre, Mariz e Dantas, 1994, p. 57),

Officio ao Comandante Antonio José de Vascos. VM pode e deve obrigar a todo o lavrador desse Districto que tem mandioca dever a desmanchar e vendella em farinha ao povo dessa (...)

Officio dirigido ao Comandante Antonio José dos Santos. Os roçados abertos se devem aproveitar senão há milho para plantar (...) só plantar tambem mandioca, feijão e batata e outros legumes ocazo estaem não perder tempo e terreno (...)

⁴⁵ RELLAÇÃO de Plantações e Creaçoens de gado deste termo (...) [Manuscrito]. 1788. Arquivo NEDHIS – UVA.

⁴⁶ Trecho paleografado pela historiadora Pamela Janes Vieira.

2.3. O pasto espiritual

A Igreja era parte basilar dos sertões, desde a fundação de ermidas em fazendas por parte de seus chefes familiares, assim como a doação de seu patrimônio – cabeças de gado e parte de suas terras (Jucá Neto, Andrade e Pontes, 2014). Pequenas capelas tornaram-se arraias e então vilas (Marx, 1991), portanto, a igreja também participou ativamente da modelagem do território da Capitania e depois Província do Ceará⁴⁷. No espectro da vida familiar nos sertões do Acaraú, a religiosidade também era moldada pela Igreja, que recebia seus emolumentos paroquiais com gado, algo que viria a ser questionado pelos próprios fazendeiros (Frota, 1974, p. 164),

Para a movimentação dos curas e vigários estabelecido antes de 1740 que anualmente cada fazenda pagasse ao Pároco um **boi de conhecença**, ou como se dizia então, de "aleluia". Também por ocasião das desobrigas pelas fazendas e sítios, **o chefe da família devia dar ao pároco dois vinténs de conhecença por cada pessoa que confessasse, não como preço de absolvição, mas como esmola e gratificação pelo incomodo da viagem (...)** No decorrer dos anos, como era natural, o boi já custava quatro, cinco e até seis mil reis (4,5,6, cruzeiros). Foi então que alguns fazendeiros julgaram dever reclamar contra o pagamento do boi da conhecença, e assim em maio de 1801 enviaram ao padre visitador Padre José Pereira de Castro um requerimento (...) (grifo nosso)

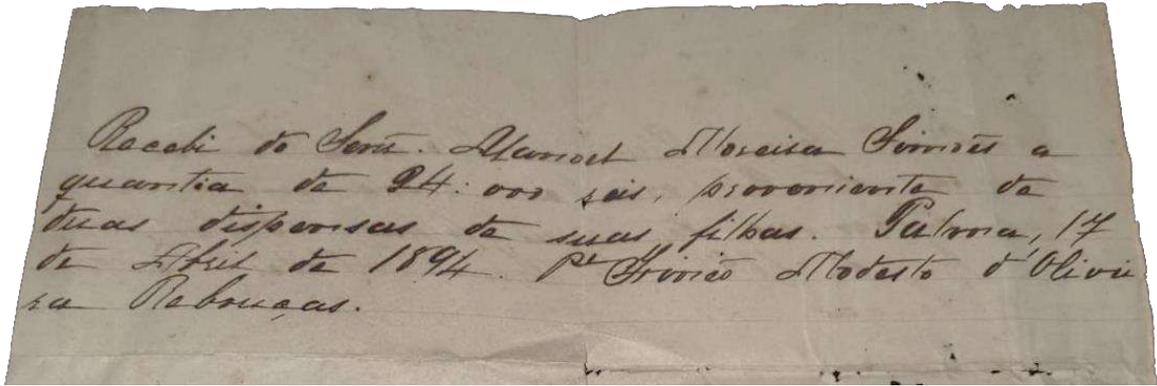
Ainda no século XIX, o patrimônio da igreja, no tocante as cabeças de gado, também era notado na presença de casas de caridade, proveniente de esmolas. D. José Tupinambá explicita ainda a sua administração, que ficava a cargo de homens importantes do sertão, como o dr. José Júlio de Albuquerque Barros⁴⁸, tesoureiro, e o Senador Francisco de Paula Pessoa, o qual cedia parte de suas terras para o abrigo destes animais (Ibidem, p. 262-263)

A casa possui ainda um rebanho de ovelas destinado a dotar as órfãs. Ele compõe-se atualmente de 340 cabeças, e está confiado aos cuidados do Excmo Senador Francisco de Paula Pessôa

⁴⁷ Ainda sobre o contexto urbano, outra situação curiosa era a realização de eleições políticas em igrejas (Frota, 1974, p. 375), "apesar das reclamações da autoridade eclesiástica, pois não eram raras as irreverências e profanações praticadas (...) Retirava-se o SS. Sacramento, removiam-se as imagens (...)".

⁴⁸ Barão de Sobral e cunhado de Giacomo Raja Gabaglia, membro da Comissão Científica de Exploração, proprietário da fazenda Jatobá.

Figura 49: "Recebi do Sr. Manoel Moreira Ferrões a quantia de 24:000 reis, proveniente da duas dispensas de suas filhas. Palma, 17 de Abril de 1894. Pe. Sr. Modesto d'Oliveira Rebouças".

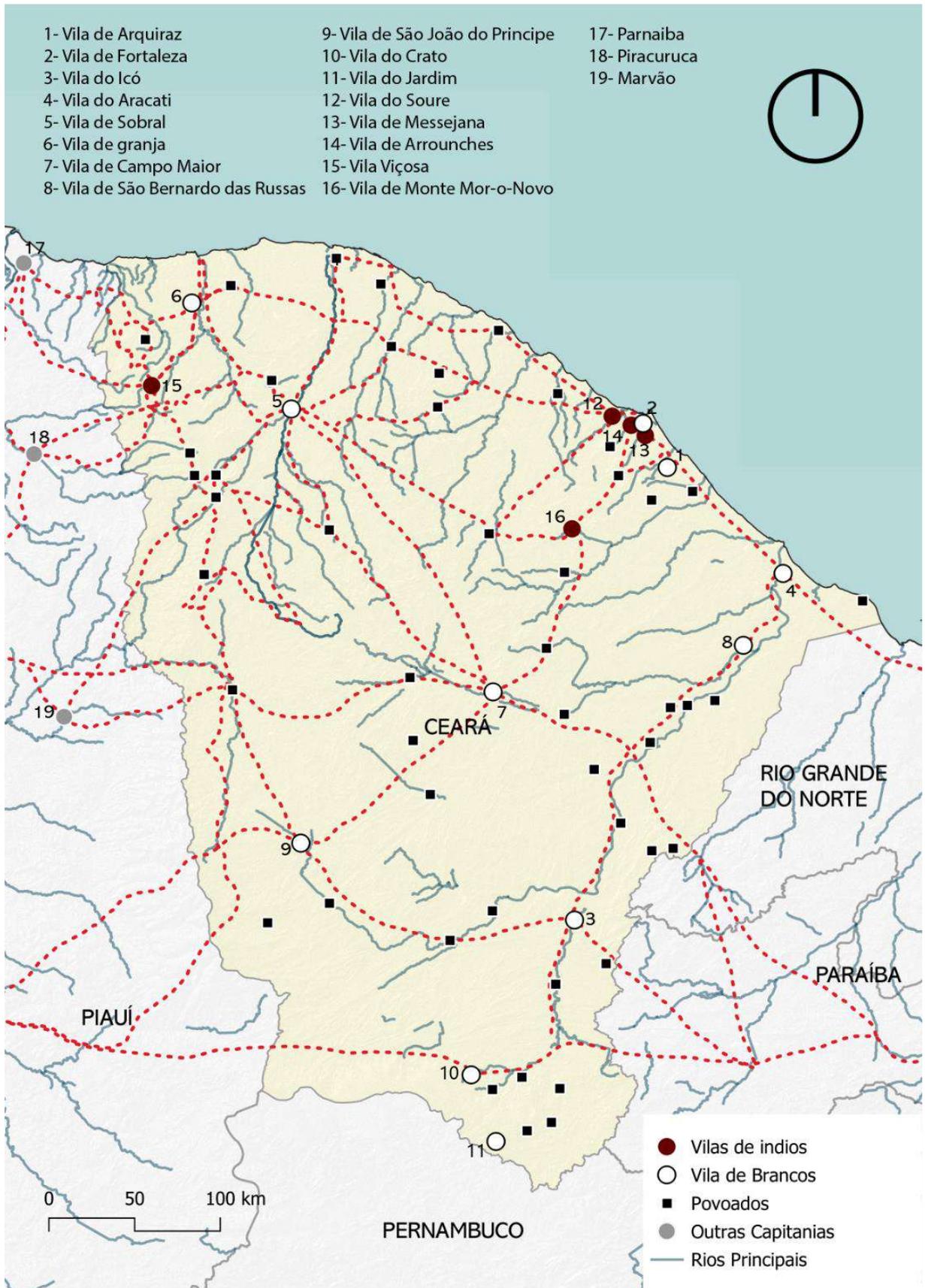


Fonte: Acervo do Sr. Belchior Conrado.

Assim, à luz de agentes e agências em disputa no sertão, moldavam-se os núcleos urbanos e rurais (figuras 50 e 51). Estes, por vezes em posição subordinada (quando os impostos sobre a produção rural sustentavam o meio urbano), mas sempre em consonância, como afirma Florestan Fernandes (1975, p. 81),

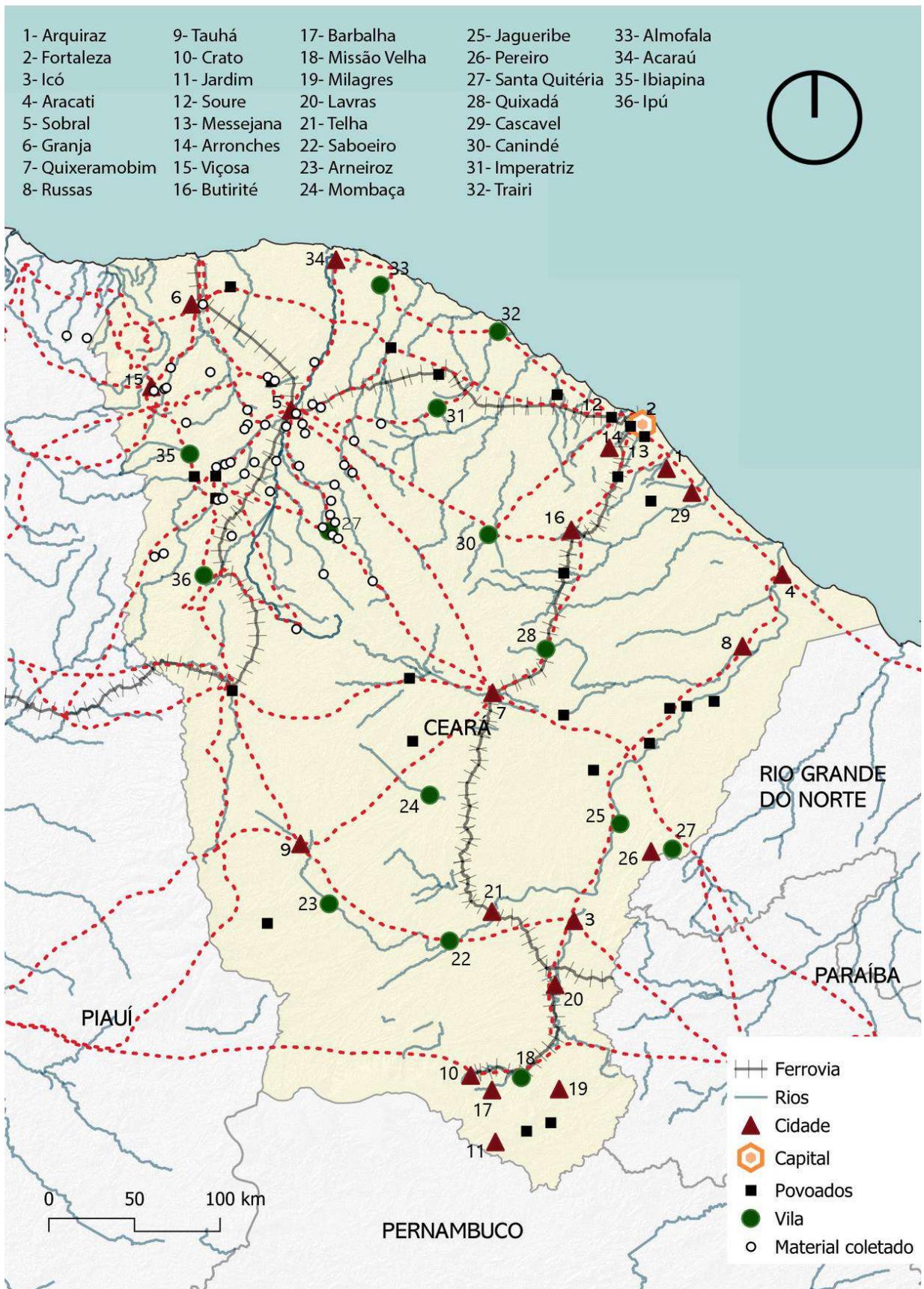
A maior parte das vilas dos séc. XVI, XVII e XVIII convertiam-se em tal em virtude de razões administrativas (funcionavam como cabeça de um conselho de câmara ou de um município). 'Ir à vila' era o mesmo que ir ao 'povoado' e, se prevalecesse o padrão português, muitas vilas seriam simples 'vilarejos' ou 'vilarinhos'. No entanto, em virtude dos riscos inerentes à hostilidade dos índios (primeiro) e à escravidão (em seguida), de exigências da vida religiosa e da administração civil, dos padrões de sociabilidade da plebe (que requeriam a intensificação periódica da vida social, através de festas profano-religiosas) e do padrão de vida dos proprietários agrícolas (que desempenhavam vários papéis sociais no e através do 'aglomerado urbano'), as vilas constituíam uma necessidade social. Não eram, em um sentido específico, dotadas de uma 'estrutura urbana'; mas preenchiam algumas 'funções urbanas', como o equivalente do burgo em um mundo rural que dispensava a massa de população no campo e que concentrava o poder nas mãos dos proprietários agrícolas. Assim, **a vila era um prolongamento e uma diferenciação do 'setor rural'** (grifo nosso).

Figura 50: Vilas, povoados e rede de caminhos no início do século XIX.



Fonte: Desenho da autora no Qgis, baseado em informações de Paulet (1817).

Figura 51: Cidades, vilas, povoados e rede de caminhos no final do século XIX.

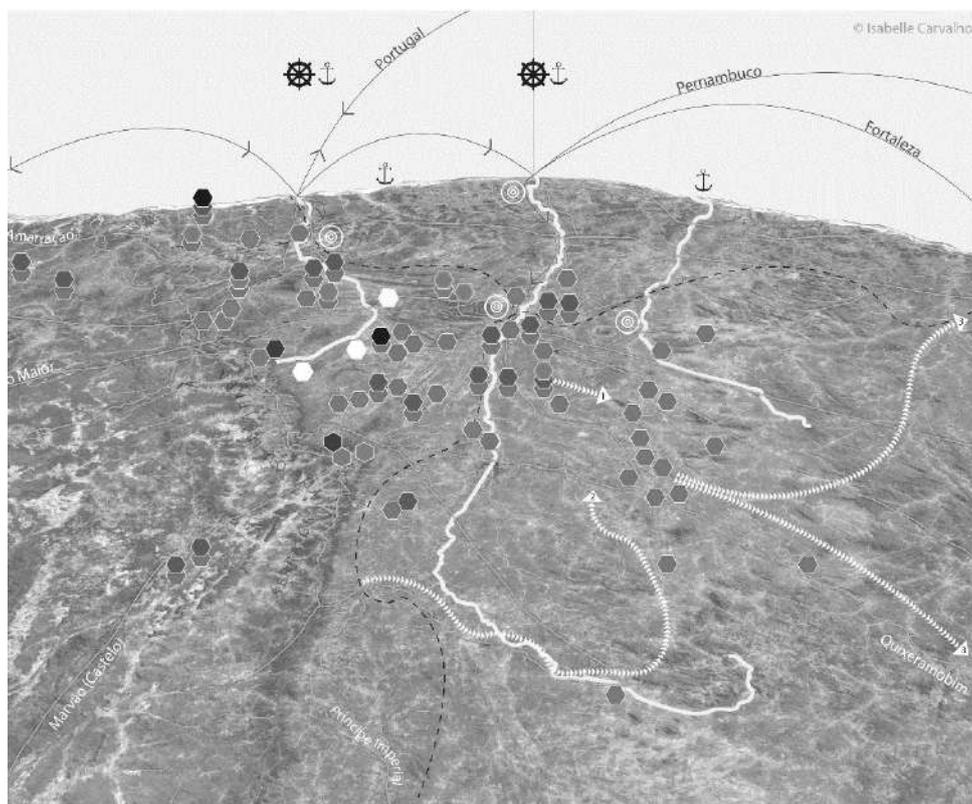


Fonte: desenho da autora no Qgis, baseado em Jucá Neto e Gonçalves (2019) e na "Carta Chorographica da Provincia do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge" (1882).

(...) requereu, e suplicou finalmente o corpo de Comercio desta Villa, que para augmento da agricultura, comercio e indústria a abertura de huma nova estrada directa desta Villa ao Porto de Jericoaquara, que dista vinte e duas Leguas pouco mais ou menos; aonde a custa da Fazenda Pública desta Provincia se fação armazéns para se recolherem os gêneros de importação; pois que assim se facilitará o Comercio Directo para os portos de Portugal (...)

D. José Tupinambá da Frota, História de Sobral (1995, p. 320)

Figura 52: fazendas em rede.



Fonte: autora (2021)

CAPÍTULO III. PARA O SUSTENTO DO TERRITÓRIO, FAZENDAS EM REDE

Fazendas e sítios são, antes de tudo, propriedades rurais, que delineavam as atividades econômicas nesses sertões, mas também abrigavam o cotidiano familiar. Atuaram sempre em conformidade com a paisagem, seja na extração de carnaúba, no criatório ou na lavoura. Individualmente, era a subsistência da família. Em rede, eram o sustento de todo o território – não apenas em favor do crescimento de seus núcleos urbanos –, formando também a identidade desses Sertões. Indo além, alcançavam outras províncias, como a do Piauí, de Pernambuco e mesmo Portugal ou a Inglaterra.

Fazendas e sítios também diferiam. Os sítios, geralmente localizados na serra da Meruoca ou na Ibiapaba, eram devotados a pomares de pequeno porte, possuindo também casas de farinha e/ou engenhocas. De menores dimensões, eram também a morada do fazendeiro aos finais de semana, ou mesmo lugar de migração do sertão, sendo refúgio em grandes períodos de seca, conforme relatado por Freire Alemão:

Na seca de 1845 afluíu para aqui grande número de retirantes, vindos do Riacho do Sangue, de Quixeramobim, de Mombaça e de Inhamuns. Por felicidade houve esse ano aqui muita fruta silvestre que lhes foi de muito socorro. Mesmo em [18]45 as árvores aqui não perderam as folhas. [f. 44] (apud Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 330)

Na depressão sertaneja ou no carrasco, as fazendas eram a lida cotidiana, local dos grandes e pequenos rebanhos. Principalmente de gado, poderiam ter unidades de produção dedicadas a outras culturas, como da cera de carnaúba, da cana-de-açúcar, da mandioca, da oiticica e do algodão.⁴⁹ Raramente abrigavam mais de uma cultura. Um caso particular remanescente é o da fazenda Groaíras, exemplar do século XIX, às margens do rio homônimo (figura 53), que possui casa de farinha, oficina para produção de cera de carnaúba e curral.

Grosso modo, a organização interna de fazendas tinha algumas premissas. A casa-sede está localizada no ponto mais alto do terreno, para o controle e visualização do cotidiano da propriedade por parte do fazendeiro. Na planície, os currais e cercados. É certa a proximidade com rios e riachos, havendo também obras artificiais, os açudes, nos quais havia pesca e cultura de vazantes em certos períodos do ano.

⁴⁹ Embora o algodão tenha forte presença rural, no que se refere às documentações levantadas, não encontramos resquícios substanciais nessas propriedades (como a presença de maquinário, por exemplo), optando, assim, por não abordar esta cultura.

Figura 53: Implantação da fazenda Groáiras, propriedade do século XVIII.



Fonte: Google Earth (adaptado) (2021)

3.1. Fazendeiros, agregados e outros atores sociais responsáveis pelo cotidiano rural nas propriedades

3.1.1. Escravizados

As pessoas escravizadas eram indígenas, e havia também povos de matriz africana. Embora não tenhamos encontrado dados sobre suas origens em inventários de fazendeiros do século XIX, há dados mais substanciais na documentação do século XVIII, estudada por Galdino (2013) e Souza (2015). Alguns inventários apontam origens de povos vindos da Angola, como também da Guiné⁵⁰. Trabalhavam no roçado nas fazendas. As mulheres escravizadas estavam principalmente nas tarefas cotidianas da casa-sede.

⁵⁰ Ibid., p. 95.

Tabela 7: Inventário de Bernarda Cavalcante de Albuquerque. Ano de 1777.

Terras	
Fazenda Caiçara do Jurê. ½ x 1 léguas cortadas longitudinalmente ao meio pelo riacho do Jurê	400\$000
½ légua de terra à margem do riacho Santa Cruz (apenas uma medida especificada)	60\$000
1,5 x 1 léguas	100\$000
Fazenda Olhos d'Água do Pajé. 2 ½ x 1 légua cortadas ao meio pelo riacho S. Ivan	200\$000
1 ¾ x 1 légua cortada ao meio pelo riacho São Ivan	130\$000
Fazenda São Bento. 1 x 1 légua cortada ao meio pelo rio do Aracatiaçu	200\$000
Fazenda São Domingos. 1 x 1 légua cortada ao meio pelo riacho São Ivan	300\$000
½ x 1 légua cortada ao meio pelo riacho São Ivan	200\$000
Gado	
500 cabeças de gado bovino "de toda sorte"	511\$480
9 cabeças de gado equino (cavalos mansos)	54\$000
20 cabeças de gado caprino	2\$400
500 cabeças de gado bovino "de toda sorte"	483\$080
54 cabeças de gado equino e muar "de toda sorte"	190\$000
20 cabeças de gado caprino	2\$400
500 cabeças de gado bovino "de toda sorte"	256\$000
96 cabeças de gado equino e muar "de toda sorte"	264\$600
20 cabeças de gado caprino	2\$400
Escravizados	
1 negro de Angola com doença na perna com idade aproximada de 25 anos	50\$000
1 negro angolano com 26 anos	80\$000
1 negro crioulo com 18 anos	85\$000
1 negro angolano com 26 anos	85\$000
1 negro angolano com 20 anos	85\$000
1 negro angolano com 25 anos aproximadamente com uma doença na perna originada de mordida de cobra	40\$000
1 negro angolano com 22 anos	85\$000
Outros bens	
1 espada	\$400
2 machados velhos	\$320
1 conjunto de enxó e martelo	\$320
1 marca de ferro	\$320
1 serrote	\$240
1 carro de bois de sucupira	8\$000
1 mesa de cedro com seis palmos de comprimento	2\$000
2 portas novas com fechaduras mouriscas e dobradiças de ferro	4\$000

Fonte: Rocha (2003, grifo nosso)

3.1.2. O vaqueiro

O vaqueiro era um trabalhador livre e funcionário de confiança do fazendeiro. Lidava com o gado, ordenhando vacas, separando bezerros, domando potros, ferrando o gado em

geral, manejando rebanhos pelo sertão (tangedores) e se dedicando ao roçado. Também trabalhavam com a manutenção da infraestrutura da fazenda, refazendo cercados, fiscalizando o trabalho de moradores e outras pessoas subordinadas. Havia, ainda, os contratados para jornadas de trabalho, que recebiam por diária. Eram pessoas que trabalhavam com o corte da palha de carnaúba ou pescadores que iam até açudes das fazendas, por exemplo.

Encontramos, também, o passador, que fazia a condução dos animais para os mercados costeiros. O vaqueiro não o fazia pois não podia interromper seus cuidados com a criação do gado. “Os animais aptos ao corte eram escolhidos na época certa ou desejada e as boiadas, de cem, duzentos, ou mesmo trezentas cabeças de gado, conduzidas ordinariamente para as cidades” (Puntoni, 2002, p. 37). O passador recebia pelo número de cabeças passadas até o destino. Em nossos sertões, contudo, não encontramos registros desse ator. Ao que parece, o vaqueiro possuía mais esse encargo.

Sua família e agregados moravam nas fazendas⁵¹ e eram responsáveis, muitas vezes, pela vida cotidiana da casa. As esposas de vaqueiros e outros moradores cuidavam da casa-sede, cuidando da cozinha, fazendo doces e queijos. Já seus filhos, uma vez crescidos, costumavam trabalhar como ajudantes dos vaqueiros ou nos roçados. Recebiam cabeças de gado como pagamento, mas há também o relato de Freire Alemão acerca de pagamentos em dinheiro e alimentação: “os trabalhadores ganham, dando-se comida (Camurupim ou cará⁵², farinha e feijão), 14 vinténs diários; [n]o ano passado ganhavam 12 vinténs [...]” (Silva Filho, Ramos, Rios, 2011, p. 407).

3.1.3. O Fazendeiro

Inicialmente sesmeiro, o fazendeiro tinha as mais diversas procedências. Pernambuco, Rio Grande do Norte ou mesmo Portugal são algumas das origens de fazendeiros nos sertões do Acaraú, Coreaú e Serra da Ibiapaba. O panorama oitocentista mostra que nem sempre esses senhores possuíam ascendência abastada. O senador Francisco de Paula Pessoa, por exemplo, antes de fazendeiro, fez comércio ambulante entre Granja e Sobral (Macedo, 1967). Suas posses, contudo, davam-lhe *status* de nobreza e relevância política (Faoro, 2001), dominando as cenas municipais sob a alcunha de

⁵¹ Quando o fazendeiro passa a residir em núcleos urbanos, ainda no século XIX, o vaqueiro e sua família, em alguns casos, passam a morar na casa-sede (em exemplares com apenas uma construção de moradia), sendo uma prática perpetuada até os dias atuais.

⁵² Espécie de peixe.

coronéis, capitães e majores. Ainda sim trabalhavam no meio rural junto ao vaqueiro, coordenando boiadas ou vistoriando a lavoura.

Visando perpetuar seu *status* nos sertões, casavam-se através de relações endogâmicas, com primas ou primos e viúvas de sua família; ou através de relações de poder, com pessoas de outros potentados da região, clãs pastoris (Macedo, 1967), símbolo de uma aristocracia matuta (Girão, 2000). Ainda no espectro das relações de poder, havia o apadrinhamento político, tal como o senador Francisco de Paula Pessoa e seu amigo Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (Sousa Neto, 2019), o senador Pompeu.

3.1.4. Redes familiares

Visitando livros de genealogia, desenhamos a série de redes familiares atrelada à arquitetura, a qual se inicia através dos pedidos de sesmaria de João Pinto de Mesquita, alcançando a geração de Francisco de Paula Pessoa, conhecido pela alcunha de “senador dos bois”. Pessoa era casado com Francisca Maria Carolina (bisneta de João Pinto de Mesquita). A partir destes atores, aglutinamos várias propriedades.

Dada a complexidade da rede – cerca de 100 pessoas e 57 fazendas, das quais conseguimos relacionar 80 pessoas e 20 fazendas –, em determinado momento da pesquisa precisamos do auxílio do software aberto *My Heritage Family Tree Builder*, de modo a organizar toda a trama (figura 54).

A partir disso, encontramos outra ramificação, originada com a vinda de Jean Fontaneille, engenheiro, ao Ceará a fim de explorar supostas minas de prata na Ibiapaba. Posteriormente, Fontaneille se estabeleceu na Villa Viçosa Real (Girão, 1953), e seus descendentes espriaram-se pela serra e desceram, fixando fazendas em Viçosa e Granja e na província do Piauí (em Piracuruca, que possui caminho direto para Viçosa, e em Amarração). Tais fatos podem ser comprovados através de dois acontecimentos:

I. Os cargos políticos que João Martiniano Fontenelle (filho de João Damasceno Fontenelle, nono filho de Jean) exerceu em Piracuruca;

II. As fazendas de gado inventariadas por nós na região de Luís Correia (Ipueiras) e Cocal (Santa Rosa), de descentes Felipe Benício Fontenelle, terceiro filho de Jean.

Entre clãs e fazendas havia, em alguns casos, uma espécie de empresa familiar, na qual um membro da família administrava o controle de dízimos e do comércio do gado, representando pais, filhos, tios ou primos. É o caso de Francisquinho (Francisco Pessoa), neto do Senador dos Bois, que administrava o gado (dividido por fazendas) de sua madrinha e seu tio Rodrigues Júnior (figura 55).

Figura 55: "Dízimos de 1892. Notas do caderno de dízimos de Francisquinho".

- Dízimos de 1892 -

incluindo as sortes de injunção.	São das fazendas.	Apresentei estas listas
Veloso (Sto. Francisco) 25	20	14
Alcos (Araçatj.) 38	32	22
Passagem (Sto. Francisco) 38	29	20
Quá () 20	16	10
Ados (Sto. Francisco) 58	47	30
Roga (Sto. Francisco) 57	46	36
As fazendas a cima são de minha madrinha D ^{na} Antonia F.		
Fazendas de meu tio Rodrigues Junior		
Volta (Sto. Francisco) 35	28	22
Jesuá (Sto. Francisco) 51	41	35
S. Damascão (Sto. F.) 52	42	35
Cornuá brachas (Sto. F.)		25
Primos (Sto. Francisco) 23	19	15
S. Domingos (Sto. F.) 59	48	38
Minhas fazendas.		
Pocora (Sto. Francisco) 61	49	41
Vermejo (Sto. Francisco) 63	51	45
P. Cosme (Sto. Francisco) 40	32	26
(Sto. Francisco) 42	34	28
Costa (Pauhinha) 29	24	20

Fonte: Santos (2008).

3.2. Matrizes de produção e identidade

3.2.1. Agricultura

Os tipos mais comuns na lavoura eram o arroz, milho, feijão e leguminosas, geralmente para consumo interno da fazenda, mas também eram comercializados em casas

de comércio de núcleos urbanos. Essas plantações poderiam ser feitas em jirau (estrutura elevada que evita o consumo por parte dos animais da fazenda) ou através da cultura de vazantes. Esses espaços ocorrem às margens de recursos hídricos, em faixas de terrenos ribeirinhos. Durante o período de estiagem, são trechos de terra que preservam umidade do solo, propícios à lavoura. A prática da cultura de vazantes também era utilizada na plantação de capim para alimentação do gado:

(...) em numerosos locais durante a estiagem, quando os rios secam, o próprio leito dos cursos d'água é parcialmente utilizado para produção agrícola, centrada em produtos alimentares básicos. Nas áreas ditas de "sequeiro", de modo muito descontínuo, plantam-se algodão, palmas forrageiras e roças de mandioca ou milho, cuja produtividade fica na dependência de "bons" períodos chuvosos (...) (Ab'Sáber, 2021, p. 92)

(...) no Nordeste seco o lençol se afunda e se resseca e os rios passam a alimentar o lençol (...) Nessas circunstâncias o povo descobriu um modo de utilizar o leito arenoso, que possui água por baixo das areias de seu leito seco, capaz de fornecer água para fins domésticos e dar suporte para culturas de vazantes". propiciando o cultivo de hortas e pasto para o gado. É, portanto, uma cultura de entressafra. O cercado, nesse caso, é denominado piquete e organiza e protege a lavoura de animais soltos no campo. Também pode reservar a pastagem para o gado, em espaços onde ainda há terra úmida após a temporada chuvosa. São montados através de sulcos abertos por enxada. (Ibidem, p. 85)

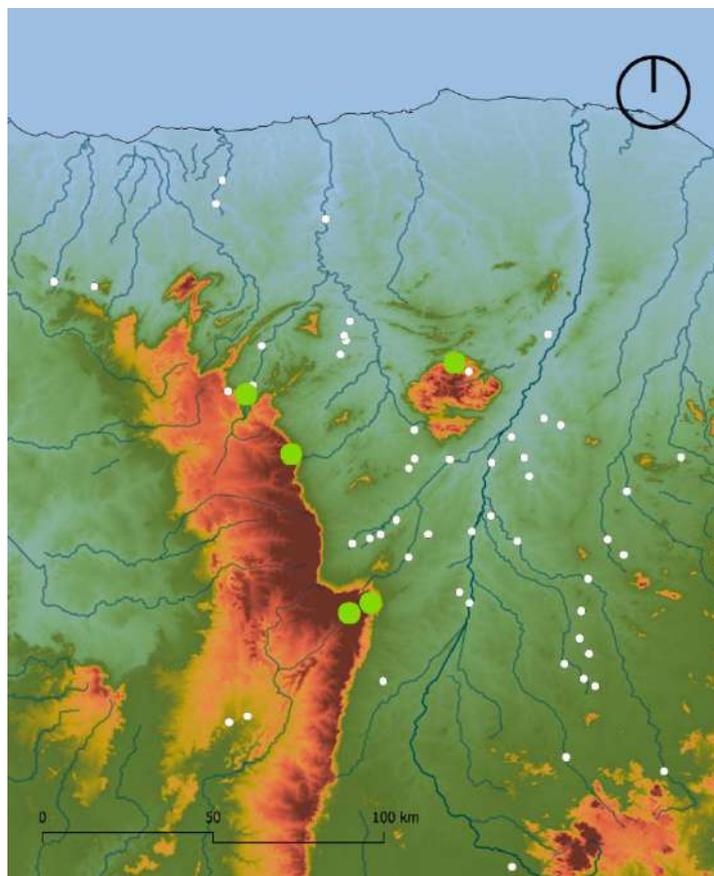
Figura 56: piquetes para cultura de vazantes. Fazenda Ypiranga, Forquilha (CE).



Fonte: autora (2021)

3.2.2. Cana-de-açúcar

Figura 57: localização de engenhocas.



Fonte: autora (2021).

Observando a figura 56, percebemos que a localização dos sítios produtores de cana é quase unânime, nas serras da Meruoca e Ibiapaba. O solo e o regime climático favorecem a cultura do açúcar.

A cana rende muito aqui, assim uma pipa de garapa de 80 canadas (cana dá oito garrafas) dá 16 canadas de aguardente, e no Ipu só dá oito e mesmo sete. O açúcar porém do Ipu é melhor que o daqui; que é sempre trigueiro. (No Ipu o Teixeira nos disse que purga o seu açúcar com água, que fica em dois dias pronto, e muito claro; assim porém perde muita parte sacarina, com o que se não importa, porque faz dele aguardente) (Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 330).

Os primeiros engenhos funcionavam com tração animal do gado vacum (figura 58), sistema que não encontramos no momento do levantamento. O uso de animais serve apenas para o carregamento de cana em época de colheita com auxílio de cangalha de madeira (figura 59), como no engenho Nogueira, no distrito de Lambedouro, Viçosa do Ceará.

Figura 58: engenho com tração animal. Guaraciaba do Norte (CE).



Fonte: Biblioteca do IBGE.

Figura 59: Jumento carregando cana com auxílio de cangalha. Viçosa (CE).



Fonte: autora (2021)

Da produção faz-se o caldo de cana, o alfenim (doce feito a partir do melaço da cana) e a rapadura (figura 60), doces típicos na dieta do sertão.

Figura 60: preparo da rapadura em caldeirões. Sítio Caranguejo, Meruoca (CE).



Fonte: autora (2021)

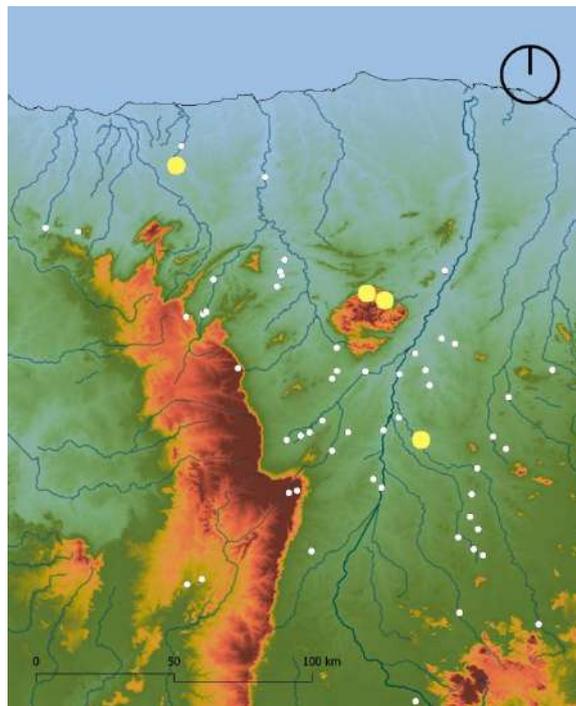
Figura 61: Rapadura pronta para consumo. Sítio Caranguejo, Meruoca (CE).



Fonte: autora (2021).

3.2.3. Mandioca [ou macaxeira]

Figura 62: localização de casas de farinha.



Fonte: autora (2021).

Todas as casas de farinha encontradas estão desativadas, exceto a casa de farinha do sítio Caranguejo, na Meruoca. Há, entretanto, em todos os exemplares, diversos equipamentos, como raras prensas em madeira de mais de dois metros de altura (figura

64). Da casa de farinha saía a farinha de mandioca, a tapioca e o beijú, alimentos de origem indígena.

Figura 63: Casa de farinha, fazenda Groaíras.



Fonte: autora.

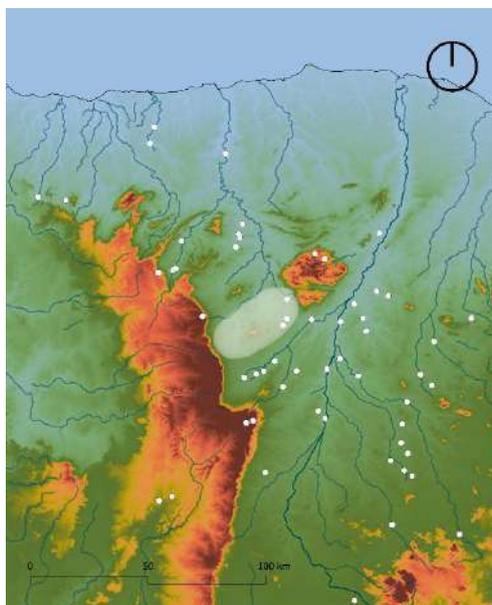
Figura 64: Prensa de mandioca. A retirada da água da massa diminui a fermentação que pode alterar o sabor da farinha, evitando a formação de goma e de grumos da massa. Fazenda Groaíras (CE).



Fonte: autora (2021).

3.2.4. A Cal

Figura 65: localização dos campos calcáreos.



Fonte: autora (2021)

Não havia produção da cal dentro de fazendas. Era espelhada no território, sobretudo na região que compreende o distrito de Aprazível, em Sobral e em Frecheirinha, no sopé da serra da Ibiapaba. Consiste em uma produção rudimentar. A produção da cal está intimamente ligada à arquitetura, seja pelo uso como elemento preponderante na produção de argamassas como também na caiação das paredes das casas e edificações lindeiras construídas no século XVIII de taipa de mão e no século XIX com alvenaria de tijolos. No âmbito das economias vigentes nos sertões do Acaraú, constituiu-se como atividade concomitante ao ciclo do gado e da carnaúba, garantindo a sobrevivência como atividade complementar (Albuquerque, 2020). Na Ibiapaba, Freire Alemão observou uma técnica mista com goma de tapioca.

Há porém uma coisa, que agrada aqui, e é que todas as casas que têm frente para a quadra são caiadas com o que aqui chamam **tabatinga**, que **preparam juntando certa quantidade de goma de tapioca, ou grude**. E ficam tão alvas, tão bem caiadas, que eu teimei com um sujeito daqui que me asseverava que era tabatinga, e não cal. É mesmo superior à cal, segura melhor que ela, não tem os seus inconvenientes, e despertalhe a alvura (apud Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 363, grifo nosso).

Figura 66: Forno de cal de pedra. Século XIX.
Aquarela de Reis Carvalho.



Fonte: Beserra e Jacó (2017)

Figura 67: Caieira desativada em Coreaú (CE).



Fonte: autora (2021).

Figura 68: Jazida de pedras calcárias. Frecheirinha (CE), [19--]. Século XX.



Fonte: IBGE.

Figura 69: Forno de cal em Frecheirinha (CE), [19--].



Fonte: IBGE.

Figura 70: Depósito de cal. Frecheirinha (CE), [19--]. Primeira metade do século XX.



Fonte: IBGE.

3.2.5. Carnaúba

Figura 71: "Carnahubal no município de Acarahú" [S.l.: s.n.].



Fonte: Biblioteca do IBGE.

A carnaúba (*Copernicia prunifera*) é palmeira símbolo não apenas do Ceará, como também do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Dela, tudo se faz. Suas raízes têm uso medicinal, seu tronco é estrutura de cobertura e crucial para a estruturação de currais de mourão. Da palha, resultam o artesanato (cestas, esteiras, chapéus etc.), cera e vela para lampiões. Os frutos, ricos em nutrientes para ração animal.

Figura 72: Productos da Carnaúba Ceará. Ilustração de Carlos Linde, século XX. [S.l.: s.n.].



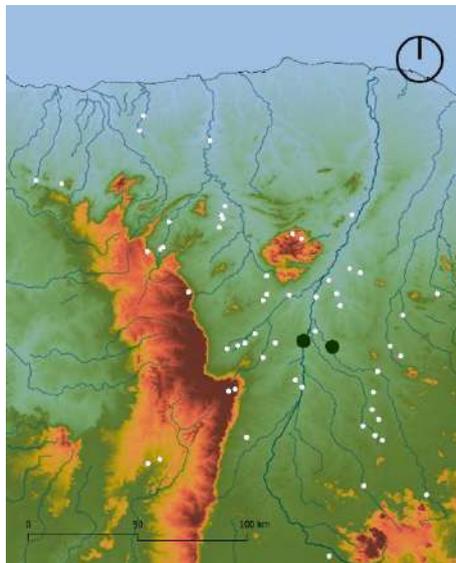
Fonte: coleção da Fundação Biblioteca Nacional.

Em tempos de escassez, como na grande seca de 1877-1879, a carnaúba assistiu muitos flagelados, o que foi retratado, por exemplo, pelo romancista cearense Rodolfo Teófilo em *A Fome: Cenas da seca do Ceará* (2011, p. 60),

A goma de carnaubeira enchia uma grande cuiá com uma alvura de neve. Como a tamareira dos desertos africanos, a carnaubeira nos sertões do Ceará abriga as caravanas de retirantes à sombra das frondes e dá-lhes para comer a fécula das hastes novas. O sol já caía muito para o ocaso quando Freitas chegou ao rancho. Fervia uma panela de mingau e Josefa de vez em quando atiçava o fogo (...) depois do efeito da água férrea, convinha apressar o ponto do mingau. Freitas louvou-lhe a diligência e admirou a quantidade de goma extraída de tão pouco palmito. (...) Aquela goma dava excelente papa e tão sadia como a de araruta.

Apesar do território com farta presença de carnaubais nos sertões do Acaraú e Coreau, encontramos apenas duas fazendas com unidades de produção de cera de carnaúba; as fazendas Groaíras e Retiro, ambos exemplares do século XIX.

Figura 73: Fazendas produtoras de cera de carnaúba.



Fonte: autora (2021)

A primeira fase do processo é o corte, durante o qual usa-se foices acopladas a varas de bambu ou madeira, geralmente de grandes dimensões para atingir as palmeiras de porte pleno (figura 74). A palha deve estar seca e com coloração verde. Depois do corte, as palhas são organizadas em fachos e transportadas até o lastro (grandes pátios ou áreas livres para a secagem) (figura 75) por animais de carga, com apoio de cangalhas. A palha passa por secagem de 8 dias, às vezes em áreas abertas no mato (lastro) (figura 77), próximas aos locais de extração, ou nos terreiros revestidos de tijoleira de barro, nas fazendas mais requintadas. As folhas são batidas manualmente, para desprendimento do pó (figura 78), que será comercializado. As ramas que ainda não se abriram (chamadas olho da carnaúba) produzem cera e pó mais claros, considerados de maior qualidade. Depois disso, essas ramas são moídas e cozidas, transformadas em cera, que posteriormente vão para as formas, também chamadas de gamelas (figura 80). O bagaço que sobra do cozimento vai para a prensa (figura 79), é coado com palha e depois utilizado como adubo.

Figura 74: foice utilizada para o corte de palha.



Fonte: autora (2021)

Figura 75: transporte da palha de carnaúba em Jericó, Messejana - século XX.



Fonte: Aba Film/ IBGE.

Figura 76: Carnaúbas desfolhadas, indício claro de exploração. Moraújo (CE).



Fonte: autora (2021).

Figura 77: Lastro com palha de carnaúba recém extraídas. Sobral (CE).



Fonte: autora (2021).

Figura 78: Pó da cera de carnaúba. Fazenda Angico, Croatá (CE).



Fonte: autora (2021).

Figura 79: prensa de carnaúba. Fazenda Groáiras.



Fonte: autora (2021).

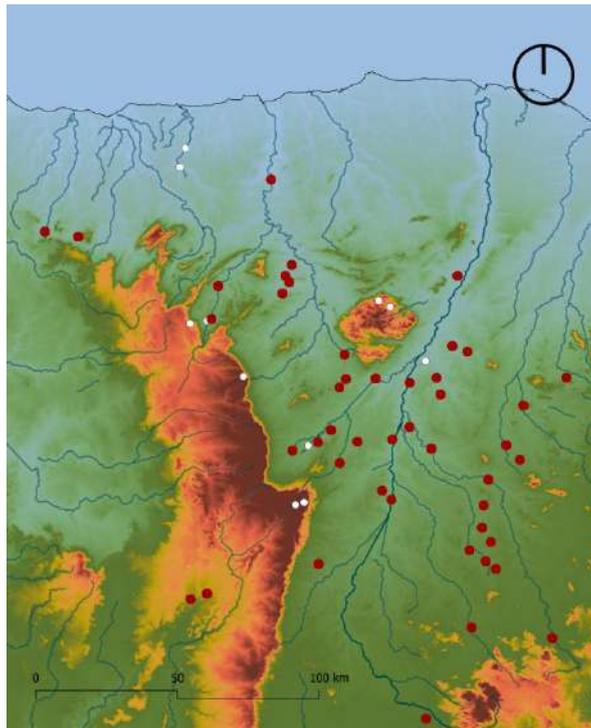
Figura 80: formas em alvenaria para cera em blocos. Fazenda Retiro.



Fonte: autora (2021).

3.2.6. O gado

Figura 81: Fazendas devotadas ao criatório.



Fonte: autora (2021)

Os tipos de gado encontrados nos documentos do século XIX se dividiam em: I. Vacum, relativo a animais bovinos (bezerro até um ano de idade, e novilho ou garrote de um a três anos de idade)⁵³; II. Cavalari, relativo a equinos (égua, cavalos e potros); III. Cabrum, relativo a caprinos (cabras, bodes e cabritos) e IV. Lanígero, relativo a ovelhas, animais que produzem lã. Em inventários, os animais do criatório eram discriminados por gênero (fêmeas e machos), por sua mansidão, se possuía crias ou se era castrado, como podemos observar abaixo no inventário do coronel Vicente Alves da Fonseca (tabela 8).

Tabela 8: Inventário de Vicente Alves da Fonseca. Ano de 1842.

Terras	
1 x 3 léguas de terra cortadas pelo rio Barriga	60\$000
1 posse de terras de criar gados no Rio Macaco, no lugar denominado Alegre na Freguezia de Santa Quitéria	55\$000
½ legoa de largo na Fazenda denominada São Ruberto na Freguezia de Santa Quitéria	30\$280
3 x 3 trez legoas de terras no Riacho do Canhamotim, na Freguezia de Santa Quitéria	1.200\$000
Gado	
55 vacas parideiras	550\$000

⁵³ Na região do rio Aracatiçu encontramos também outras classificações: *bezerro* é o animal de 1 a 2 anos de idade; *novilhote* de 2 a 3 anos; *boi de ano* de 4 anos, e *boi de dois anos* para o gado vacum com 5 anos de idade.

15 novilhotas fêmeas	105\$000
12 garrotas fêmeas	60\$000
2 bois manços	32\$000
2 bois de lote	20\$000
8 boiotes	56\$000
11 novilhotes machos	66\$000
15 bestas novas paridas	210\$000
3 potras fêmeas de muda	36\$000
1 cavallo novo pai de bestas	25\$000
7 cavallos novos capados	140\$000
1 cavallo velho capado	10\$000
4 potros machos de anno e meio	48\$000
1 burro novo	30\$000
3 potras fêmeas de muda	36\$000
Outros bens	
Da se lhe em dinheiro de ouro onze peças	110\$000
Da se lhe humas armações de oculos de ouro em bom uso com o pezo de nove oitavas e meia,	23\$750
1 faca aparelhada de prata com o pezo de vinte quatro oitavas de prata e huma oitava e meia de ouro,	7\$590

Fonte: Costa (2000, grifo nosso)

“[...] O gado não requeria cuidados especiais. Bastava-lhe a pastagem dos vales úmidos e água de beber” (Menezes, 2015, p. 390). Ao contrário do que afirmava Djacir Menezes, o cotidiano do criatório envolvia uma série de cuidados, como o tipo de alimentação, a atenção às intempéries, a proteção contra animais silvestres e o manejo em campos indivisos.

A alimentação desses animais era variada. Os frutos da carnaúba eram alimento para os suínos e o gado cavalariço, enquanto as cascas da oiticica serviam de alimentação para os bovinos. Dentro da generalidade do capim, havia também várias observações quanto ao sabor do leite e do queijo, a depender do tipo de planta ingerida, conforme relatado por Francisco Freire Alemão:

Disse nos o nosso hóspede Pimentel que o mata-pasto não é muito antigo, que vai invadindo sempre os campos e que quando é muito embastido [embastado] mata o pasto, qualquer que seja; [f. 177] outra planta, a que chamam aqui hamborral [bamburral] (bamborral [bamburral]-de-cheiro, alfazema-brava etc. em outro lugar) e que é uma espécie de Hyptos faz também muito mal aos pastos; **o ervanço é uma teleranlhera [?] ou outra amaratheia que serve também de pasto ao gado. É crença aqui que o gado ou vacas nutridas com a rama do mororô [mororó] dá muito bom leite para queijo; o feijão-bravo também faz bom leite, e provavelmente a canafistula** — a vaca nutrida com rama de juazeiro dá um leite que não é saboroso) (apud Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 423, grifo nosso).

Além das solas de couro, itens indispensáveis da cultura sertaneja, do gado vacum também se extraía o leite, matéria prima para a comercialização e fabricação de queijo e doce de leite, que fomentavam a economia e identidade locais,

Vimos uma caxeta de doce de leite feito na Granja, que é leite cozinhado e engrossado com açúcar, até formar uma sorte de marmelada, que se guarda até mais de ano; e com ele D. Maria preparou-nos uma xícara de café, que ficou perfeito café com leite. (Ibidem, p. 461).

Dados sobre a produção de queijos descortinam mais detalhes a respeito das relações entre fazendeiro e vaqueiro, como na carta abaixo, em que o senador afirma ser vítima de negócios escusos de seu vaqueiro quanto à venda de queijos provenientes dos gados de suas fazendas,

Me falte o respeito, cometendo uma velhacada, vendendo o q' e meu escondido, ou fazendo em lugar de um queijo de 14 libras p.r dia, 2 queijinhos de 8 libras cada um como se leite de 60, 80 vaccas desse queijinhos de 8 libras somente (...) Sou seu Ven.or – PAULA PESSOA. (Costa, 2000, p. 94)

Ainda no âmbito do trabalho do vaqueiro, observemos algumas dinâmicas retratadas também pelo Senador dos Bois, entre suas fazendas e na paisagem:

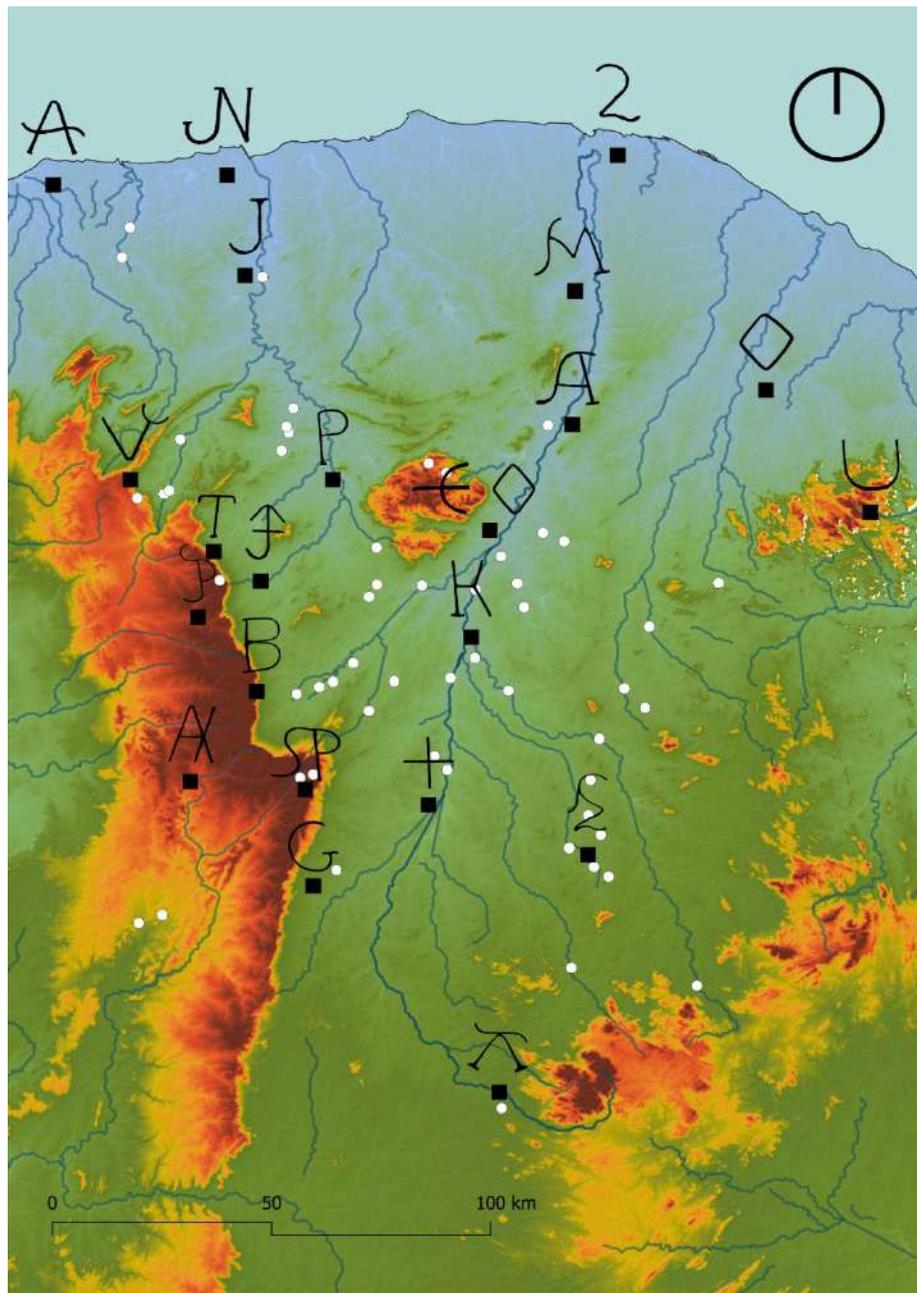
Snr. Diogo Glz' Mag.es - São Damião, Sobral 19 de Maio de 1867
Devemos este ano ajuntar os gados espalhados – no princípio do mês q' entra, o Sr. Diogo deverá ir p. a ajuntar **do Pé da Serra Gr.de do Ipu até Tamboril** – rio Acaracú, riacho Feitoza, Tubiba, **Rio Macaco, Jacurutu** & até Picos de baixo – p.a essa junta vão os vaq.ros de Sam. Cosme, S.m Damião, Poço Comprido, Boa Vista, Pé da Serra, Nova Virginia e Ladino, **cada um leva uma pessoa e 2 cavallos, são 14 pessoas** – matasse um boi do monte, darei alguma farinha, q' não sou obrig.do – O Director he o Sr. Diogo Glz'. Pode lá pelo pé da Serra Gr.de, ou p.r onde achar conveniente (...) **Além dessa junta m.do fazer daqui p.a a Lapa, Riachão, Jaibaras – subir Acaracú acima, Muquém até a Boa Vista do Corr.el Felis, e tão bem mais 2 juntas, uma p.a o Curú, outra p.a Quixer.** (...) **este anno compramos 1600 garrotes do Piauhi, esse gado está todo espalhado em busca da Serra Gr.de** e não me faz conta perder um só (...) o q' se pegar será solto na Carnaubinha, Pastos Bons, e S.ta Roza até p.r q' he aonde este anno há capim, q esse gado possa bem passar a secca (...) (Costa, 2000, p. 125, grifo nosso)

Alguns caminhos sugeridos pelo fazendeiro mostram o quão dinâmica é a paisagem rural e como demandava tempo para a administração dos bens rurais. Na primeira carta, as juntas de vaqueiros deveriam percorrer longos caminhos. Do Ipú a Tamboril, por exemplo, anda-se aproximadamente 110 quilômetros. Apesar de mobilizar muitas pessoas para a atividade de conduzir o gado, a paisagem infinita dá indícios das ocorrências nesses sertões, como a perda de cabeças de gado.

Nesse sentido, as marcas de ferro⁵⁴ que representavam freguesias do Ceará, embora criadas para o controle alfandegário, também eram basilares para a identificação do gado de cada fazendeiro em uma paisagem indivisa. No Ceará, a marcação do gado acontece com duas peças, o ferro, que representa a marca da fazenda, e o carimbo (marca da freguesia – figura 81).

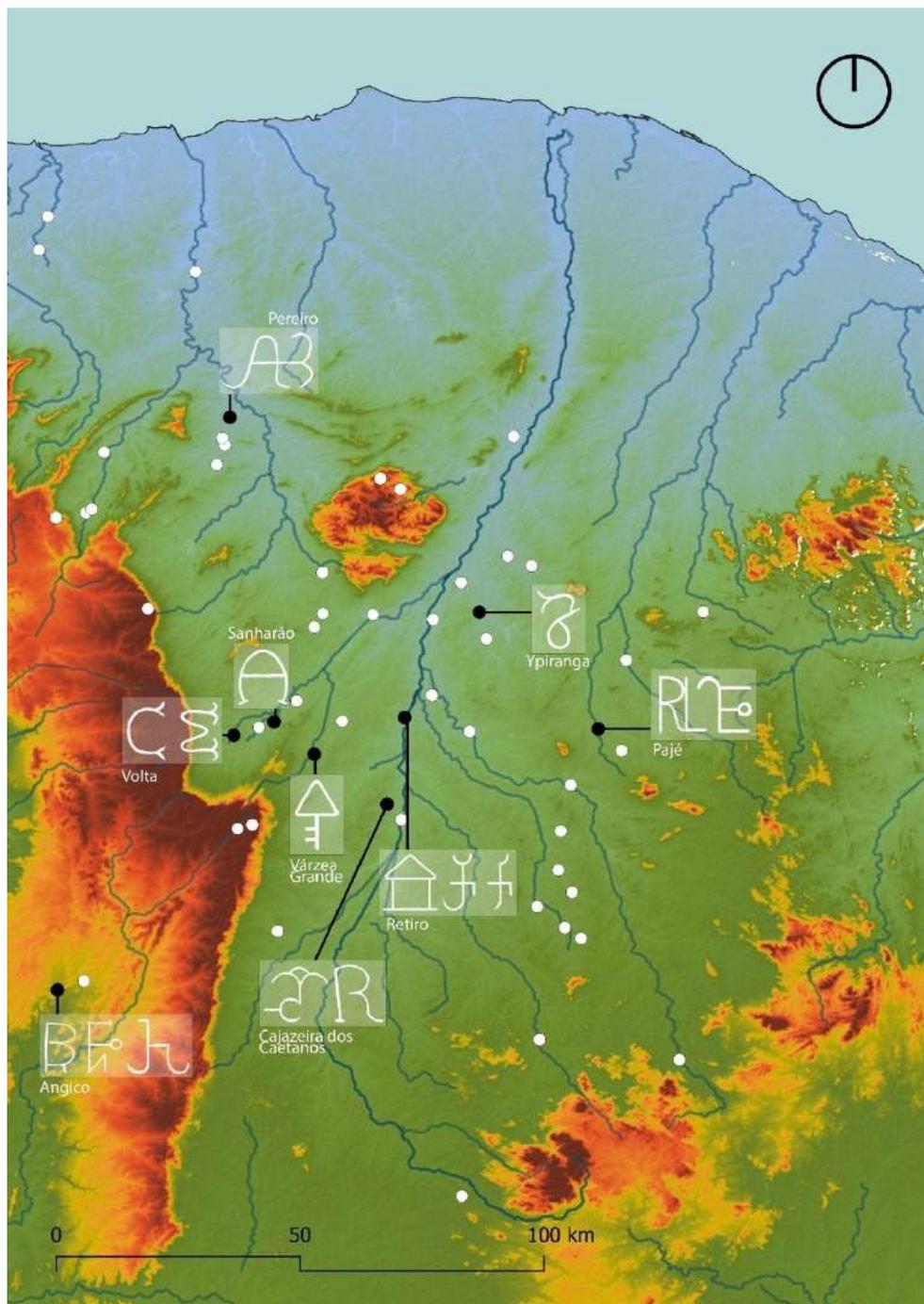
⁵⁴ Diniz (2008, 2013/2015) fez um lindo trabalho de espacialização dos ferros por ribeiras e propriedades cuja metodologia aqui replicamos.

Figura 82: Carimbos das freguesias do Ceará.



Fonte: mapa elaborado pela autora, baseado na obra de Virgílio Maia (2004).

Figura 83: Marcas de ferro encontradas nas fazendas inventariadas.



Fonte: autora (2021)

Diniz (2008) e Menezes (2015) se atentam para a extensão das terras e a falta de divisas claras entre as propriedades rurais, circunstância que favorecia a dispersão do

rebanho e propiciava a perda do gado. Abaixo, realizamos levantamentos na Gazeta do Sobral⁵⁵ no ano de 1881, no qual há vários anúncios publicados relatando gado perdido.

⁵⁵ GAZETA DO SOBRAL. Província do Ceará -- Sobral: Typ da Gazeta Dosobral - Imp. Por Antonio Pereira de Menezes, 1881. Semanal. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/gazeta-do-sobral/714380>. Acesso em: 26 nov. 2023.

Figura 84: classificados de bois perdidos

Pastam na freguesia do Acarahú, animais das marcas seguintes :



Sabe os quaes está autorizado a dar informações

Francisco das Chagas Araujo de Maria.

S. Anna 21 de Agosto do 1881.

Pastam na freguesia do Acarahú, animais das marcas seguintes: [] sobre os quaes está autorizado a dar informações Francisco das Chagas Araujo de Maria. S. Anna 21 de Agosto de 1881.

ANIMAL FUGIDO

Desappareceu desta minha fazenda uma burra cardá queimada, pequena, muito nova, com marcas de pizaduras nas costas de ambos os lados, e tendo somente a minha marca [] e o carimbo []

Presumo que tenha sido furtada, principalmente por ter passado aqui um bando de egitanos, acompanhados por muita gente: Quem apprehendê-la e vier trazer-me, ou entregá-la em Sobral ao Sr. José Figueira Sabola e Silva, será generosamente recompensado.

Barra Velha 6 Setembro 1881.

Aprigio de Souza Neves.

Desappareceu desta minha fazenda uma burra cardá queimada, pequena, muito nova, com marcas de pizaduras nas costas de ambos os lados, e tendo somente a minha marca [] e o carimbo [] Presumo que tenha sido furtada, principalmente por ter passado aqui um bando de egitanos, acompanhados por muita gente: Quem apprehendê-la e vier trazer-me, ou entregá-la em Sobral, ao Sr. José Figueira Sabola e Silva, será generosamente recompensado. Barra Velha 6 Setembro 1881. Aprigio de Souza Neves.

tal, para conhecimento de quem interessar possa que em virtude do art. 1. da Revolução provincial n.º 1,893 de 16 de Agosto de 1880, foi apprehendido pelo respectivo fiscal, e depositado, de ordem da mesma Camara, em poder de seu procurador, um burro eastanho desta marca [] que foi encontrado sobre a serra do Rosario, fora dos casos previstos nas posturas municipaes, o qual terá de ser arrematado à porta da Camara, depois de passados cinco dias, a contar de hoje, e o seu producto depositado na forma determinada no art. 2.º da citada Resolução; caso não appareça reclamatio de seu dono, a quem, depois de pagar as despezas e a multa, será então entregue o referido burro.

Sobral 29 de Setembro de 1881.

O Secretário da Camara.

Manoel Osterno Cavalcante.

De ordem da Camara Municipal desta cidade faço publico pel presente edital, para conhecimento de quem interessar possa que em virtude do art. 1 da Revolução provincial no. 1893 de 16 de Agosto de 1880, foi apreendido pelo respectivo fiscal e depositado, de ordem da mesma Camara, em poder de seu procurador, um burro eastanho desta marca [] que foi encontrado sobre a serra do Rosario, fora dos casos previstos nas posturas municipaes, o qual terá de ser arrematado à porta da Camara, depois de passados cinco dias, a contar de hoje, e o seu producto depositado na forma determinada no art. 2o. da citada Resolução; caso não apareça reclamação de seu dono, a quem, depois de pagar as despesas e a multa, será entregue o referido burro. Sobral 28 de Setembro de 1881. O Secretário da Camara. Manoel Osterno Cavalcante.

Palma, um cavalleto de cor cardá, abrido à ruço, piza grande e as direitas, castrado com Sobrecanas em ambas as mãos, tem uma pinta preta acima do quadril, procurando o lombo, com esta marca: []

Quem o descobrir e entregar: no Sobral ao major João Mendes da Rocha, em Santa Quiteria, José Alves de Misquita, no Ipu a Aprigio Quixadá, na Uruburetama, ao Capitão Anastacio Francisco Braga Sobrinho, em Sant'Anna, ao Capitão Vicente Sabino, na Palma ao abaixo assignado, e na Granja a Salustiano Moreira, será bem gratificado.

Palma, 22 de Janeiro de 1882.

Francisco Moreira de Carvalho.

No dia 21 do andante mez desapareceu ded. suburbios da Villa da Palma, um cavallo de cor cardá, abrido à ruço, crina grande e as direitas castrado com sobrecanas em ambas as mãos, tem uma pinta preta acima do quadril, procurando o lombo, com esta marca: [] Quem o descobrir e entregar: no Sobral ao major João Mendes da Rocha, em Santa Quiteria, José Alves de Misquita, no Ipu a Aprigio Quixadá, na Uruburetama ao Capitão Anastacio Francisco Braga Sobrinho, em Sant'Anna ao Capitão Vicente Sabino, na Palma ao abaixo assignado, e na Granja a Salustiano Moreira, será bem gratificado. Palma, 22 de janeiro de 1882. Francisco Moreira de Carvalho.

Na madrugada de dia 6 do corrente, furtaram de dentro de um quintal desta cidade 3 animaes dos seguintes seguintes: - um cavallo russo castrado com esta marca de pizadura antiga sobre as costas, vendendo-se bem distincto este ferro []

Um burro eastanho castrado com um defeito no olho direito contendo o mesmo ferro. Uma burra grande, russa com boas marchas com esta marca [] pouco visivel.

Derconfia-se que estes animaes fossem furtados para S. Francisco ou Baturité.

O abaixo assignado rege a todas as autoridades policiaes o especial favor de ver se podem lançar suas vistas, podendo remetter para esta cidade, que se responsabilisa-se por qualque despesa o seu dono.

Sobral 8 de fevereiro de 1882.

João Mendes da Rocha.

Na madrugada de dia 6 do corrente, furtaram de dentro de um quintal desta cidade 3 animaes dos iguaes seguintes: - um cavallo russo castrado com [] de pisadura antiga sobre as costas, vendendo-se bem distincto este ferro [] Um burro eastanho castrado com um defeito no olho direito contendo o mesmo ferro. Uma burra grande russa com boas marchas com esta marca [] pouco visivel. Derconfia-se que estes animaes fossem furtados para S. Francisco ou Baturité. O abaixo assignado rege a todas as autoridades policiaes o especial favor de ver se pedem lançar suas vistas, podendo remetter para esta cidade, que se responsabilisa-se por qualque despesa o seu dono. Sobral 8 de fevereiro de 1882. João Mendes da []

Faz saber que na fazenda de Cosme Ferreira da Ponte existem há mais de três annos sem se saber a quem pertencem - uma vaca lisa com um garrote e um bezerro tendo a vaca a seguinte marca ;



e uma besta, um poldro e um burrinho deste anno, tendo a besta a seguinte marca ;



Quem se julgar com direito aos ditos animaes deve comparecer neste Juizo dentro de 30 dias a contar de hoje. Os animaes podem ser examinados e para isto devem procurar nesta cidade ao dito Sr. Cosme Ferreira da Ponte.

E para que conste a todos mandei passar o presente que será publicado pela imprensa, e affixado no lugar do costume. Sobral 27 de Abril do 1882.—Eu João Ferreira da Rocha Frota, escrivão que escrivei.

Thomas Antonio de Paula Pessoa.

Faz saber que na fazenda de Cosme Ferreira da Ponte existem há mais de três annos sem se saber a quem pertencem - uma vaca lisa com um garrote e um bezerro tendo a vaca a seguinte marca; e uma besta, um poldro e um burrinho deste anno, tendo a besta a seguinte marca; Quem se julgar com direito aos ditos animaes deve comparecer neste Juizo dentro de 30 dias a contar de hoje. Os animaes podem ser examinados e para isto devem procurar nesta cidade ao dito Sr. Cosme Ferreira da Ponte. E para que conste a todos mandei passar o presente que será publicado pela imprensa, e affixado no lugar do costume. Sobral 27 de Abril de 1882 - Eu João Ferreira da Rocha Frota, escrivão que escrivei. Thomaz Antonio de Paula Pessoa

Fonte: Gazeta do Sobral, 1881.

O ordenamento do gado era facilitado, portanto, nos mais diversos tipos de currais, que possuíam várias designações.

Como vimos, os cercados têm diversas funções. Sua maior ocorrência é na cultura pastoril, recebendo a denominação de curral. Tais espaços podem ter abrigos de curta dimensão, com telhado de duas águas, a fim de abrigar o gado. Segundo Pereira d'Alencastre (1857), dentro dessa dinâmica, os currais servem diversos usos:

- Curral de vaquejada ou de apartar: espaço para “triagem” do gado, que posteriormente o levará à venda ou para tirar o leite, algo já relatado pelo fazendeiro Francisco de Paula Pessoa no século XIX: “v. mce obr.o fazer um curral de vaquejada de pao a pique, madeira escolhida de sabiá, aparcado e uma caissara, p.a recolher as vaccas” (Costa, 2000, p. 146). Estes currais também serviam para guardar o gado lanígero apartado, antes de tosquear a lã (Feijó, 1997);
- Curral de benefício: onde se recolhem os garrotes para ferra e para fazer partilha dos vaqueiros;
- Curral de retiro: local para tratar as crias apartadas da mãe e vacas paridas,

os jumentinhos q' naceram e os q' vão nascidos se apartão das jumentas q' do fizerem amo, e antes disso se a jumenta mãe estiver p.a ter cria, esses jumentinhos serão conservados, em cercado, ou outro lugar q' não tenha a mais pequena comunicação com as jum.tas (Costa, 2000, p. 125).

- Curral de leite: espaços para tirar leite do animal e para isolar o gado dos animais do campo.

Havia também um caso particular, os currais de pesca e os vaqueiros do mar. Diferente de um espaço delimitado para ordenar o cotidiano em terra firme, esse curral funcionava como uma armadilha levantada no mar, de modo a permitir a entrada, detenção e pesca de peixes que lá entravam durante a maré cheia (SERAINÉ, 1958). Esses currais de pesca, montados próximos às desembocaduras do Acaraú, Coreaú e Timonha, desenhados e mantidos por vaqueiros do mar, fazem-nos lembrar que nos sertões, os rios deságuam no mar, integrando a região costeira à essa paisagem. O curral de pesca atua, principalmente, em verdadeira consonância com a subsistência do sertanejo. Em épocas de seca, quando agricultura e pecuária não conseguem suprir a vida no sertão bravo (as serras nesse sentido também são um refúgio), a atividade pesqueira da costa é primordial para a sobrevivência.

Figura 85: Curral de peixes em Acaraú (CE).

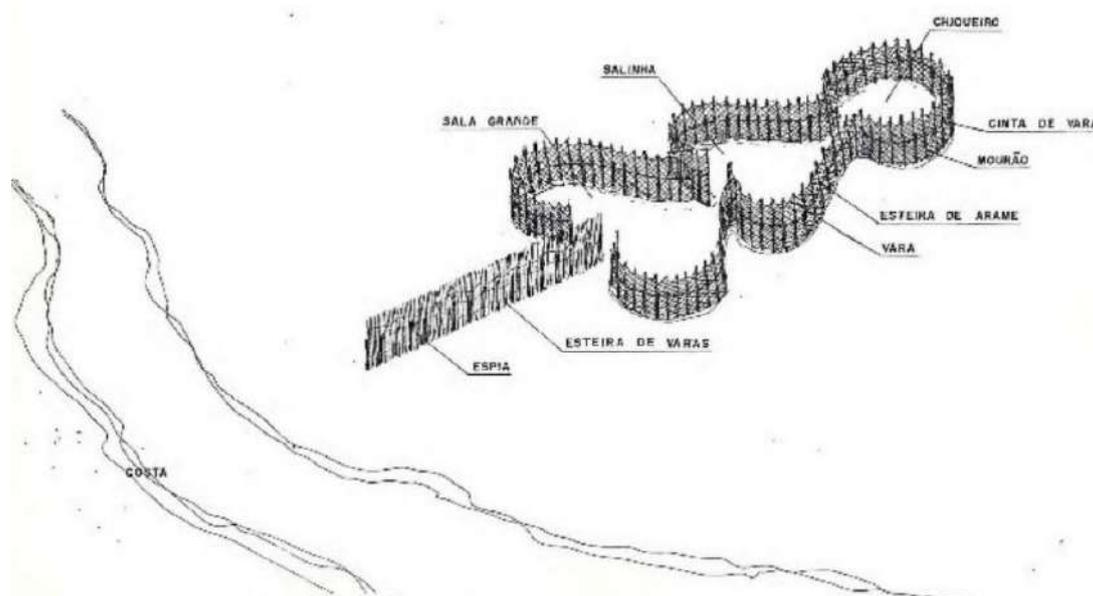


Fonte: Ramos (2015).

É um trabalho que exige conhecimento dos fenômenos climáticos, da fauna marinha e da flora do sertão. No mar, o marcador – pescador mais experiente –, verifica as correntes em época de maré baixa. Já os vaqueiros do mar têm a incumbência de confeccionar as telas e realizar o processo de despesca⁵⁶, na maré baixa. Esses cercados são montados sobre recifes costeiros devido à estabilidade proporcionada por eles. São implantados a distâncias de até 700 metros da costa. Sua estrutura principal, mais robusta, é feita com toras de Carnaúba. A espia, parte inicial, consiste em uma espécie de paredão de varas que direciona os peixes para a sala grande, primeira fase de aprisionamento. A salinha, ambiente posterior, dificulta ainda mais o escape de espécimes marinhos, direcionando-os para o chiqueiro, local da despesca.

⁵⁶ A despesca consiste no processo de retirar os peixes da clausura.

Figura 86: Esquema de um curral-de-pesca do distrito de Bitupitá, Barroquinha (CE).



Fonte: Tahim (1990).

3.3. Ordenamento na paisagem rural

Apesar de seus campos indivisos, a paisagem rural era ordenada. O documento “A Compilação dos artigos 1 a 97 das posturas de sobral confirmadas pelo conselho geral da província e pela assembleia legislativa provincial entre 1831 – 1844”⁵⁷, organizado e paleografado por Herbert Rocha (2017, p. 322), demonstra a organização do espaço rural através da imposição de licenças, tipos de gado a serem criados, cercas a serem implantadas, entre outras regras, abaixo transcritas:

13

Tendo consideração, a abundância do nosso Município; provemos, q. e a farinha de mandioca, e outros gêneros do País em tempo de necessidade não sejam vendidos pelos Agricultores para fora do termo do nosso Município, sem licença nossa, e sem prejuízo dos proprietários e os atravessadores de taes gêneros em tempo de necessid.e, que comprarem, para revenderem por maior preço, serão pelo monopólio punidos em conformid.e da Ley. Os lavradores, ou atravesadores, que em contração fiser o contr.o, serão multados pela pr.aves em 10\$reis e pela segunda em 20\$reis para as despesas do Conselho.

21

Todo o Cidadão Agricultor, em desempenho de seo honroso emprego, deve concorrer com quanto estiverem suas forças, á fertilizar o seo paiz, plantando mandioca, canas de assucar, bananeiras, e tudo mais que pode produzir abastança de viveres; advertindo, que são obrigados a plantar pela circunferencia

⁵⁷ As compilações das Posturas de Sobral foram feitas e paleografadas por Herbert Rocha (2017) com base nos manuscritos do NEDHIS e ALECE e das compilações feitas por Liberato Barroso em 1861 (apud OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Org.). Leis Provinciais: Estado e Cidadania (1835-1861). Compilação das Leis Provinciais do Ceará – compreendendo os annos e 1835 a 1861 pelo Dr. José Liberato Barroso. Fortaleza: Inesp, 2009. 3v. Fac-símile.)

de seos roçados o que chamão aceiros, sementes de carrapato, por ser hum dos ramas de agricultura de grande monta, e de publica necessid.e. O Agricultor que não aceirar os seos roçados com a d.a planta, será multado em mil reis para as despezas do Conselho, por cada vez q. o não fizer.

22

Todo o Agricultor proprietário, ou rendeiro, são obrigados a concorrer para o aformozamento, e amenidade dos sitios, plantando arvores fructiferas, como sejam Laranjeiras, Limeiras, Jaqueiras, Goiabeiras, Romeiras, Cajueiras, e tudo mais que poder concorrer, não só para realçar o valor, e estimação dos sitios, como para fertilizar o paiz. Todo o plantador, que for compreendido em desleixo á tal respeito, será multado em mil reis para as despezas do conselho.

23

Todo o plantador dos sitios da serra não he obrigado acercar suas plantas, salvo na quellas partes, em que forem contiguas ás estradas publicas, em cuja extenção somente passarão huma cerca de dois varoens; e o que assim não fiser, perderá o direito de reclamar contra os transitantes.

24

Que nenhum Agricultor, ou morador na serra, poderá ter gados grossos, ou miudos, soltos nos Sitios; e só poderá conservar nelle cavalhos, e bois de serviço, e vacas de Leite, prezas em cercados e seguras, por serem as terras da serra destinadas ao m. eplantaçõens, e não para criação de gados. Provemos por tanto, q.e aquelles que trouxerem gados grossos, ou miudos soltos nos sitios, serão multados por cada huma cabeça de gado em dous mil reis para a Camara, por cada vez que se acharem soltos; alem de serem obrigados apagar os danos feitos pelos mesmos gados. Aquelles porem, que tiverem seos gados prezos em curraes, e por falta de segurança, ou Cautella, sahirem, e forem arruinar o roçado alheios; serão multados em mil reis para o Conselho, por cada hŪa cabeça de gado, sendo grosso; e em duzentos reis sendo miudo; além de reparar o damno feito a seu vizinho, que será avaliado na forma da Ley.

27

Todo o agricultor, que planta em terras do certão, he abrigado acercar suas plantações com cercas fortes, as mouradas de dous á dous palmos e com cinco varoens de travessa, bem amarradas com sipo; ou com cercas de pao a pique; sob pena de perder todo o direito de reclamação pelo (...) que lhe fizerem os gados em sua lavoura.

28

Que todo o agricultor proprietario, ou rendeiro, dos sitios da serra, he obrigado logo que cessar o inverno aconcertar, e alinhar os caminhos, e estradas publicas na extenção de suas testadas, roçando os matos nas largura de dez palmas pelo menos. Capinando e aplanando os socovoens, que as agoas tiverem feito; e removendo todos os obstaculos, que possuem embaraçar o transito publico, E qualquer que faltar a este dever, será multado em dous milreis para as despezas do Conselho.

29

As estradas geraes das ladeiras, que dão entrada para as serras, logo que cessar o inverno, serão consertadas pelos moradores da serra, que em justa partida competir, segundo as suas moradias, havendo entre elles atenção a'seos possuídos; concorrendo lavrador pobre com sua pessoa, e os abastadas com duas, ou mais pessoas, que corresponderem ás suas posses; roçando os matos entupindo os socavoens, e removendo todos os empecillos, que possuem estorvar o transito publico. Sem já mais fazer-se escavaçoens ao pé de grandes pedras, q existão a lado da parte de sima da estrada. Todo aquelle que se negar á este serviço publico de interesse geral, será multado por cada ves com dous milreis; e sendo pobre em seis centos reis para as despezas do conselho.

30

Todo o pescador que levantar curral de pesca no mar e costa deste [uma palavra] hé obrigado a tirar licença annual d'esta Camara de que pagará os emolimentos ao secretario da mesa. O que assim não cumprir e levantar o curral clandestinamente sera multado em 4000 reis.

31

Que os sobreditos pescadores guardarão sempre, entre suas carreiras de curraes, a distancia, ou intervallo de meia légua á quarto, e meio de légua; desafrontando huns aos outros das inconvenientes, que podem o correr por huma vizinhança infructifera. Oque não observar o disposto, e opprimir o seu contestante, será multado em seis mil reis ; e sendo contumaz em deis milreis para as despezas do Conselho; além délle serem derribadas os curraes á sua custa.

33

Ninguem levantará curral de pesca em braços de rios, ou entradas de camboãs, aque intitulação curral de cambôas sem tirar á licença da camara da q.l pagará os emolumentos ao secretr.o da mesma. E o que em contravenção levantar currais em d.os lugares sem ter obtido dita licença pagará 2\$reis por cada hum curral para as despezas da Camara.

46

Todos os proprietarios e senhorios de terras no sertão, do termo desta Villa, por onde passam estradas gerais e caminhos públicos, não só as que se dirigem desta Villa para as povoações e Capella deste termo, como para a capital, e Villas circumvizinhas, são obrigados nos mezes de julho á agosto de cada anno, á concertar, e abrir ditas estradas em toda a extensão de suas testadas; alinhando-as de páos, mortos, e havanços na largura de vinte palmos ao menos, entupindo, e a planando as socavagens, e removendo todos os obstáculos que possuem estovar o transito publico. Os que assim não cumprirem em dito tempo, serão multados em dois mil reis, sendo contumazes, o serão no duplo de multa para as despezas do conco.

49

Ninguem poderá cortar em terra alheia carnaubeiras, umarizeiras juazeiros, e outras arvores de préstimo, que podem ser consideradas fruteiras silvestres, sustentadoras não só dos gados como de povo em tempos críticos. Todo aquele que cotar alguma destas arvores e pelo tronco, será multado por cada huma em dous mil reis ara o Com.co e o senhorio com direito de proceder contra o infractor.

51

Sendo como he o nosso paiz muito susceptivel de incêndios, pelo que toca aos campos; Provemos que todos os moradores do campo tenham todo o cuidado em aceirar suas cazas cercada, e curraes nos mezes de Julho e Agosto de cada anno; e acudir de prompto ao principio de q.ql. incêndio todas quantos virem, e forem chamados afim de abrviar maiores, e mais funestos estragos. Os que se negarem atão justo socorro quando estiverem em circunstancias de apagarem o fogo, pagara cada hum para as despezas do com.co. mil reis (Rocha, 2017).

3.4. escoamento da produção

A produção das fazendas e sítios tinha seu escoamento e distribuição através de mercados, casas de comércio (presentes nas principais vilas do século XIX, dentre as quais podemos destacar São Benedito – figura 87) e portos e ancoradouros da região. Na freguesia do Acaraú, a barra do Acarahú (figura 88) e a barra do Aracati-mirim (ou barra d'Almofala) eram acessíveis a grandes sumacas (Bezerra, 1889). Essa infraestrutura era interligada pela estrada de ferro de Sobral-Camocim, inaugurada em 1881. As estradas de terra também se conectavam com os portos:

Villa da Imperatriz - Está situada n'uma assentada desigual da serra da Uruburetama; é pequena, e vae em de cadência; dista da capital 30 léguas, e 8 do mar; (...) Do pé da serra sahe uma boa estrada para o porto do Mundahú, por onde se exportam algodão e legumes (Brasil, 1997).

Figura 87: louças de barro na feira livre de São Benedito.



Fonte: Porto Alegre (1994).

Figura 88: Porto de Acarahú – Hyate "Equador". Século XX.



Fonte: Biblioteca do IBGE.

Abaixo, o preço dos produtos no comércio de Sobral (tabela 9) e valores utilizados para exportação, nos anos de 1821 e 1868 (tabelas 10 e 11).

Tabela 9: Preços correntes do comércio de Sobral em agosto de 1881

COMMERCIO		
Preços correntes		
Aguardente	L	\$320
Algodão em rama	K.	\$400
Assucar refinado	K.	\$560
Dito Branco	K.	\$500
Dito Mascavo	K.	\$240
Café pilado	K.	\$640
Cêra de carnahuba	K.	\$400
Vellas de carnahuba	Cento	1\$200
Couros salgados	K.	\$600
Couros espichados	Um	7\$000
Courinhos	Cento	80\$000
Queijos	15 ks	10\$000
Solla	Meio 4\$500	5\$000
Penas de ema	K.	6\$000
Carne verde	K.	\$400
Carne secca	K.	\$480
Carne do sul	K.	\$640
Tucinho	K.	\$644
Feijão	Lit.	\$100
Milho	Lit.	\$020
Arroz em casca	Lit.	\$060
Arroz pilado	Lit.	\$240

Farinha de mandioca	Lit.	\$020
Gomma de mandioca	Lit.	\$080

Fonte: Commercio (1881)

Tabela 10: Produtos de importação e exportação comercializados entre as praças de Lisboa e Ceará no ano de 1821.

Importação	
Mercadoria	Valor
21229½ arrobas de algodão a 6\$000	127:377\$000
2878 couros salgados a 1\$600	4:604\$800
2523 meias solas a 1\$000	
21617 meias vaquetas a 1\$000	24:140\$000
Exportação	
Mantimentos	Valor
2 pipas de aguardente a 60\$000	120\$000
Manteiga e queijo	633\$200
175 moios de sal a 1\$850	323\$750
13 pipas de vinagre a 30\$000	390\$000
61½ pipas de vinho a 63\$000	3:997\$500
Outros comestíveis	1:911\$100
TOTAL	7:377\$550
Ouro e prata	Valor
Em dinheiro do Brazil	2:000\$000
Em peças de adorno	540\$000
TOTAL	2:540\$000
Manufaturas de algodão inglesas	3:915\$300
Panos e outros	1:416\$700
934 peças bretãs	2:066\$000
8309 varas de pano de linho	2:677\$640
Outros tecidos	757\$300
Sedas, xales, lenços, luvas etc.	907\$050
TOTAL	23:202\$540
Transporte	23:202\$540
Produções das fabricas do reino	Valor
Tecidos de algodão, chitas, saias etc.	8:825\$980
Tecidos de seda, lisas e lavradas	1:498\$500
Vários gêneros, 2244 chapéus, pólvora e vidros	4:127\$960
Produções da Asia	Valor
1240 peças gangas a 750 e 1750	1:406\$000
633 peças cassas muito ordinárias	1:685\$910
Pimenta, canela etc.	642\$500
Armas de fogo	710\$000
68 quintas de metais brutos	618\$000
Quinquilharias	1:519\$390
Drogas	473\$560
70 arrobas de cera lavrada	1:344\$000
846 arrateis de tabaco sortido	1:045\$040
Moveis, calçados e ornamentos	1:637\$780
Outros gêneros	1:632\$400
TOTAL	48:824\$580
Excesso da exportação sobre a importação	107:297\$220

Entraram do Ceará em Lisboa 6 navios.
Saíram de Lisboa para o Ceará 3 navios.

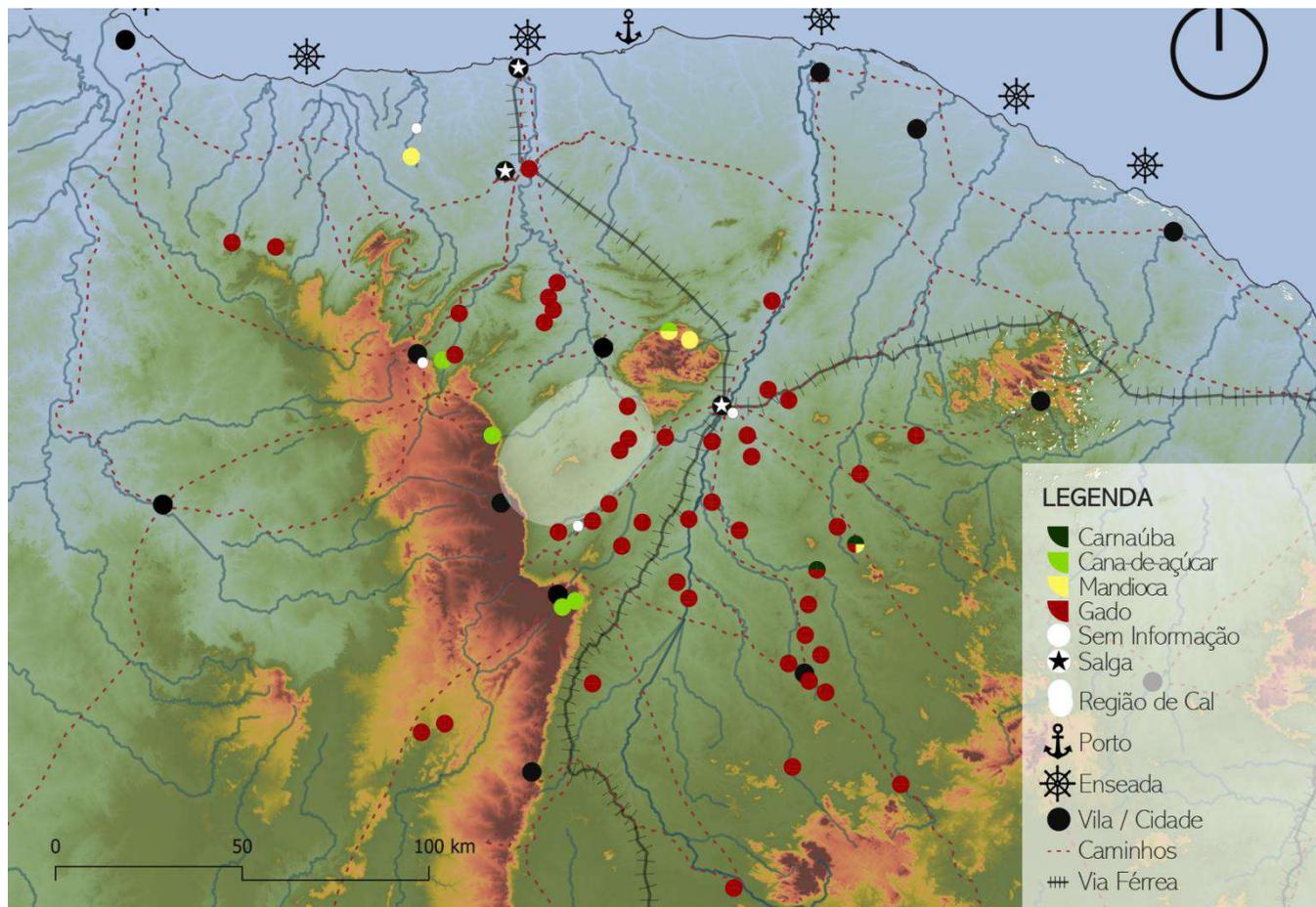
Fonte: Studart (1895). Adaptado.

Tabela 11: Relação de preços dos gêneros sujeitos a direitos de exportação na semana de 30 do corrente mês a 5 de maio de 1868.

Mercadoria	Unidade	Valor
Aguardente	Canada	\$500
Algodão Em Lã	Arroba	17\$000
Algodão Em Carçoço	Arroba	5\$800
Algodão Em Fio	Arroba	1\$000
Açúcar Branco Em Rama	Arroba	5\$000
Açúcar Mascavo Ou Sumeno	Arroba	1\$800
Cal De Qualquer Qualidade	Arroba	2\$500
Carne Seca Ou Charque	Arroba	6\$400
Carvão Mineral	Tonelada	15\$000
Carvão Vegetal	Arroba	5\$000
Cêra De Carnaúba Em Bruto	Arroba	6\$000
Couro Salgado De Boi	Um	5\$000
Couro Espichado De Boi	Um	3\$000
Couro De Cavallo	Um	2\$000
Couro De Carneiro Ou Cabra	Um	\$500
Farinha De Mandioca	Alqueire	6\$000
Gado Vacum	Cabeça	30\$000
Gado Cavalari	Cabeça	50\$000
Gado Caprino	Cabeça	2\$000
Gado Lanígero	Cabeça	2\$000
Gado Muar	Cabeça	80\$000
Madeiras E Toros De Tatajuba, Pau D'arco, Angico, Gonçalo Alves, Pau D'óleo, Pau Violete, Jacarandá	Arroba	\$320
Mel De Abelha Ou De Engenho	Canada	1\$200
Queijos De Qualquer Qualidade	Libra	\$320
Rapaduras	Cento	3\$000
Redes De Dormir	Uma	6\$000
Sal	Alqueire	2\$000
Sola De Qualquer Qualidade	Arroba	6\$000

Fonte: Souza (1969). Adaptado.

Figura 89: escoamento nos sertões do Acaraú, Coreaú e serra da Ibiapaba no século XIX.



Fonte: autora (2021)

(...) pois aquilo faz mesmo parte da terra como formigueiro, figueira-brava e pé de milho – é o chão que continua... Mas, justamente por isso, por ser coisa legítima da terra, tem para nós, arquitetos, uma significação respeitável e digna (...)

Lúcio Costa, Documentação Necessária (2018)

Figura 90: Casa-sede Fazenda Canindé-Grande, Século XIX. Croatá.



Fonte: Pereira ().

CAPÍTULO IV. DOCUMENTANDO ARQUITETURAS

Referente às primeiras construções nos sertões do Acaraú, podemos creditá-las aos povos originários que ali habitaram. Suas moradas, segundo Studart Filho (1962), organizavam-se em choças, construídas com folhas de palmeiras e ramos de árvores da região. As habitações e construções religiosas do início do século XVIII⁵⁸ eram de taipa e pedra e cobertas de palha. A carta ânua de 1701, redigida pelo padre jesuíta Ascenso Gago, relata as primeiras construções jesuíticas no hospício da Ibiapaba, posteriormente Vila Viçosa:

A aldeia construíra-se em forma de quadra. Conclui-se a igreja, que já estava principiada antes, formosa e grande (...) as **madeiras da serra, menos compridas do que se requeriam**, não permitiam mais grandeza. Ergueu-se a Residência dos Padres de **madeira e barro, coberta de folhas de palmeira**, que é o mais que permite a pobreza destes sertões (Gago, 1701 apud Leite, 1945, p.63, Grifo nosso)

Inventários *post-mortem* de acarauenses, na segunda metade do século XVIII, indicam novos sistemas construtivos em bens imóveis rurais, constatando a presença de telha em casas setecentistas.

Tabela 12: Parte transcrita dos bens inventariados de Floriana Furtado, ano de 1759.

Inventário de Floriana Furtado (1759)	
Item que [] no valor do citio de terras com sua caza de telha a quantia de doze mil oito centos e vinte oito []	12\$828

Fonte: documento cedido por Isabel Leitão, fazenda Cajazeira dos Caetanos, Varjota (CE). Grifo nosso.

Tabela 13: Parte transcrita dos bens inventariados do capitão Bento Pereira Viana, ano de 1782.

Inventário de Bento Pereira Viana (1782)	
Declarou mais aver huá caza de telha citas no [] da fazenda do Mestre de Campo Jozé Joaquim da Roza []	2:878\$450

Fonte: documento cedido pelo arquiteto Herbert Rocha. Grifo nosso.

A casa de pau-a-pique e telhas, típico exemplar arquitetônico setecentista (Jucá Neto e Gonçalves, 2019), permanece em relatos do século XIX, como se pode perceber através das observações feitas por Francisco Freire Alemão, por advento da passagem da Comissão de Exploração Científica na serra da Ibiapaba em 1860,

Esboço [] de casa em q estamos [] em Campo Grande⁵⁹. É uma das mais antigas da povoação e das mais nobres. Foi feita pelo coronel Bernardino Gomes Franco, talvez antes que a povoação fosse villa (...) são duas casas irmãs, feitas ao mesmo tempo, sem comunicação interior (...) **foi feita com estacas [] de aroeira que estão cortadas []** e um de canto direito já cahiu (...) **janelas são de pão d'arco**, q estão também cortadas (...) **É construção usual do Ceará, serem os cunhaes de pedra e janellas enterradas [] = as paredes exteriores**

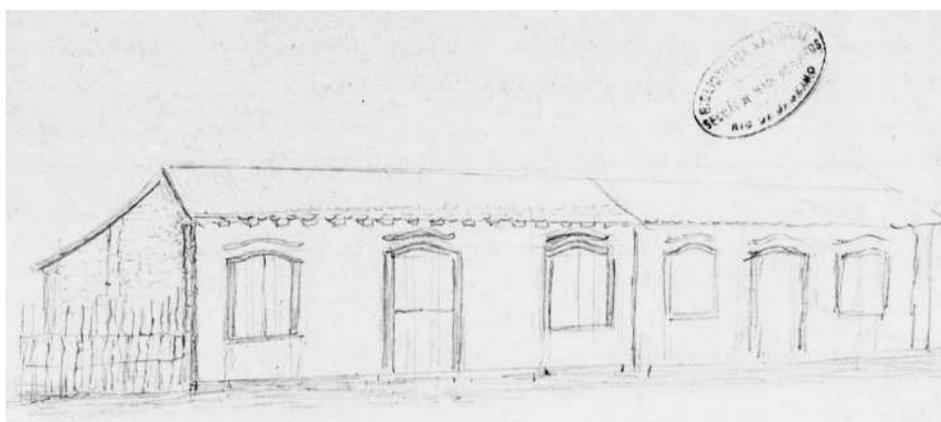
⁵⁸ Como período de referência inicial, utilizou-se como parâmetro o século XVIII, recorte que marca o início da colonização do Ceará (Castro, 2014).

⁵⁹ Atualmente Guaraciaba do Norte (CE).

vai de pedra, e as internas de pau a pique [] e caiadas. Tecto de telha vã = pavimento de terra batida (Alemão, 1860, p.3, grifo nosso).

O relato de Alemão se refere à casa urbana (figura 91), exemplar construído possivelmente antes que Campo Grande fosse elevada à categoria de Vila Nova d'El Rey, fato acontecido no ano de 1791. Além disso, seu proprietário, o capitão-mor Bernardino Gomes Franco, viveu no segundo quartel do século XVIII (Araújo, 2015), reforçando a tese de que esse modelo construtivo já era vigente no período setecentista.

Figura 91: Esboço de uma das mais antigas e mais nobres casas da localidade de campo Grande (Ceará). [Novembro de 1860].



Fonte: BNRI,

Embora sejam exemplos de casario urbano, é interessante perceber sua arquitetura dentro de uma lógica de circulação, entre meios rurais e citadinos, fato já observado na região dos Inhamuns (Castro, 2012). A influência formal e construtiva pode ser observada entre o casario da antiga Campo Grande e o de Sobral (figura 92), exemplares do século XVIII, com a casa-sede da fazenda Pirambeba (figura 93). Telhados de duas águas e fachadas com ritmo ternário – porta, janela, porta – e, mais tarde, no século XIX o arremate superior com cimalha, são elementos que circulam na arquitetura rural desses sertões.

Figura 92: Casa do Capitão-Mor. Centro urbano de Sobral (CE), século XVIII.



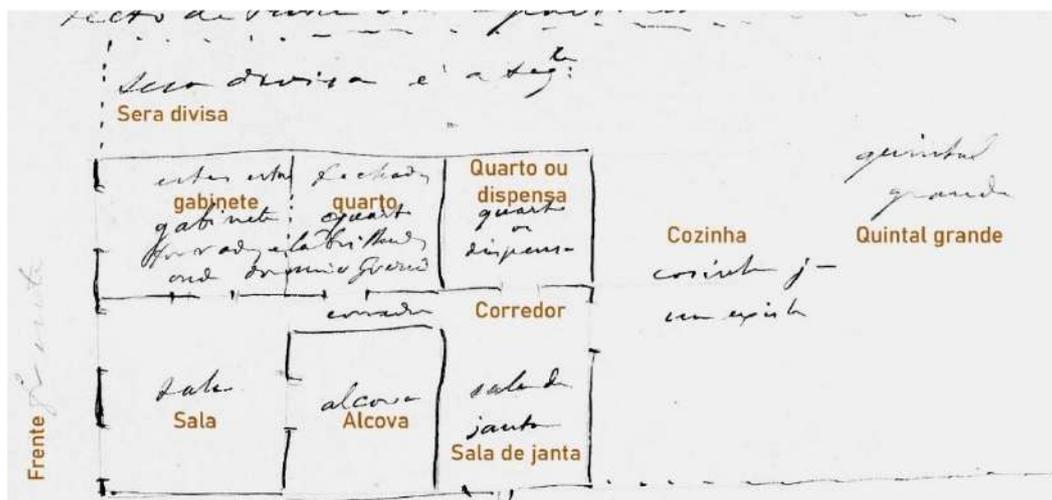
Fonte: autora (2021).

Figura 93: casa-sede da fazenda Pirambeba. Jaibaras, distrito de Sobral (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021).

Figura 94: Planta da casa correspondente à figura 2 (adaptado). Desenho de Francisco Freire Alemão, 1860.



Fonte: BNRI.

Dentro do recorte espaço-tempo de nossa pesquisa, pouco sabemos sobre construtores das casas de fazenda, exceto por dois casos. A primeira situação trata de reformas relatadas em cartas do senador do império, Francisco de Paula Pessoa, endereçadas aos vaqueiros de suas diversas fazendas, entre os anos de 1866 e 1867, cujo conteúdo indica enfaticamente a responsabilidade dos subordinados no que se refere a obras de infraestrutura dentro de suas propriedades rurais:

Snr. João de Souza Terceiro – Viados. Sobral, 14 de Outubro de 1867. R.ci a sua carta de 5 do corr.e q', vou responder – pode vender uma matalotagem aos Oleiros, p.r preço resoavel, p.r menos de seu valor não venda – vm.ce dis q'. manda fazer 3 milheiros de telhas, p.a tantas telhas; Salvo se vm.ce não bolir na telha de caza onde actualm.te (...) **precisa fazer caza de telha p.a os bizerros qd.o estiverem no chiqueiro – mando 200 pregos caibraes, e mil reipares** (...) (Costa, 2000, p. 186-187, grifo nosso).

Int'. Ant.o Fran.co Moreira – Serrote. Sobral, 28 de Outubro de 1867. eu qr.o o q'. bote um pé na parede do açude do Serrote, esse pé deverá ter um alicerce de 10 ou 12 palmos p.lo chão a dentro, e de largura p.lo menos 20 palmos (...) (Costa, 2000, p. 186-187).

Snr Manoel Egidio de Souza - Nova Virginia. Sobral, 2 de outubro de 1867. (...) **acabe o serviço da Cacimba ds Carnaúbas, q'. tenha um tanque de 10 palmos de largura, e com o comprimento** '. Vm.ce deve saber, e q'. fique a praça com uma descida doce, coaze plana (...) (Costa, 2000, p. 163-164, grifo nosso).

Outro registro se deu a partir de um relato oral, coletado durante o levantamento do grupo de casas localizadas na ribeira do riacho Mocambo⁶⁰. Trata-se de informações relativas a Macário, carpinteiro e construtor oriundo da serra da Ibiapaba, que construiu esse grupo de casas-sede na primeira década do século XX (figura 95). A partir disso, não conseguimos encontrar dados mais substanciais sobre o construtor, restando-nos apenas traçar homologias entre os exemplares, dentre os quais:

- São propriedades de um mesmo clã, denominado Moreira-Fernandes-Belchior;
- Possuem portas e janelas com ressaltos de alvenaria, herança de construções de séculos anteriores;
- Cozinhas retangulares implantadas como apêndices da casa-sede, diferindo da volumetria uniforme do restante da construção, onde podemos observar nas imagens de satélite a formação de anexos com rincões no telhado;
- Formato de cobertura irregular, de quatro a seis águas;

Figura 95: Sedes das Fazendas Morros, Pereiro e Olho d'Água, grupo possivelmente construído por Macário.



Fonte: Google Earth, autora e Gustavo Belchior (2021)

Observar essas e as demais construções rurais dos levantamentos – tal como veremos adiante –, nos faz pensar sobre suas influências. Ao investigar as origens dessas construções, segundo os professores Liberal de Castro (2014) e Jucá Neto e Gonçalves

⁶⁰ Afluente do rio Coreaú. O grupo de fazendas engloba os atuais municípios de Moraújo e Uruoca.

(2019), a arquitetura das casas de fazenda nos Sertões da Capitania e Província do Ceará, bem como os traçados urbanos, é pautada por manifestações construtivas advindas principalmente do saber vernacular português. Considerando a presença desses agentes nos sertões,

traziam consigo, no aportar à terra, todo um passado de hábitos e experiências revelados, consciente ou inconscientemente, através de determinados preceitos de gosto, ou preferências formais, o que se traduzia, na prática, por um determinado modo peculiar de fazer as coisas, ou seja, um estilo – o estilo da região de onde procediam (Costa, 1948, p. 455).

Obras portuguesas clássicas, como a tese de João Caldas (2007), “A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve”, bem como o “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal”, mais tarde “Arquitectura Popular em Portugal” (2004), fornecem alguns indícios de correspondências com casas rurais portuguesas (figura 96), sobretudo das regiões do Algarve, Alentejo e centro de Portugal. O uso de tijolos, coberturas com taçanica, alpendres sustentados por colunas – às vezes singelamente decorados –, os ressaltos em portas e janelas e a caiação das paredes são alguns dos elementos e técnicas encontrados também em nossos levantamentos.

Figura 96: Em sentido horário. Alpendre de casa em Ortigosa, Leiria; Casa em Assafora, Sintra; Contraforte em casa portuguesa; Casa da Murtosa.



Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal* (2004) e *Arquitectura Tradicional Portuguesa* (2000).

Não se pode, entretanto, creditar essa arquitetura exclusivamente ao povo lusitano. Torna-se imprescindível considerar os outros agentes que, no processo de devassamento dos sertões – e sobretudo aqueles que originalmente os habitaram –, imprimiram seus saberes nessa arquitetura. Em nosso caso, observamos que tais contribuições, ao invés de formalmente representadas em estilos e aspectos construtivos, são identificadas por meio de artefatos e objetos do cotidiano da casa, assim como no ato de construir.

No caso dos diversos grupos indígenas que habitaram o sertão e a serra, são herança os diversos artefatos materiais encontrados na casa: as panelas e vasos de barro, a cestaria utilitária de palha de carnaúba e babaçu, além do domínio das técnicas com barro (figura 97), comprovando que os indígenas e povos de matriz africana certamente foram os artífices nas construções na Ibiapaba.

Figura 97: permanências da cultura material e imaterial.

O trabalho com barro é uma permanência de técnicas indígenas.



Fonte: Porto Alegre (1994).

Cestaria de palha. Fazenda desconhecida do século XIX, em Viçosa do Ceará.



Fonte: autora (2021).

Louça de Viçosa, serra da Ibiapaba.



Fonte: Porto Alegre (1994).

Telha com inscrição "Ama Rosario", fazenda Alto dos Noivos, século XIX, Catunda (CE).



Fonte: autora (2021).

Fato é que a arquitetura dos vários sertões – Acaraú, Jaguaribe, Inhamuns, Seridó, Gurguéia, Cariri, entre tantos outros –, foi, como diz Lúcio Costa (1948, p. 451), “produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico e social e se desenvolve (...) à feição da índole e do engenho de cada povo”.

Analisemos, portanto, a arquitetura das fazendas dos sertões do Acaraú.

Figura 98: Casas-sede e outras construções de fazendas levantadas.



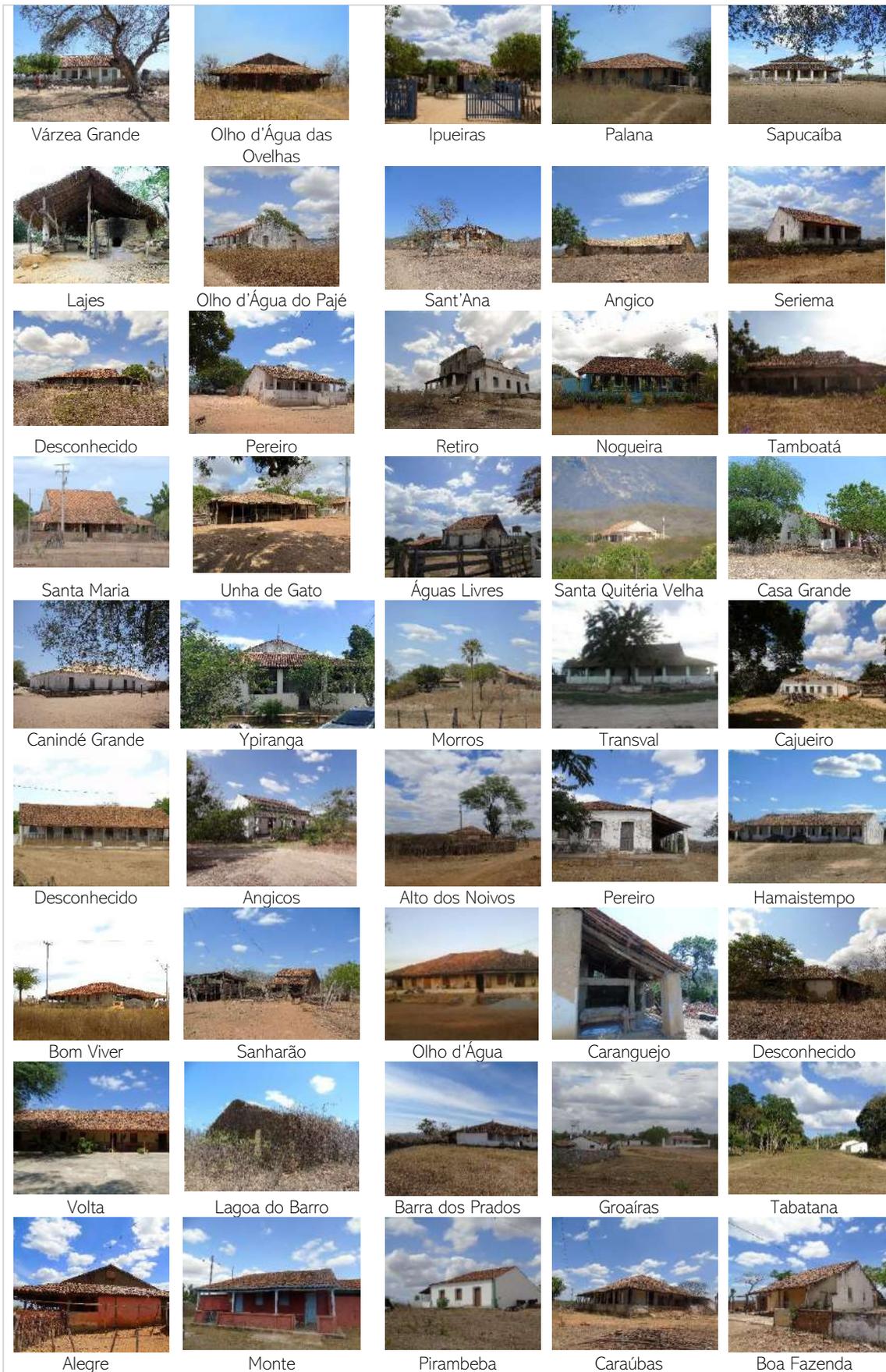
Bom Jesus

Jatobá

Careta

Mosquito

Arraia





Fonte: Jardson Rodrigues, Helder Fontenelle, Silvero Pereira, Daniel Figueiredo e levantamentos *in loco* da autora (2021).

Nosso inventário *in loco* contabilizou 51 propriedades rurais (sítios, fazendas, pequenos engenhos e casas de farinha), resultando em 57 fichas de levantamento. Algumas construções haviam ruído completamente ou não obtivemos acesso a elas, mas optamos por inclui-las no inventário através de registros fotográficos obtidos em arquivos pessoais de pesquisadores e proprietários.

As casas-sede constituem a maioria dos exemplares encontrados. Salvo os sítios Lajes e Caranguejo, que são exclusivamente estabelecimentos de produção – engenhos e casas de farinha –, nas fazendas e sítios levantados, a casa de morar se institui como a principal construção e testemunho arquitetônico encontrado durante os levantamentos.

Dentre as construções de fazendas levantadas e mapeadas, a maioria se enquadra no século XIX⁶¹, não sendo possível identificar, na maioria, o ano específico de construção. Amparando-nos em levantamentos já realizados por outros autores (Castro, 1980, 2014; Silva Filho, 2007; Diniz, 2008, 2013/2015; Bezerra, 2012; Jucá Neto e Gonçalves, 2019), alguns indícios nos permitem supor tratar-se de uma arquitetura oitocentista: inscrições de datas em telhas, iniciais de proprietários em fachadas, cobertas em duas ou quatro águas, pisos de tijoleira, aberturas em arco abatido e ressaltos em alvenaria, soluções como beira-seveira e cimalha, elementos decorativos como silhares e cunhais.

Partido Arquitetônico e Programa de Necessidades

Assim como em outros sertões já visitados, a arquitetura concebida nos sertões do Acaraú tem como premissa a simplicidade. Tal característica, é importante salientar, não tem sentido depreciativo. Pelo contrário, na simplicidade do meio e das condições em que se constituiu, dotou-se de soluções projetuais que as tornaram diversas, eficientes e genuínas.

A tectônica das casas de fazendas e dos sítios é indissociável dos ciclos econômicos e costumes sociais então vigentes. Sua implantação ocorre costumeiramente no ponto mais

⁶¹ O grupo de fazendas possivelmente construídas por Macário - já relatadas no início do capítulo - e a fazenda Hamaistempo foram construídas na primeira década do século XX.

elevado do sítio, garantindo a vigilância por seus moradores, nas dinâmicas cotidianas da fazenda, do meio externo, do trabalho com o gado e a carnaúba. Espessos alicerces de pedra e/ou tijolos serviam como base para o assentamento da casa, vencendo possíveis acidentes topográficos, erguendo a casa a níveis de quase dois metros de altura. As poucas envasaduras externas (guardadas as devidas exceções), aliadas a uma volumetria sólida, garantiam o aspecto protetor aos seus moradores, em um sertão onde imperavam os bacamartes⁶² (Macedo, 1966; Vieira Júnior, 2004).

As paredes têm materialidade diversa, a depender dos recursos naturais e econômicos de cada caso – taipa de mão, tijolos e pedra. Predomina o uso de técnicas mistas. As alvenarias externas costumam ser de material mais robusto como pedra e/ou tijolos, enquanto as áreas internas são, via de regra, de taipa de mão.

Em edifícios de pavimento único, é recorrente a presença de meias paredes, que, aliadas ao amplo pé-direito, constituem uma solução eficiente para o conforto térmico, pois favorece a ventilação interna da casa. A amplitude vertical permite, ainda, extensões como o sótão⁶³, o paiol e o jirau – estes dois últimos, pequenos compartimentos superiores para o armazenamento de cereais e queijos, comumente localizados acima de corredores ou de algum quarto.

⁶² Do francês “braquemart”, significa arma de fogo. Tal vocábulo é comumente associado a períodos de violência e disputas familiares nos sertões dos séculos XVIII a XX, relatados nas obras de escritores como o cearense Nertan Macedo (1929-1989).

⁶³ Dentre os exemplares levantados, encontramos apenas duas construções com sótão, na serra da Ibiapaba, os sítios Cajueiro, em Tianguá, e Tamboatá, em Guaraciaba do Norte.

Figura 99: Meia parede com madeiramento de apoio, fazenda Casa Grande, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 100: Meia parede com tesoura, fazenda Santa Maria, Granja (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 101: Paiol, fazenda Arraia. Irauçuba (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 102: Jirau, fazenda Olhos d'Água do Pajé. Sobral (CE).

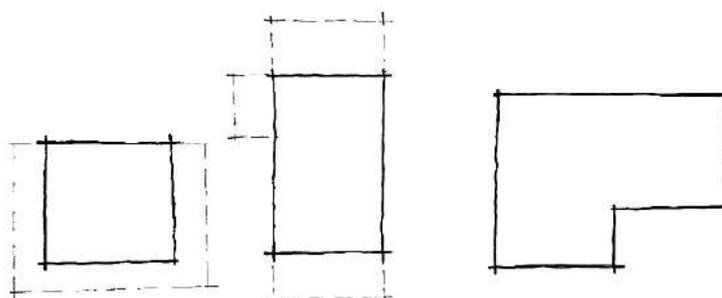


Fonte: autora (2021).

O alpendre, ou varanda, é um complemento que aparece no século XIX, porém não necessariamente em todos os exemplares. Configura como uma extensão do telhado da casa. Ultrapassa, às vezes, os limites do baldrame, formando alpendres duplos, sombreando e encobrindo o interior volumétrico. Quando analisadas as pequenas propriedades, é possível perceber outras atividades abrigadas pelo alpendre – cocheiras, pequenos cercados para o gado e animais de pequeno porte.

Analisando suas plantas, percebe-se que há variados formatos. São, em geral, retangulares, havendo excepcionalmente o formato em "L". Ambos os desenhos podem ter adquirido contorno irregular devido à construção de novos ambientes, como a criação e extensão de alpendres, banheiros e novos quartos.

Figura 103: Volumetrias comumente encontradas em casas-sede.



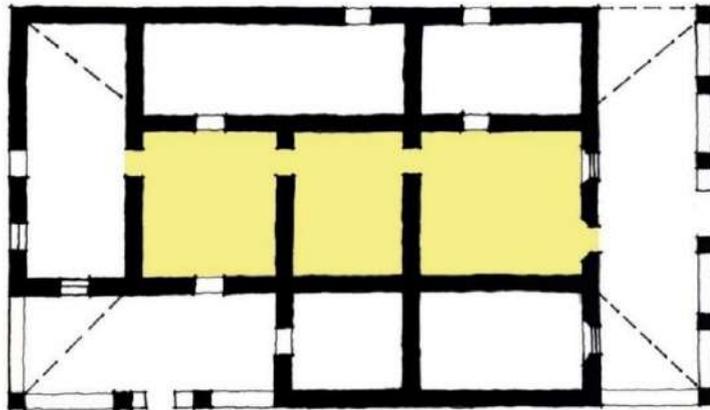
Fonte: autora (2021).

A organização dos ambientes da casa está relacionada de forma intrínseca ao programa de necessidades, que diz respeito às suas funções cotidianas. À primeira vista, signo da vida íntima familiar, era também fruto da “necessidade de migrar, de trabalhar e de criar uma sociabilidade com indivíduos que pertenciam a diferentes grupos familiares” (Vieira Júnior, 2004, p. 120).

O programa, portanto, acontece em duas frentes: o convívio com estranhos *versus* a vida doméstica, que, por sua vez, dividia-se entre a intimidade e o trabalho caseiro (Lemos, 1999). Experienciamos, contudo, certa dificuldade em setorizar de modo definitivo os ambientes e seus usos. Primeiro, devido ao estado atual de conservação de algumas edificações, já bastante deterioradas ou em estado de ruína. Além disso, com a passagem dos séculos, houve modificações no que se refere ao uso original de edificações ainda habitáveis, destinando-se algumas a paiol, depósito ou local de reunião para assentamentos rurais. Por último, há, quase sempre, um compartilhamento de atribuições: o alpendre pode ter uso social e de serviços; a cozinha pode ter uso de serviços e uso íntimo; quartos podem ter uso íntimo e de circulação.

Mesmo assim, na maioria dos exemplares arquitetônicos, identificamos três níveis. O primeiro, quando já se avista o alpendre, é o nível social, do convívio intra e extrafamiliar, geralmente sucedido pela circulação (corredor), por uma sucessão de portas paralelas alinhadas referentes a quartos, por exemplo (figura 104). O segundo é o nível íntimo, composto por quartos, muitas vezes sem aberturas externas, tipo alcovas. Por fim, o terceiro nível, o de serviços, confunde-se, em alguns casos, com ambientes de nível íntimo, como a cozinha e a sala de jantar em um mesmo ambiente.

Figura 104: planta da casa-sede da fazenda Tamanduá, Forquilha (CE). Sem Escala. Detalhe em amarelo: sucessão de sala e quartos que permitem a circulação entre os cômodos.



Fonte: autora (2021)

O alpendre, quando há, transita entre o convívio social e os espaços de serviço. Era, sobretudo, o acesso principal à casa e ponto de recepção e observação das atividades cotidianas da fazenda por seu proprietário, devido à implantação da casa, geralmente em pontos elevados do terreno. Podia também ser um ambiente de reuniões familiares e sociais, tal como hospedagem de viajantes, dada a presença de armadores de rede. No que concerne ao trabalho caseiro e da fazenda, podia ser espaço para armazenagem de grandes baús de gêneros alimentícios, em simbiose com currais, comedouros e divisórias para abrigar pequenos animais. Podem contornar a casa inteira ou apenas a fachada principal, servindo também como fonte de sombreamento.

Figura 105: cocheira abrigada em alpendre. Fazenda Bom Viver, Santa Quitéria (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Figura 106: extensão de alpendre para abrigo de animais. Fazenda Barra dos Prados, Sobral (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

A sala é um dos ambientes que mais aglutina atividades. Em plantas mais complexas, pode haver mais de uma, sendo a primeira destinada ao convívio de reuniões sociais e familiares (logo ao adentrar a casa), a outra destinada às refeições (ao lado da cozinha).

Quanto à religiosidade – um dos signos mais fortes na vida familiar sertaneja –, a fazenda acarauense oitocentista não possui capelas anexas, ao contrário do observado em diversas fazendas dos sertões do Norte, especialmente nos exemplares do Piauí (Silva Filho, 2007). Há, contudo, indícios de devoção: os caritós e pequenos altares esculpidos em alvenaria, bem como imagens religiosas de madeira policromada, dentro de pequenos oratórios de madeira (figuras 106 e 107).

Figura 107: Imagens religiosas em madeira policromada e oratório em madeira. Fazenda Cajazeira dos Caetanos, Varjota (CE).



Fonte: Leitão ()

Figura 108: Altar. Fazenda Sapucaíba, Santa Quitéria (CE).



Fonte: autora (2021)

Áreas mais resguardadas podem ser identificadas ao observamos as plantas. Fachadas sem aberturas ou com painéis cegos esculpidos indicam a presença de alcovas, quartos que possuíam aberturas apenas para a circulação interna da casa. O resguardo da mulher sertaneja era um ponto imprescindível nessa sociedade patriarcal (Vieira Júnior, 2004). Muitas vezes a sala de jantar dividia funções com a sala de estar ou cozinha. Nesses ambientes, é bastante comum a presença de armários embutidos em alvenaria, em nichos esculpidos, que poderiam ter portas de giro e prateleiras em madeira para armazenar utensílios e alimentos.

Figura 109: Cozinha e sala de jantar. Fazenda Angicos, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Dentro do jogo volumétrico da casa também há cômodos sem conexões com o restante dos ambientes, com uma única abertura para o lado externo da casa, usados como depósito para os artefatos da vida cotidiana. Poderiam ser quartos para os funcionários da fazenda ou viajantes. Não conseguimos registros oficiais ou indícios substanciais de senzalas nas fazendas, embora seja evidente a presença de pessoas escravizadas em

alguns inventários analisados. Suspeitamos da presença dessas construções apenas na fazenda Groaíras, atrelada à edificação de serviço, dada a sua extensão construtiva.

Nas cozinhas, há sempre a presença de fogão à lenha, construído com tijolos, bem como de prensas de queijo. Nas casas das fazendas Canindé Grande e Angico, há duas cozinhas, o que nos leva a supor a presença de mais de uma família convivendo nesses espaços. Ainda no setor de serviços, há, por vezes, ambientes destinados à produção de cera de carnaúba, além de casas de farinha, contíguas à casa.

Para analisar a organização espacial das plantas abaixo, fruto de nossos levantamentos, setorizamos os ambientes em cores, que representam atividades e níveis de privacidade. Em verde, os espaços relacionados ao receber (sala e alpendre); em laranja, os espaços do repouso e do comer (quartos e sala de jantar, respectivamente); em violeta, os serviços (cozinha, depósitos, produção de cera de carnaúba), e, em branco, a circulação. É importante observar que em certos casos, alguns ambientes têm duas cores; isso se deve ao fato do compartilhamento de atividades, como, por exemplo, o corredor com um paiol superior, servindo tanto às funções de circulação como de serviços (com as cores branca e violeta, respectivamente), na fazenda Olho d'Água do Pajé.

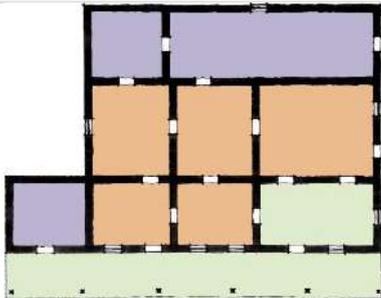
Figura 110: plantas baixas das casas-sede levantadas.



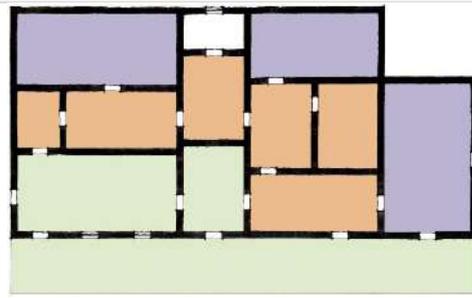




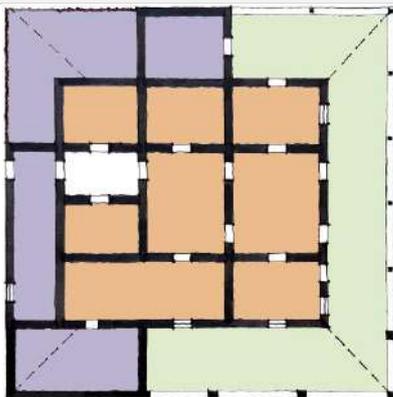
Cajueiro



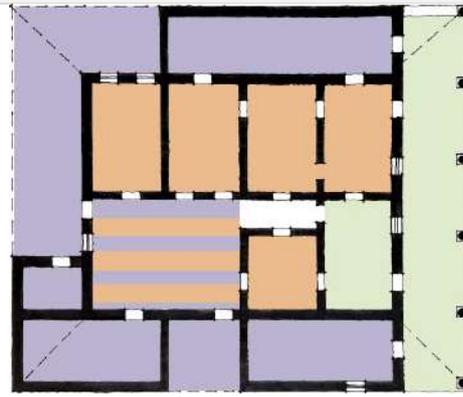
Tabatana



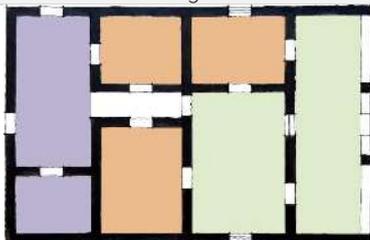
Volta



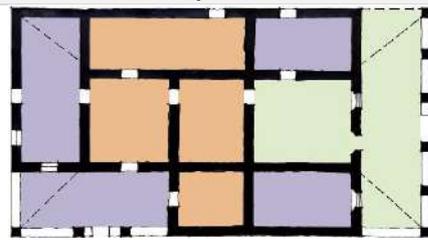
Alegre



Santa Quitéria Velha

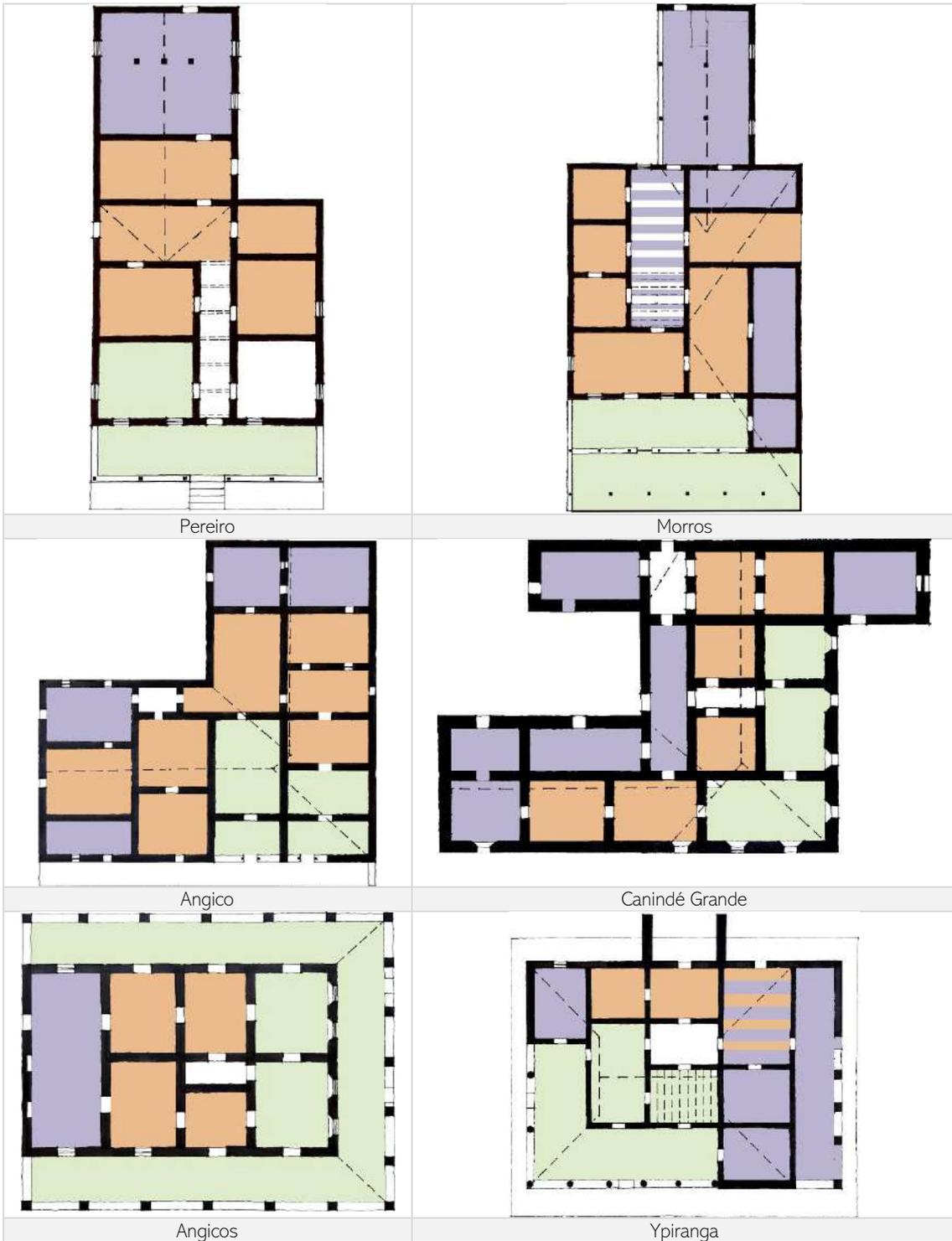


Seriema



Tamanduá





Fonte: autora (2021).

Materiais e sistemas construtivos

“Traz à luz a sua materialidade rude e lhe concede a condição de obra de arte”

(Castelo, 2019, p. 13).

Os materiais e técnicas utilizados nessas edificações rurais provêm do próprio meio e são trabalhados à mão. É notório o predomínio de quatro materiais: a pedra, o barro, a madeira e a carnaúba. Dessas quatro matrizes derivam as técnicas e os muitos sistemas construtivos: em uma única edificação podemos encontrar, por exemplo, paredes executadas em pedra, tijolos e taipa de mão; ainda, várias espécies de madeira e a carnaúba, utilizadas desde a estrutura até o mobiliário e fornecimento de pigmentos (tabela 4).

Tabela 14: Inventário de madeiras e palmeiras em uso nas construções do sertão.

Espécie	Uso
Aroeira; Gonçalo Alves; Jenipapo; Pau d'Arco	Estrutural
Peroba; Pau d'Arco; Gonçalo Alves; Aroeira; Sabiá; Mororós; Paus Brancos; Batingas; Sambacuins; Freijó; Imbuibas; Louros; Cipaubas; Carnaúba	Coberta (peças de madeiramento)
Pau branco; Jucá; Jenipapo; Pau d'Arco; Pau d'Óleo; Massaranduba; Pau Branco Louro; Rabugem; Pitiá; Freijó; Angico; Aroeira; Pau Violete; Jurema; Cumarú; Pereiro	Carpintaria e marcenaria
Cedro; louros; caneleiros; Freijó; pau-santo; caroba; Massaranduba; Jurema; Cumani; Oiticica; Pau Branco; Janaguba; Sabonete	Tabuado
Aroeira; Oiticica; Pau Branco; Sabiá; Pau Ferro; Carnaúba	Mourões, estacas e forquilhas
Oiticica; Urucum	Óleo para tintas e vernizes

Fonte: Madeiras de construção do Ceará [s.d.]. BNRI, Sampaio e Cavalcante (2015) e pesquisas *in loco*.

O uso desses materiais, ressaltamos, varia conforme a paisagem em que a edificação se insere, e as matas úmidas ou secas, os manguezais ou o litoral semiárido, lembrando-nos sempre da caatinga – especialmente nos sertões do Acaraú –, estão longe de ser uma paisagem homogênea (Kury, 2012). A fazenda e suas construções refletem também as condições socioeconômicas dos proprietários: as dimensões da casa, o número de pavimentos e a complexidade de seu programa de necessidades, por exemplo.

As técnicas construtivas das fazendas analisadas, em sua maioria do século XIX, têm forte influência do período setecentista, predominando o baldrame de pedra, a estrutura de

pau-a-pique, o piso de ladrilho de barro cozido, as esquadrias em tabuado de madeira, as coberturas em formato piramidal, entre outros sistemas abaixo sintetizados.

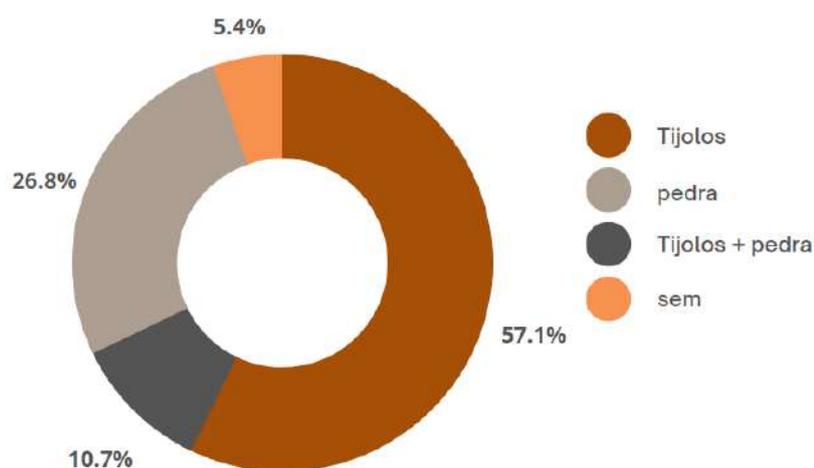
Tabela 15: Sistemas construtivos do século XVIII

Sistema	Caracterização
Alicerce	Baldrame de pedra de rio
Arremate do baldrame	Tijolo de cutelo
Paredes	Taipa de sopapo – Reminiscência da técnica do Frontal à galega portuguesa
Piso	Ladrilho de barro cozido e terra batida
Vãos	Rasgos normais às paredes e vergas. Sem ornatos
Esquadrias	Painel cego composto por tabuado ao comprido
Ferragens	Dobradiças ditas de cachimbo, com lemes de desenho uniforme ou sem leme, todas chumbadas à madeira por cravos de ferro fundido
Telhado	Forma Piramidal
Telhas	Telhas de barro sem encaixe de fixação
Beirais	Sem cimalha ou sistema de beira e bica
Forro	Inexistência de forro

Fonte: Bezerra (2012); Jucá Neto e Gonçalves (2019, p. 131)

Alicerces e pisos

Gráfico 2: alicerces e pisos, materialidade



Fonte: autora (2023).

As construções, independentemente de suas tipologias e usos, estão sempre assentadas sobre um bloco retangular maciço, o baldrame, também chamado de entablamento (Jucá Neto e Gonçalves, 2019). Esse alicerce vence a topografia onde se

implanta a edificação, colocando-a em alturas que variam de 15 a 184 centímetros (figura 111) com relação ao nível do solo.

Figura 111: Casa-sede da fazenda Caraúbas, Moraújo (CE). Século XIX.. Observa-se a escala humana e o alicerce que, em certo ponto, atinge 184 centímetros em relação ao nível do solo.



Fonte: acervo da fazenda Caraúbas.

O baldrame se estrutura em duas partes; a base pode ser de tijolos de barro sobrepostos ou pedra tosca⁶⁴, chamados por Sylvio de Vasconcelos (1979) como pedras de rio. O acabamento no topo é feito em tijoleira de barro cozido ou pedras de fina espessura. A tipologia encontrada com mais frequência consiste em um sistema feito inteiramente com tijolos, de diferentes dimensões. As peças maiores (figura 112), assentadas em várias fiadas intercaladas, finalizam com um acabamento no topo, com arremate ao cutelo⁶⁵ (figura 113).

⁶⁴ As rochas comumente encontradas na região são arenitos e quartzitos (RADAMBRASIL, 1981).

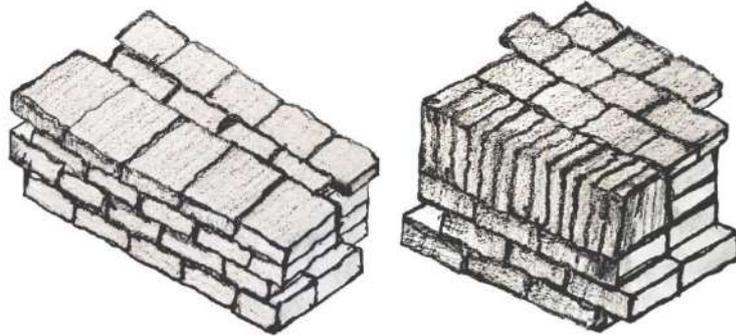
⁶⁵ O acabamento de alvenaria a cutelo consiste em assentamento de tijolos de modo que a espessura da parede coincida com sua menor dimensão.

Figura 112: tijolo de baldrame, fazenda Caraúbas. Dimensões 33cmx22cmx7cm.



Fonte: autora (2021)

Figura 113: acabamentos em tijolo de cutelo



Fonte: croquis da autora (2021)

Além do uso de tijolos, encontramos também outras combinações construtivas relativas ao baldrame, dentre as quais: I – alicerces de duas fiadas de tijolos com acabamento à cutelo (figura 114); II – alicerce consistido de uma única camada de pedras (figura 115); III – alicerce de pedras toscas (em cangicado ou com argamassa de barro), com topo em pedras de laje de rio (figura 116); IV - Base e acabamento em pedra tosca (figuras 117 e 118), podendo ter acabamento com pedras e tijolos à cutelo (figura 119).

Freire Alemão (Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 345) observa um fato curioso relacionado a construções religiosas,

Há aqui um costume a que devo fazer menção. Estavam, como já disse, construindo uma igreja, e para se conduzir o adobe, tijolo e pedra, donde se fabrica, sai ao anoitecer [f. 62] um sujeito com tambor, o outro com um flautim e vão tocando, como para chamada, **reúne-se a gente, homens e mulheres a carregar tijolos ou adobes ao som da gaita e do tambor, por esmolos e isto por um bom pedaço da noite.** Hoje rufou o tambor e soou a gaita mas não houve procissão porque faltou gente (grifo nosso).

Figura 114: entablamento de duas fiadas de tijolos com acabamento à cutelo. Fazenda Barra dos Prados. Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 115: entablamento de única fiada de pedras. Fazenda Sanharão, Século XIX. Pacujá (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 116: entablamento e topo em pedras. Fazenda Canindé Grande, Século XIX. Croatá (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 117: Base e acabamento em pedra tosca. Fazenda desconhecida. Século XIX. Viçosa do Ceará (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 118: Base e acabamento em pedra tosca. Fazenda Olhos d'Água do Pajé. Século XIX. Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 119: Acabamento em pedra tosca com acabamento com pedras e tijolos à cutelo. Sítio Cajueiro, Século XIX. Tianguá (CE).



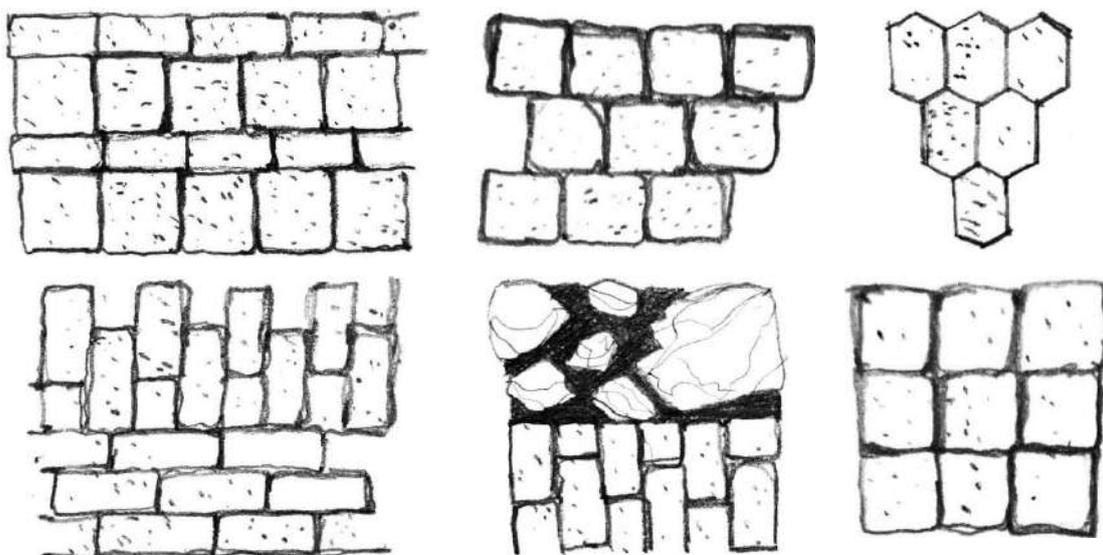
Fonte: autora (2021)

Os revestimentos de pisos observados são, na maioria, de ladrilhos de barro cozido, com diferentes paginações (figura 120). As edificações anexas, como currais, casas de farinha e oficinas de carnaúba, são majoritariamente de terra batida. Reformas em algumas propriedades substituíram as peças originais por cimento queimado ou revestimentos cerâmicos.

Em alguns casos, como nos sítios Cajueiro e Tamboatá, na Serra da Ibiapaba – os únicos casos de casas-sede construídas com dois pavimentos –, encontramos piso de tabuado de madeira (assoalhos usualmente fabricados em Pau Branco ou cedro),

sustentado por grossos barrotes de aroeira (figura 121), que, por sua vez, estão fincados nas espessas paredes de tijolos. A ocorrência de réguas de madeira também acontece nos casos de edificações com paiol. Alguns exemplares se diferem quanto às soleiras, que podem ter apenas mudança de paginação de piso, com o mesmo material (figura 122), ou uso de diferentes materiais, como pedra e madeira.

Figura 120: diferentes paginações de piso (em vista superior), observadas ao longo dos levantamentos.



Fonte: autora (2021)

Figura 121: Pavimento superior. Sítio Tamboatá. Guaraciaba do Norte (CE). Século XIX. Os barrotes, em Aroeira, servem de estrutura de sustentação e são fincados nas alvenarias. As réguas, em Cedro.



. Fonte: autora (2021)

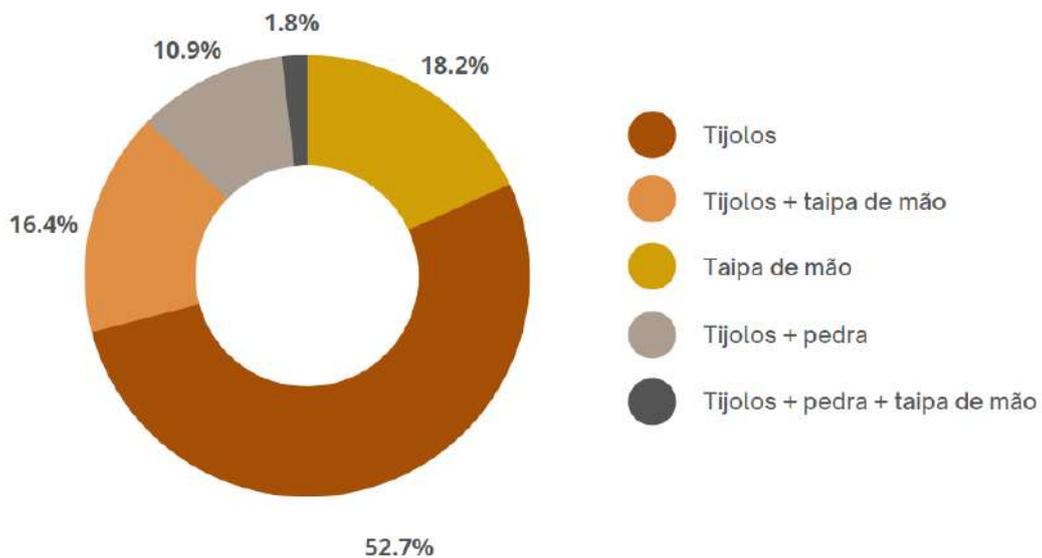
Figura 122: mudança de paginação de piso na soleira. Fazenda Alegre, Santa Quitéria (CE).



Fonte: autora (2021)

Paredes e vãos

Gráfico 3: paredes e vãos, materialidade



Fonte: autora (2023).

As paredes são estruturais e autoportantes, com espessuras que variam de 22 centímetros (na fazenda Pirambeba) a 85 centímetros (na fazenda Canindé Grande).

Paredes espessas não são regra, ocorrendo sobretudo em vedações externas e construídas comumente em sistema de tijolos de barro cru ou cerâmico e rochas, sendo as divisórias internas predominantemente de pau-a-pique ou tijolos de menores dimensões. A argamassa utilizada nas construções é de barro ou cal, este último material obtido em rochas carbonáticas em caieiras, sobretudo nas regiões de Coreaú, Frecheirinha e Aprazível, distrito de Sobral (Albuquerque, 2020). Observamos camadas de argamassas em paredes de tijolos com espessuras que chegam a cinco centímetros, na fazenda Angico, no Croatá (figura 123).

Identificamos, no processo de levantamento, cinco sistemas de amarração de alvenarias. A maior ocorrência é de sistema de paredes inteiramente de tijolos. Também encontramos as seguintes combinações: tijolos com taipa de sopapo, pedra com tijolos, pedra com taipa de sopapo e tijolos e, por último, sistema inteiramente de taipa de mão. Nesses sistemas mistos, é regra que os materiais mais resistentes – pedra e tijolo – sejam empregados em alvenarias externas.

A taipa de sopapo, também chamada de sebe, pau-a-pique ou taipa de mão, consiste em uma estrutura independente, com armação vertical em troncos de aroeira, entrelaçadas com peças horizontais em troncos de menor dimensão, formando uma malha a ser preenchida manualmente com barro (figura 124).

Figura 123: Sistema misto. Base em pedras com junta seca e posterior assentamento de tijolos em adobe com argamassa de barro. Fazenda Angico, Croatá (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 124: Construção feita inteiramente em taipa de sopapo. Sítio desconhecido, Camocim (CE).



Fonte: autora (2021)

Nos exemplares arquitetônicos com paredes de taipa de sopapo, há um recurso interessante: a armação de madeira, mesmo após o acabamento e caiação da parede, tem alguns trechos de troncos verticais expostos, servindo como armador de rede ou lugar para pendurar utensílios. Há também as peças de madeira em sentido horizontal, armadas em cantos de parede, dispostas como prateleiras (figura 125).

Figura 125: Peças utilitárias obtidas a partir da armação no sistema de taipa. Fazenda Volta, Graça (CE).



Fonte: autora (2021)

Outra particularidade da taipa de mão nesse sertão é citada por Freire Alemão durante sua estadia em Villa Viçosa no ano de 1861: “Vi em Villa Viçosa um modo de segurar o reboque⁶⁶ das paredes de pao a pique q’ hei de aprender para m^a casa; q’ é cravar na parede em quantidade [] cacos de telha perpendicular a parede”.⁶⁷ Thedim Barreto (1952), estudioso da arquitetura rural piauiense, chama essa técnica de taponar. Não encontramos, em nossos exemplares, tal técnica em taipa, mas sim uso de modo similar, com peças aplicadas paralelamente em trechos de alvenaria de tijolos de adobe e cozidos (figuras 126 e 127).

⁶⁶ Acredita-se que o termo “reboque” se refira à reboco.

⁶⁷ Francisco Freire Alemão. Desenhos de Cumoeiras, dobradiças e ferrolhos. Meruoca, 4 de janeiro [1861]. BNRJ, I-28, 9, 31.

Figura 126: Guarda corpo em tijolos com aplicação de telhas. Sítio Morros, Moraújo (CE). Século XX.



Fonte: autora (2021)

Figura 127: alvenaria externa com aplicação de telhas. Sítio Cajueiro, Tianguá (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Figura 128: formas de assentamento de tijolos encontradas, em vista frontal. Sem escala.



Fonte: autora (2021)

O emprego do tijolo proporciona soluções de maior capacidade estrutural, possibilitando construções em sobrado e coberturas mais arrojadas. Elementos como arcos, por exemplo, são frequentes na arquitetura oitocentista rural nos sertões do Acaraú, sendo o arco pleno (sinalizando circulações internas⁶⁸) e o arco abatido (em vãos de esquadrias) os mais encontrados. Embora tenhamos exemplares com arcos ogivais, como nas casas da fazenda Sapucaíba e no sítio Cajueiro, estes têm fim meramente decorativo, feitos com ressalto de alvenaria, característicos do casario de núcleos urbanos de vilas da Serra da Ibiapaba, reforçando a circulação construtiva entre o meio urbano e rural.

⁶⁸ Detalhe também observado por Olavo Pereira Silva Filho em fazendas do Piauí.

Observamos ainda a solução de contrafortes externos à casa para reforçar as cargas da cobertura, depositadas nas paredes (figura 130). O sistema de alvenarias em tijolos pode receber reforço também de pilares e tesouras de canto, geralmente em aroeira (figuras 131).

Figura 129: circulação com arco pleno. Sítio Cajueiro, Tianguá (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Figura 130: vão de esquadria com arco abatido. Sítio Cajueiro, Tianguá (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Figura 131: contraforte. Fazenda Ypiranga, Forquilha (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 132: tesoura de canto. Fazenda Alto dos Noivos. Século XIX.



Fonte: autora (2021)

O uso construtivo do tijolo possibilitou, ainda, a presença de caritós (espécie de nicho embutido) para as imagens religiosas e armários com prateleiras para o armazenamento de alimentos, bem como armadores e cabideiros em madeira lavrada.

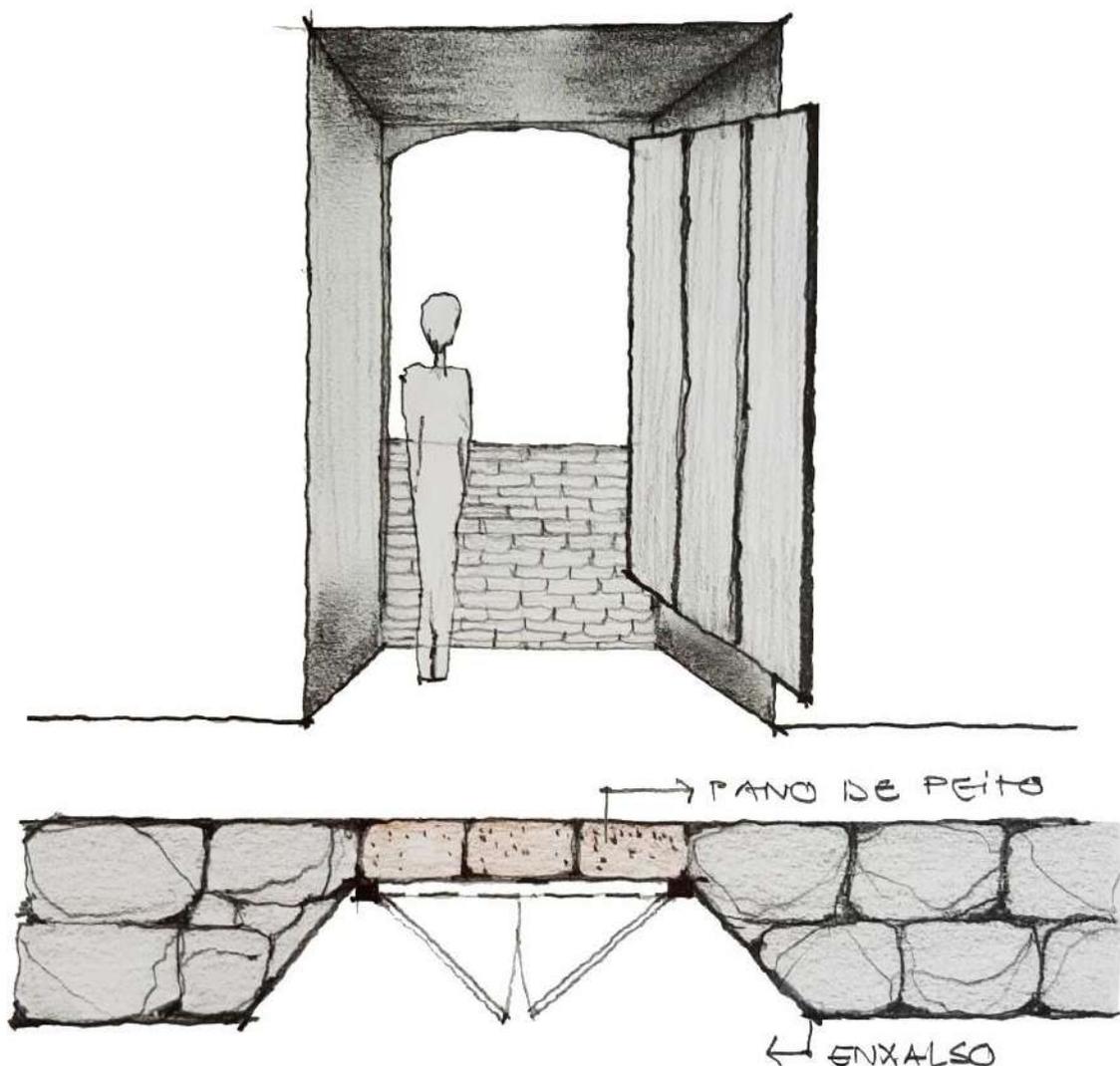
Figura 133: armários embutidos e caritós.



Fonte: autora (2021)

Em paredes mais espessas, construídas em tijolos e/ou pedra, há ocorrência de rasgo em chanfro (Jucá Neto e Gonçalves, 2019), também conhecido como enxalso (Corona e Lemos, 2017). É um elemento que está geralmente localizado nas faces internas de paredes relativas às fachadas das casas-sede. As demais divisórias internas têm vãos retos. Trata-se de um recurso capaz de ampliar a luz natural no interior da casa, devido à reflexão de raios solares nas faces chanfradas. O enxalso ocorre tanto em alvenarias de tijolos como de pedra. A parte mais delgada da parede, que alcança o peitoril, é denominada pano de peito, sendo, nos casos levantados, sempre em tijolos.

Figura 134: Esquema de vista e planta, identificando alvenaria com enxalso. Sítio Cajueiro. Desenho sem escala.



Fonte: autora (2022)

Construções com paredes de pedra representam 12,7% de todo o universo levantado. Ocorrem em regiões pontuais, nos exemplares de Pacujá (fazendas Lagoa do Barro e Sanharão), Croatá (Canindé Grande e Angico) e Tianguá (sítio Cajueiro). Há predominância de rochas do tipo arenito, com incidência de rochas amarronzadas em Pacujá e amareladas na serra da Ibiapaba (RADAMBRASIL, 1981).

Paredes de pedra aparelhada ocorrem sempre em alvenarias do envoltório externo da casa. No que diz respeito às técnicas, encontramos assentamentos tipo junta seca (sem argamassa), com preenchimento de pedras de dimensões menores (conhecidas por cangicado) e, em maior frequência, assentamentos de pedra com argamassa de barro ou areia e cal. As pedras utilizadas não seguem padrões de formato. Encontramos, entretanto,

pedras de laje de rio utilizadas como revestimentos em piso e no topo das alvenarias, simulando cimalkhas.

Figura 135: Sistema construtivo em alvenaria de pedra. Fazenda Canindé Grande, Croatá (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Figura 136: Casa da fazenda Lagoa do Barro, Pacujá (CE). Século XIX.



Fonte: autora (2021)

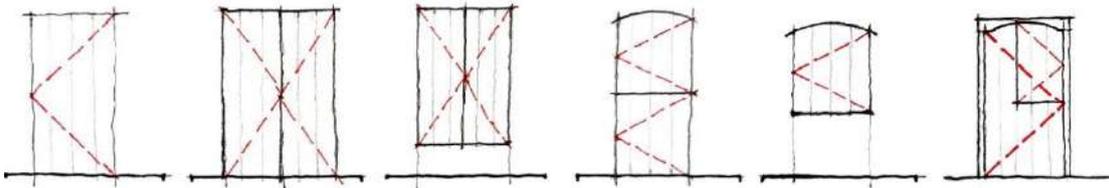
Figura 137: Alvenaria externa em técnica de junta seca, em cangicado. Sítio Cajueiro. Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Esquadrias

Figura 138: tipos de portas e janelas e seus sistemas de abertura, encontrados nos levantamentos.



Fonte: autora (2021)

As portas e janelas encontradas são constituídas por folha única ou dupla, que por sua vez podem ter divisão horizontal ou vertical. As folhas são retangulares, compostas por quatro a cinco tábuas em madeira de cedro, unidas verticalmente por encaixe do tipo macho e fêmea. São emolduradas por quadro composto de verga – quase sempre reta – e ombreira, sempre em madeira.

Figura 139: quadro com verga curva. Casa do sítio Seriema. Século XIX. Sobral (CE).



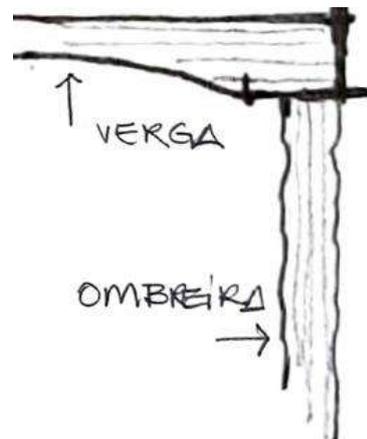
Fonte: autora (2021)

Figura 140: quadro de madeira com verga reta. Fazenda Pajé. Século XIX. Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

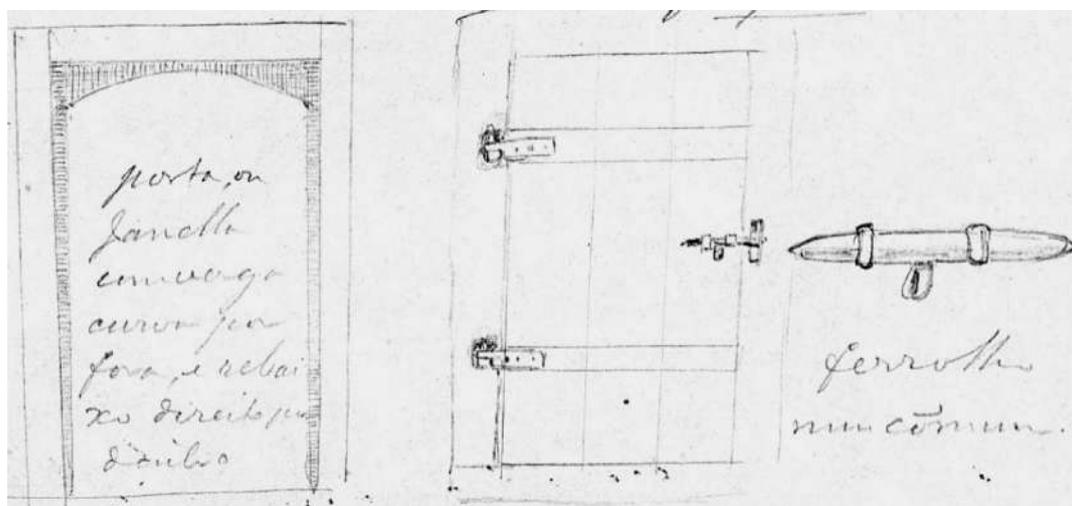
Figura 141: desenho com detalhes do quadro.



Fonte: autora (2021)

Quanto às vergas de portas e janelas, nota-se a existência de quadro com rebaixo, em que a face externa é curvada e serve como anteparo para a porta, em casos de vãos com arco abatido, ocorrendo apenas em habitações.

Figura 142: "porta ou janella com verga curva por fora e rebaixo direito por dentro; ferrolho não comum." Francisco Freire Alemão. Desenhos de Cumoeiras, dobradiças e ferrolhos. Meruoca, 4 de janeiro [1861].



Fonte: BNRI

As dobradiças são do tipo leme. Essas peças, junto a outras ferragens, como ferrolhos e fechaduras e chaves de ferro, são um claro indício da necessidade de manter a casa como uma redoma segura nos sertões daquela época.

Figura 143: dobradiça tipo leme-e-cachimbo. Casa da fazenda Santa Quitéria Velha.



Fonte: autora (2021)

Figura 144: tramela. Casa da fazenda Santa Quitéria Velha, século XIX. Santa Quitéria (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 145: chave da casa de fazenda Várzea Grande, século XIX. Reriutaba (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 146: desenhos de fechaduras encontradas nas casas de fazenda oitocentistas.



Fonte: autora (2021)

Há também uma situação peculiar: os vãos cegos. A presença destes é caracterizada pela ausência de abertura, constando apenas o ressalto em alvenaria, e podem indicar reformas, em que foram eliminadas antigas aberturas.

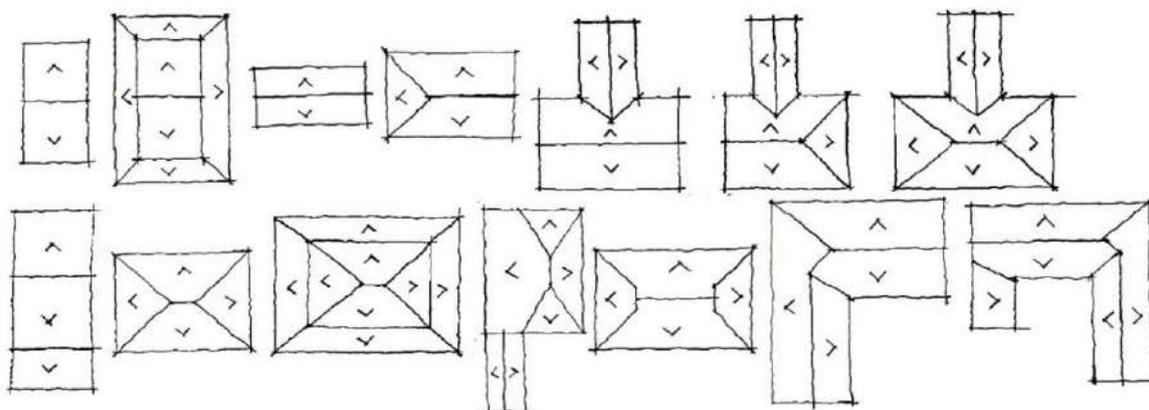
Figura 147: painéis cegos na fachada. Casa da fazenda Canindé Grande, século XIX. Croatá (CE).



Fonte: autora (2021)

Cobertas

Figura 148: formatos de cobertas e caimentos encontrados em levantamento.



Fonte: autora (2021)

As coberturas são protagonistas na arquitetura rural dos sertões do Acaraú. Com altas cumeeiras e beirais baixos, os telhados se esparramam em várias águas, formando volumetrias singulares, de “um efeito plástico de rara beleza, como um chapéu de couro em campo de boiadeiro” (Silva Filho, 2007, p. 150).

Figura 149: casa da fazenda Bom Viver, século XIX. Santa Quitéria (CE).



Fonte: autora (2021)

Além de seu aspecto protetor, a cobertura permite a ventilação contínua e a regulação térmica. Em relação ao pé direito, a menor medida levantada foi de 3,96 metros na área de serviços da fazenda Groáiras, e a maior medida registrada foi de 9,65 metros na casa-sede da fazenda Retiro. Considerando todos os exemplares, a média de altura até a cumeeira é de 6 metros. Sobre os beirais, encontramos dimensão mínima de 1,47 metros no sítio Seriemá.

Dentre o universo levantado, há maior ocorrência de telhado de duas águas, sobre casa de formato retangular, dilatado na largura ou comprimento. Nesses casos é regra que

as águas caíam na fachada frontal e posterior. Temos também cobertura de quatro águas em formato piramidal, com algumas variações recorrentes, como por exemplo a presença de lanternim cego. Há ainda as coberturas de duas e quatro águas com complementos construídos em níveis inferiores, sendo forte indício de reformas em edificações originalmente sem alpendre, pela presença de cimalha logo acima dessas novas coberturas. Na casa da fazenda Sapucaíba, por exemplo, há relatos orais de que a casa teve seu alpendre construído na década de 1960.

Os casos mais particulares são do conjunto de fazendas do riacho Mocambo – já mencionados no início do capítulo –, as fazendas Olho d'água, Morros e Pereiro, de quatro, três e duas águas, respectivamente, com complemento retangular com rincões, sinalizando cozinhas, e os telhados em formato "L", na região de Croatá, das fazendas Angicos e Canindé Grande, em que há forte relação com a tectônica do Piauí (Silva Filho, 2007).

Figura 150: Coberta de quatro águas com lanternim cego. Olho d'Água das Ovelhas, Cariré (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 151: Coberta de dois caimentos complementada por quatro águas. Angicos, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 152: Coberta em formato "L". Angico, Croatá (CE).



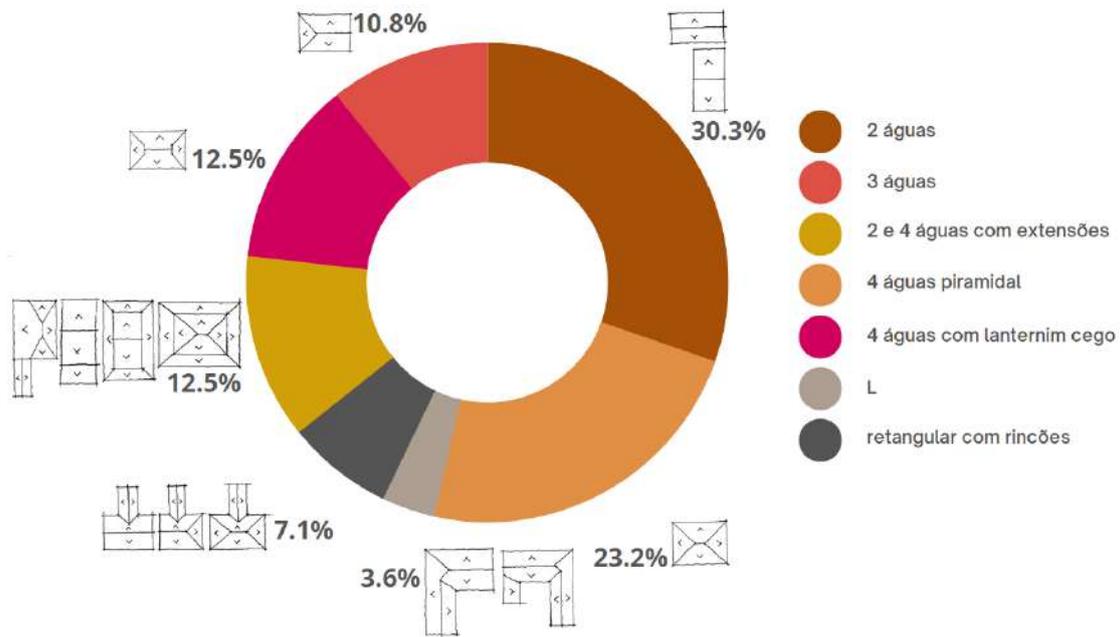
Fonte: autora (2021)

Figura 153: Coberta com complemento com rincões posteriores. Morros, Moraújo (CE).



Fonte: autora (2021)

Gráfico 4:



Fonte: autora (2023).

As paredes interiores raramente alcançam a cumeeira, apenas em casos de edificações com pavimento superior. A cobertura funciona como uma estrutura quase flutuante se observada internamente. O telhado é sustentado por pontaletes e brabos, peças verticais e horizontais, respectivamente. Esse sistema, que vence grandes vãos, repousa sobre as meias-alvenarias de taipa ou tijolos, distribuindo as cargas do telhado. Como já analisamos no partido arquitetônico, tal solução permite a ventilação interna da casa, bem como sua regulação térmica, ao favorecer a ventilação do ar quente – comumente sentido na região –, longe do nível do usuário, predominando frescor nos cômodos.

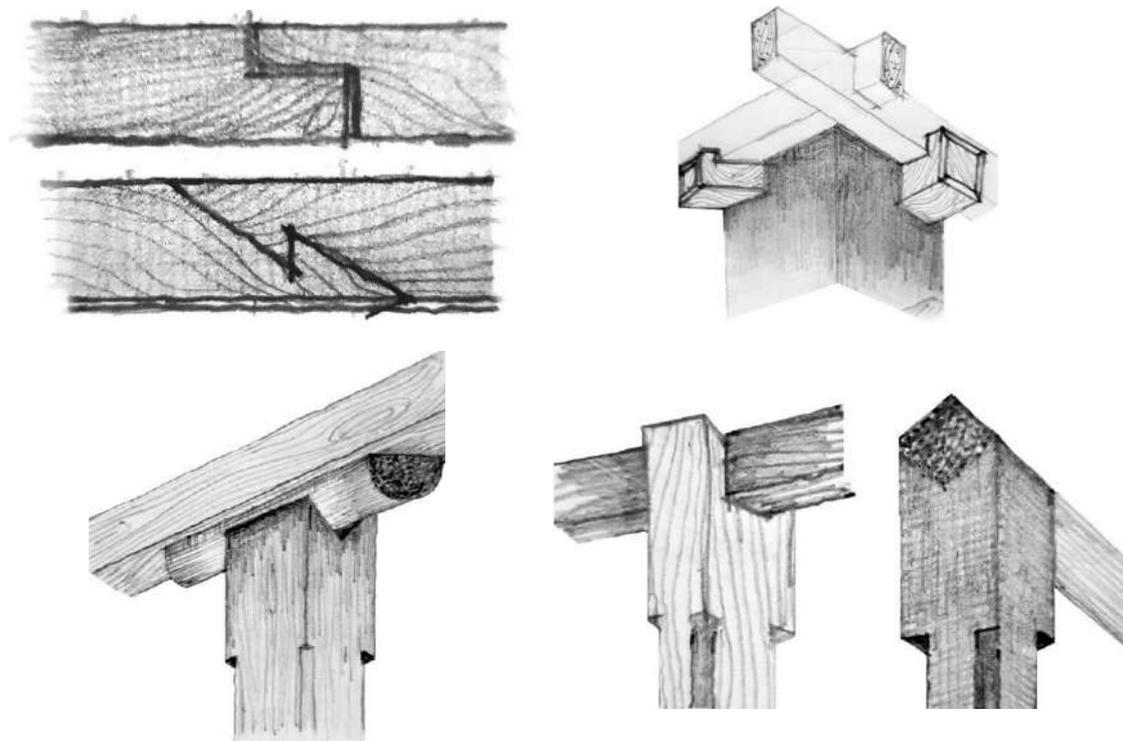
Figura 154: Sistema de brabo e pontalete, comumente observado nas construções rurais analisadas. Casas das fazendas Alegre e Canindé Grande, século XIX.



Fonte: autora (2021)

Com telha vã, a estrutura do telhado mostra-se com rara beleza. As peças de madeira mais robustas do sistema de madeiramento, como as utilizadas em rincões, cumeeiras, frechais e pilares, são lavradas e muitas vezes dispostas a 45 graus. Carnaúba, Aroeira, Massaranduba e Angico são popularmente utilizados em terças e brabos. Caibros e ripas podem ser em pau branco ou galhos de madeiras de menor diâmetro, sem lavragem. A relação entre as medidas de vãos a serem vencidos e as dimensões de madeiras disponíveis, assim como a disponibilidade de ferragens, favoreceu a ocorrência de sambladuras, técnica milenar que consiste em entalhes, permitindo a união de peças entre si sem o auxílio de ferragens.

Figura 155: encaixes encontrados nos madeiramentos das edificações.



Fonte: desenhos da autora (2021)

Nas construções inventariadas, as colunas que sustentam os alpendres podem ser de madeira lavrada ou de tijolos cozidos, estes últimos em formato retangular ou semicircular (chamados "meia lua"). Esses elementos por vezes são dotados de singelos detalhes decorativos, como "capitéis de reminiscência toscana" (Jucá Neto e Gonçalves, 2019, p. 83).

Figura 156: pilares e detalhes decorativos.



Fonte: autora (2021)

No intercolúnio, nota-se a presença de guarda-corpo⁶⁹, na maioria dos casos feitos em tijolos cozidos de barro, com arremate de tábuas corridas de madeira. Há, em casos mais particulares, guarda-corpo em pedra e em madeira. Os parapeitos vazados em madeira ocorrem com certa frequência na região norte, mais precisamente em Granja (Jucá Neto e Gonçalves, 2019), Barroquinha, Viçosa do Ceará, e no norte piauiense, em Luís Correia e Cocal, nas fazendas Santa Rosa e Ipueira.

Figura 157: Pormenores de guarda corpo. Casa do sítio Morros, século XX. Moraújo (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 158: guarda corpo vazado. Fazenda desconhecida: Viçosa do



Fonte: autora (2021)

⁶⁹ Parapeito.

Os beirais podem ser ornamentados com beira sobeira – em que há apenas um único exemplar, a casa sede da fazenda Pirambeba – ou cimalha, característica predominante. No caso da cimalha, associam-se a cunhais e silhares, nos arremates verticais de arestas das fachadas. Esses detalhes são também claro indício de construções em tijolos. Encontramos também raros exemplos de uso de cachorros.

Figura 159: beira sobeira, casa da fazenda Pirambeba, Jaibaras, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 162: cimalha de massa, casa da fazenda Canindé Grande, Croatá (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 160: arremate em cunhal e silhares. fazenda Groáiras (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 161: cachorros. Casas das fazendas Santa Quitéria Velha e Casa Grande. Século XIX.



Fonte: autora (2021)

Figura 163:



Fonte:

As telhas possuem dimensões entre 50 e 60 centímetros de comprimento. Na casa da fazenda Volta, por exemplo, observamos telhas com dimensões de 52 centímetros de comprimento por 23 centímetros de largura. São peças tipo capa e canal e não possuem ressalto ou encaixe. Em alguns trechos, como em cumeeiras e beirais, são argamassadas com cal e areia.

As telhas presentes em construções do século XIX são valioso testemunho material desta arquitetura. Nos sertões do Acaraú em particular, são dotadas de diferentes tipos de registros. De olarias de produção em nossa região de pesquisa, pouco sabemos, com informações limitadas a registros orais. Durante levantamento arquitetônico na fazenda Hamaistempo, em Groaíras, seu proprietário nos relatou sobre a construção, “liderada” por seu pai: a extração de barro e posterior produção de telhas e tijolos, dava-se próximo ao curso do rio Groaíras e regiões alagadiças. De fato, o barro de louça, comum nessas regiões, era maleável e mais adequado para moldar (Lins *et al.*, 2017).

A telha e tijolo que se usa aqui vêm das macambiras, a sete léguas daqui; a cal vem do sertão. Aqui usam também a tabatinga, ajuntando-lhe goma de polvilho cozido e diz o Sr. Cândido que supre bem a cal (Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 334).

Há vários tipos de inscrições, sendo mais comum os padrões de desenhos em formato de linhas curvas repetidas (figura 164), também encontradas em pisos de tijoleira, a exemplo dos tijolos assentados no pequeno curral da fazenda Retiro (figura 165). Em uma mesma construção, encontramos telhas com um mesmo padrão de desenho, o que pode indicar uma produção padronizada por olaria ou construção, mas também com aspecto decorativo.

Figura 164: telhas com diferentes inscrições.



Fonte: autora (2021)

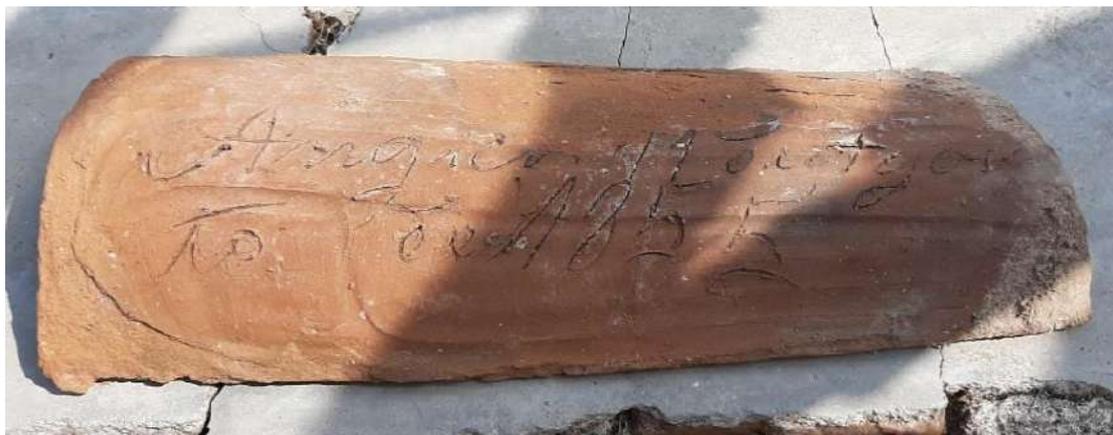
Figura 165: piso de tijoleira com inscrições. Curral da fazenda Retiro, século XIX, Cariré (CE).



Fonte: autora (2021)

Difundidos em diversos exemplares da arquitetura rural no Brasil, registros de datas e escritos em telhas, permitem estimar a idade da edificação, trazendo informações precisas sobre quem as construiu. A caligrafia, por exemplo, permite estimar o nível de instrução de seus construtores (figura 166), ou sua condição perante a sociedade (figura 168), bem como o contexto em que a edificação estava inserida (na figura 167, vê-se referência à seca de 1977-1979, que assolou o Ceará).

Figura 166: Inscrição em telha. "Angicos 12 de Agosto de 1855". Fazenda Angicos, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 167: "Quem nasceu no 79 passou por uma cêca dura". Curral da Fazenda Olho d'Água do Pajé, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 168: "Ama Rosário". Casa sede da Fazenda Alto dos Noivos, Catunda (CE).



Fonte: autora (2021)

Para além do contexto regional, estas peças podem também indicar os aspectos econômicos e sociais em que a casa estava inserida. Na sede da fazenda Santa Quitéria Velha (figura 169), exemplar oitocentista, encontramos um caso particular de telhas decoradas com motivos fitomórficos, zoomórficos e antropomórficos, retratando pessoas com vestimentas do século XIX, vaqueiros e animais do criatório – o gado cabrum e o cachorro, animal aliado no pastoreio do gado. São, pois, exemplos que demonstram o esmero do fazendeiro com a sua morada.

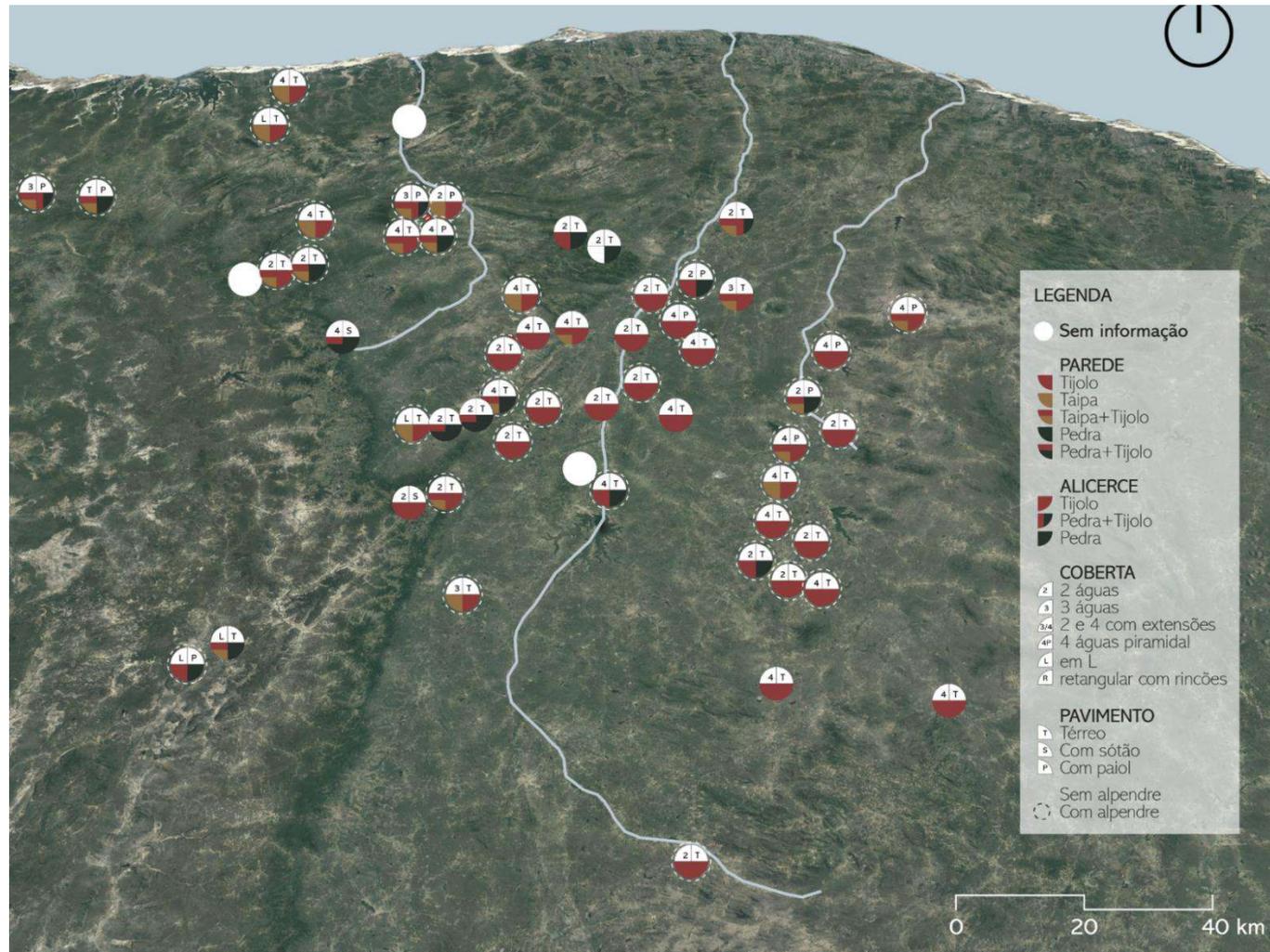
Figura 169: registros particulares da casa-sede da fazenda Santa Quitéria Velha (CE), século XIX.



Fonte:

Observemos a seguir, a peça gráfica com a sintetização espacializada da tectônica e programática destas construções.

Figura 170: arquitetura e materialidade das casas de fazenda inventariadas.

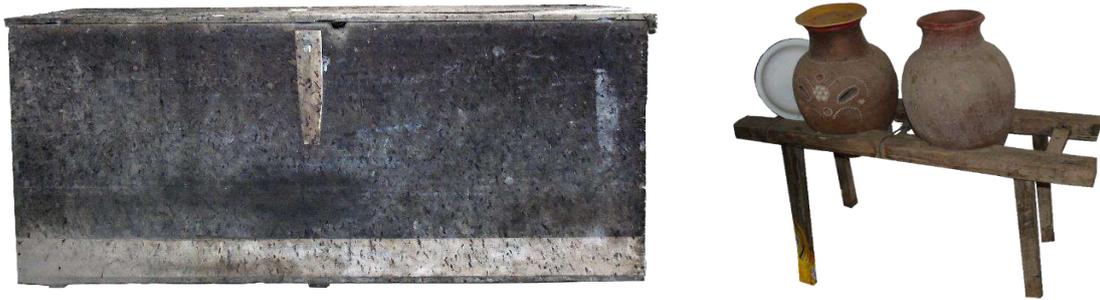


Fonte: autora (2021)

Mobiliário e objetos

Figura 171: Levantamento de objetos do cotidiano da moradia rural oitocentista.





Fonte: autora (2021)

Alambiques e tonéis, escrivaninhas, cadeiras e banquetas comumente construídas em imburana com assento em couro curtido, grandes baús de madeira para armazenagem da rapadura, da farinha e da carne seca, vasos de barro para armazenagem de água, são alguns dos artefatos encontrados nas construções, expressando práticas e aspectos da vida cotidiana das moradas e das propriedades como um todo.

Figura 172: alambique e tonéis.



Fonte: Leitão (2013) e autora (2021).

Tabela 16: Parte do inventário de Anastácio de Araújo Costa Sales. Ano de 1898.

MÓVEIS	
Seis cadeiras de sala, em bom estado	24\$000
Uma mesa para serviço de jantar, com sete palmos de cumprimentos, com gavetas	10\$000
Um banco de pau d'Arco	2\$000
Dois jogos de sacos de capoeiro, em mal estado, bastante velhos	10\$000
Três jogos de surrões novos de solla	30\$000
Um jogo de surrão de solla já bastante velho	10\$000

Seis cangalhas velhas, cheias de palha de carnaúba, prestáveis	15\$000
Um jogo de baús de madeira, já velhos e sem fechadura	6\$000
Um caixão de cedro, para guardar roupa branca, em mal estado	4\$000
Dois tachos de cobre, com um peso cada um de cinco kilos	18\$000
Um tacho menor, já estragado, com peso de três kilos	6\$000
Um clavinote ⁷⁰ em bom estado de uso	8\$000
Uma espingarda velha em mal estado	6\$000
Um facão grande, de cabo de chifre, americano	2\$000
Dois facões menores	2\$000
Uma prensa de fazer queijos, em mau estado	3\$000
Uma alavanca em mau estado	3\$000
Duas enxadas	3\$000
Uma foice já velha	1\$000
Um machado em mau estado	2\$000
Uma sela gineta, para montaria de vaqueiro com uma brida em bom estado	20\$000
Um gibão de capoeiro e um chapéu de couro	30\$000

Fonte: Farias (1995)

O processo de fabricação da renda, além de testemunho material da vida doméstica feminina nos oitocentos, demonstra a utilidade e a identidade construída através das plantas – fato já demonstrado na arquitetura rural. O mandacaru dava as agulhas para auxiliar na formação do desenho da renda; o birreiro (caroço) e o Pitiá compunham as peças manuseadas pelas rendeiras para desenhar estas singelas mas valiosas obras de arte.

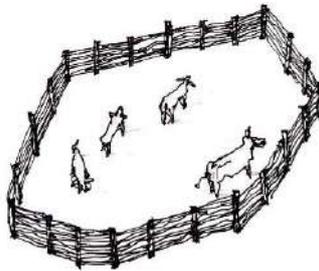
⁷⁰ Pequena espingarda.

Figura 173: fazendo a renda de bilro. Rendeiras de Itarema (CE).



Fonte: autora (2021)

Currais, cercados e estruturas volantes: Saber fazer e itinerância da madeira



“Obra de madeira, ou de pedra, ou tijolo, com que fe cerca, cince, tapa, fecha algum espaço.”

Bluteau e Silva (1789, p. 255)

“Obra confeccionada ao redor do terreno, geralmente de madeira, ferro ou arame, ou sebe, com a finalidade de proteger a propriedade ou construção.”

Corona e Lemos (2017, p. 123)

Cercas, ou cercados, são construções identitárias dos sertões como um todo. Quanto ao Ceará, em perspectiva histórica, foram as primeiras formas de devassamento e fixação do colonizador nos sertões. Este período, denominado absentéismo, deu-se através da concessão de sesmarias, e por conseguinte, a fixação de currais de gado por vaqueiros – representantes dos fazendeiros, moradores de outras capitanias (Abreu, 1930).

Consistem em uma arquitetura valiosa e pouco documentada, produto da habilidade do homem sertanejo:

Currais grandes, bem-feitos, são mais valiosos do que casas de morada, pelo trabalho que acarretam em sua confecção e pela madeira que dispendem (...) Os relatos de viajantes e cronistas do século passado chamam a atenção para a imponência desses cercados que revelavam, mais do que a casa de moradia do senhor, a importância e o valor econômico da propriedade. Muitas fazendas, com mais de 2000 cabeças, só dispunham de uma tosca casa de taipa, coberta de palha, mas currais cuidadosamente feitos (Falci, 1993, p. 26).

Os cercados são compostos majoritariamente de madeira. As espécies de madeira utilizadas encontradas no inventário das fazendas nos sertões do Acaraú são: Oiticica (*Licania rigida*), Pau Branco (*Auxemma oncocalyx*), Pau Ferro (*Caesalpinia leiostachya*) e Sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia*). Há também a ocorrência de cercados montados com Carnaúba (*Copernicia prunifera*).

Figura 174: *Auxemma oncocalyx*.



Fonte: autora (2021)

Figura 175: *Copernicia prunifera*.



Fonte: autora (2021)

A oferta de espécies lenhosas no sertão, bem como as variantes bioclimáticas (épocas de seca e de chuva), vinculadas às dinâmicas da economia pastoril, evidenciam a característica mais identitária destas estruturas utilitárias, volantes: a sua itinerância. O naturalista João da Silva Feijó (1811, p. 40), ainda no século XIX no Ceará, narra que,

He não menos conveniente, que cada hum tenha seu curral, e aprisco, onde fe recolha, e as ovelhas paridas, e seus filhos feijão comodamente tratados; afim como que efes curraes feijão espaçozos, e quazi **volantes**, o que não só interessa aos mesmos animaes, como a agricultura, ou cultura do paiz, por fornecer com facilidade, e em toda a parte às terras fracas conveniente adubo, para as fazer férteis, e úteis ás plantações dos legumes, e dos prados artificiaes

em dupla utilidade, como fe pratica na Europa, mudando-se esses curraes para onde perde a necessidade (...) (grifo nosso)

O registro de Feijó nos indica também a versatilidade desta estrutura. Embora fortemente associadas à cultura pastoril, as cercas são também utilizadas na pesca litorânea, nos vazantes, para preservar lavouras e até na proteção da casa-sede de fazendas e sítios.

Não obstante seu uso, são formadas por peças classificadas de acordo com sua forma e função. Os mourões – ou moirões – (figura 176) são peças de grossa espessura, fincadas ao solo e espaçadas umas das outras, envolvendo troncos em sentido horizontal para o fechamento do cercado.

Figura 176: Curral com troncos de Carnaúba (em sentido horizontal) e mourões (em sentido vertical). Fazenda Canindé Grande, Croatá (CE).



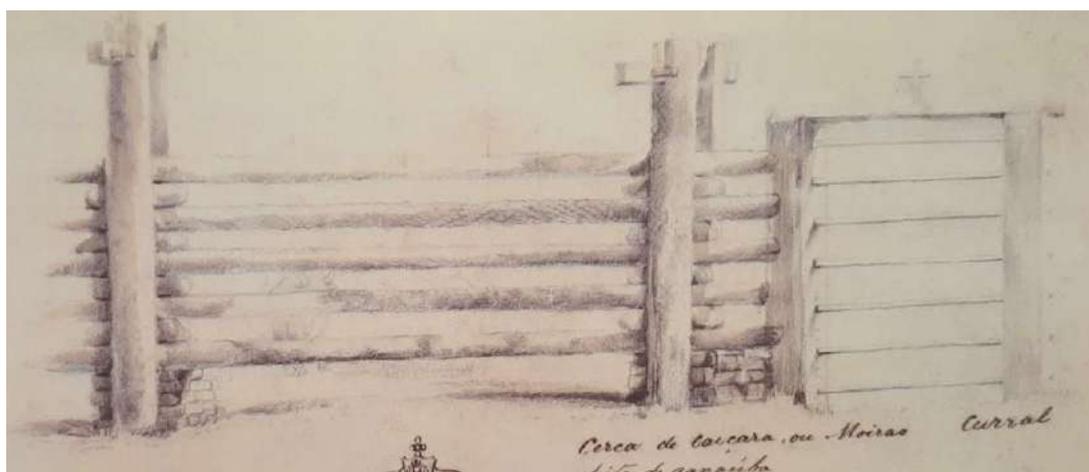
Fonte: autora (2021)

Para Freire Alemão⁷¹, as madeiras utilizadas têm boa durabilidade, podendo ser desmontadas e remontadas em outros locais.

“O campo cerrado e fechado com cancelas é grande, tem mais de légua de comprido e quae légua de largo. É cercado em parte com cerca de moirões furados: estas cercas as vi aqui pela primeira vez, duram 12 e mais anos; os moirões são ordinariamente de pau-ferro, que dura como a aroeira, ou de outra madeira que dura, tem cinco ou seis buracos por onde se enfiam lascas de carnaúba” (apud Silva Filho, Ramos e Rios, 2011, p. 54)

⁷¹ Francisco Freire Alemão e Reis Carvalho, membros da Comissão Científica de Exploração (1859-1861) realizaram importante documentação iconográfica destes espaços, através de seus desenhos e aquarelas. Apesar de registros referentes em sua maioria à região do Cariri e médio Jaguaribe, no Ceará, possibilitam a percepção acerca da circulação e permanência de técnicas e modelos ao longo do tempo-espaço (figura 82), observado em exemplares nos sertões do Acaraú (figuras 80 e 83).

Figura 177: Cerca de caiçara ou Moirão em carnaúba. Ilustração de Reis Carvalho, século XIX.



Fonte: Beserra (2017)

Figura 178: Cerca de mourão também em Carnaúba.



Fonte: autora (2021)

Já a forquilha, outra peça estruturante, pode ser utilizada em diversas formas de montagem, sempre em sentido vertical. É geralmente feita em madeira de Sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia*), que fornece troncos de extremidade bifurcada, onde se pode alocar peças de madeira em sentido horizontal. Para Corona e Lemos (2017, p. 224), a essa ligação se dá o nome de "ligação por forquilha ou de espiga engasgada". Contudo, as forquilhas não necessariamente são compostas por peças com extremidade bifurcada. Na fazenda Sapucaíba, por exemplo, o cercado é composto por troncos de madeira que pendem para lados diferentes, tornando possível o alojamento de peças horizontais.

Figura 179: curral da fazenda Tamanduá, Forquilha (CE). Estrutura montada em ligação por forquilha ou espiga engasgada. À direita, detalhe aproximado do curral.



Fonte: autora (2021)

Figura 180: curral com forquilhas por posicionamento. Fazenda Sapucaíba, Santa Quitéria (CE).



Fonte: autora (2021)

Todos os cercados, sem exceção, possuem um mesmo tipo de abertura, denominadas porteiras ou tranqueiras (Pompeu, 1958). Estas aberturas são estruturadas em três peças verticais, de madeira lavrada, em seção retangular. Na face mais larga destas, fazem-se os furos, em formato quadrangular ou circular, por onde passam troncos roliços, os paus de porteira. Em geral, o conjunto da peça tem altura média observada de 160 centímetros. Os paus de porteira mais inferiores têm espaçamento menor entre si, a fim de evitar o escape de animais de pequeno porte. Para maior sustentação do pórtico, temos ainda o arremate superior, por encaixe, da mesma peça lavrada, em sentido horizontal, denominada travessa.

Figura 181: porteira ou tranqueira. Curral no distrito de Bilheira, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 182: seção circular e quadrangular.



Fonte: autora (2021)

Em 1958, o antropólogo João Pompeu realiza um levantamento detalhado sobre as cercas no sertão central do Ceará, nos municípios de Quixeramobim e Morada Nova. O

estudo, originalmente publicado no Boletim de Antropologia, da Universidade Federal do Ceará (UFC), mostra exemplares que apresentam bastante similaridade com os cercados de nossos levantamentos, reforçando o argumento quanto à circulação de saberes e técnicas entre esses vários sertões.

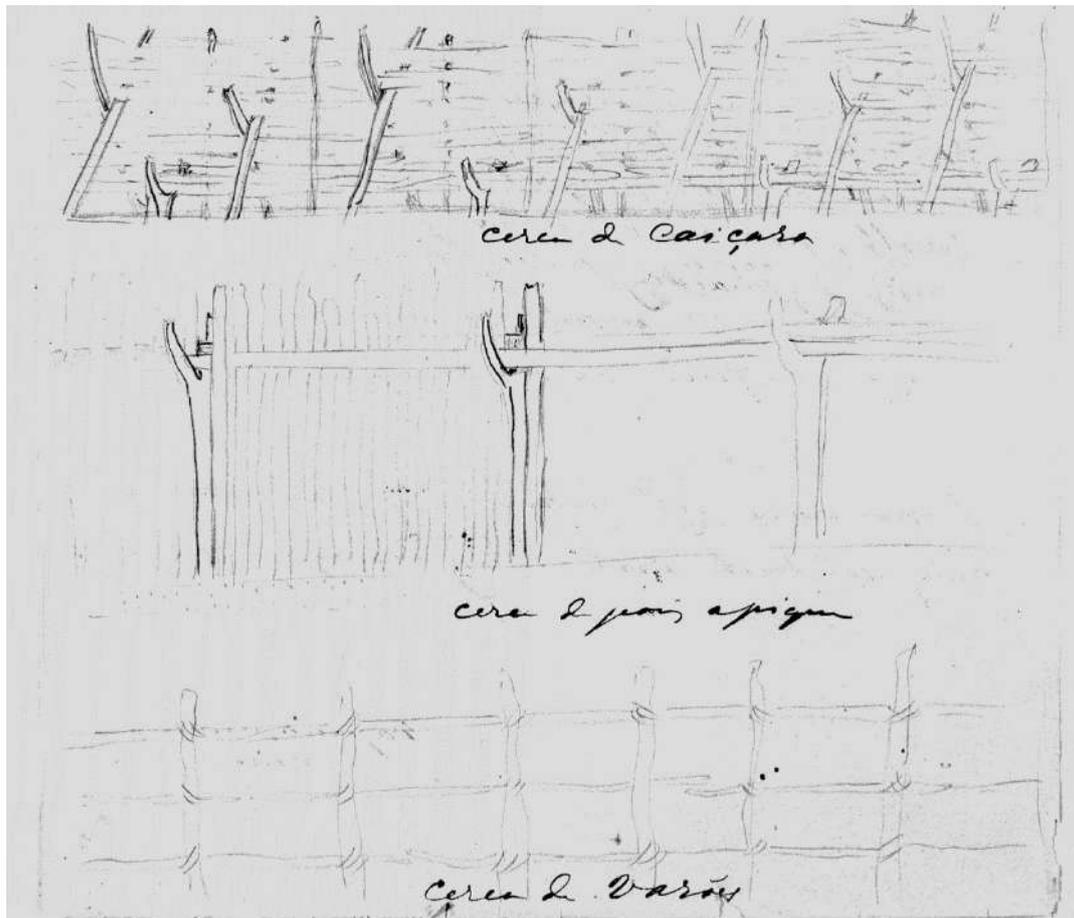
Tabela 17: Classificação de cercas segundo João Pompeu

CATEGORIAS	GÊNERO	ESPÉCIE
Cercas de madeira	Ramada	Ramos soltos ou entrelaçados
	Faxina	Varas; madeira roliça ou lascada
	Entrança	Madeira roliça ou lascada
	Pau a pique	
	Caiçara/de cana	
		Mourão
	Varão	1 ou 2 varões
Cercas de arame	Pranchas	
	Arame liso ou farpado	
Cercas mistas	Madeira e arame	
	Alvenaria e madeira	
	Alvenaria e arame	
Cercas de pedra	Pedra solta	Arrumada
	Pedra argamassada	
Cercas arbustivas	Avelós	
	Outras espécies arbustivas	

Fonte: Pompeu (1958)

À sistematização de João Pompeu acrescentamos alguns desenhos de Freire Alemão (figura 183), registrados quando da sua passagem pelo Ceará, entre os anos de 1859 e 1861.

Figura 183: "Desenhos (8) de cangalhas, selas, roupas de couro e cercas. Ocorre a descrição da casa em que pousava a comissão científica, em Fortaleza, e notas sobre a linguagem popular. Pacatuba, 23 de maio /1859/ - Fortaleza. S.d. Original".



Fonte: Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

Sobre os exemplares levantados e considerando os trabalhos clássicos acima citados, predominam neste sertão as cercas de madeira. Os exemplares com arame são os mais utilizados na contemporaneidade, contudo resolvemos retratar apenas os cercados construídos com técnicas tradicionais do século XIX, a fim de perceber as permanências construtivas.

Nos sertões do Acaraú, há ocorrência de cercas do tipo caiçara, mourão, pau a pique, faxina, ramada, varão e em pedra solta. A Caiçara é o tipo mais recorrente, principalmente porque dispensa o uso de peças retilíneas e utiliza grande variedade de espécies de madeira.

Figura 184: Cercado tipo Caiçara. Curral no distrito de Bilheira, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

As cercas do tipo ramada costumam ser cercas de caráter provisório. Os troncos utilizados, dispostos em sentido horizontal, têm seus galhos dispostos para a parte externa do curral, tornando o ambiente impenetrável e austero aos animais. Marmeleiro, Sabiá e Jurema costumam ser as madeiras mais utilizadas.

Figura 185: Cerca tipo ramada. Distrito de Aprazível, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

Os cercados de faxina com madeira lascada são geralmente montados com Pau-Branco, em sentido vertical. Para Pompeu (1958), possuem boa durabilidade – entre 7 e 10 anos – e não têm trabalho de refinamento, apresentando um aspecto de madeira de lenho.

Figura 186: técnicas de Caiçara e fachina com madeira lascada. Curral da Fazenda Pereiro, Sobral (CE).



Fonte: autora (2021)

A cerca de Mourão é feita com duas toras de madeira roliça (geralmente Aroeira) em sentido vertical. Entre elas se encaixam as peças de Carnaúba. Estas, por sua vez, são apoiadas por pedaços menores da mesma espécie, posicionados de maneira justaposta. Pela dimensão dos currais e das peças de Aroeira, constituem um trabalho mais oneroso e, portanto, mais raro.

Figura 187: curral em cerca de mourões. Região de Croatá (CE).



Fonte: autora (2021)

Encontramos um único registro de montagem tipo pau a pique. São feitos em madeira roliça, com algumas peças tipo forquilha – bifurcadas –, a fim de prender as peças horizontais. Neste tipo não há entrançamento das peças.

Figura 188: cercado tipo pau a pique na região de Coreaú (CE).



Fonte: Lima (2017).

Já a cerca de varões pode ser encontrada em regiões de maior altitude, como as serras da Meruoca e Ibiapaba. Encontramos somente um exemplar deste tipo, no município de Meruoca (CE). Entre troncos horizontais e verticais, fazem-se amarrações diagonais com cipó, de modo a atar peças horizontais às verticais.

Figura 189: pequena cerca de varões. Sítio Caranguejo, serra da Meruoca (CE).



Fonte: autora (2021)

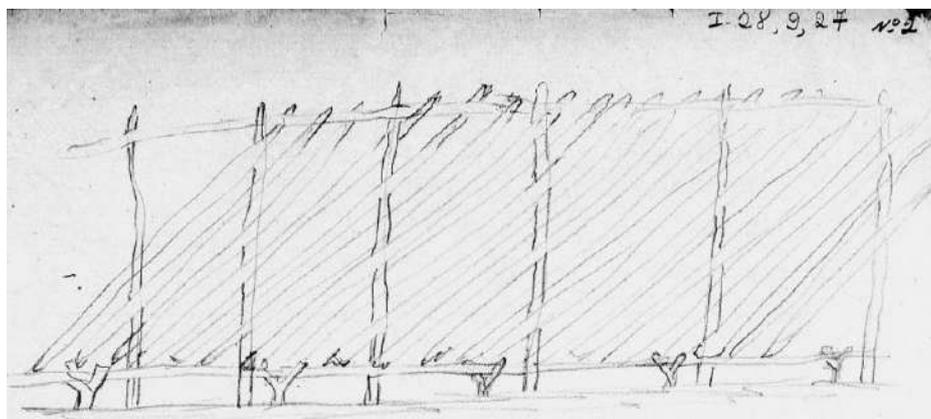
Cercados de pedra solta são raros. Encontramos apenas um único exemplar, que parece ser remanescente de um cercado originalmente maior, pertencente à fazenda Lagoa do Barro, em Pacujá (CE). Nele são utilizadas rochas do tipo arenito, com peças de mesma forma e dimensão das utilizadas na construção da casa sede.

Figura 190: Cercado de pedra. Fazenda Lagoa do Barro, Pacujá (CE).



Fonte: autora (2021)

Figura 191: Exemplo de cerca retratada por Freire Alemão em Viçosa do Ceará, serra da Ibiapaba. Não encontramos registros atuais deste tipo nas propriedades rurais. "Outra maneira de tecer cêrca que vi ao chegar a Vila Viçosa e, 1 de dezembro de 1860. A cerca era de Sabiá os moirões devem ser mas juntos."



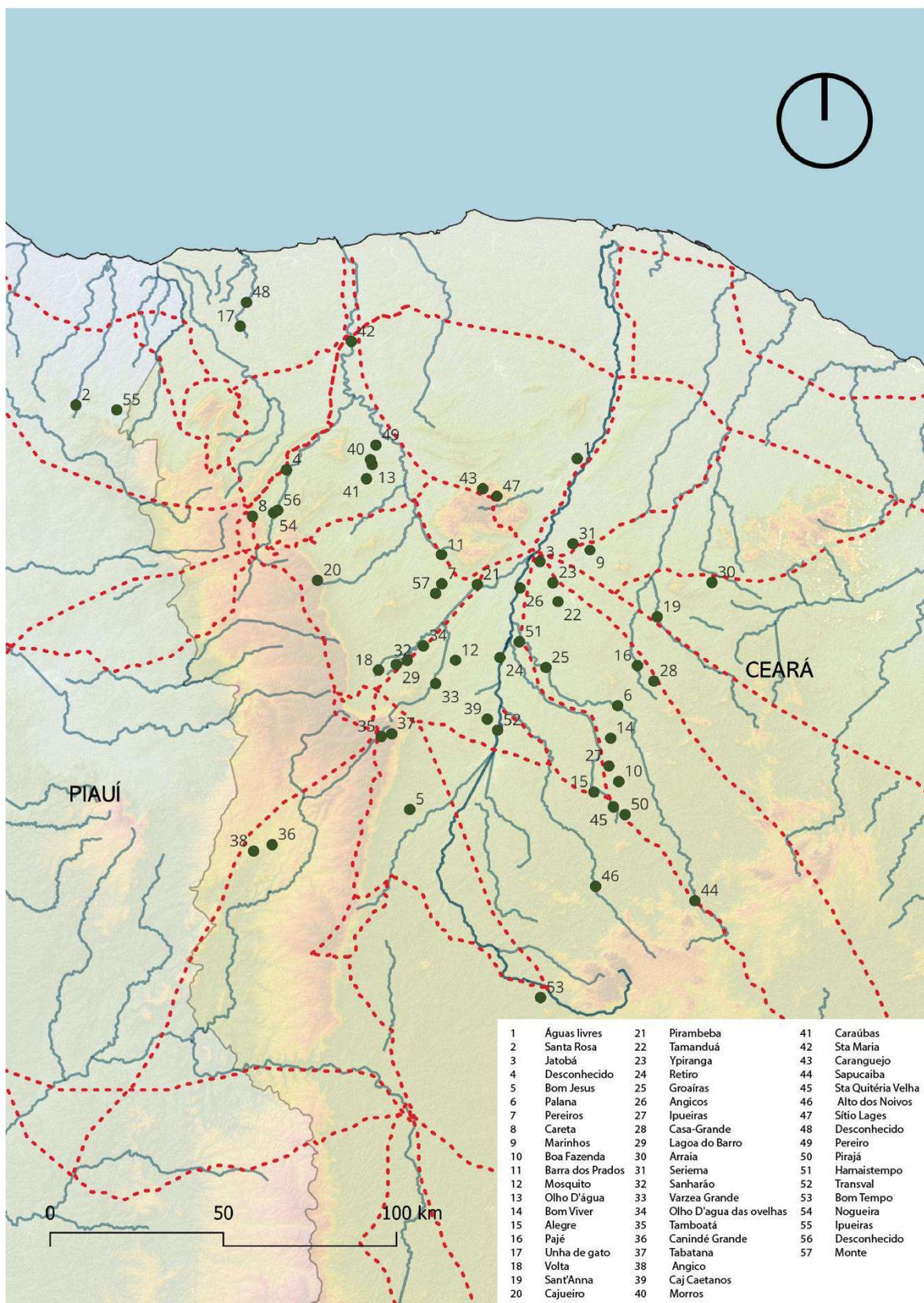
Fonte: Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

“Ao descansar em si isolada de tudo, a casa mostra ao sertão o quanto ele é vasto” (Castelo, 2019, p. 12). Neste capítulo, vimos, portanto, a documentação das diversas arquiteturas encontradas no território acarauense e como esta arquitetura se constituiu pura (Campello, 2000) – por vezes dotada de elementos compositivos da arquitetura das efervescentes capitais provinciais (Rocha-Peixoto, 2000) – e competente. Simples, se

comparada à imponência dos grandes engenhos litorâneos e das fazendas de café paulistas, mas bem exitosa e fundamental para a civilização do couro, do algodão e da carnaúba nos sertões do norte como um todo.

CAPÍTULO V. LEVANTAMENTO
ARQUITETÔNICO

Figura 192: Fazendas inventariadas.



Fonte: Mapa elaborado pela autora no Qgis.

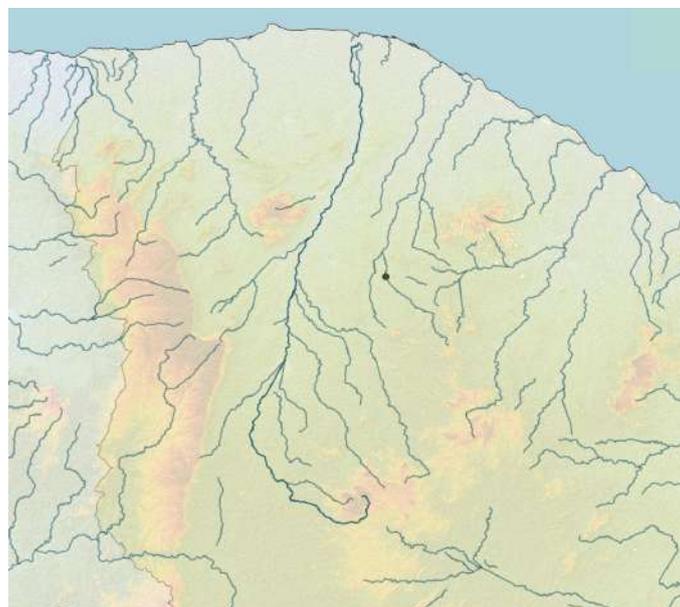
Proximidades de Taparuaba, Sobral.

Fonte: autora.



[Fazendas do rio Aracatiaçu e afluentes]

A fazenda Sant'Anna é composta por casa-sede e curral, sendo um dos poucos exemplares com comedouro contíguo a casa. Está desabitada e em processo de ruínas. Possui resquícios de paiol sobre corredor. Desta fazenda nada sabemos sobre seu histórico ou antigos fazendeiros.



- I. Parede de tijolos
- II. Corredor com paiol superior
- III. Comedouro de alvenaria contíguo a casa

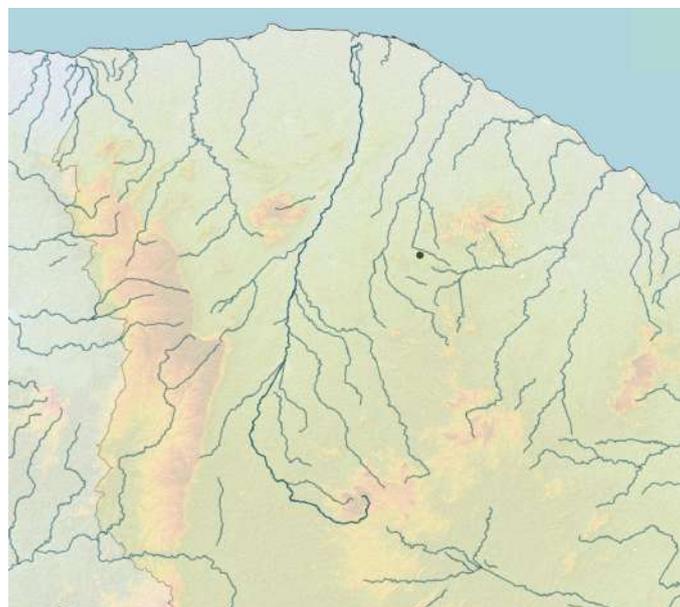
Fonte: autora.

Fazenda Sant'Anna

Sobral [CE]
Século XX



A fazenda Arraia é uma propriedade do século XIX, atribuída ao fazendeiro Veríssimo no século XX. É composta por casa-sede com cobertura em formato piramidal, toda alpendrada, e curral de gado em alvenaria, já bastante modificado. Possui algumas particularidades, como a presença de paiol no corredor, telhado acachorrado e colunatas em tijolo meia lua, singelamente ornamentadas. Atualmente funciona como local de reuniões de um assentamento rural local.



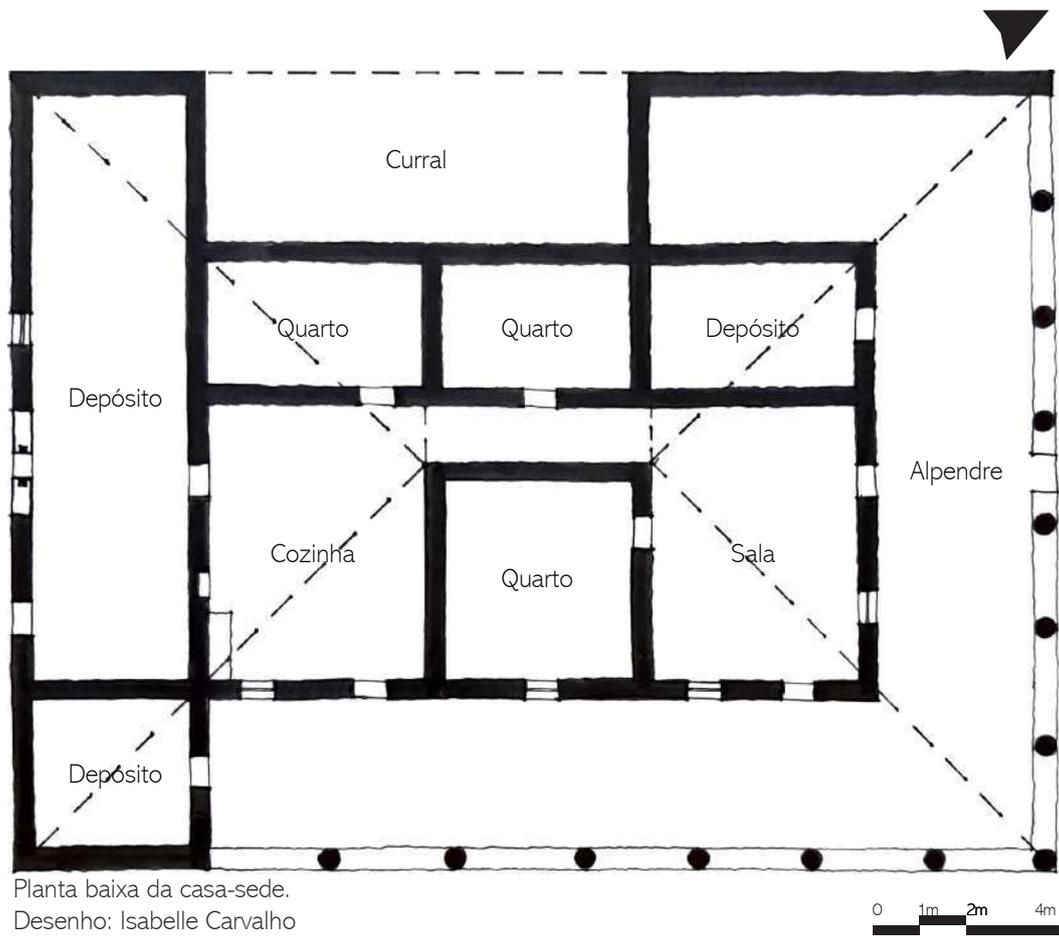
- I. Corredor com paiol
- II. Fogão a lenha e armário embutido em alvenaria
- III. Moedas do séc.XIX encontradas na casa



Fonte: autora.

Fazenda Arraia

Irauçuba [CE]
Século XIX



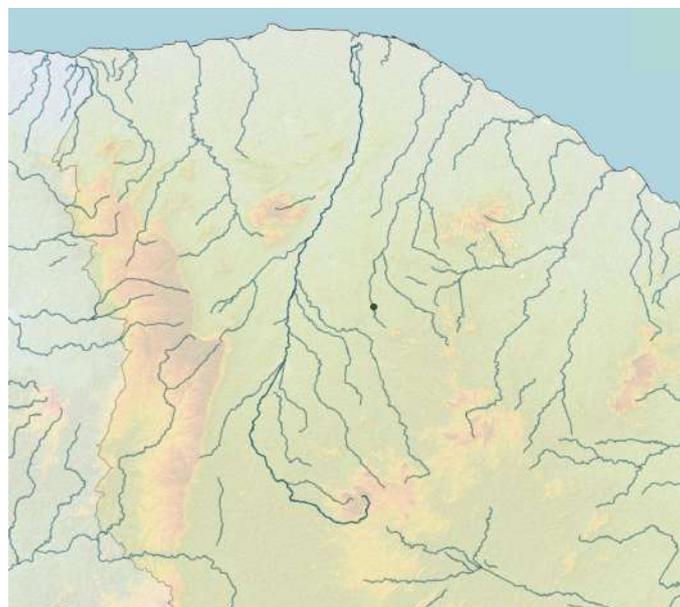
Fachada principal da casa-sede. Fonte: autora.

A fazenda Pajé é uma propriedade mencionada ainda no século XVIII, no inventário de Bernarda Cavalcante de Albuquerque, lavrado em 1777, transcrito por Rocha (2003). Albuquerque possuía na dita fazenda, 2 ½ x 1 légua cortadas ao meio pelo riacho S. Ivan e 1 ¾ x 1 légua cortada ao meio no mesmo lugar.

Possui um pequeno curral com marcas de ferro, prensa de queijo e inscrições em telhas, com inscrição retratando tempos difíceis durante o período da grande seca de 1979-1983.

Apesar dos registros setecentistas, sua casa-se-de parece ser um exemplar típico do século XIX, com a presença de elementos marcantes, como vãos com arco abatido e ressalto em alvenaria. É também o único exemplar a possuir jirau.

Está a poucos metros das fontes termais Olhos d'Água do Pajé, retratada no capítulo I.



Marcas de ferrar gado encontradas no curral.



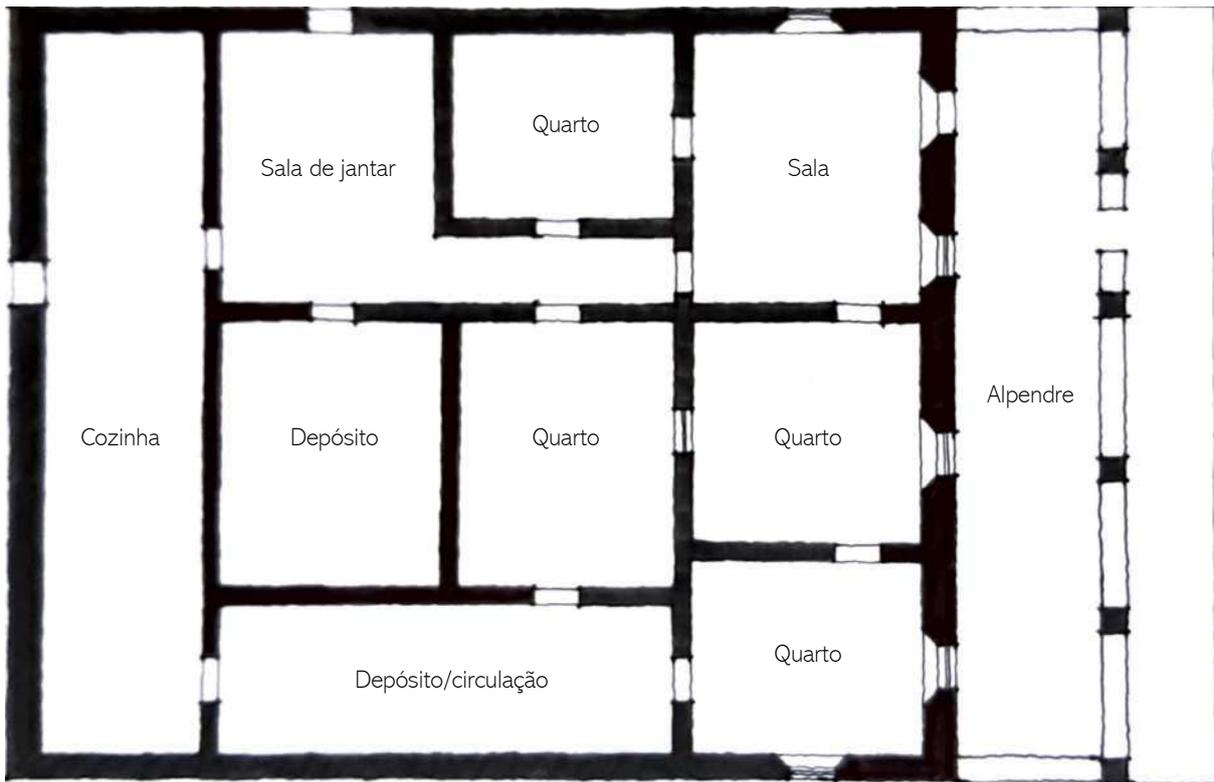
Fonte: autora.

Fazenda Pajé

Sobral [CE]

Século XIX





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

0 1m 2m 4m



- I. Curral
- II. Prensa de queijo
- III. Sala de estar da casa-sede
- IV. Jirau em corredor
- V. Telha com inscrições: "Quem nasceu no 79 passou por uma cêca dura"
- VI. Pilão de madeira

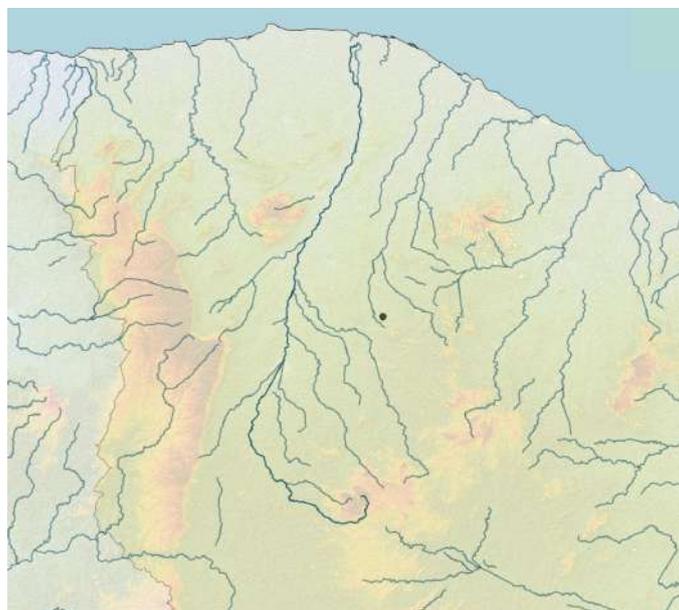
Fonte: autora.



A fazenda Casa-Grande é uma propriedade do século XIX, próxima ao sítio arqueológico Bilheira.

É composta por casa-sede com alpendre frontal, cercada por currais. Sua arquitetura possui algumas características particulares a poucos exemplares, como vãos em arco abatido com ressalto em alvenaria, telhado acachorrado, colunatas singelamente ornamentadas e quartos com piso revestido em pedra tipo seixo.

Tem, ainda, pequeno jirau externo a casa, dedicado a pequena lavoura.

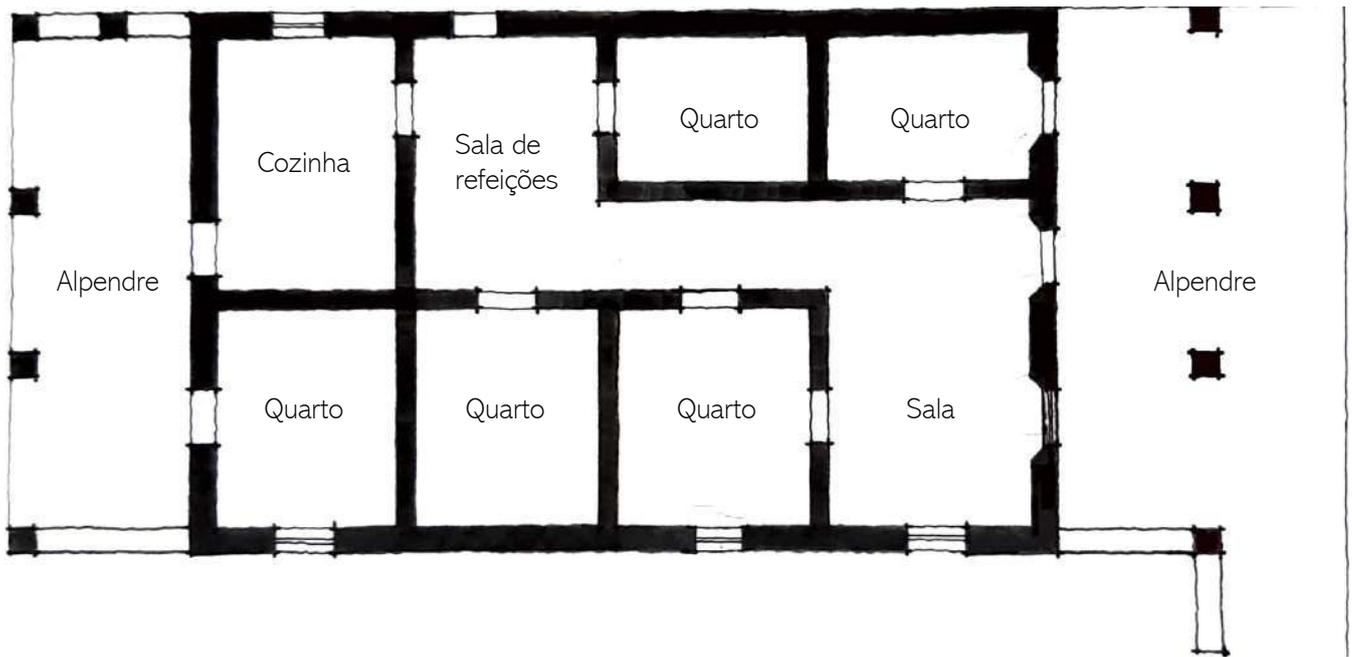


Jirau.
Fonte: Autora

Fazenda Casa Grande

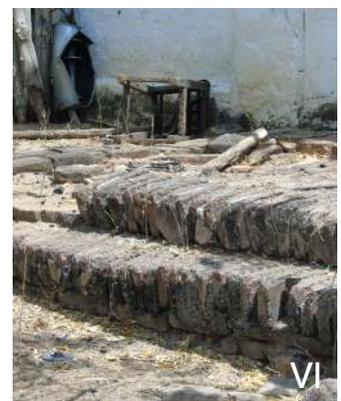
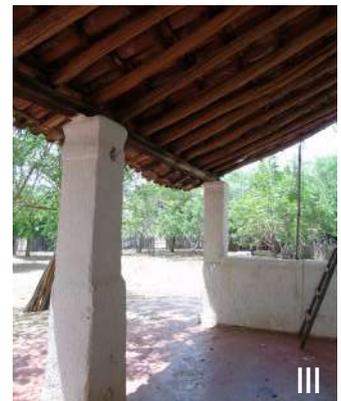
Sobral [CE]
Século XIX





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

0 1m 2m 4m



I. Alpendre

II. Estrutura superior vazada com pontaletes de Aroeira, que permitem a ventilação interna

III. Pilares de alpendre ornamentados

IV. Pequeno curral posterior a casa

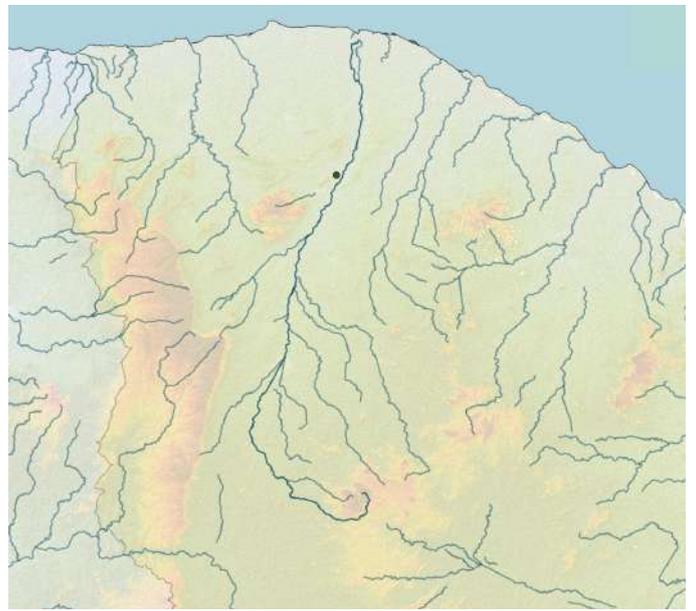
V. Quarto com piso revestido em pedras do tipo seixo

VI. Degraus em tijolo de cutelo

Rio Acaraú, Sobral.
Fonte: autora.



[Fazendas do rio Acaraú e afluentes]



Detalhe de curral de mourão e pilastra em fachada. Fonte: Autora

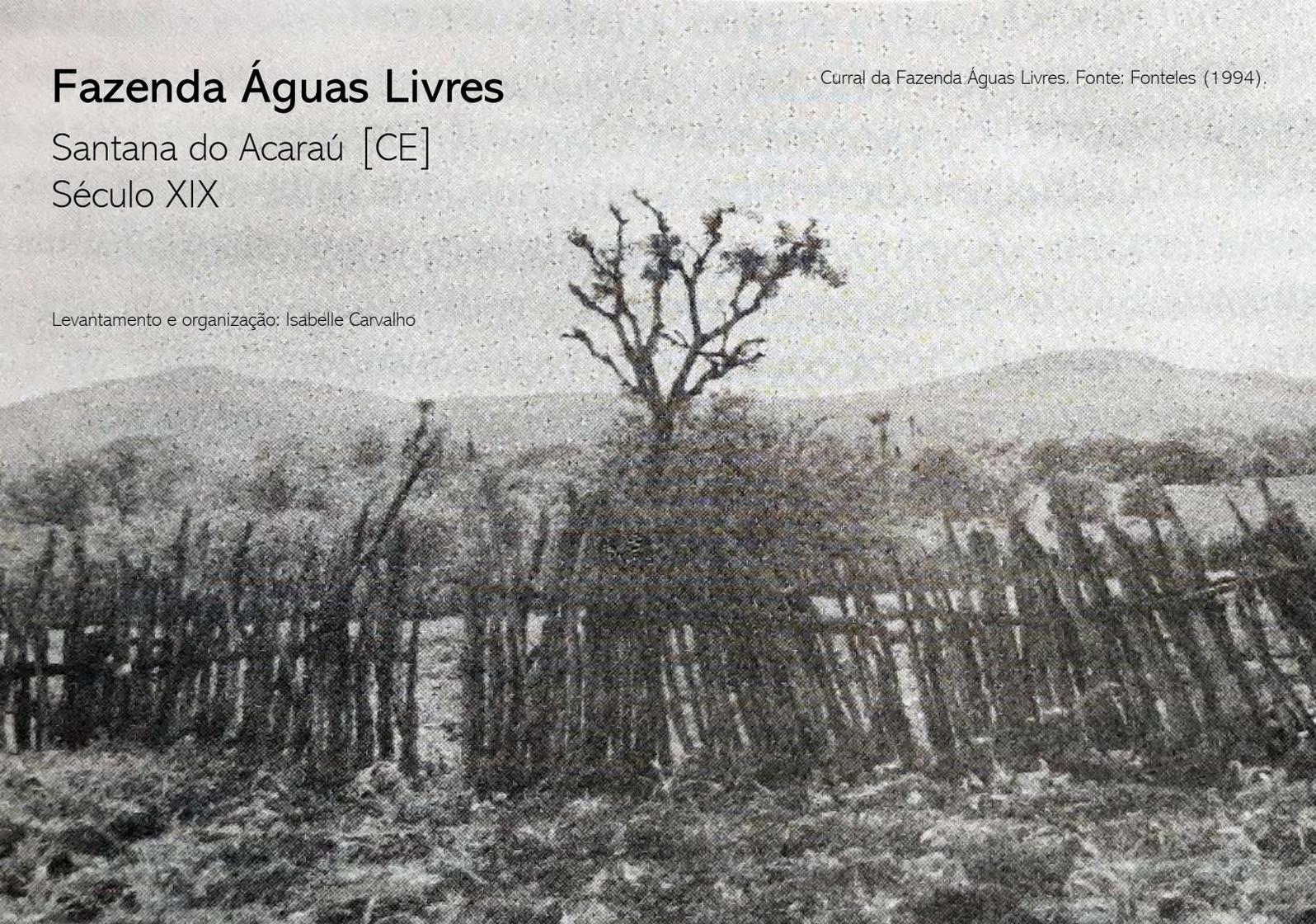
Fazenda Águas Livres

Santana do Acaraú [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

Curral da Fazenda Águas Livres. Fonte: Fonteles (1994).



Originalmente, a fazenda Águas Livres pertenceu à família Fonteles. A arquitetura de sua casa-sede é típica do século XIX. Sobre sua data estimada de construção, afirma José Cavalcante Fonteles (1994, p.14), "Meu irmão Hider descobriu inscrições de datas de casamento no beiral do caibros, datando-os de 1829".

Possui casa-sede térrea, com cobertura de duas águas, sem alpendre, assentada em alicerce de tijolos com paredes autoportantes e contrafortes em mesma materialidade. Quanto às fachadas, são discretamente decoradas com cimalha e vãos com arco abatido. Na fachada posterior havia jirau e cozinha com latada. Percebemos, ao analisar as fotos mais antigas, que, aparentemente, não há reformas exteriores.

A casa-sede é envolta por um cercado, que é utilizado como curral, com comedouro e pequena infraestrutura com cobertura, ambos contíguos à casa. O cercado, originalmente de ligação por forquilha ou espiça engasgada, foi substituído por curral de mourão, em carnaúba.

A propriedade se encontra fechada, impossibilitando levantamento arquitetônico preciso.



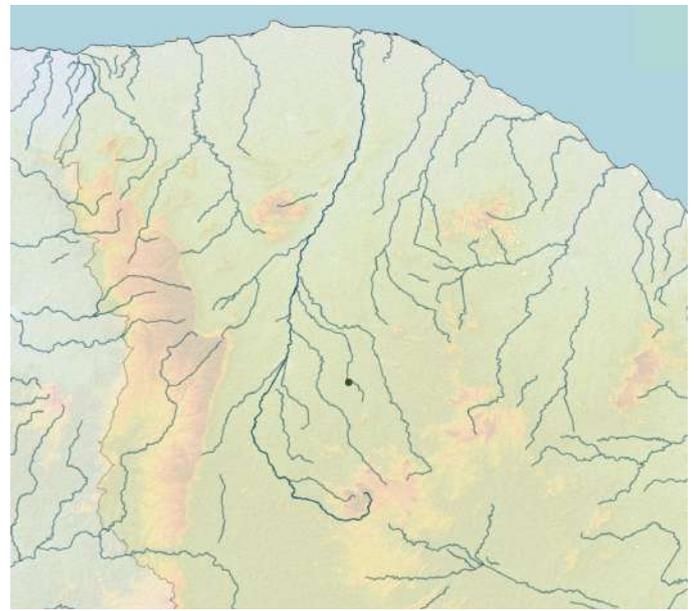
Fachada com cimalha e vão com arco abatido. Fonte: Autora



Fazenda Águas Livres. Fonte: Autora



Casa-sede da Fazenda Águas Livres. Fonte: Fonteles (1994)



I. Alpendre
II. Inscrição em fachada

|| Fonte: autora.

Fazenda Alegre

Santa Quitéria [CE]

Século XIX

Curral da Fazenda Alegre. Fonte: Isabelle Carvalho

A fazenda Alegre fica às margens do rio Jacurutu. Pertenceu originalmente à Geracina Pompeu de Sousa Magalhães, sobrinha de Tomás Pompeu de Sousa Brasil - o senador Pompeu - e seu marido, Manoel Alves da Fonseca Lobo. João Jovito de Farias, genro deste casal, herdou a propriedade, como podemos observar na inscrição da fachada na página anterior.

Sua arquitetura é oitocentista, e na mesma inscrição que identifica o proprietário, há a data da possível construção da casa, agosto de 1844, e reforma, em agosto de 1957.

Possui casa-sede térrea, com coberta de quatro águas, assentada em alicerce de tijolos com paredes autoportantes em mesma materialidade. A casa-sede é envolta por um cercado, que é utilizado como curral. Em levantamentos, encontramos alguns objetos típicos do cotidiano familiar: vasos apoiados em bilheiras, baús, pilão de madeira, e ferro de passar a carvão.



III. Cozinha

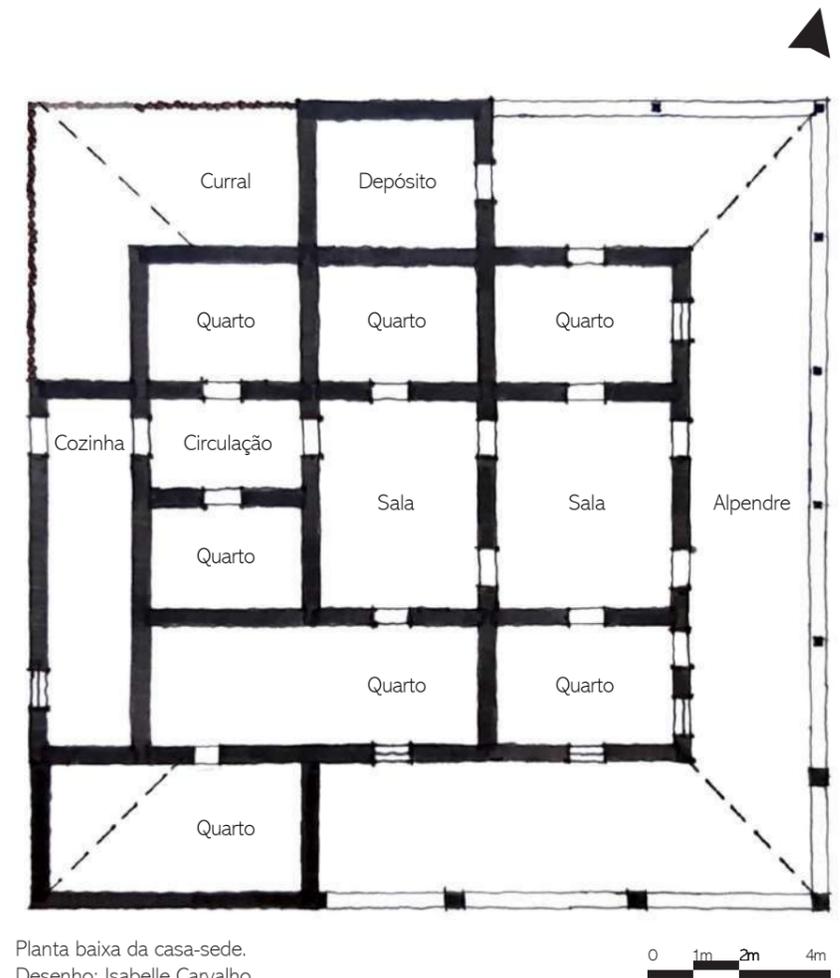
IV. Estrutura de coberta com brabo em aroeira.

V. Vasos em bilheira, baú, e ferro de passar a carvão.

VI. Casa-sede da fazenda Alegre.

VII. Curral coberto na lateral da casa.

Fonte: autora.



Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho





Localização ocultada a pedido do proprietário.

Fazenda Alto dos Noivos

Catunda [CE]

Século XIX

Curral e casa-sede da Fazenda Alto dos Noivos.
Fonte: Isabelle Carvalho

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



A fazenda Alto dos Noivos tem seu proprietário original desconhecido. No século XX, foi adquirida por Manoel Timbó Fernandes, nome cujas iniciais podemos observar no baú de couro pertencente ao acervo da casa. Segundo seu filho, Fernandes promoveu algumas reformas na casa-sede, como a ampliação do alpendre e criação de alguns quartos, construídos em tijolos de adobe - a estrutura original é de taipa de mão.

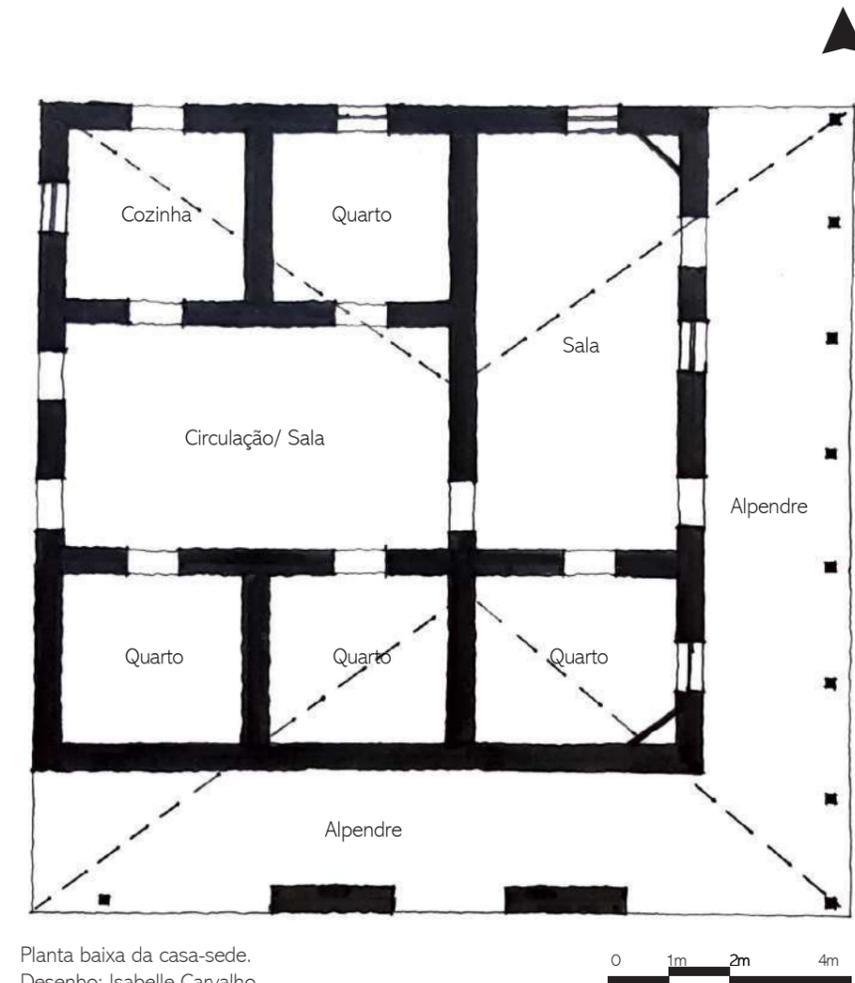
É uma construção datada do século XIX, e na casa encontramos indício claro da época: a presença de telha grafada "Ama Rosário José". Ama, um termo usado para se referir a uma serva e/ou escravizada, remonta a um período de escravatura no País.

Possui casa-sede térrea, com coberta piramidal, apoiada em pilares de aroeira, e assentada em alicerce de tijolos com paredes autoportantes em mesma materialidade e também em taipa de mão. Em levantamentos, encontramos alguns objetos típicos do cotidiano familiar: vasos apoiados em bilheiras, baú de madeira revestido em couro, prateleiras, prensa de queijo, escrivaninha e cômoda.

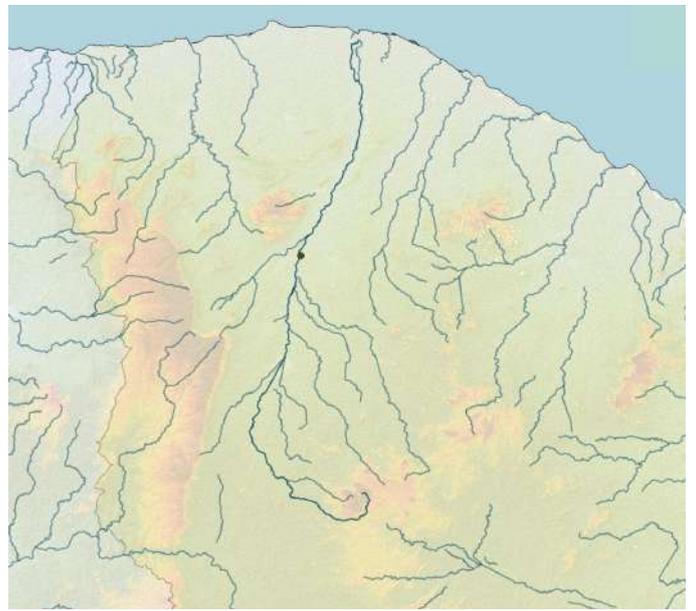


I. Cômoda; II. Escrivaninha; III. Baú revestido em couro; IV. Bilheira sob vasos cerâmicos; V. Prensa de Queijo; VI. Inscrição em telha; VII. Oratório em madeira; VII. Prateleira suspensa. Fonte: autora.

Cercado misto tipo caiçara e forquilha.
Fonte: Isabelle Carvalho

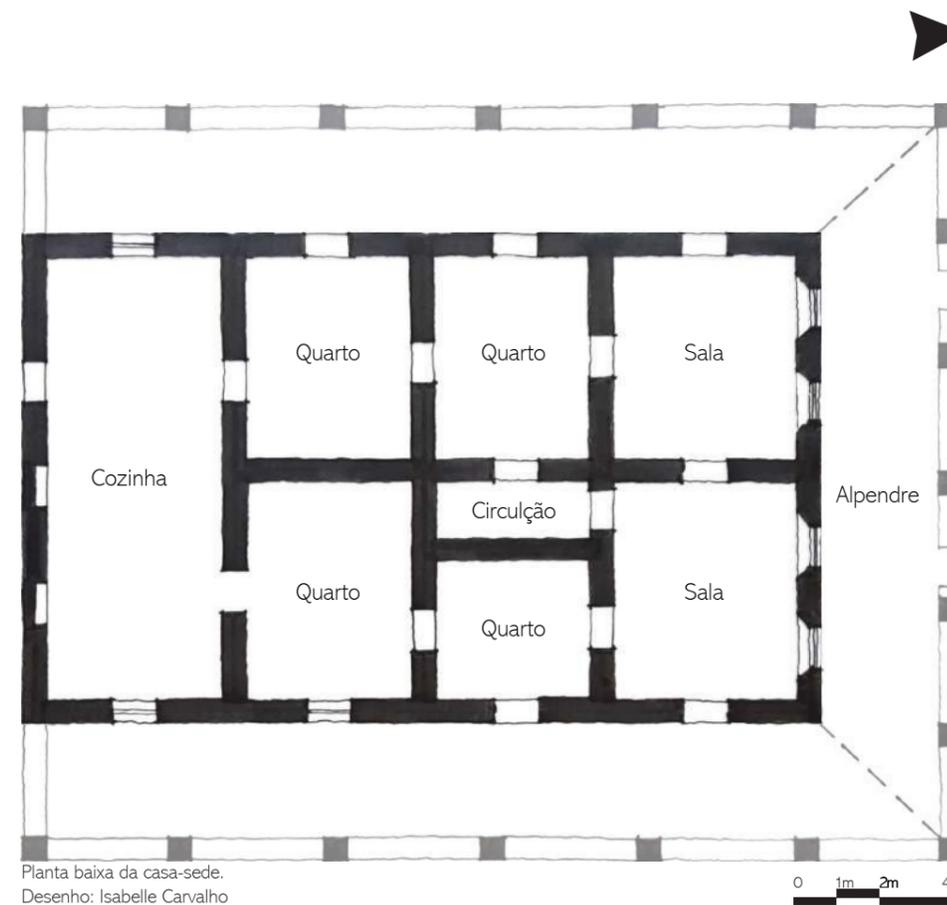


Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



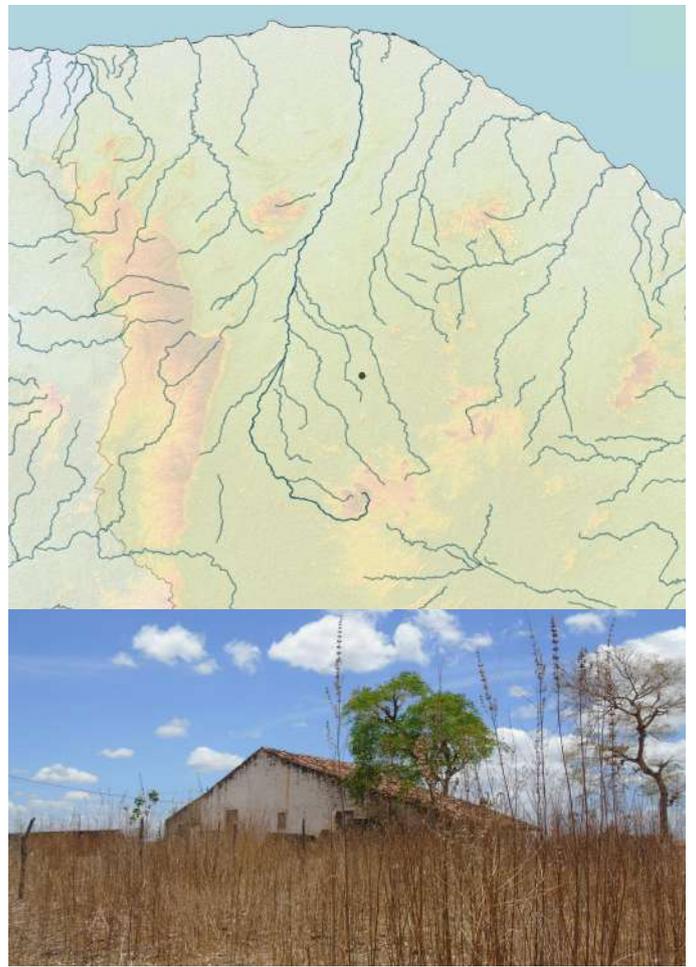
Fazenda Angicos

Sobral [CE]
Século XIX



Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho





Boa Fazenda

Santa Quitéria [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

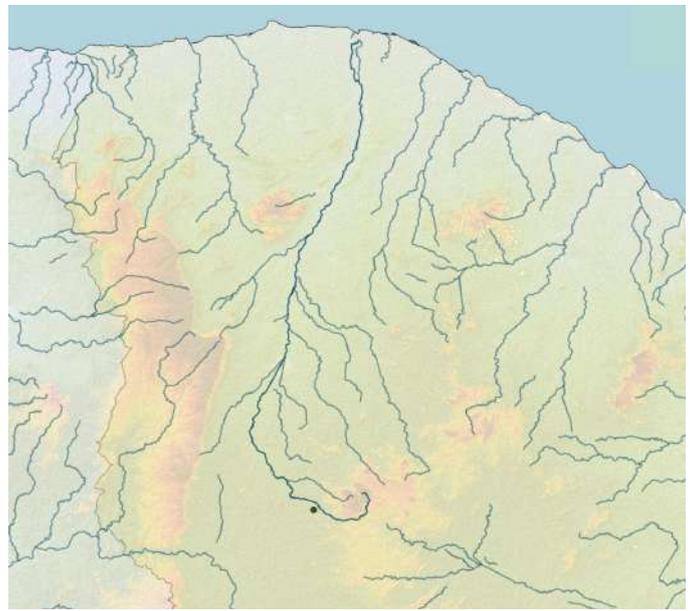




Sítio Bom Jesus

Ipu [CE]
Século XIX



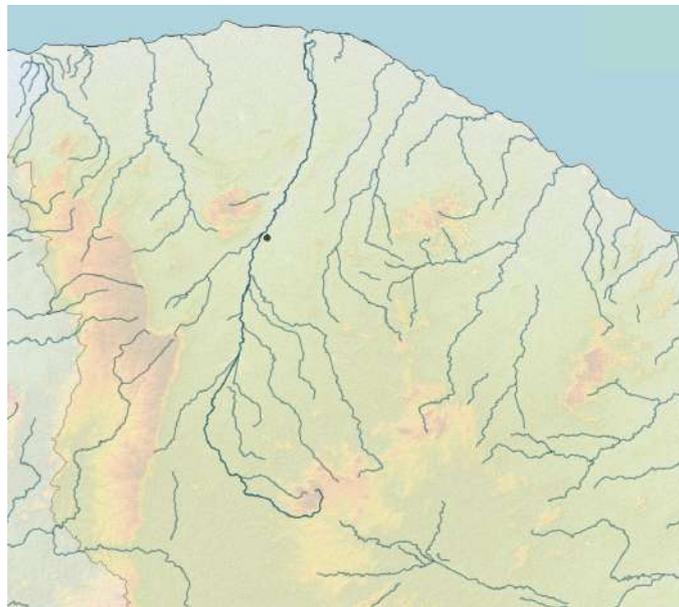


Fazenda Bom Tempo
Tamboril [CE]
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

Casa-sede da fazenda. Fonte: Autor desconhecido

Fazenda do século XIX, atribuída a Giácomo Raja Gabaglia, membro da Comissão Científica de Exploração (1859-1861).



Fazenda Jatobá
Sobral [CE]
Século XIX

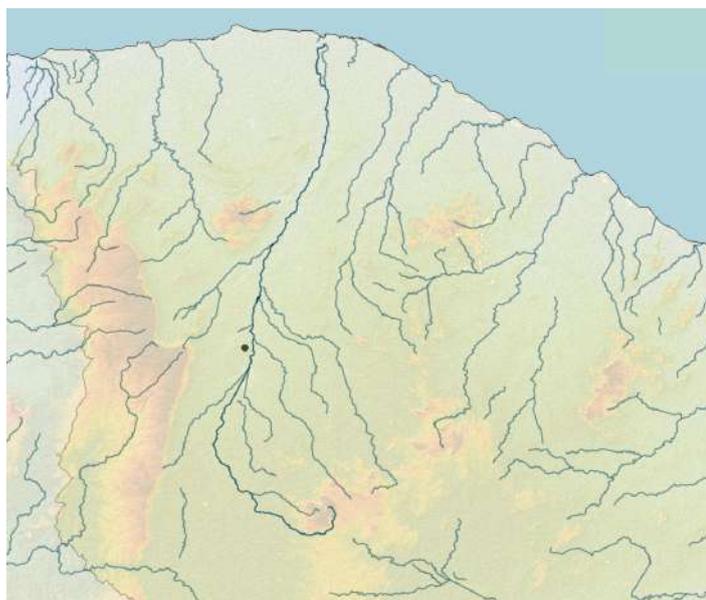
Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

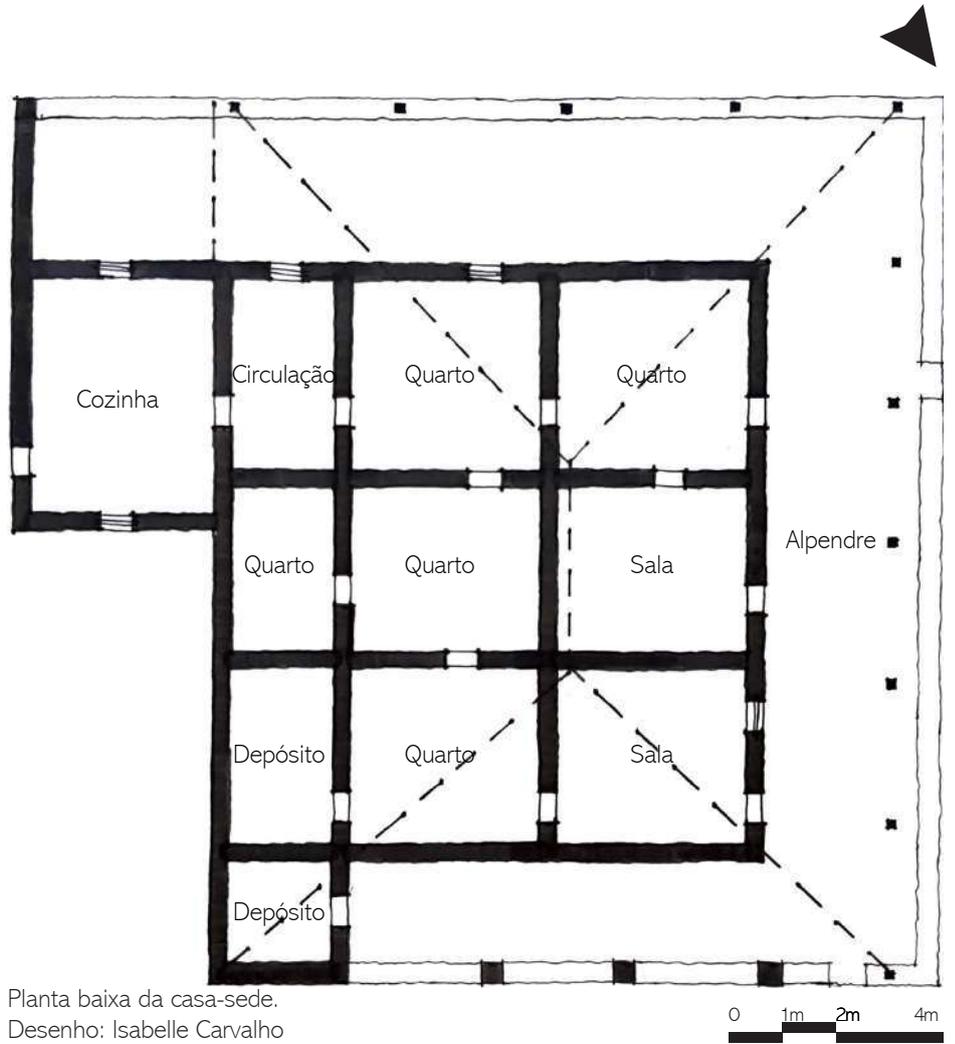
Fazenda Cajazeira dos Caetanos

Varjota [CE]
Século XIX

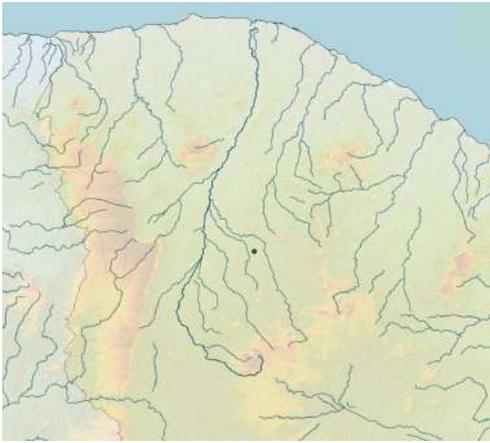
Fazenda de gado do século XIX, pertencente a Romualdo Caetano Leitão. A casa já não existe, contudo teve seu acervo de artefatos preservado.

Todas as imagens são de autoria de Isabel Leitão.





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



Fazenda Bom Viver

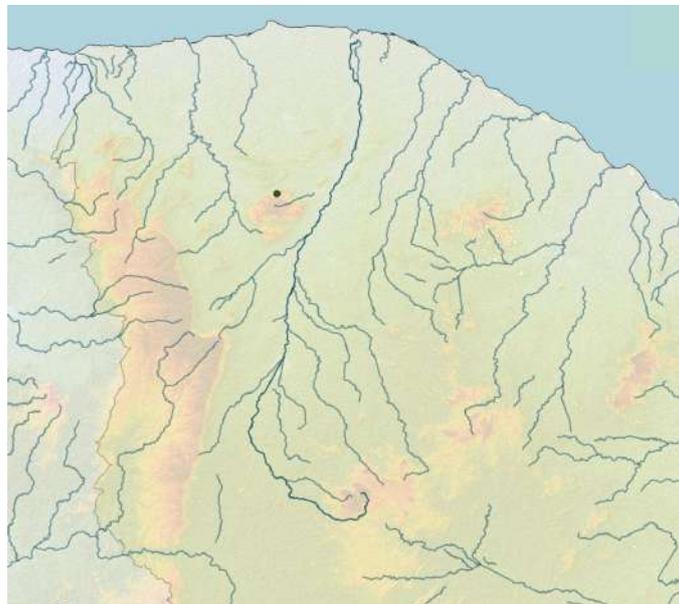
Santa Quitéria [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



Sítio sem casa-sede. Possui casa de farinha e engenhoca.



Sítio Caranguejo

Meruoca [CE]

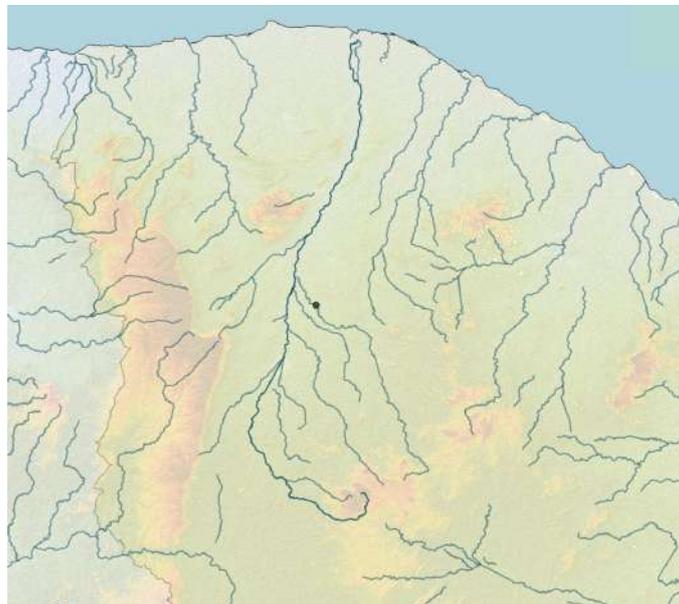
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



Fonte: Autora

A maior fazenda dentre todas levantadas. Possui casa de farinha, curral, usina de produção de cera de carnaúba e casa-sede. É atribuída a Vicente Alves da Fonseca, e posteriormente a Francisco de Paula Pessoa, o Senador dos Bois.



Fazenda Groaíras

Santa Quitéria [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



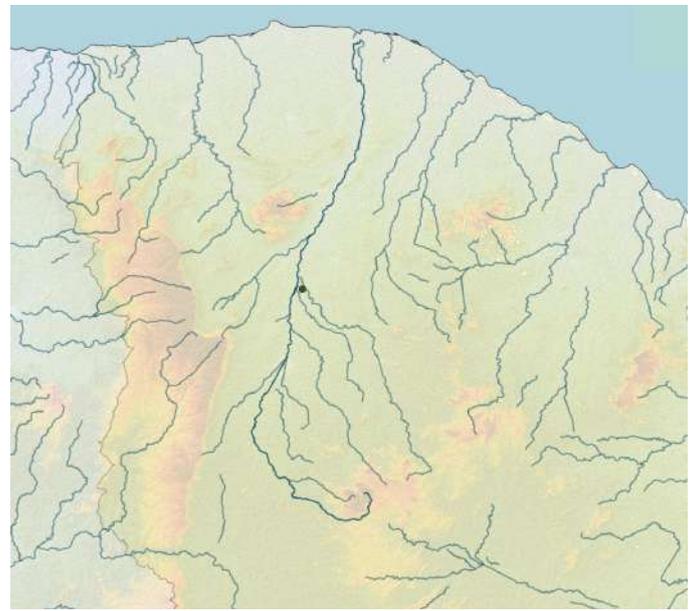


Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



Fonte: Autora



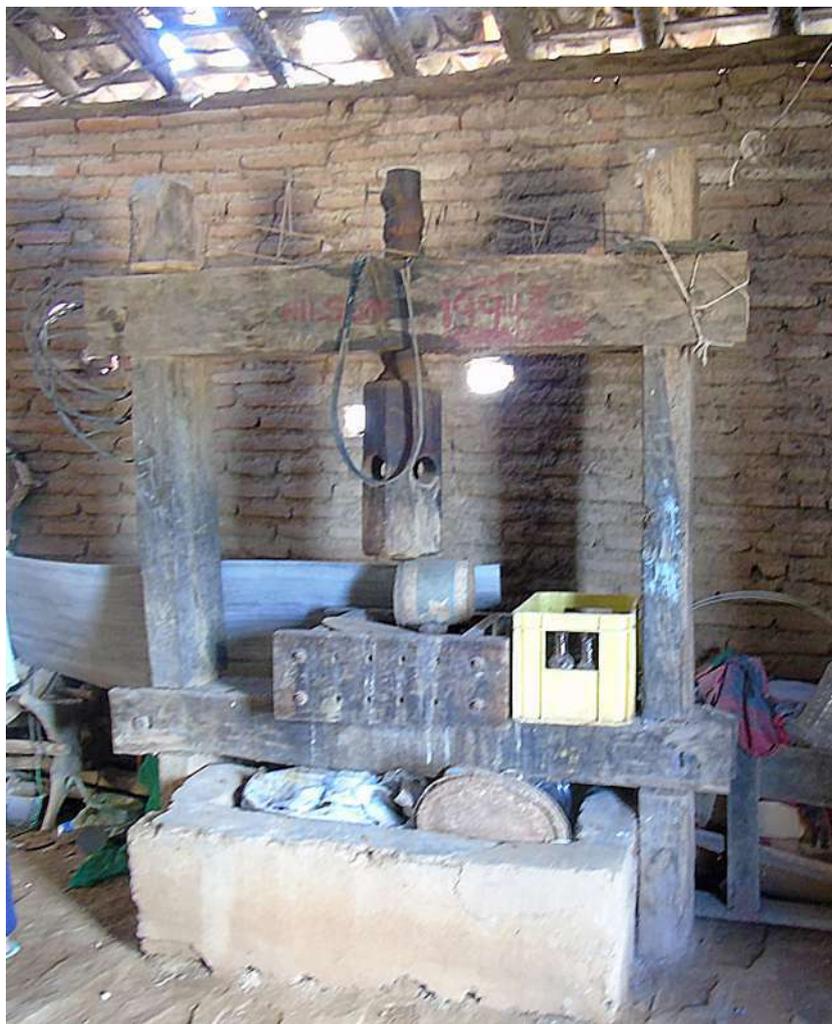


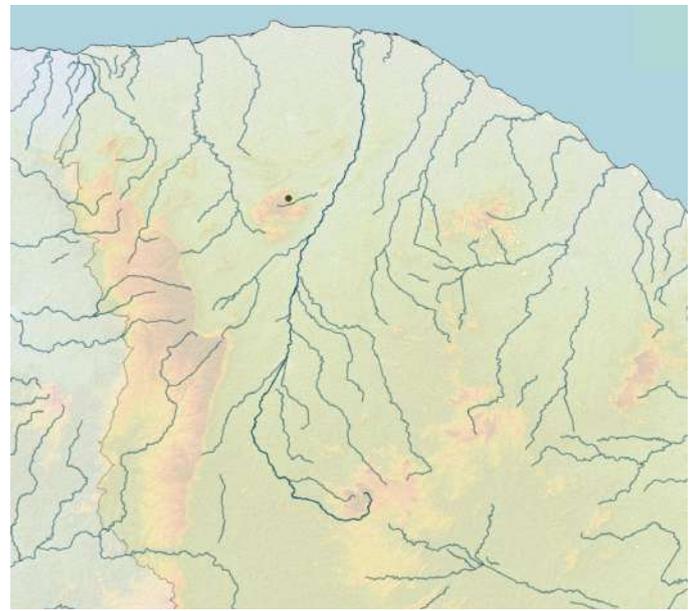
Fazenda Hamaistempo

- Groaíras [CE]
- Século XX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



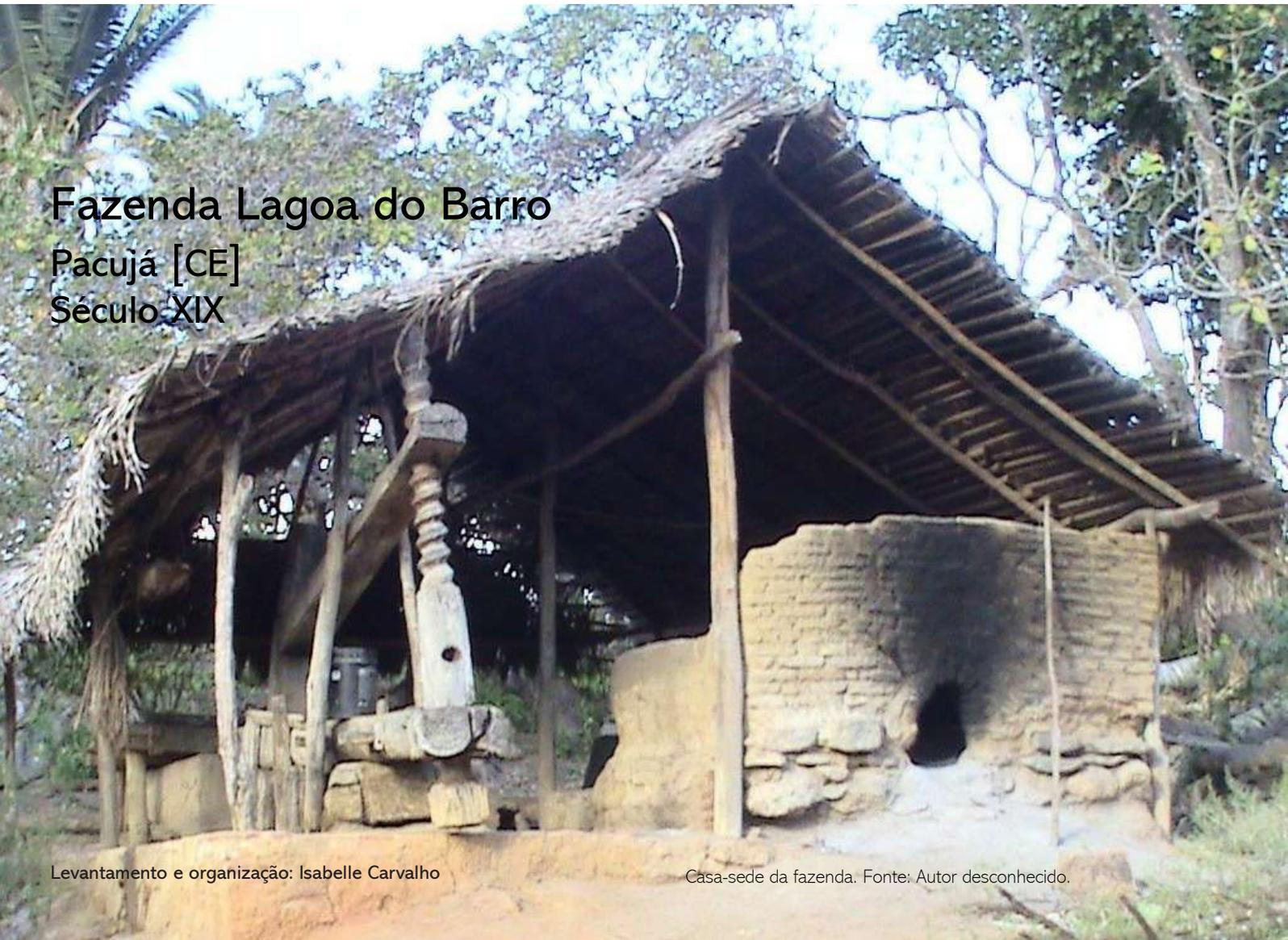


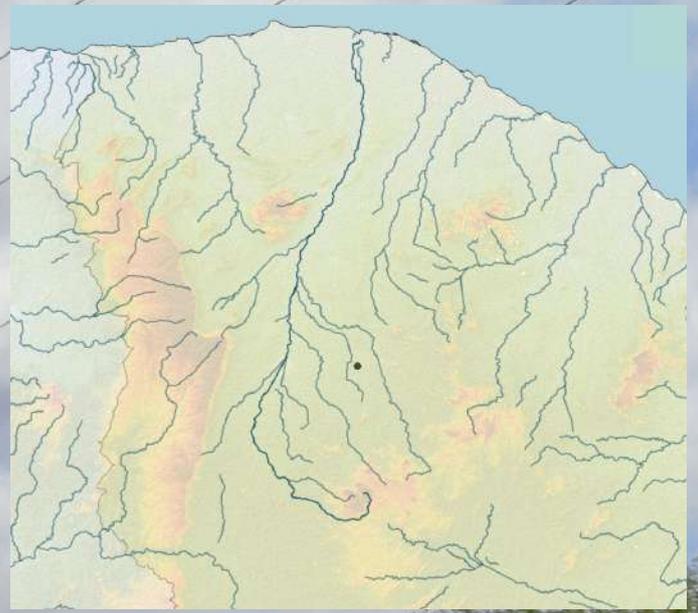


Propriedades consistida em pequena casa de farinha.

Fazenda Lagoa do Barro

Pacujá [CE]
Século XIX

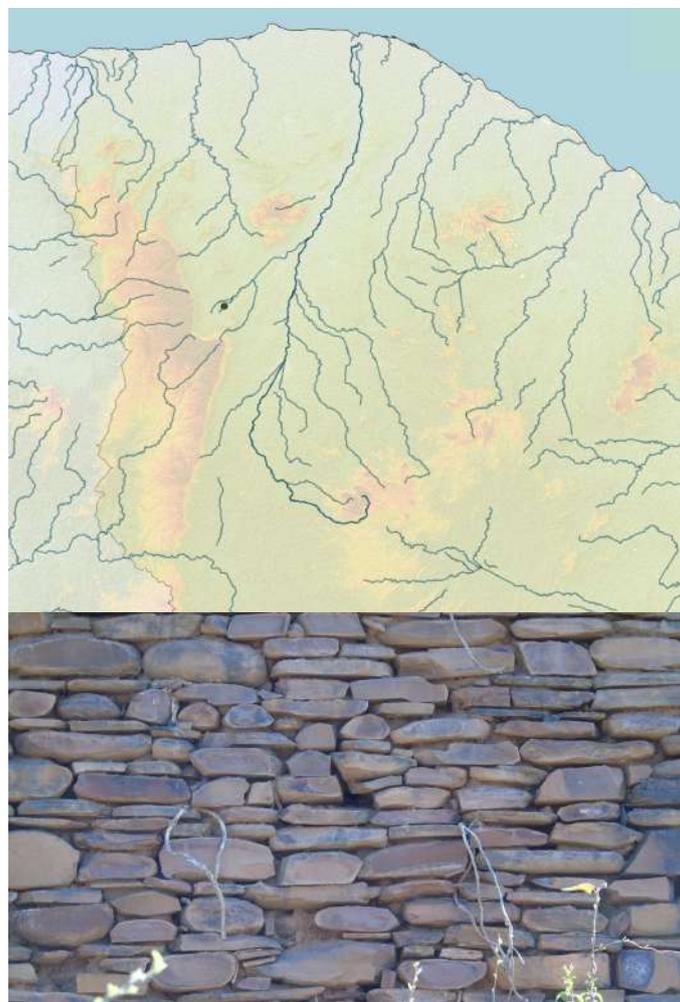




Fazenda Ipueiras
Santa Quitéria [CE]
Século XIX

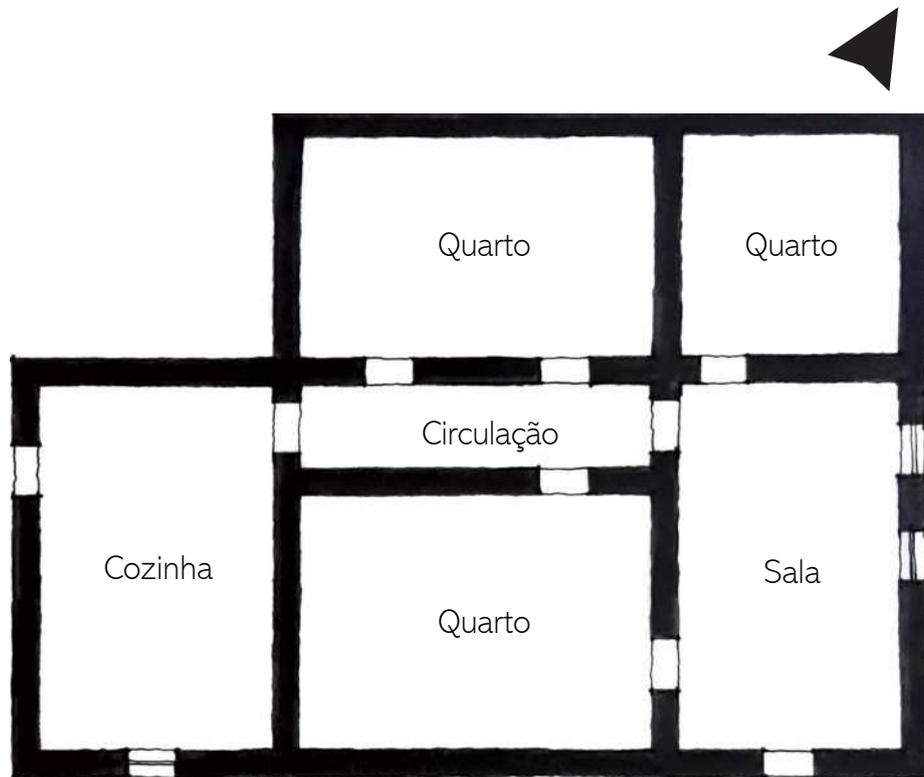


Único exemplar com cercado de pedra.

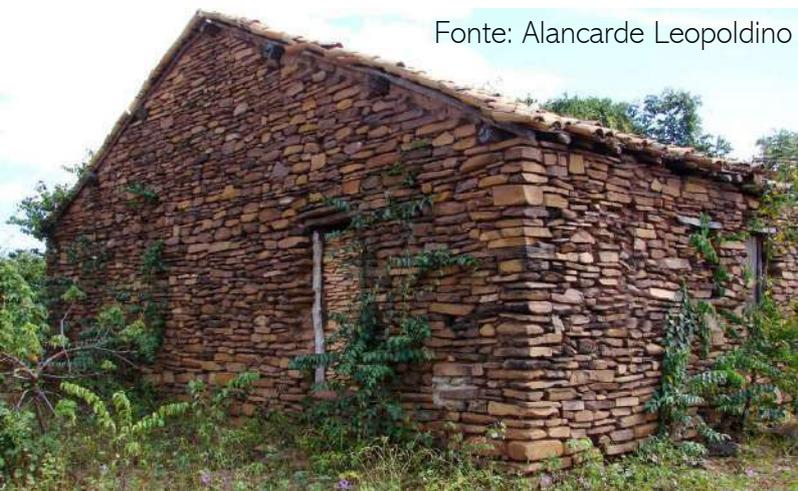


Fazenda Lagoa do Barro
Pacujá [CE]
Século XIX

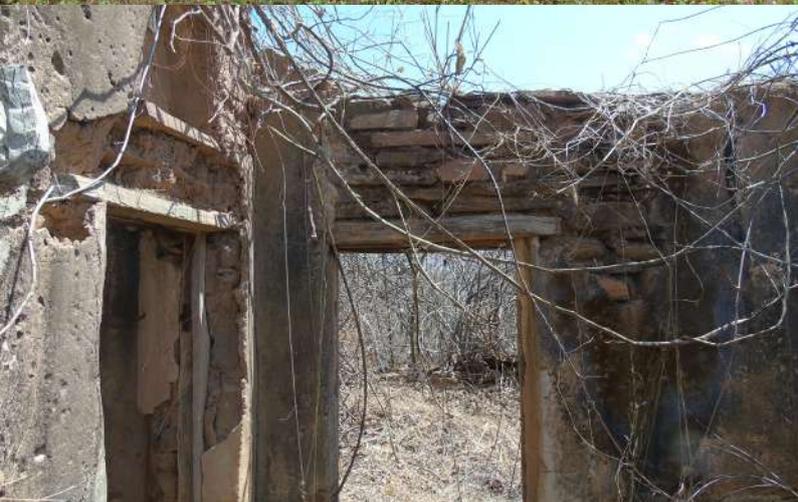




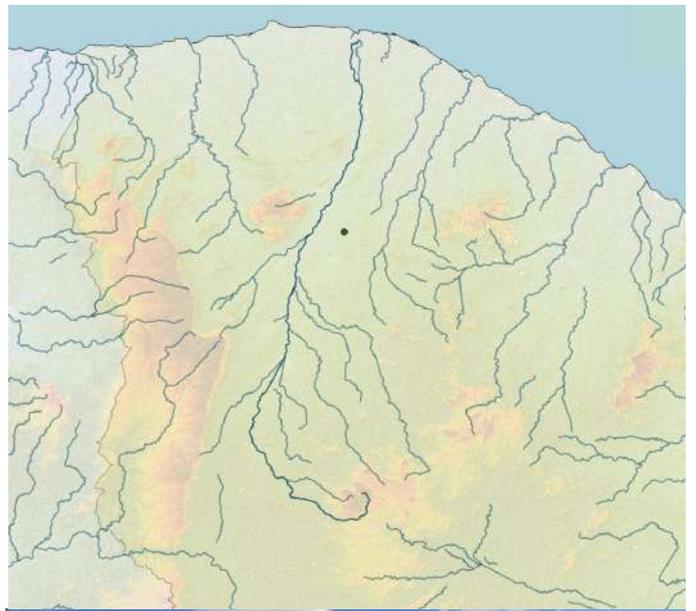
Reconstituição da planta baixa da casa-sede. Desenho: Isabelle Carvalho



Fonte: Alancarde Leopoldino



Fonte: Autora

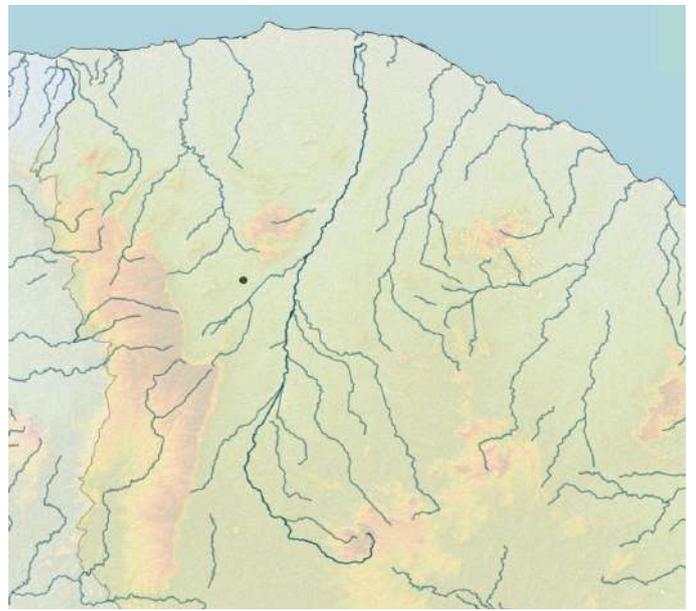


Fazenda Marinhos

Sobral [CE]
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Fazenda Monte

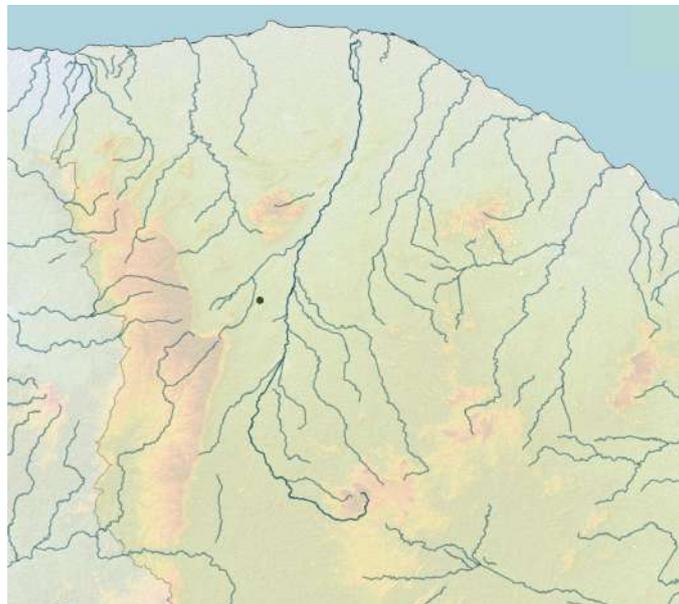
Sobral [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



Fazenda do século XIX atribuída ao Tenente Mano
(proprietario da fazenda Várzea Grande. Foi demolida no
ano de 2020.



Fazenda Mosquito

Cariré [CE]

Século XIX



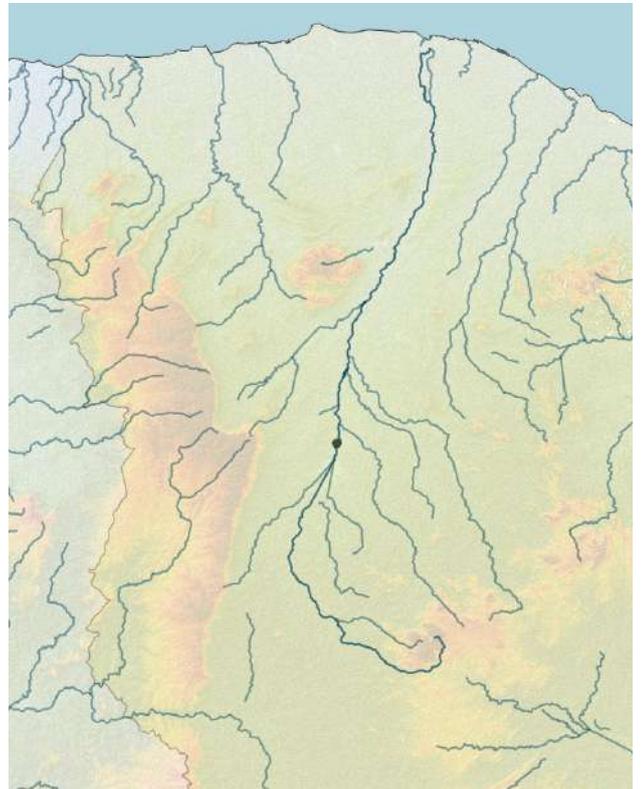
Fazenda Transval

Varjota [CE]
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

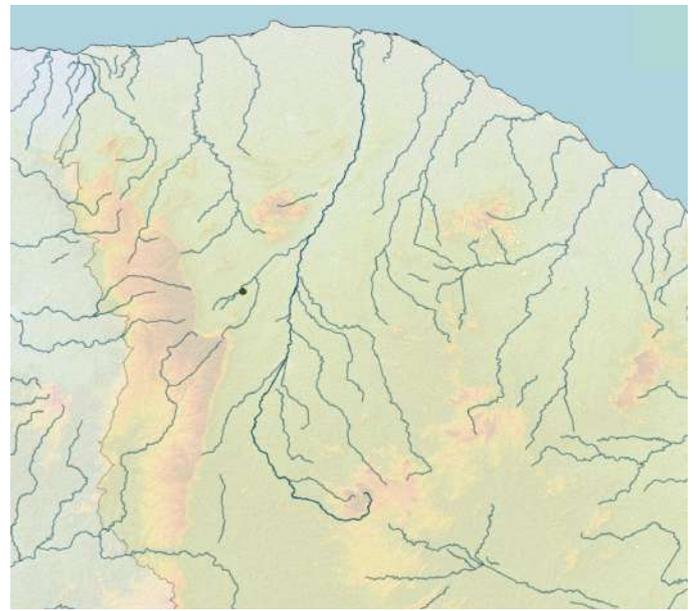
Fazenda de gado às margens do rio Acaraú, construída no ano de 1896. Seu fazendeiro mais antigo foi Melquíades Muniz Farrapo.

Casa-sede construída inteiramente em tijolos cozidos, com alpendre e cobertura de quatro águas. É interessante observarmos o singelo aspecto decorativo dos pilares do alpendre, de seção quadrada.



Casa-sede da fazenda Transval. Fonte: Sr. Carlos Melquíades.

A fazenda Olho d'Água das Ovelhas é uma propriedade do século XX atribuída a José Epifânio de Almeida.



Fazenda Olho d'Água das Ovelhas

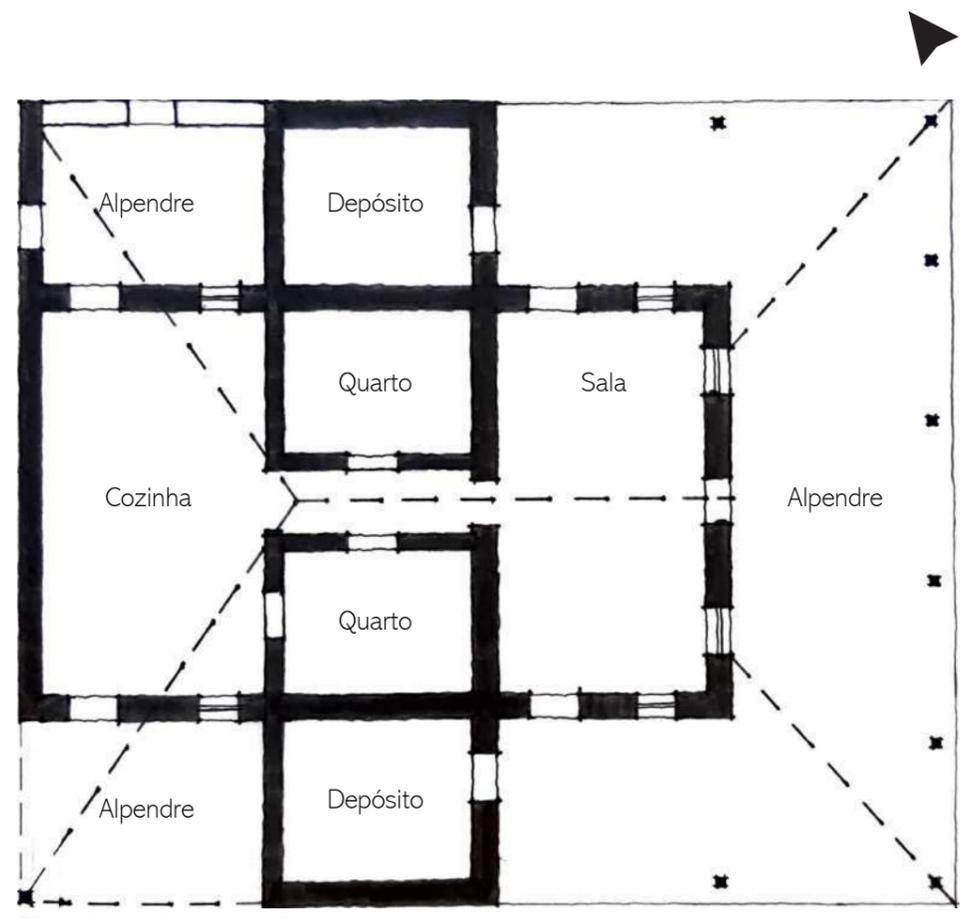
Cariré [CE]

Século XX

]

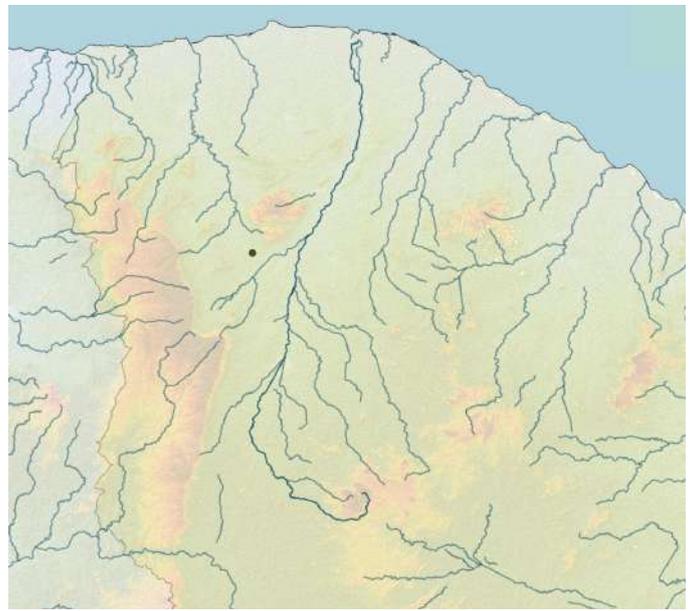
Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho





Fazenda Pereiros

Sobral [CE]
Século XIX

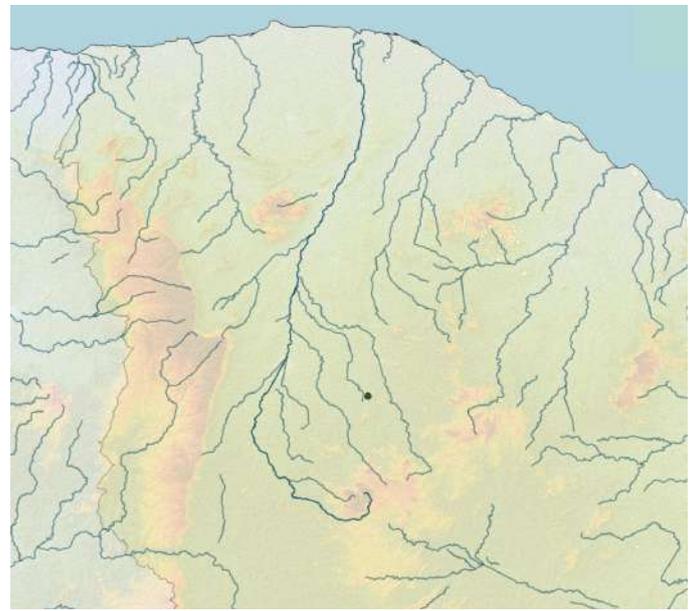
Levantamento e organização: Isabelle Carvalho







Fonte: Ramiro Teles/IPHAN-CE



Fonte: Ramiro Teles/IPHAN-CE



Fazenda Pirajá

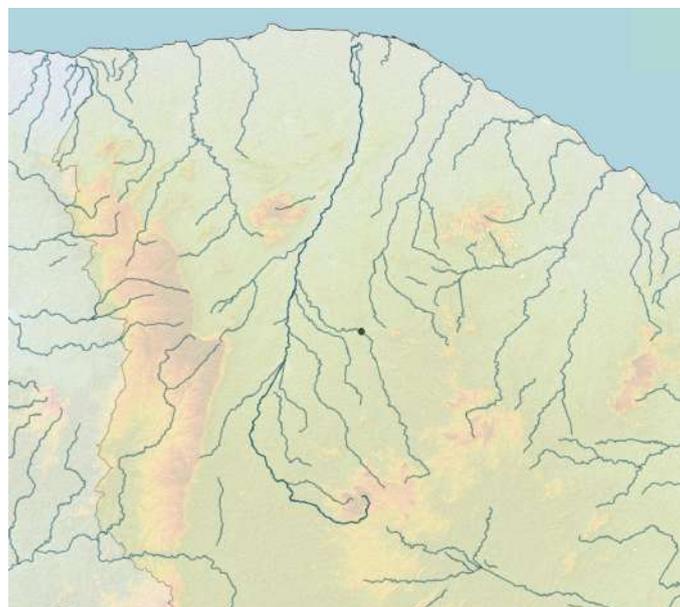
Santa Quitéria [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

Fonte: Jardson Rodrigues





Fonte: Autora

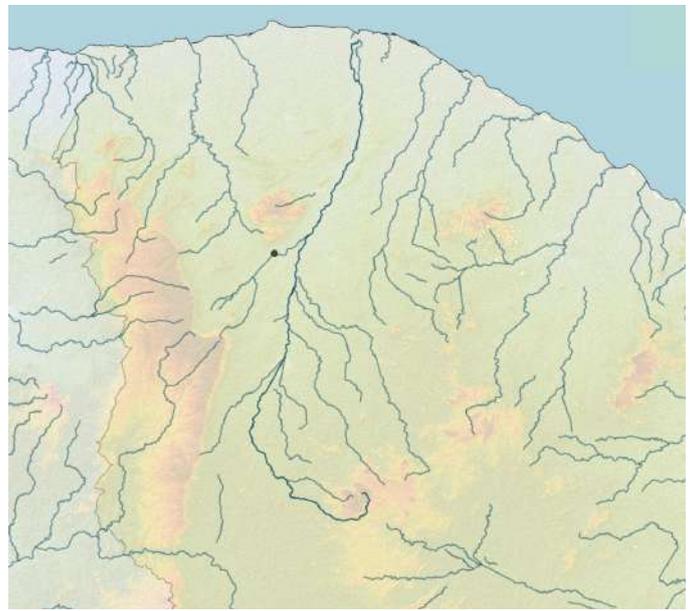


Fazenda Palana

Santa Quitéria [CE]

Século XIX

Fazenda atribuída ao clã Gomes Parente. É o único exemplar arquitetônico com beira-sobeira.

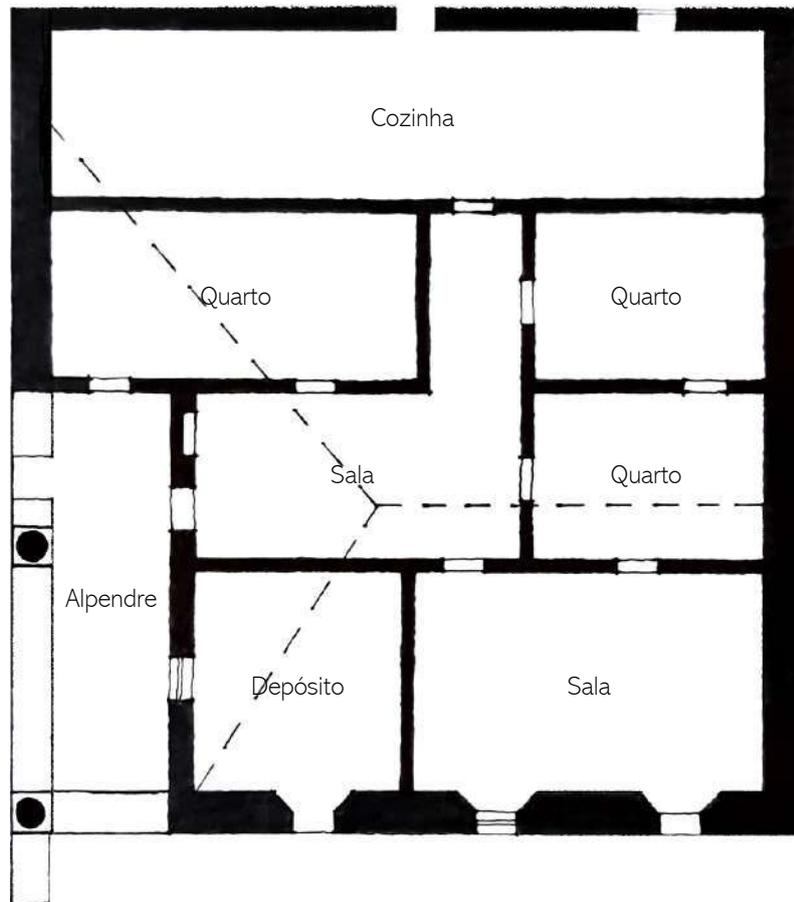


Fazenda Pirambeba

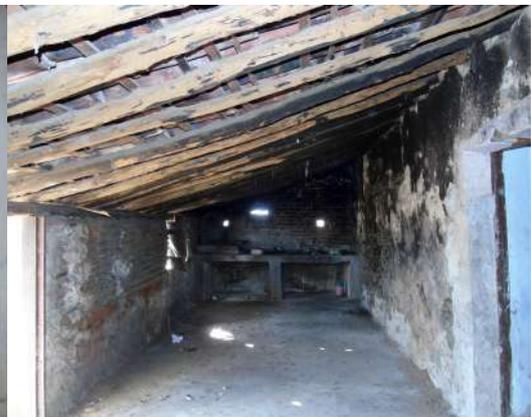
Sobral [CE]
Século XIX

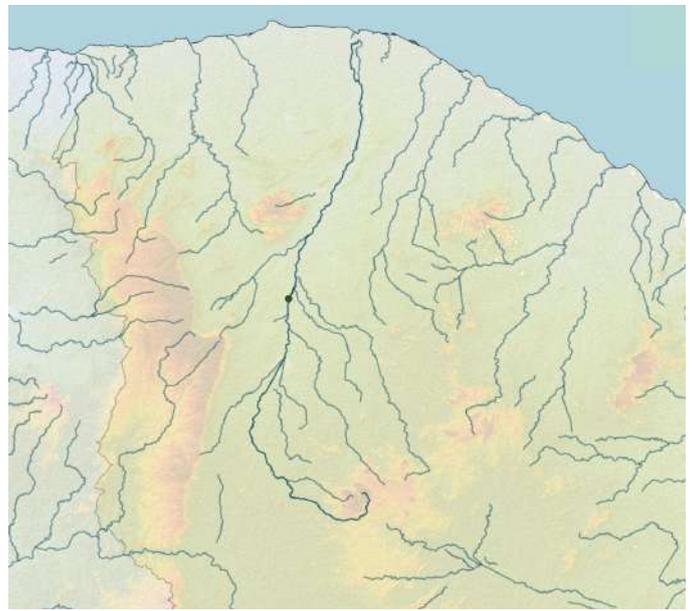
Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho





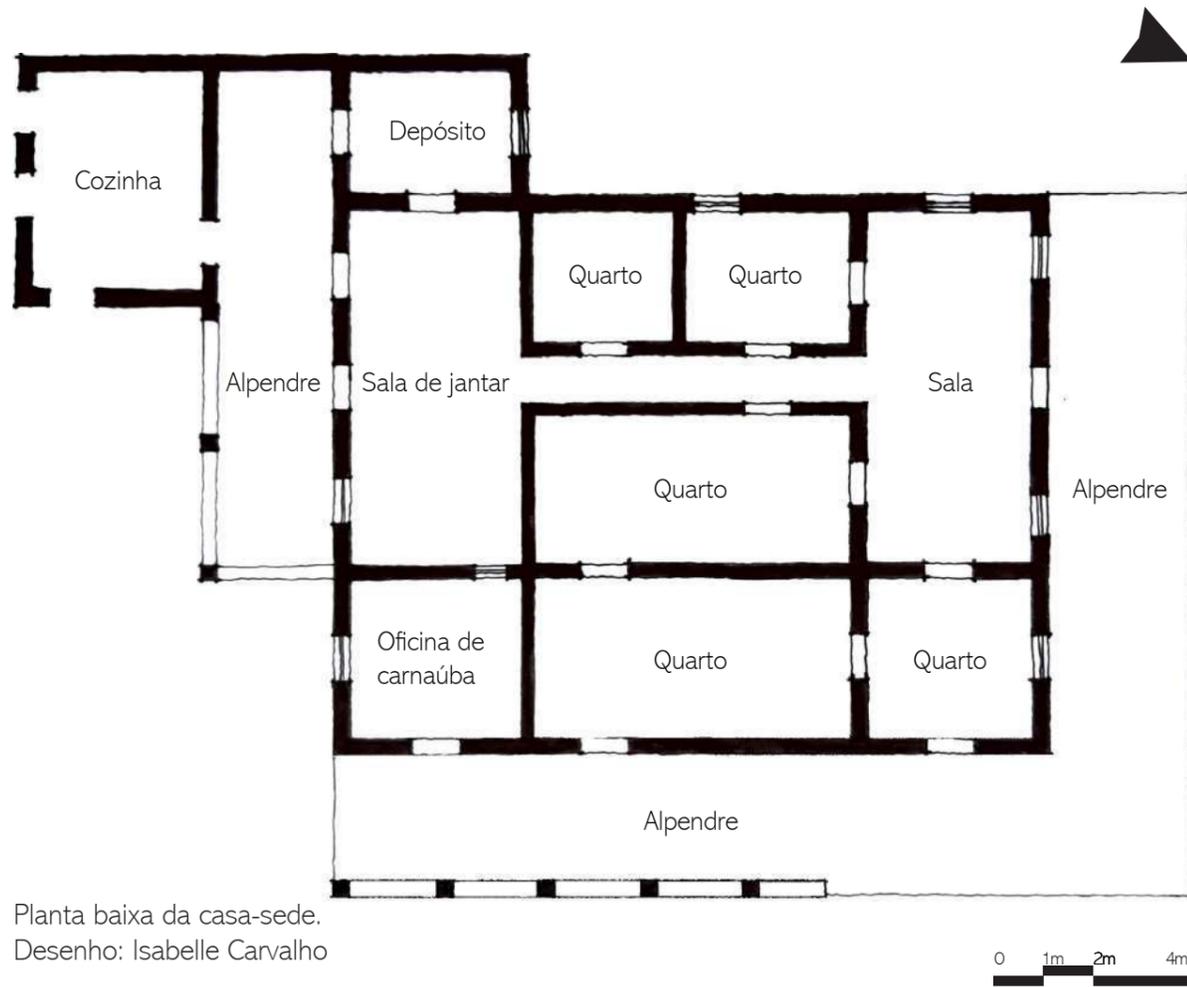
Fazenda Retiro

Cariré [CE]

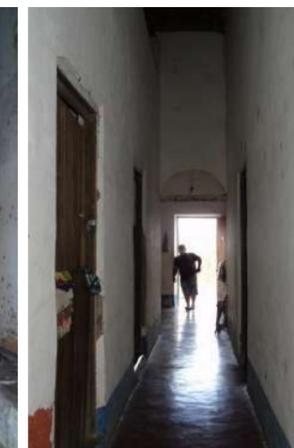
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

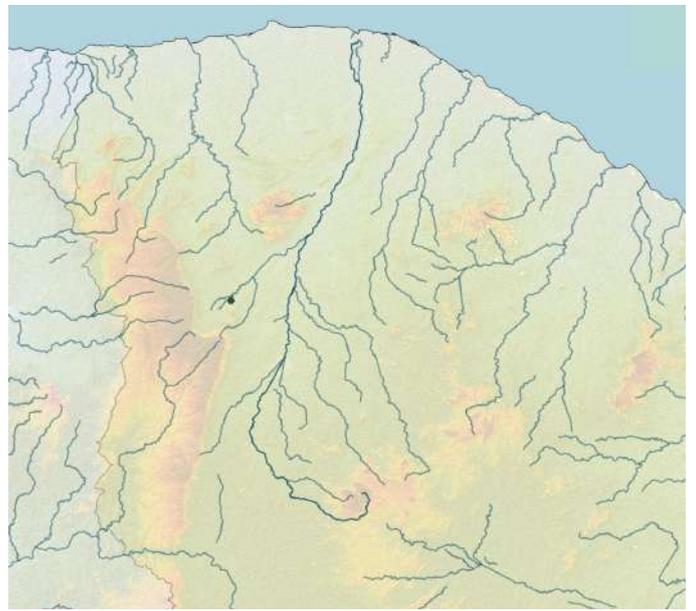




Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



Fonte: Isabelle Carvalho

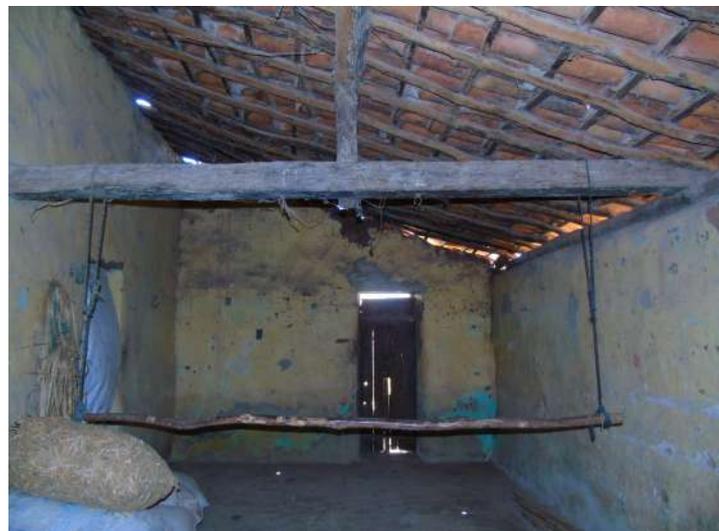
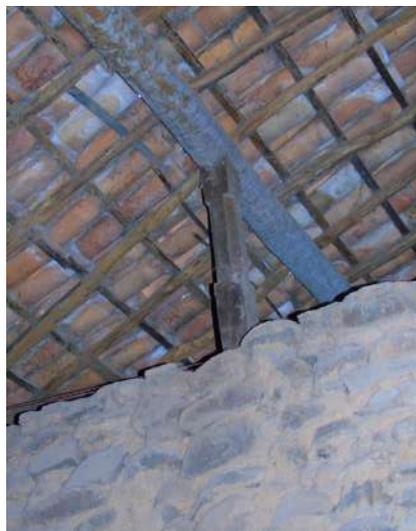
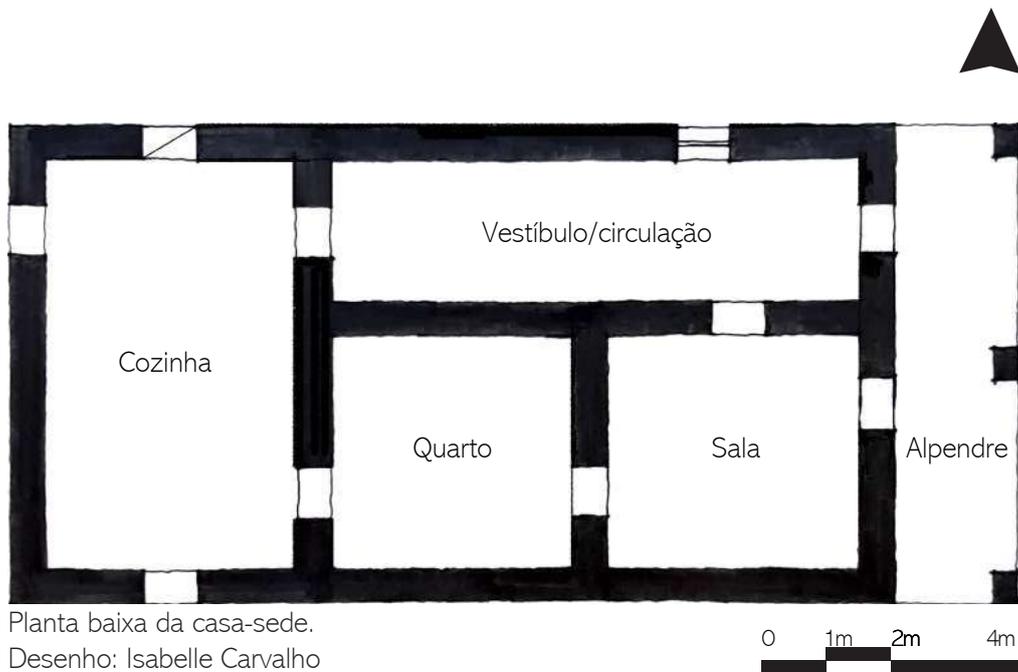


Fazenda Sanharão

Pacujá [CE]

Século XIX

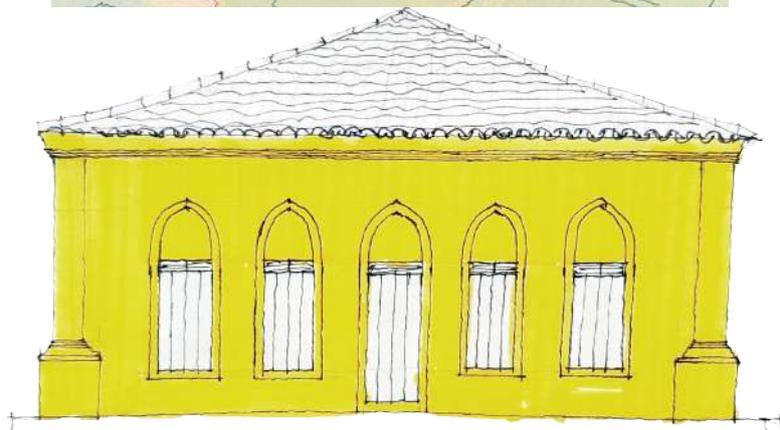
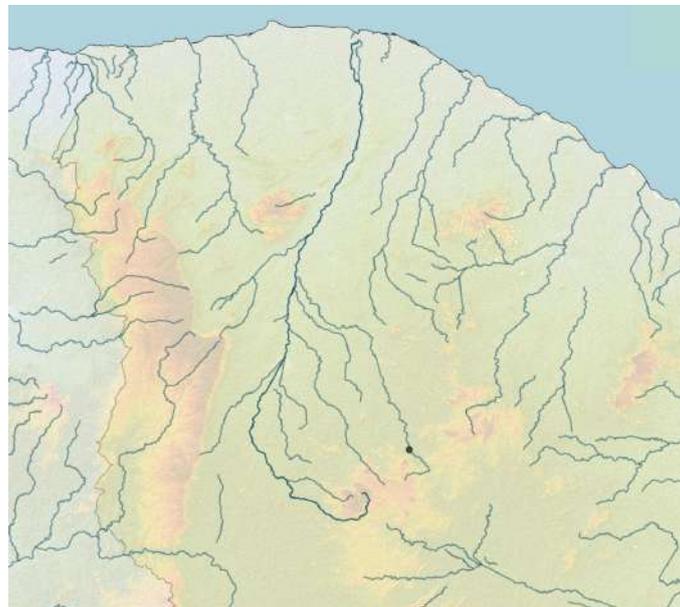




A fazenda Sapucaíba é uma propriedade encontrada em registros do século XIX, como nas cartas do senador do império Francisco de Paula Pessoa, do século XIX. Seus atuais proprietários afirmam ser uma fazenda do ano de 1819, atribuída a Francisco Rodrigues do Nascimento. É composta por currais de gado, com amarração tipo forquilha ou espiga engasgada e uma casa-sede, onde observamos alicerces de tijolos com acabamento de topo em pedra, coberta de duas águas com empenas laterais, esquadrias com quadro em madeira e arco abatido e cabideiros em madeira, típicos de fazendas de gado do século XIX.

Possui particularidades interessantes, como o uso de arcos ogivais em ressalto de alvenaria (um dos únicos, fora o sítio cajueiro em Tianguá), outros itens decorativos

Possui reforma datada de 1960, na qual foram acrescentados os alpendres e cozinha. A fazenda se encontra em bom estado de conservação, embora esteja fechada.

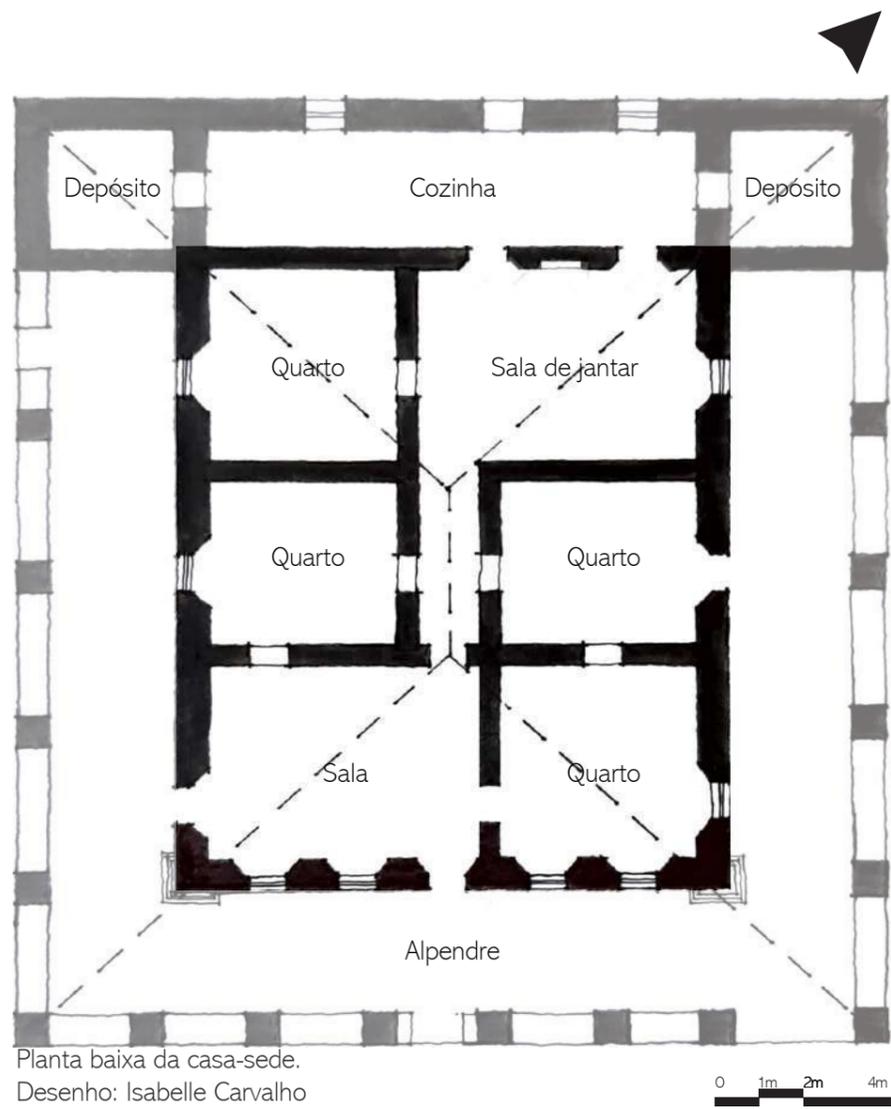


Fazenda Sapucaíba

Santa Quitéria [CE]

Século XIX



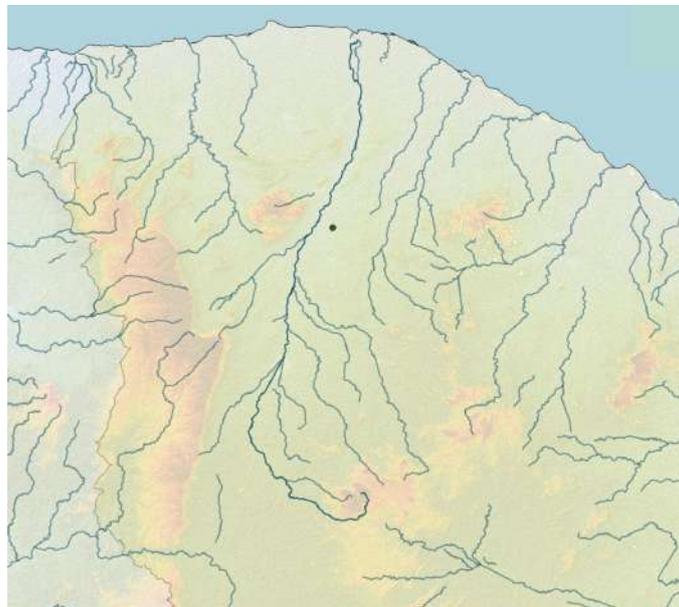


Fonte: Isabelle Carvalho

Casa-sede. Fonte: Isabelle Carvalho

O sítio Seriema é uma propriedade do século XIX. Seus atuais proprietários afirmam ser uma fazenda do ano de 1819, atribuída a Francisco Rodrigues do Nascimento. É composta por currais de gado, com amarração tipo forquilha ou espiga engasgada e uma casa-sede, onde observamos alicerce de tijolos com acabamento de topo em pedra, coberta de duas águas com empenas laterais, esquadrias com quadro em madeira e arco abatido e cabideiros em madeira, típicos de fazendas de gado do século XIX.

A casa-sede está atualmente desabitada. Têm contudo, atividades com suínos em seus currais.



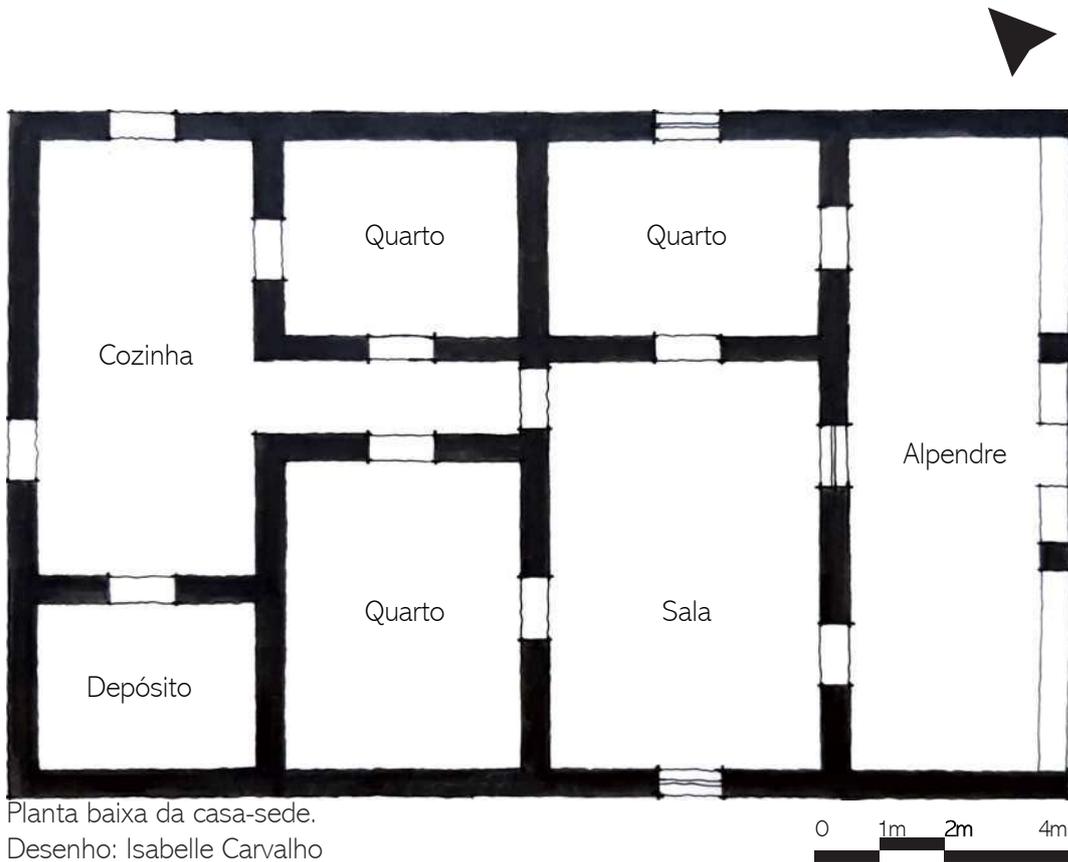
Porta e cabide em madeira lavrada.
Fonte: Isabelle Carvalho

Sítio Seriema

Sobral [CE]
Século XIX

Vista do curral. Fonte: Isabelle Carvalho





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

Casa-sede. Fonte: Isabelle Carvalho

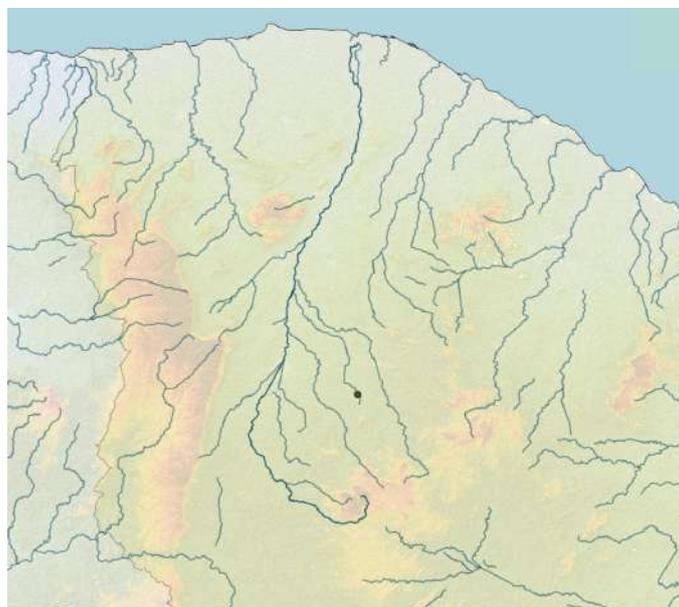


Santa Quitéria Velha é uma fazenda de gado localizada próxima ao núcleo da então vila de Santa Quitéria. Um de seus proprietários foi o coronel Vicente Alves da Fonseca, que também possuiu a fazenda Groaíras e sogro de Francisco de Paula Pessoa, senador do Império.

É composta por uma casa-sede com arquitetura característica do século XIX. Encontramos, durante levantamento, telhas com inscrição do ano de 1820. Possui uma volumetria ampla, em planta e verticalidade, com a cumeeira atingindo cerca de 6,50 metros. Além da casa-sede da fazenda Casa-Grande, é o único exemplar a possuir cachorros no telhado.

Na parte posterior da edificação, encontramos uma particularidade, telhas com desenhos fitomórficos, zoomórficos e antropomórficos, retratando pessoas, vaqueiros e os animais do criatório.

A casa recebeu reformas no século XX, com adição de depósito lateral. No momento do levantamento, encontra-se desabitada e sem atividades econômicas em andamento.



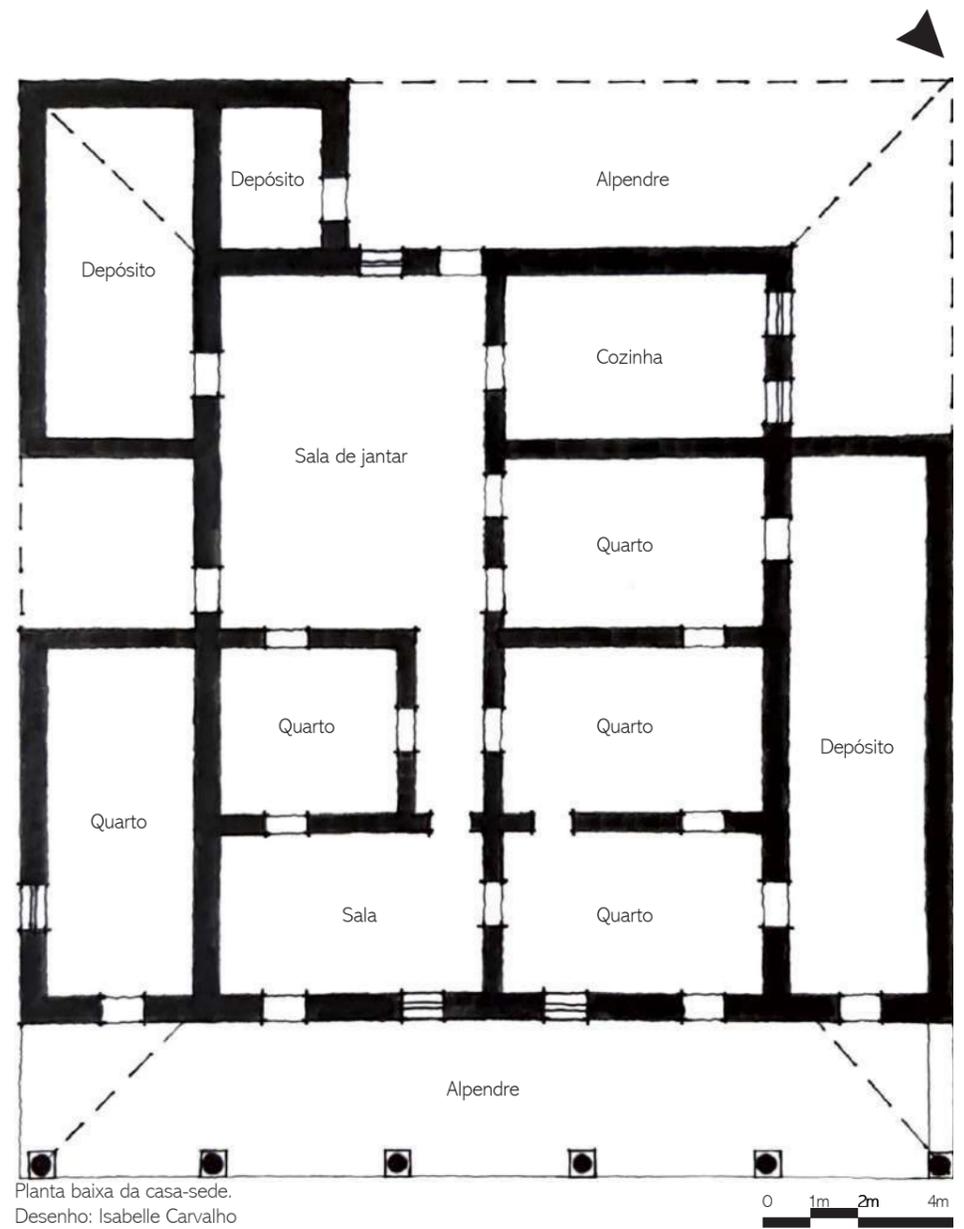
Alpendre. Fonte: Isabelle Carvalho

Vista da fazenda. Fonte: Isabelle Carvalho

Fazenda Santa Quitéria Velha

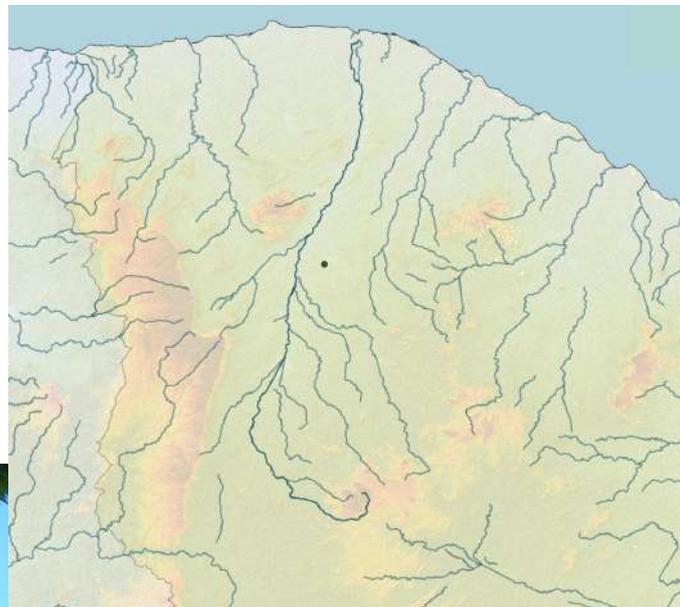
Santa Quitéria [CE]

Século XIX





A fazenda Tamanduá é uma propriedade do século XIX. O fazendeiro mais antigo que temos notícia era Raimundo Alves de Loiola. É composta por currais de gado, com amarração tipo forquilha ou espiga engasgada e uma casa-sede típica do século XIX: coberta de quatro águas, vãos com enxalso e armários embutidos em alvenaria.



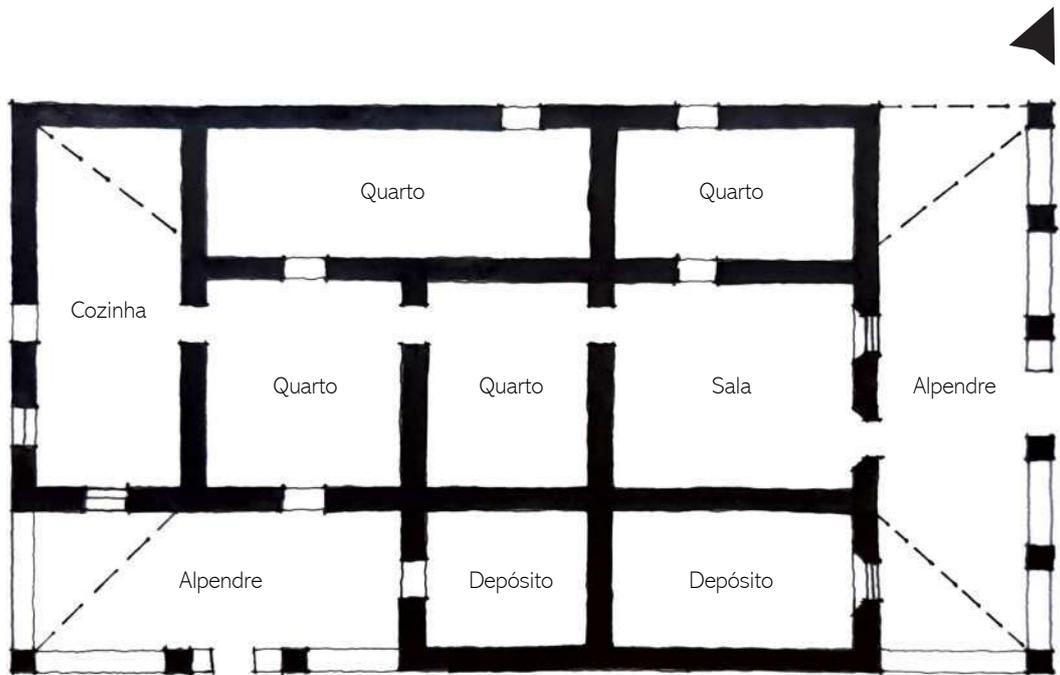
Fazenda Tamanduá

Forquilha [CE]

Século XIX

Gado vacum sob a sombra de um juazeiro. Fonte: Isabelle Carvalho





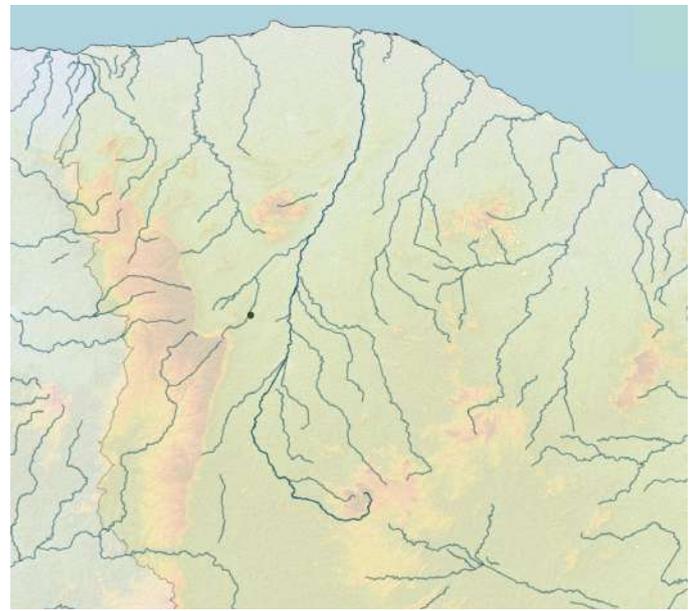
Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



A fazenda Várzea Grande é uma propriedade do século XIX. O fazendeiro mais antigo que temos notícia era Manoel Ferreira de Melo, conhecido sob a alcunha de “tenente Mano”, político moderado e agricultor, que residia em São Benedito, serra da Ibiapaba. Era também dono das fazendas Várzea Comprida, Camará, Trapiá, Mosquito e Tubiba. (FURTADO, 2003, pp.127-128).

É composta por amplos currais de gado, com amarração tipo caiçara e uma casa-sede típica do século XIX: coberta de duas águas com empenas laterais, vãos com arco abatido e enxalso, armários embutidos em alvenaria e alcovas.

Baús de couro, cabideiros, marcas de ferro, vasilhames de ferro, bilheiras e vasos de barro e imagens religiosas são alguns dos objetos encontrados.



Fazenda Várzea Grande

Reriutaba [CE]

Século XIX

Curral de caiçara. Fonte: Isabelle Carvalho

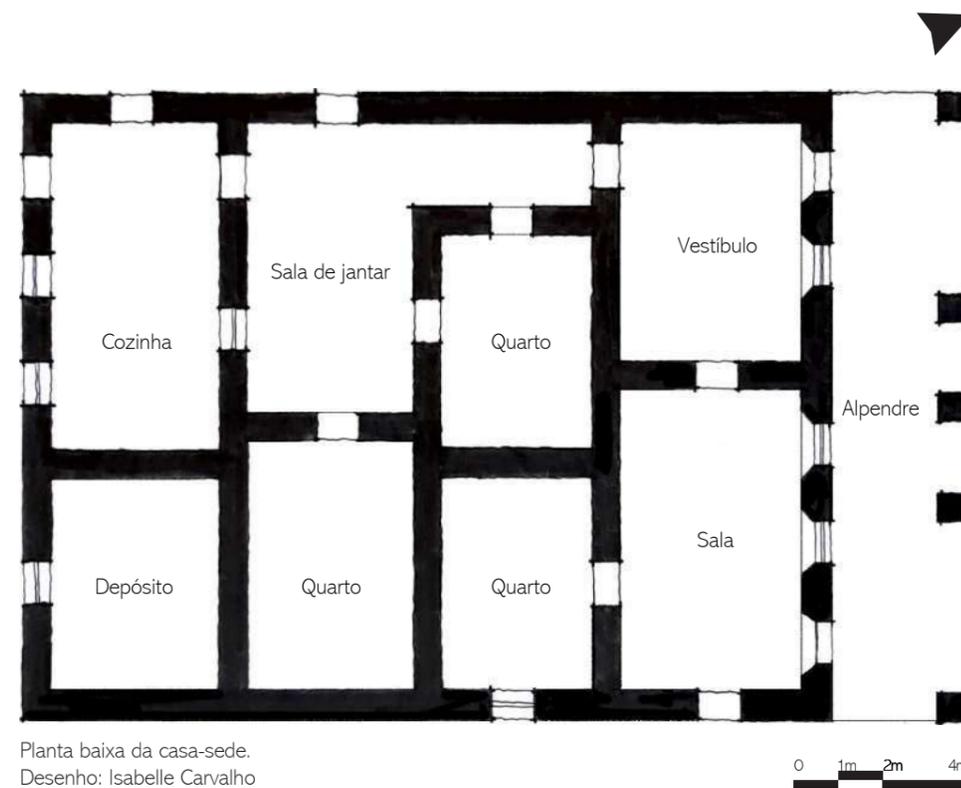
Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Marcas de ferro. Fonte: Isabelle Carvalho

Em sentido horário: chave, fechaduras, cabeçada, imagens religiosas, vasos de barro em bilheiras de barro, cabideiros e vasilhames. Fonte: Isabelle Carvalho.



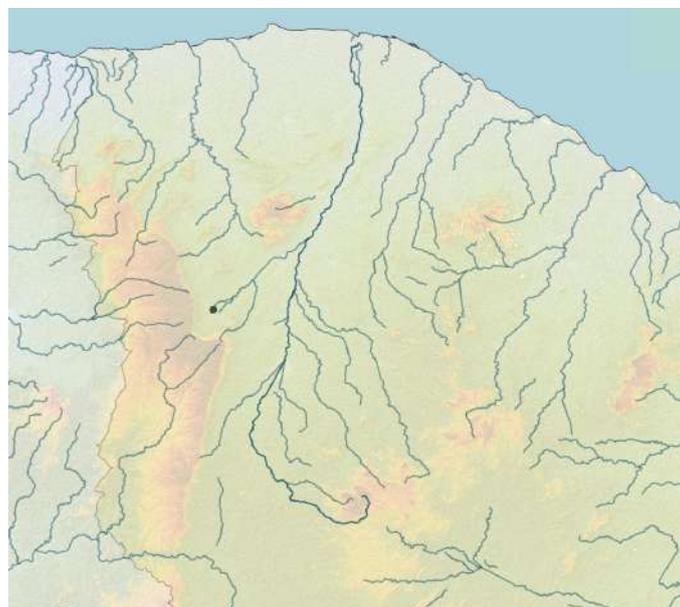
Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



Fachada principal da casa-sede. Fonte: Isabelle Carvalho



Empena lateral. Fonte: Isabelle Carvalho



Da fazenda Volta, historicamente relacionada aos clãs Brito e Melo, está localizada no sopé da Ibiapaba. Dela, conhecemos apenas a casa-sede. Tem configuração retangular, com estrutura original em taipa de sopapo, com cobertura de duas águas apoiada por pontaletes em aroeira. Encontramos baú de madeira revestido em couro, marcas de ferro relativas à família e a São Benedito (a qual o município do Graça foi desmembrado posteriormente) e assento em imburana.

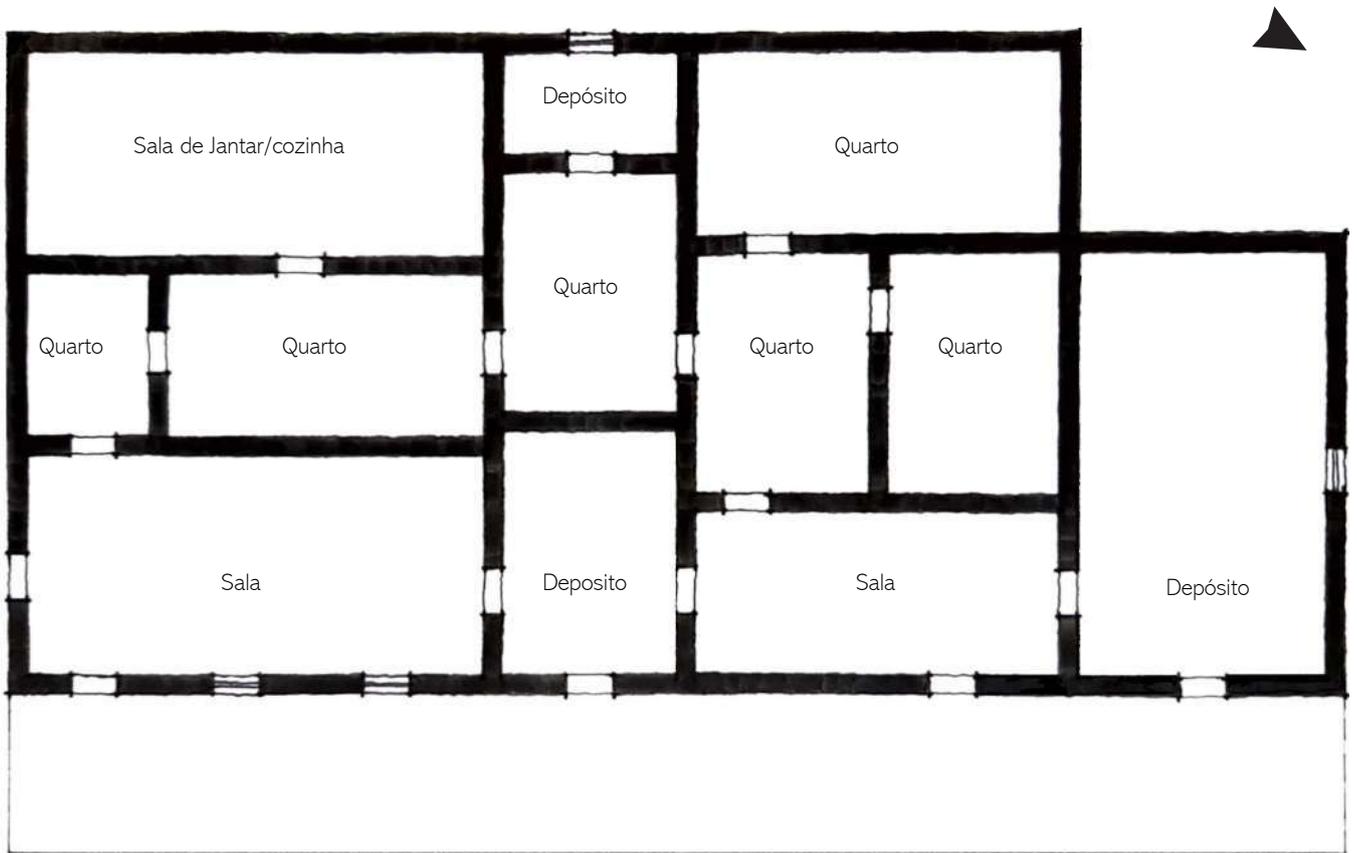
Fazenda Volta

Graça [CE]
Século XIX

Fachada principal da casa-sede. Fonte: Isabelle Carvalho

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Reconstituição da planta baixa original da casa-sede.
 Desenho: Isabelle Carvalho



Taipa de sobapo. Fonte: Isabelle Carvalho



Coberta apoiada em terças de carnaúba.
 Pontaletes e brabo em aroeira.
 Fonte: Isabelle Carvalho



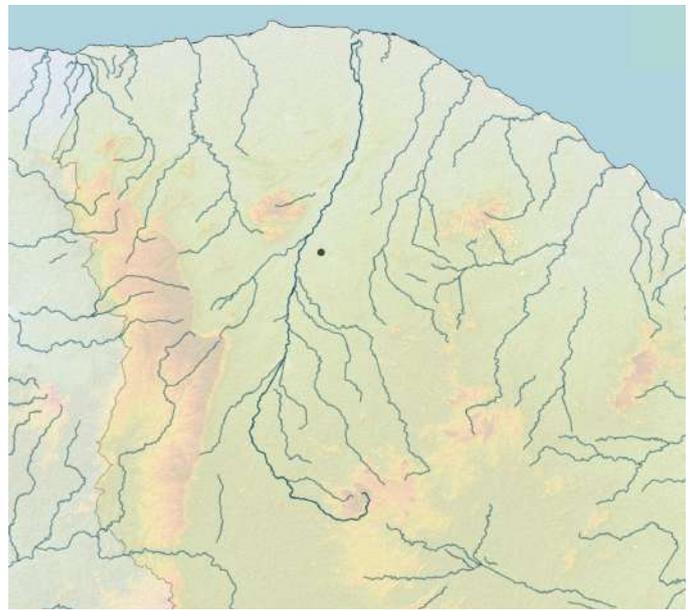
Armação em madeira, formando prateleira de canto. Fonte: Isabelle Carvalho



Linhas em madeira, para pendurar objetos cotidianos do gado ou possível estrutura de paiol. Fonte: Isabelle Carvalho



Detalhe do madeiramento e alpendre. Fonte: Isabelle Carvalho

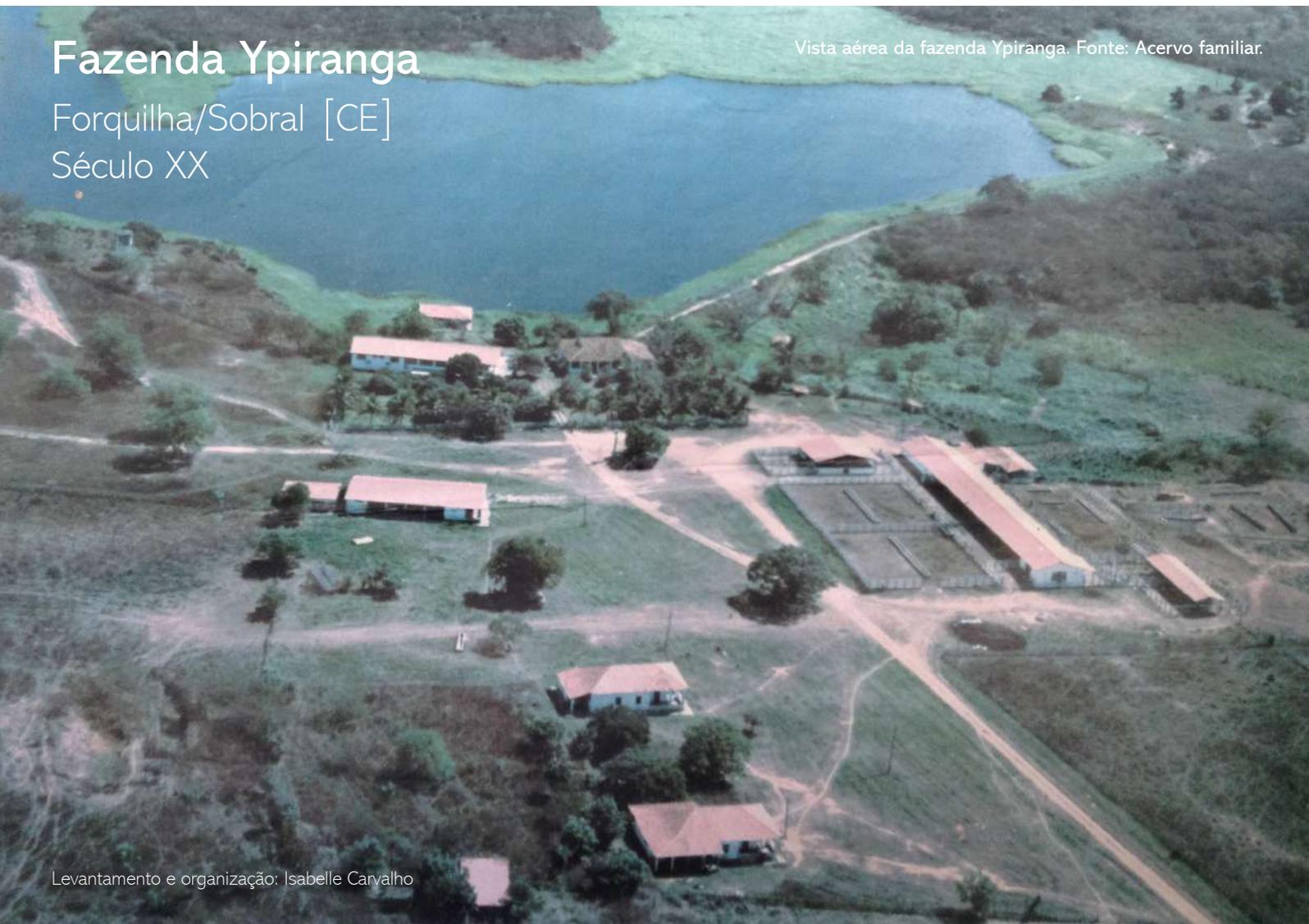


Fazenda Ypiranga

Forquilha/Sobral [CE]

Século XX

Vista aérea da fazenda Ypiranga. Fonte: Acervo familiar.



A história da fazenda Ypiranga está relacionada à produção de algodão e Oiticica, período inicial do século XX. Localizada parcialmente em Sobral, estratégica por sua estrada de ferro, foi propriedade da Companhia Industrial de Algodão e Óleos (CIDA), como estação experimental para o processo de colheita de amêndoas da Oiticica e produção de óleos (ALMEIDA, 1989).

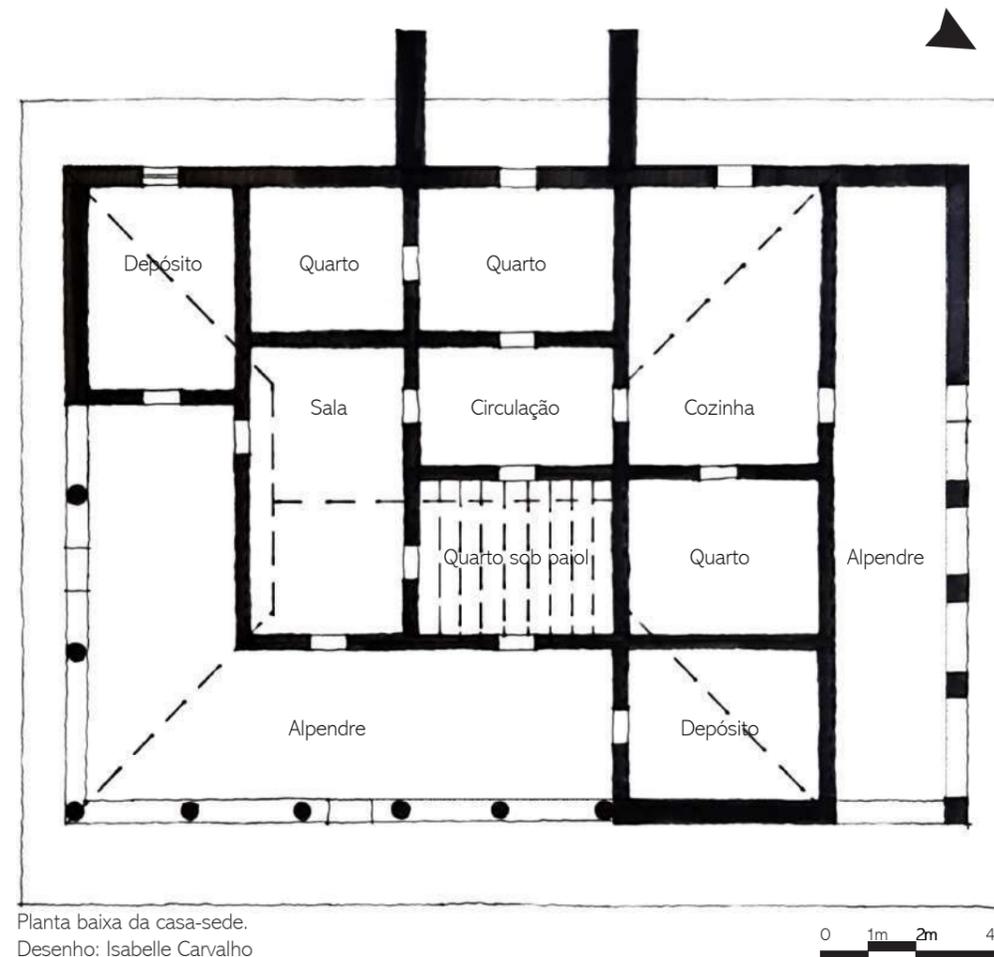
Totalizando cerca de 600 hectares, possui um amplo curral, açudes e moradias para vaqueiros e moradores, embora construções do segundo quartel do século XX. Sua casa-sede remonta ao final do século XIX, térrea, com paiol no quarto central, coberta de quadro águas com fontões laterais, alpendre apoiado com pilares de tijolos meia lua, assentada em alicerce de tijolos com paredes autoportantes e contrafortes em mesma materialidade. O alpendre ligado à cozinha foi construído posteriormente, bem como acabamentos de cimento queimado no piso.

A casa é atualmente utilizada como habitação.



Em ordem superior para inferior:

Fachada posterior com contrafortes em tijolo; curral; quarto sob paiol; pilares em tijolo meia lua e contra-ventamento em aroeira.
Fonte: Isabelle Carvalho.



Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

Casa-sede.
Fonte: Isabelle Carvalho

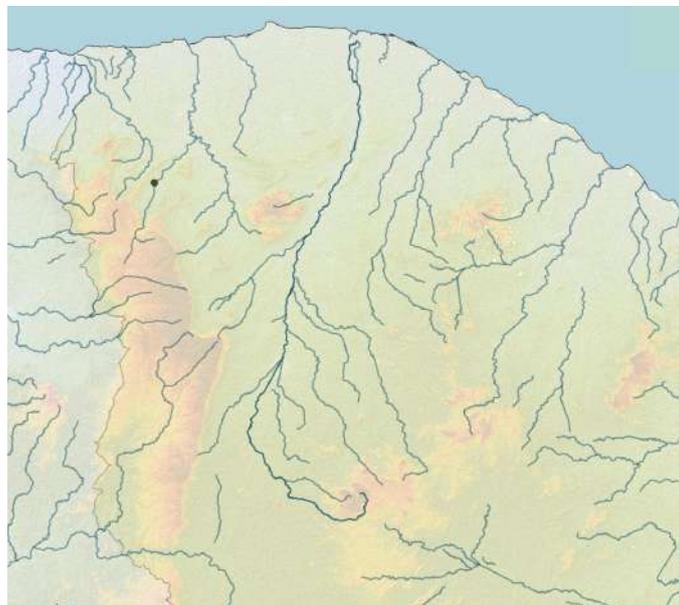


Frecheirinha, às margens do rio Coreaú.

Fonte: IBGE.



[Sertões do Coreaú e afluentes]

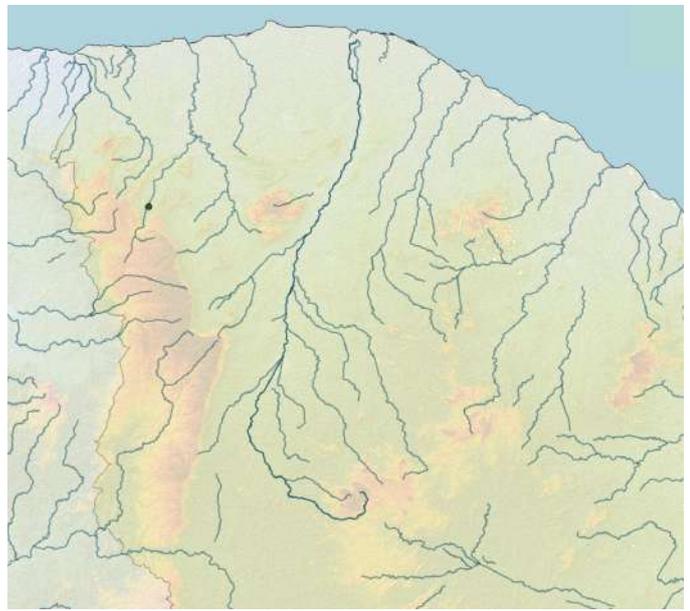


Fazenda desconhecida

Viçosa do Ceará [CE]
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Fazenda desconhecida

Viçosa do Ceará [CE]

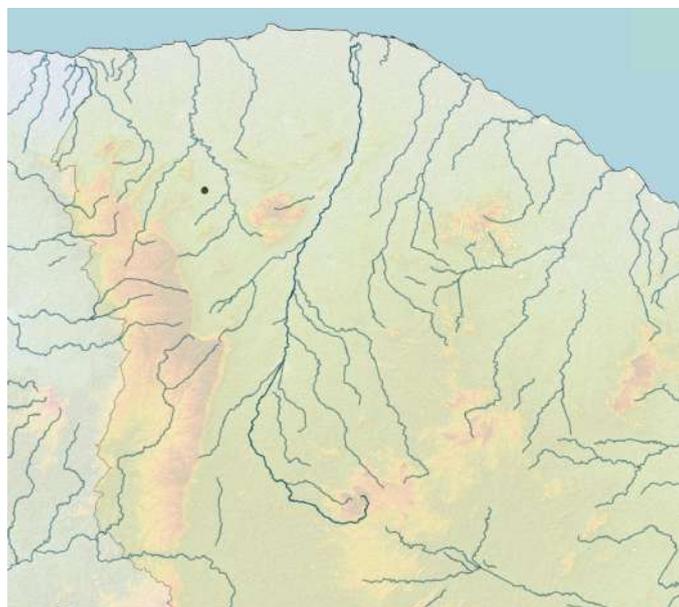
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Fonte: autora



Fonte: autora

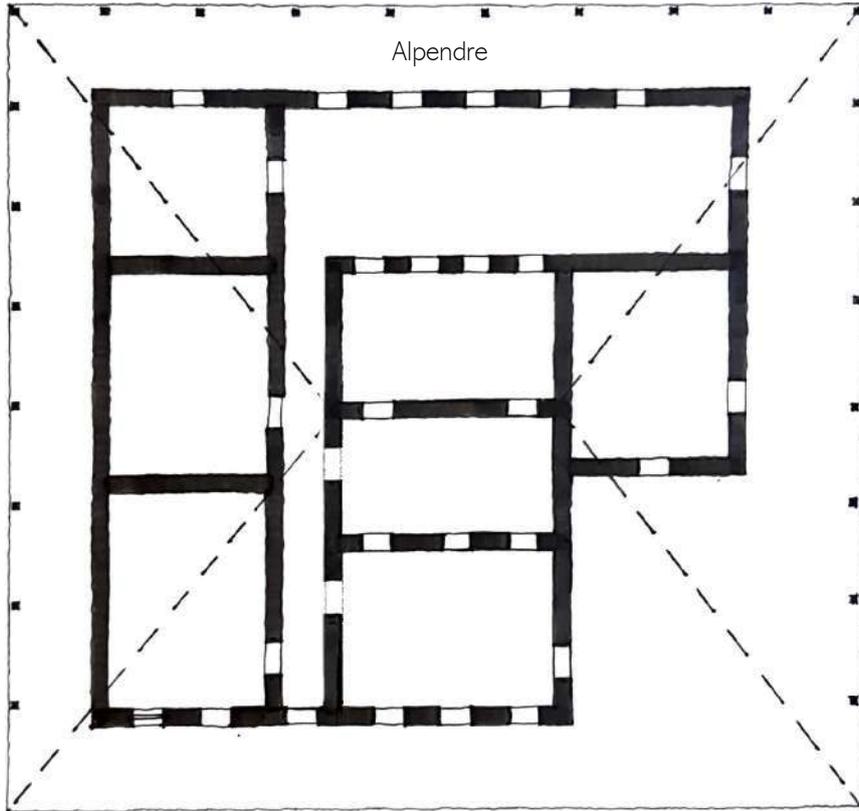
Fazenda Caraúbas

Moraújo [CE]

Século XIX



Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

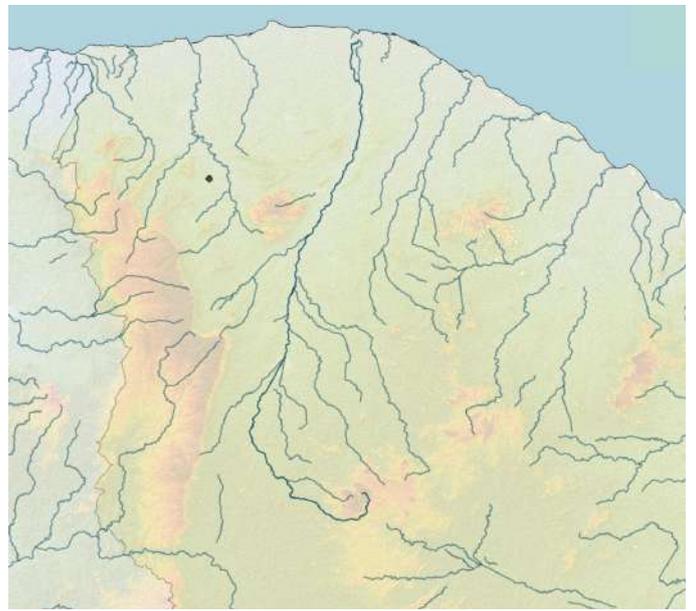


Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

0 1m 2m 4m



Fonte: autora



Fonte: Acervo de Gustavo Belchior



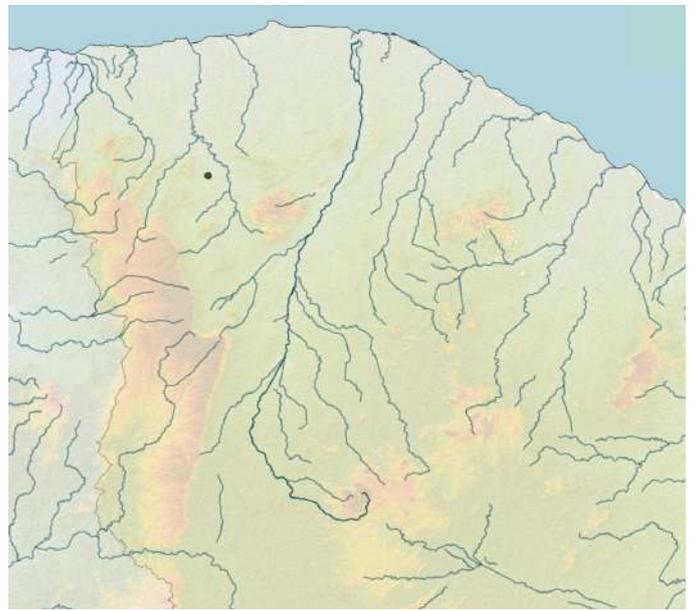
Fazenda Olho d'Água

Moraújo [CE]

Século XIX



Fonte: autora



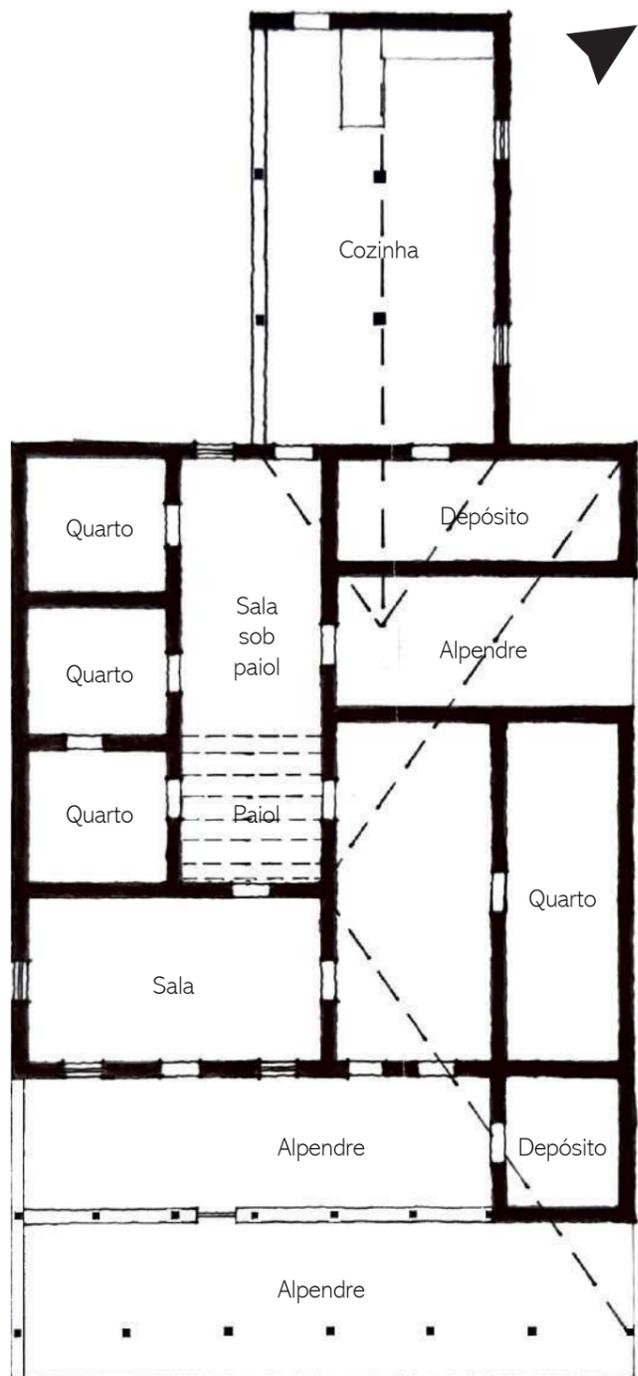
Sítio Morros

Moraújo [CE]

Século XX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





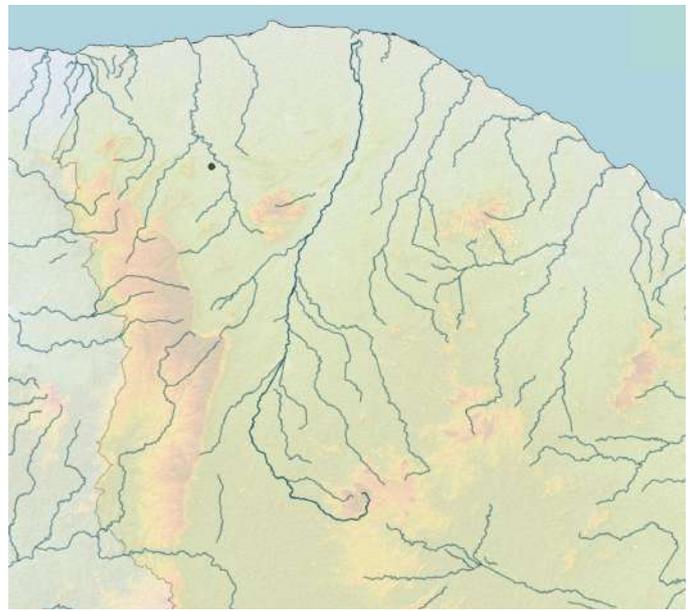
Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



Fonte: autora



Fonte: autora

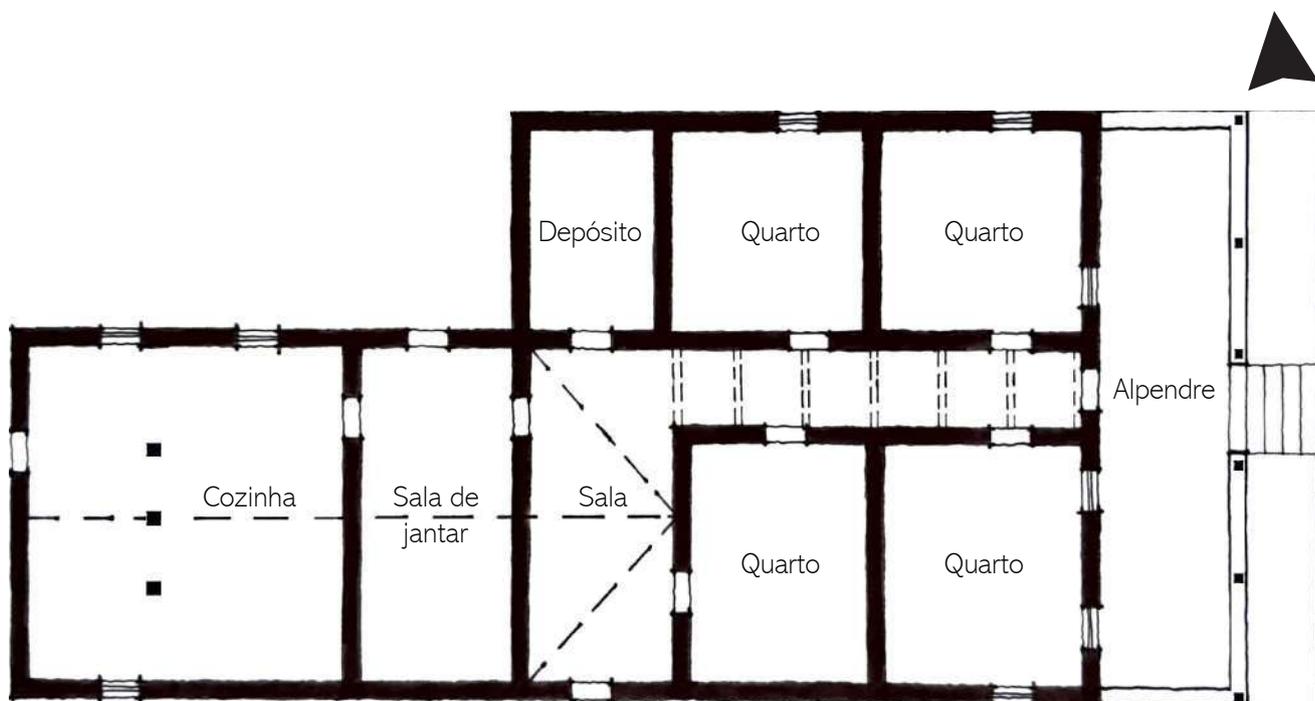


Fazenda Pereiro

Uruoca [CE]

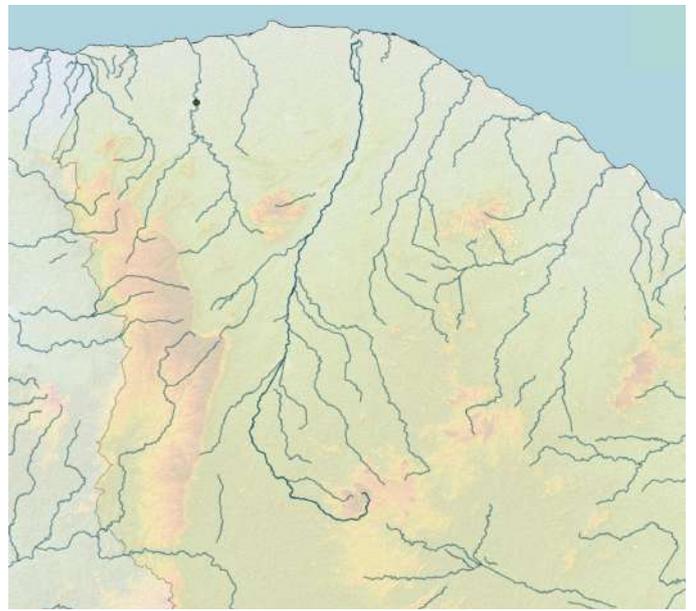
Século XX





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho





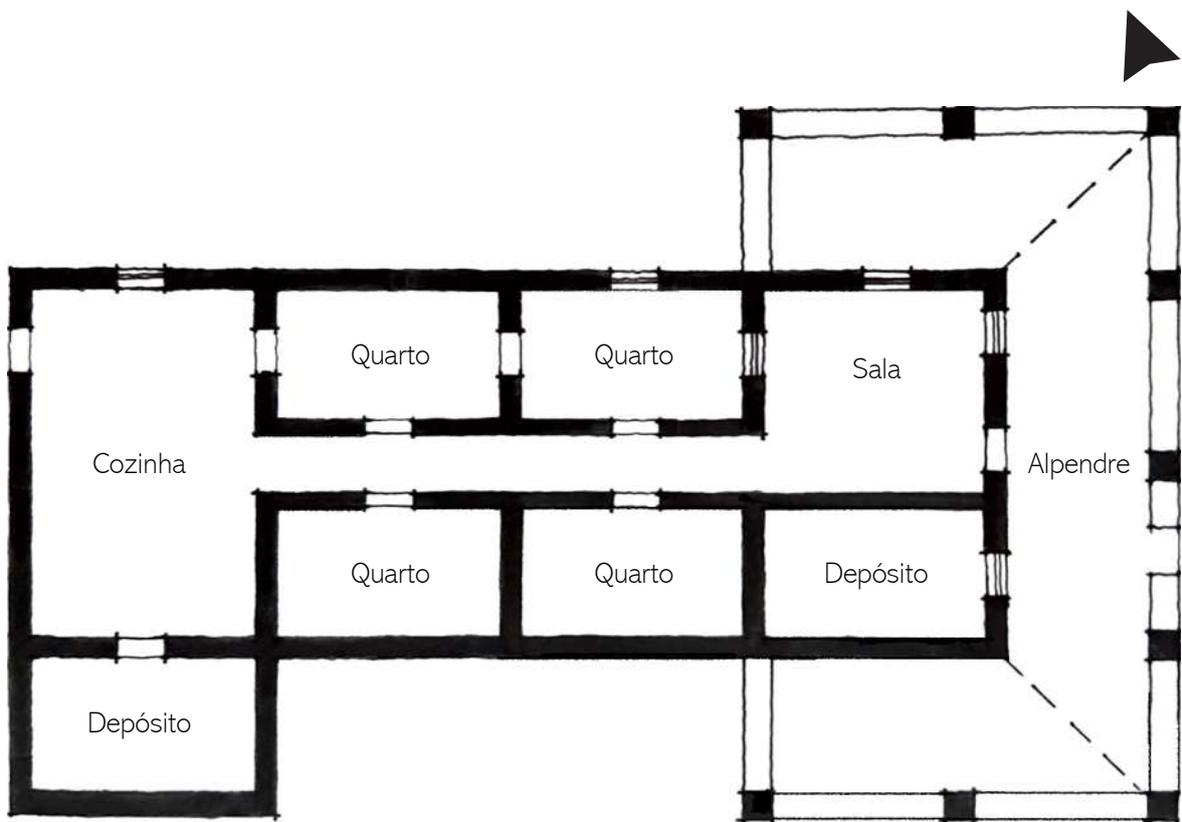
Fazenda Santa Maria

Granja [CE]

Século XIX



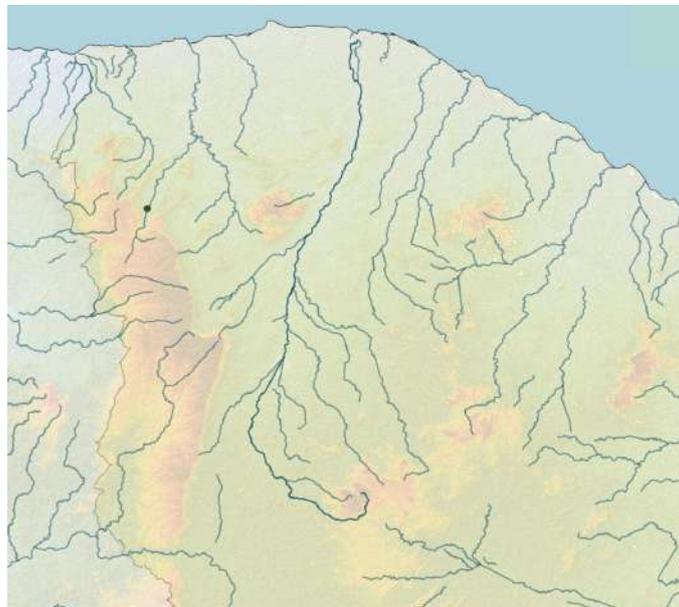
Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



O sítio Nogueira é uma propriedade devotada ao cultivo da cana-de-açúcar. Embora a propriedade seja do século XIX, a casa-sede foi construída na primeira década do século XX. Funciona atualmente como restaurante e engenho.



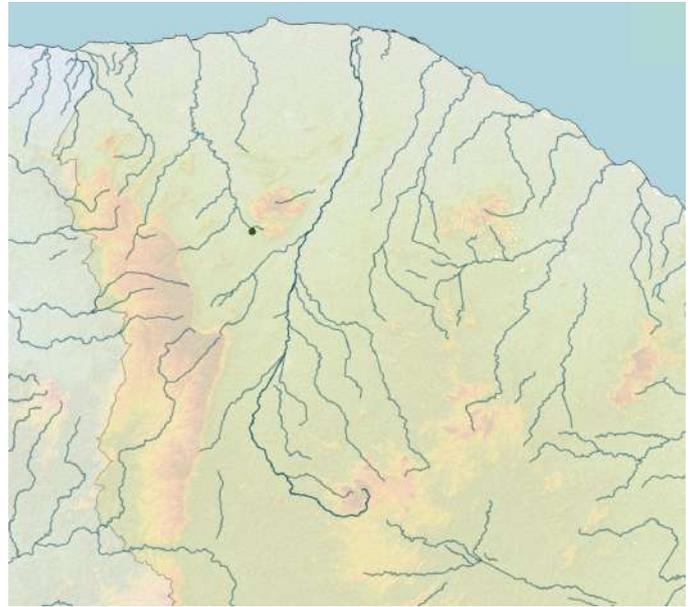
Sítio Nogueira

Viçosa do Ceará [CE]
Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho



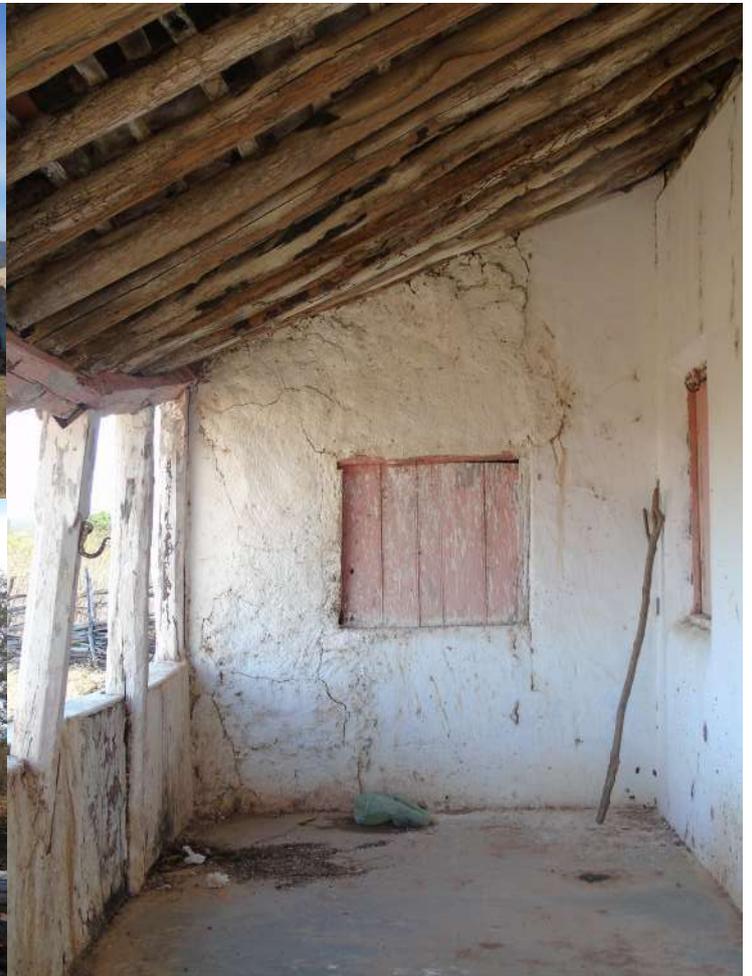




Fazenda Barra dos Prados

Sobral [CE]
Século XIX





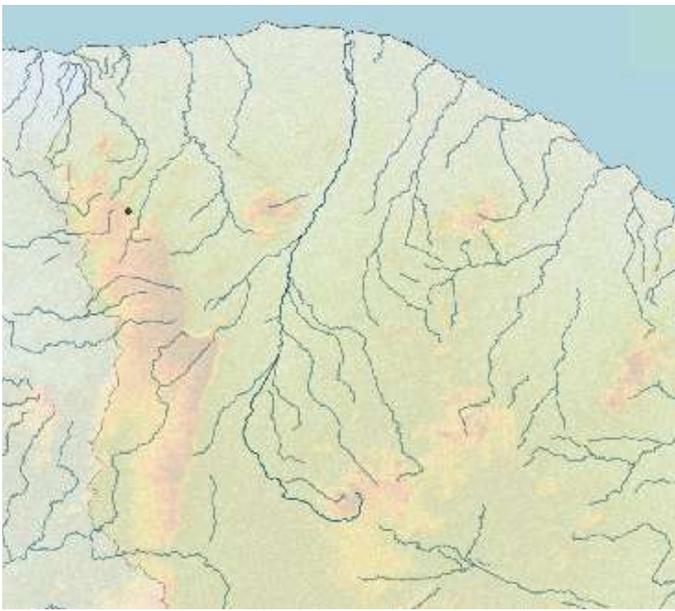
Fonte: autora

Lambedouro, Viçosa do Ceará.

Fonte: Autora.



[Serra da Ibiapaba]



Sítio em Viçosa do Ceará. Já demolido, restando apenas uma imagem de autoria desconhecida. A propriedade era atribuída a Jean Fontaneille.



Sítio Careta

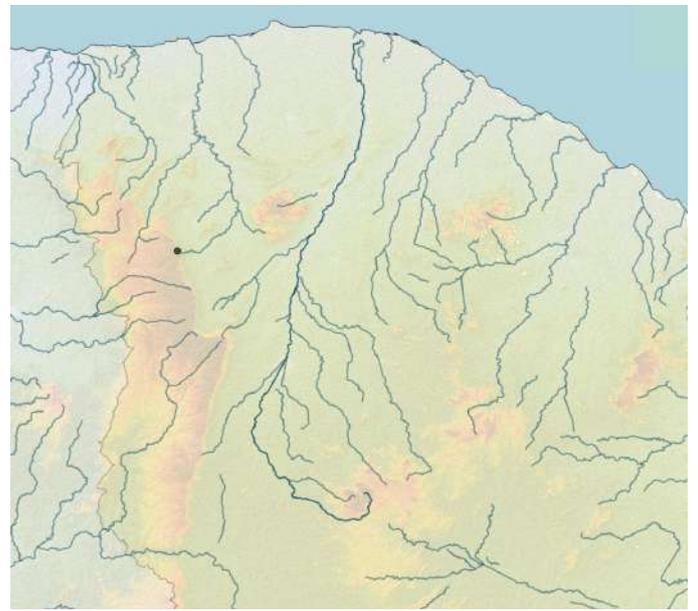
Viçosa do Ceará [CE]

Século XIX

Organização: Isabelle Carvalho

O sítio Cajueiro é uma construção do século XIX, localizada em Tianguá, serra da Ibiapaba. O primeiro proprietário que temos notícia é o coronel Raimundo Alves de Lima, que tem iniciais inscritas na fachada da casa, junto ao ano de 1880.

Sua ampla casa, possui espessas alvenarias, em média de 85 centímetros de espessura, construída em pedra aparelhada com junta seca e alvenarias internas em tijolos. Sua estruturação externa é feita com contrafortes em pedra. É um dos poucos exemplares inventariados que possui sótão. Há informações que foi uma propriedade devotada a cultura de café. Está desocupada. Possui engenho construído recentemente.

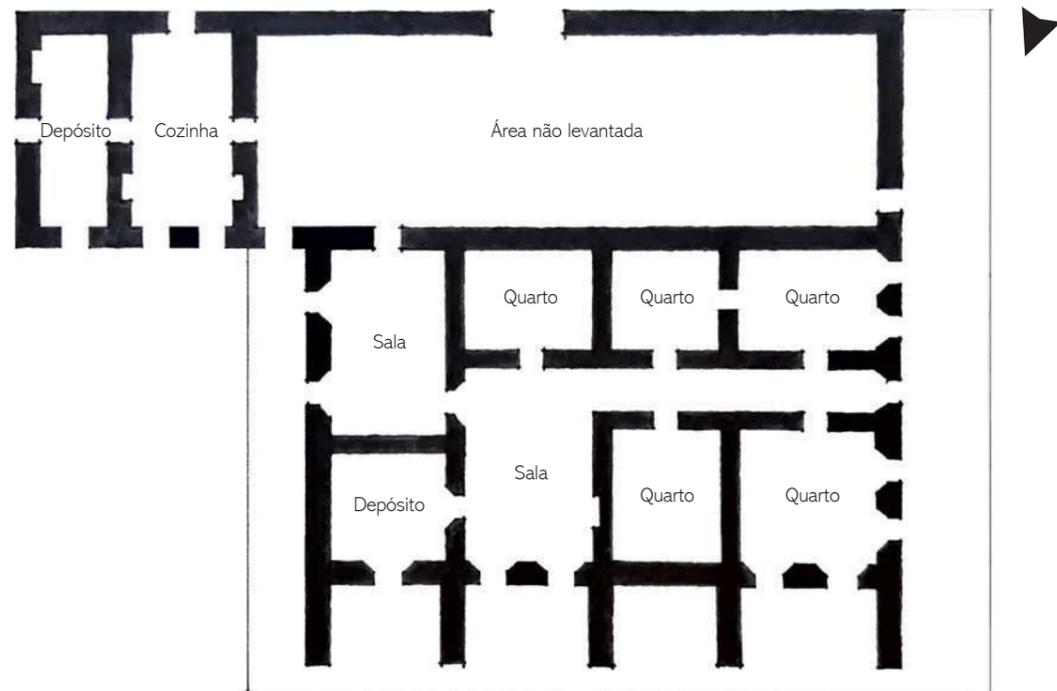


Fonte: Autora.

Sítio Cajueiro

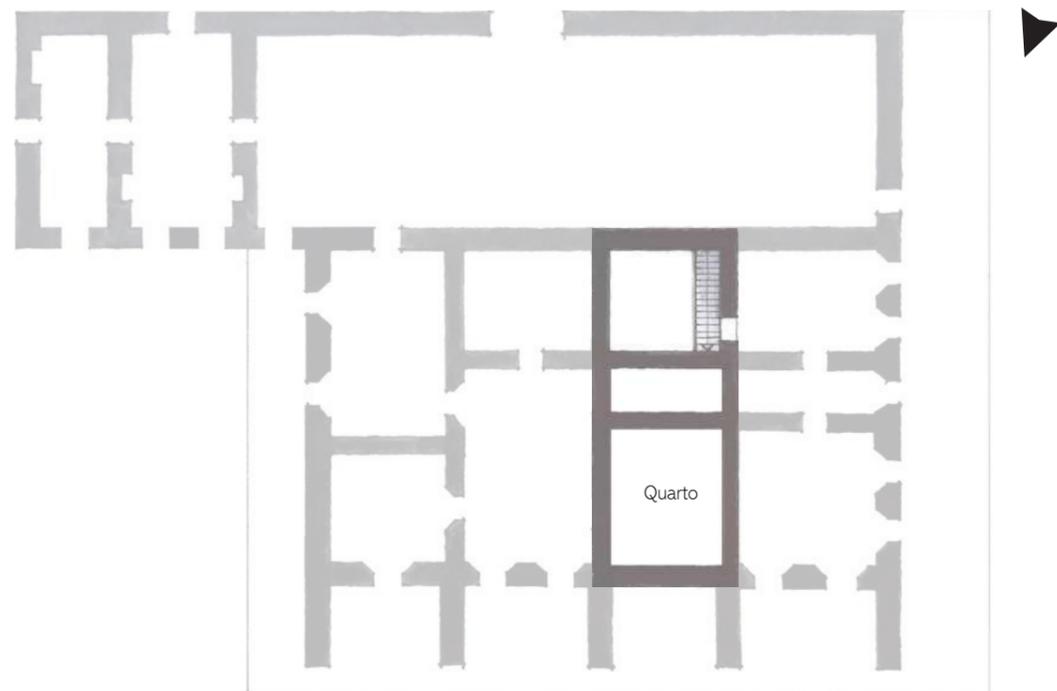
Tianguá [CE]
Século XIX





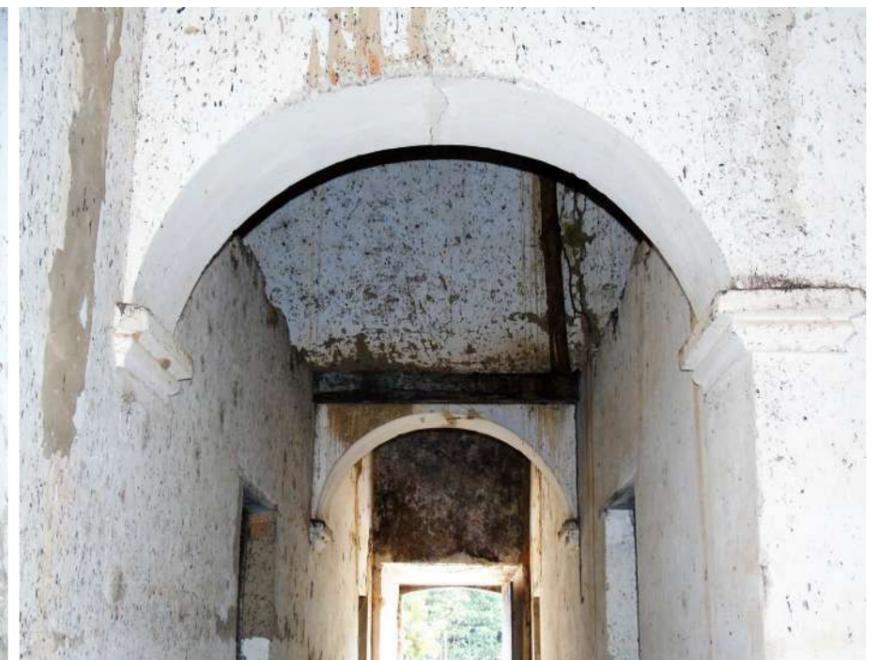
Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

0 1m 2m 4m



Planta baixa do pavimento superior
Desenho: Isabelle Carvalho

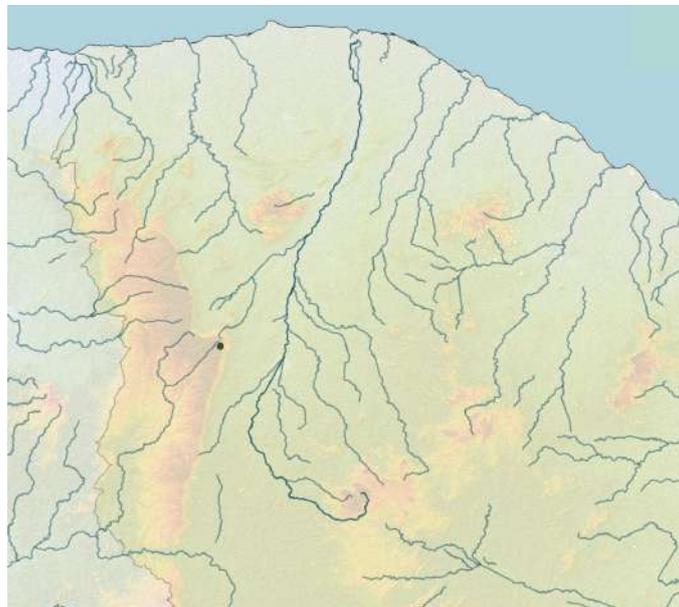
0 1m 2m 4m



Fonte: Autora.

Localizado na serra da Ibiapaba, o sítio Tabatana é um complexo que compreende casa-sede e engenho, dispostos em edificações distintas. Não temos informações sobre seus proprietários e história.

As fachadas laterais da casa-sede, sem acabamento, evidenciam sua materialidade, em tijolos, assim como o engenho. A cobertura de duas águas com apoiada em brabos e empenas laterais.

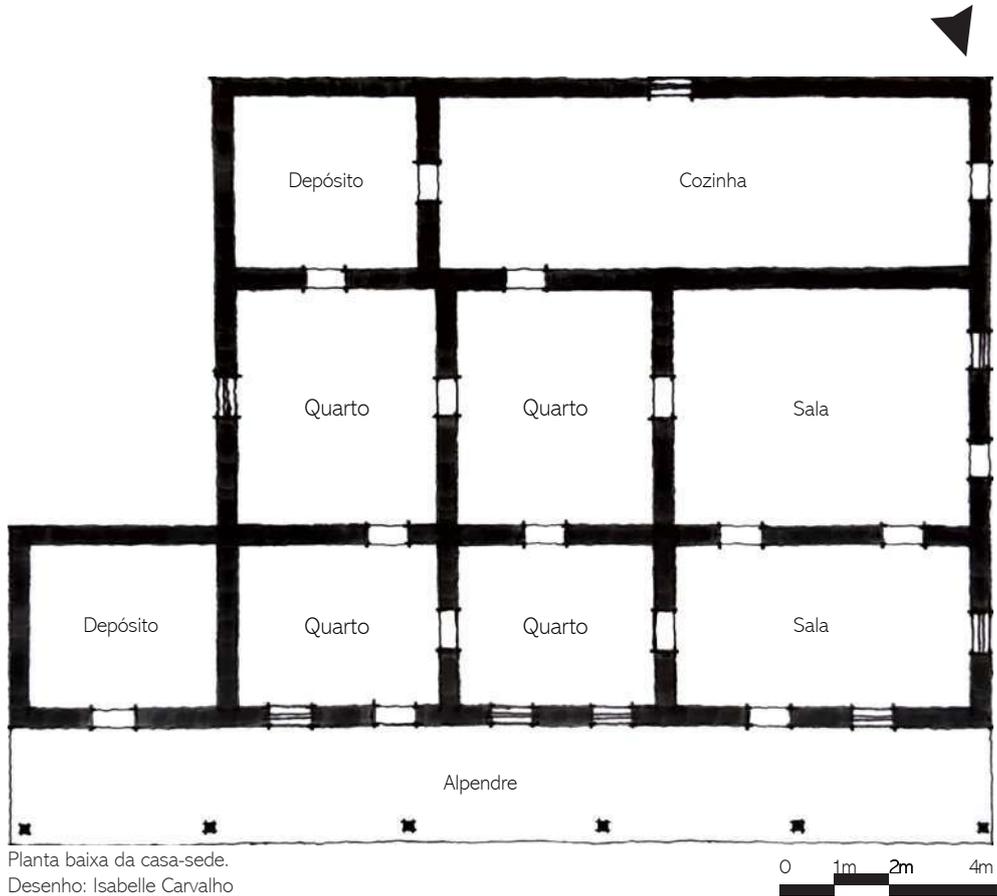


Sítio Tabatana

Guaraciaba do Norte [CE]

Século XIX





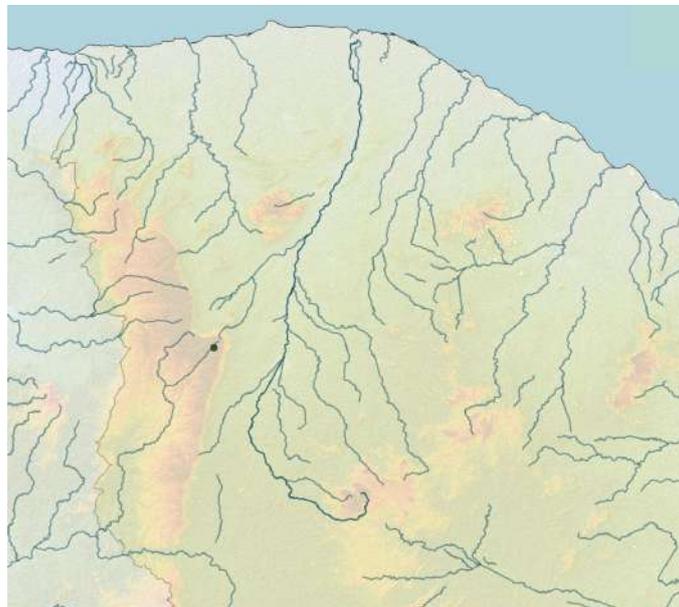
Em sentido horário: I. Engenho; II. Brabo e pontaletes em estrutura de coberta; III. fogão à lenha; IV. Casa-sede e engenho; V. Vegetação típica da Ibiapaba. Fonte: Autora.

O sítio Tamboatá é uma propriedade do século XIX, na serra da Ibiapaba. Pertenceu a Francisco Alves de Carvalho e sua esposa, Francisca Romana do Amaral. Esta, cunhada de Manoel Ferreira de Melo, proprietário das fazendas Várzea Grande e Mosquito.

Possui um amplo sobrado, um dos únicos exemplares com pavimento superior, dentre as casas-sede levantadas. Considerando a sua estrutura original, possui estrutura em tijolos cozidos, pisos de tijoleira e réguas de madeira.

A coberta, de duas águas com empenas laterais, vãos com arco abatido e enxalço, armários embutidos em alvenaria, escada e guarda corpo em madeira lavrada, cimalha e arcos plenos em ressalto de alvenaria como elementos decorativos da fachada frontal. Outra particularidade é a presença de forno à lenha, para além do fogão.

Algumas alterações foram constatadas, como a adição de contrafortes como reforço estrutural e apêndices nas fachadas frontal e lateral. A varanda lateral abriga uma engenhoca, desativada. Lá, encontramos engrenagem de engenho em madeira, um tonel e prensa de mandioca.



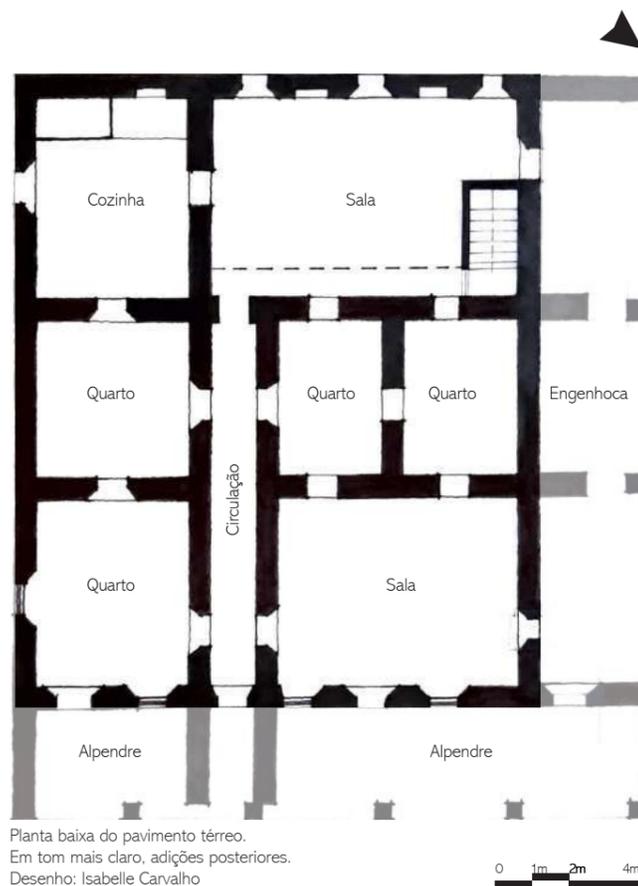
Sítio Tamboatá

Guaraciaba do Norte [CE]

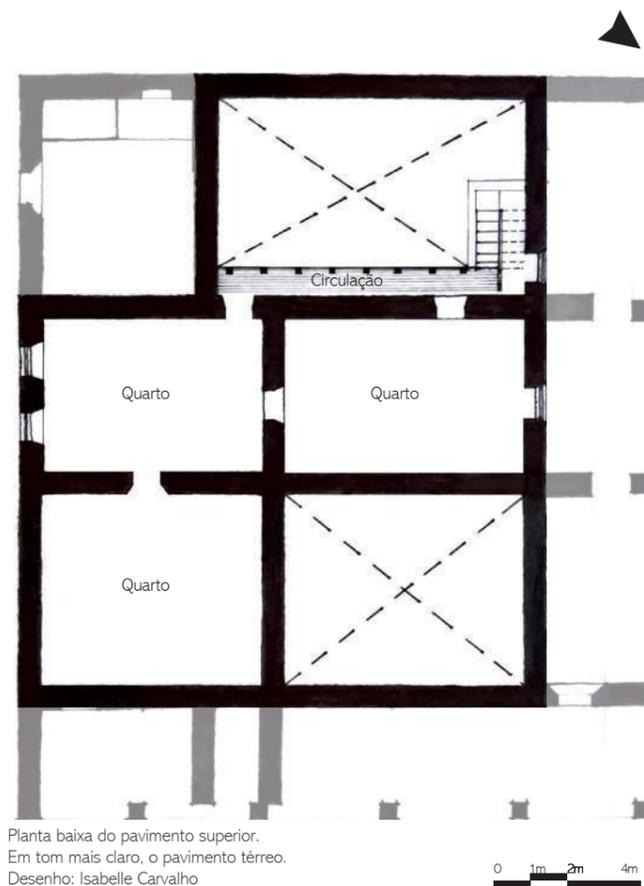
Século XIX

Flor do fumo, cultivo comum na serra da Ibiapaba. Fonte: Isabelle Carvalho





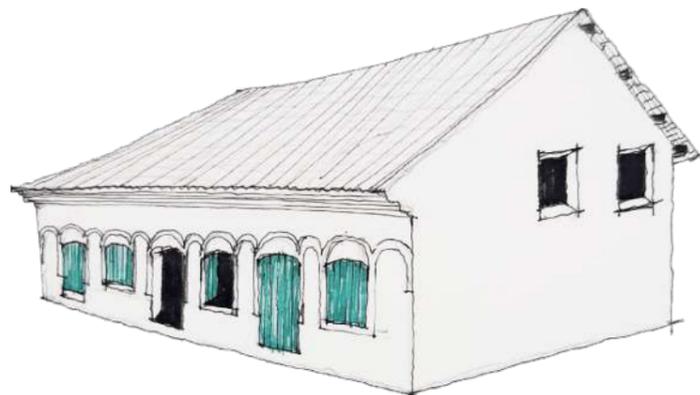
Planta baixa do pavimento térreo.
Em tom mais claro, adições posteriores.
Desenho: Isabelle Carvalho



Planta baixa do pavimento superior.
Em tom mais claro, o pavimento térreo.
Desenho: Isabelle Carvalho



Engrenagem de engenho e tonel.
Fonte: Autora.



À direita: reconstrução das fachadas originais da casa sede e situação atual. Fonte: Isabelle Carvalho.

"(...) Diariamente minha mãe fazia o percurso a cavalo de Tamboatá a Campo Grande. A escrava Bilu, sua dama de companhia, vinha a pé puxando o cavalo pelo cabresto (...) A vida de minha mãe seguia os costumes dos pais ou dos antigos: verão na serra e inverno nas fazendas" (FURTADO, 2003, p.17).



Fonte: prefeitura de Guaraciaba do Norte (CE).

Em "História Geral e Política de São Benedito", Stella Furtado conta um antigo relato de sua mãe, Olga de Carvalho Furtado (D. Yayá). Nascida na antiga vila de Campo Grande (atualmente Guaraciaba do Norte), em 14 de abril de 1879 no sítio Tamboatá, é a 19ª filha de Francisco Alves de Carvalho e Francisca Romana do Amaral. Segundo D. Yayá, seu pai possuía uma orquestra e promovia festas no sítio. "Os músicos ficavam na sacada" (FURTADO, 2003, p.17).

"Minha mãe contava que, naqueles tempos de sua juventude, costumavam forrar as salas de danças com algodãozinho, chamado mandapolão, bem esticado e preso no pé das paredes. Colocavam, ou melhor, pulverizavam o piso com cera de glicerina ou cera de carnaúba, a fim de que os pares valsassem com facilidade (...) A iluminação era a azeite ou a carnaúba (...) Além da valsa, vestia a quadrilha francesa (...) Naquela época, os padres podiam ficar numa sala em separado, tomando cerveja com tira-gosto, churrasco e conversando com os paroquianos" (FURTADO, 2003, p.17).



Fonte: Salão e pavimento superior. Fonte: Dan Seixas.

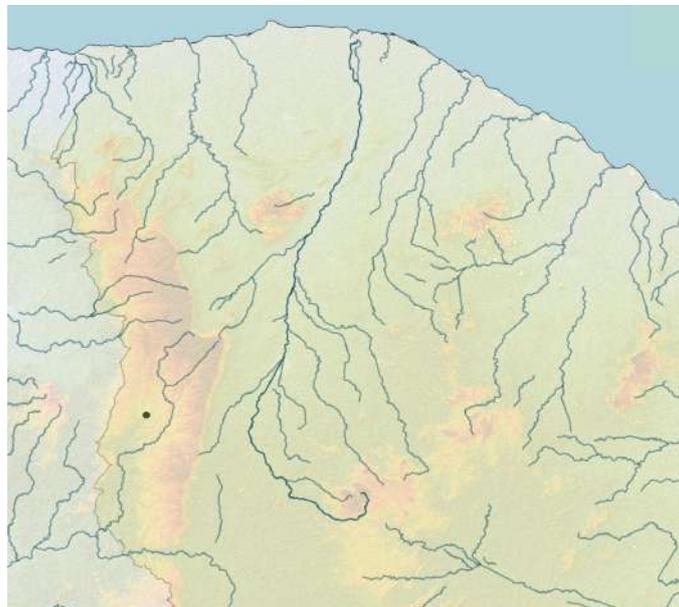


Imagens internas da casa. Fonte: Autora.



Fonte: Guia duas rodas Brasil.

A fazenda **Canindé** está localizada na região do carrasco, serra da Ibiapaba, próxima a fazenda Angicos. É atribuída ao Dr. Thomaz. Assim como a fazenda Angico, possui características singulares, como planta baixa em formato "U", com a formação de um pequeno pátio na parte posterior da casa. Suas alvenarias externas são inteiramente construídas em pedra, com mais de uma cozinha e diversos quartos e alcovas. Tem amplo curral de mourão. Possui muita similaridade com alguns dos exemplares documentados por Olavo Pereira Silva Filho no Piauí, em 2007. Atualmente está desocupada e serve como apoio para extração de palha de carnaúba.



Fazenda Canindé Grande

Croatá [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho

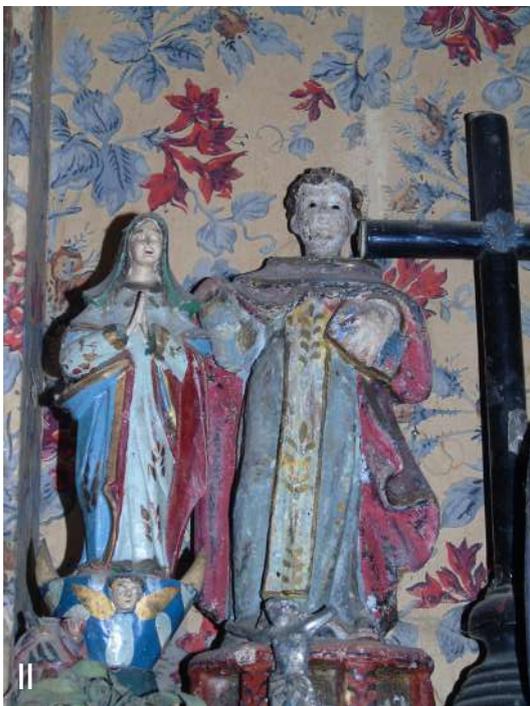
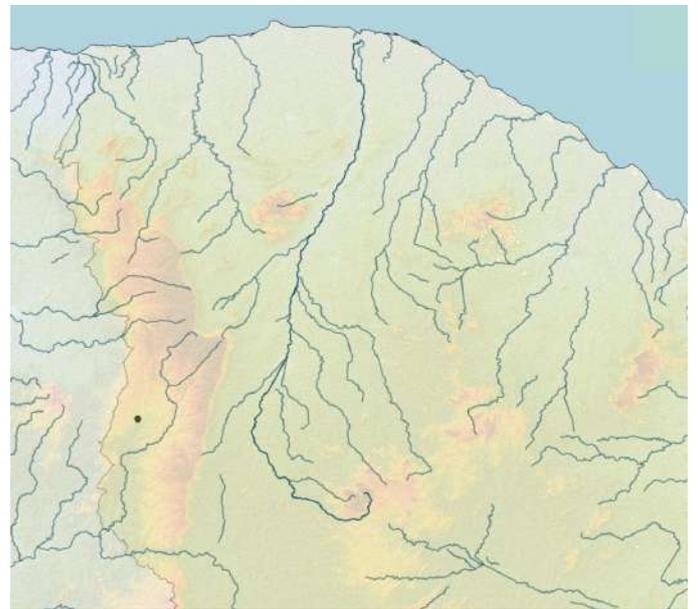




Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho



Fonte: Isabelle Carvalho e Silvero Pereira.



A fazenda Angico está localizada na região do carrasco, serra da Ibiapaba. É atribuída ao major Medeiros, clã proveniente do Piauí.

É uma fazenda que possui muitas particularidades, dentre as quais podemos citar: um fogão a lenha construído em pedra, planta baixa em formato "L", com mais de uma cozinha e diversos quartos e alcovas. É o único exemplar construído a possuir imagens religiosas em seu acervo.

Na casa sede identificamos diversas técnicas construtivas, como pedra, tijolo de barro cru cozido. Possui muita similaridade com alguns dos exemplares documentados por Olavo Pereira Silva Filho no Piauí, em 2007. Atualmente está desocupada e serve como apoio para extração de palha de carnaúba. Major Medeiros

Fazenda Angico

Croatá/Ipueiras [CE]

Século XIX

Levantamento e organização: Isabelle Carvalho





Planta baixa da casa-sede.
Desenho: Isabelle Carvalho

0 1m 2m 4m



I. Marcas de ferro registradas na fachada da casa; II. imagens religiosas em madeira policromada; III. Caritós; IV. Fogão à lenha; V. Trecho de fachada; VI. pilões em pedra; VII. Cabideiro feito de chifre de boi; VIII. Cangalha; IX. Cadeira em madeira revestida em couro; X. Alvenaria de pedra. Fonte: autora.

Serra da Santa Rosa, Cocal.

Fonte: Helder Fontenelle

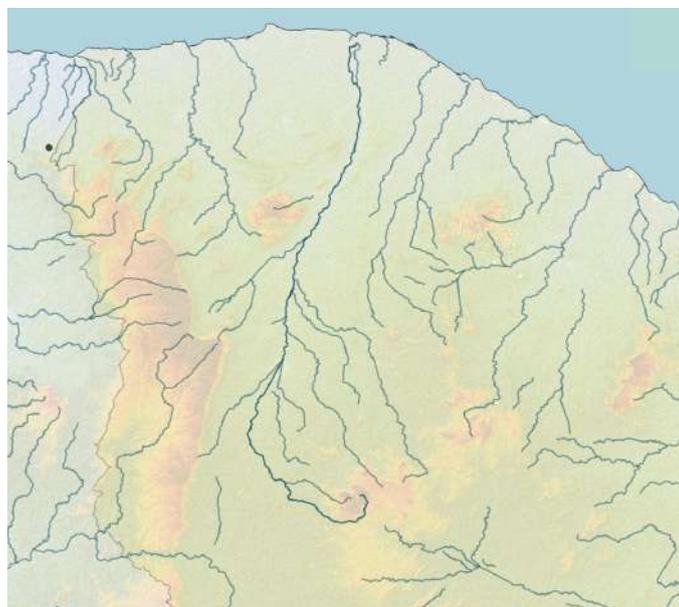
[Piauí]

helder fontenele

A fazenda Ipueiras está localizada em Luís Correia, no Piauí. Pertence à José Benício Fontenelle, Zé Felipe, filho dos cearenses Felipe Pereira Benício Fontenelle, do lugar Curral Velho (Granja, CE) e de Maria Joaquina Alves Veras, do lugar Estreito, também em Granja.

Ressaltamos, na casa-sede, o trecho em platibanda, solução típica do século XX, e também o seu alpendre, com guarda corpo vazado com peças de madeira, elemento encontrado em fazendas nos sertões do Coreau.

Todas as imagens são de autoria de Helder Fontenelle.

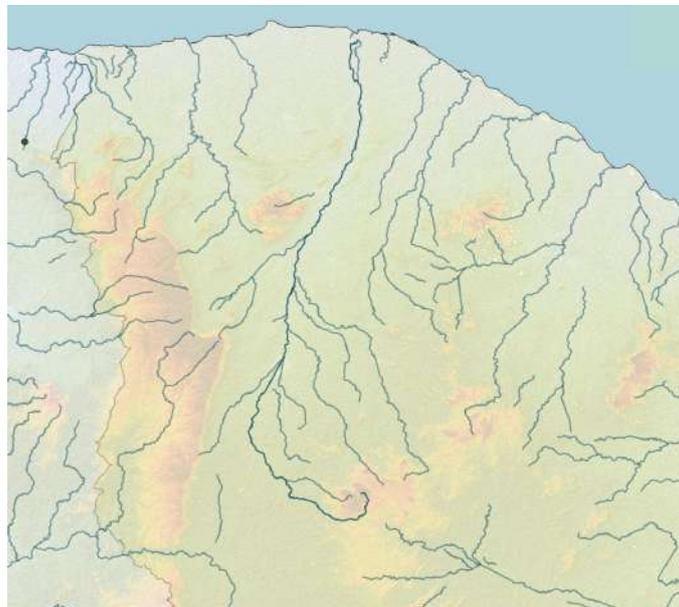


Fazenda Ipueiras

Luís Correia [PI]
Século XX

A fazenda Santa Rosa está localizada em Cocal, no Piauí. Pertence à família Fontenelle, clã originado a partir do francês Jean Fontaneille em Viçosa do Ceará, serra da Ibiapaba. É um exemplar típico do século XX, mas possui alguns remanescentes da vida oitocentista, como a presença de caixões para armazenamento de farinha e carne seca.

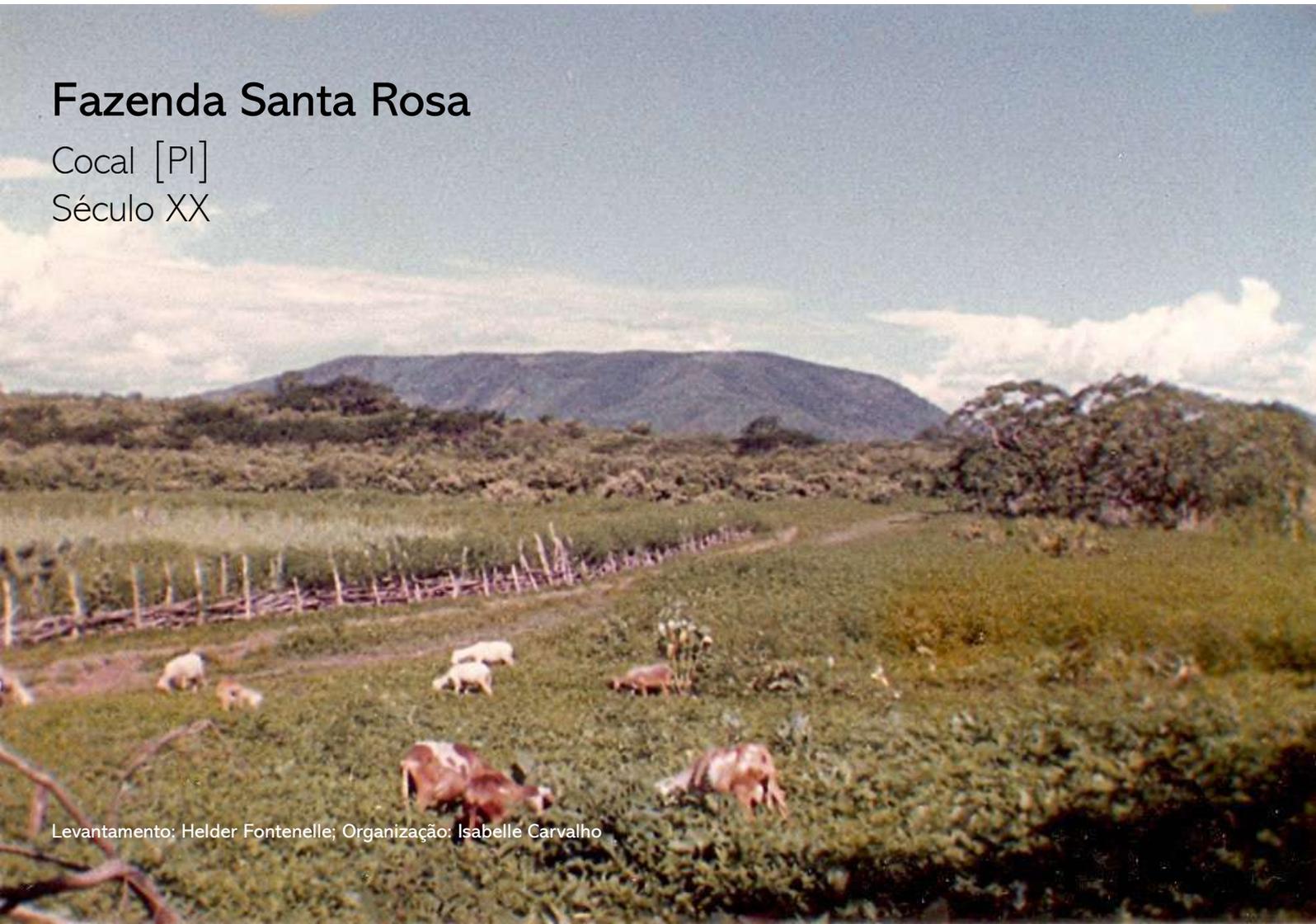
Ressaltamos também o seu alpendre, com guarda corpo vazado com peças de madeira, elemento encontrado em fazendas nos sertões do Coreau.



Todas as imagens são de autoria de Helder Fontenelle.

Fazenda Santa Rosa

Cocal [PI]
Século XX





Helder Fontenele



Campos de inselberg, Chaval.
Fonte: Cleiton Furtado/WikiLoc.

[Contornando a costa]

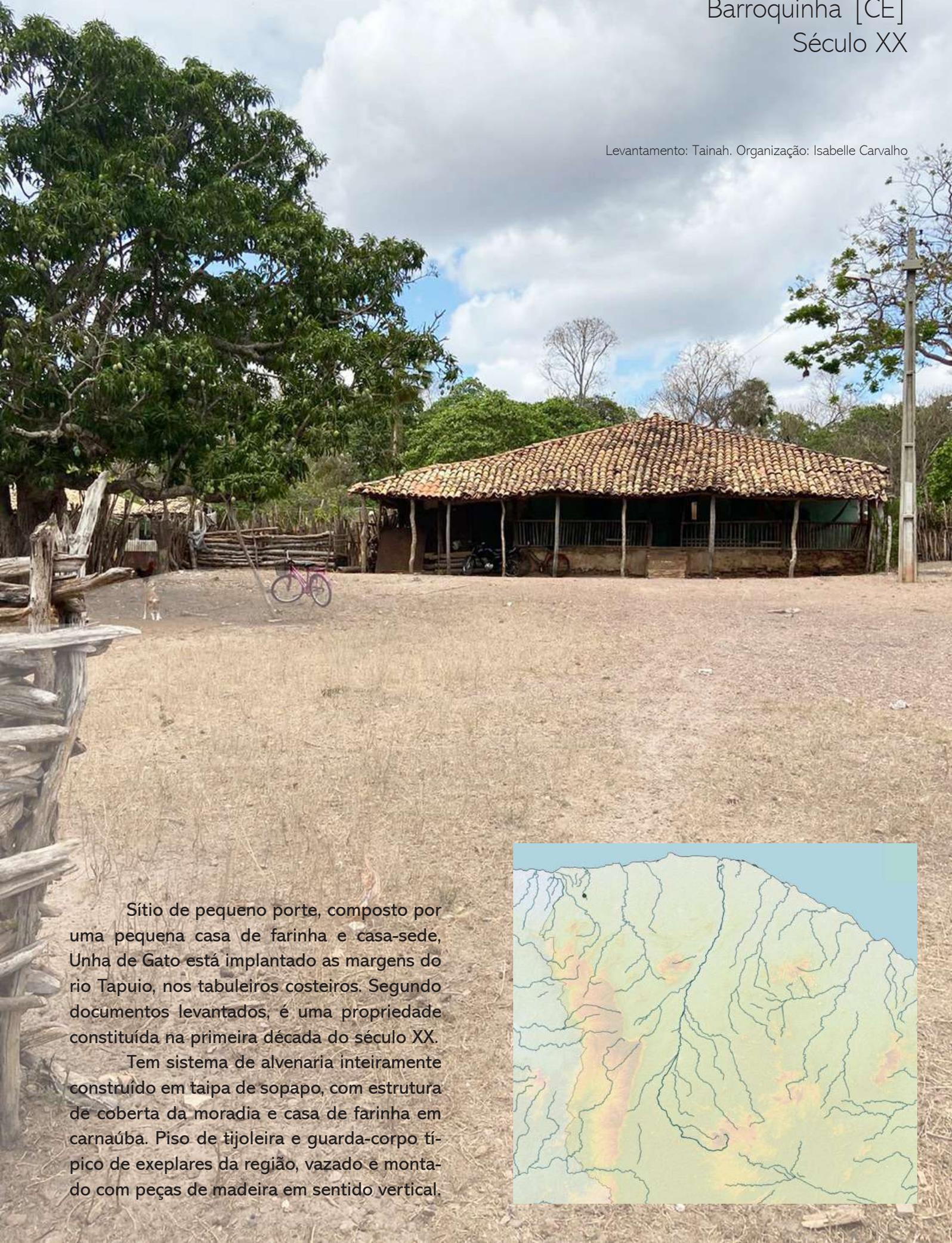


Sítio Unha de Gato

Barroquinha [CE]

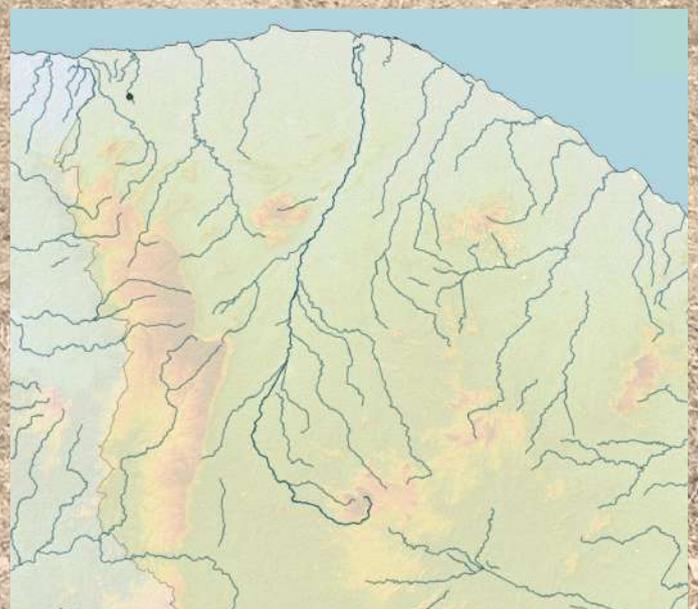
Século XX

Levantamento: Tainah. Organização: Isabelle Carvalho



Sítio de pequeno porte, composto por uma pequena casa de farinha e casa-sede, Unha de Gato está implantado as margens do rio Tapuio, nos tabuleiros costeiros. Segundo documentos levantados, é uma propriedade constituída na primeira década do século XX.

Tem sistema de alvenaria inteiramente construído em taipa de sopapo, com estrutura de cobertura da moradia e casa de farinha em carnaúba. Piso de tijoleira e guarda-corpo típico de exepares da região, vazado e montado com peças de madeira em sentido vertical.

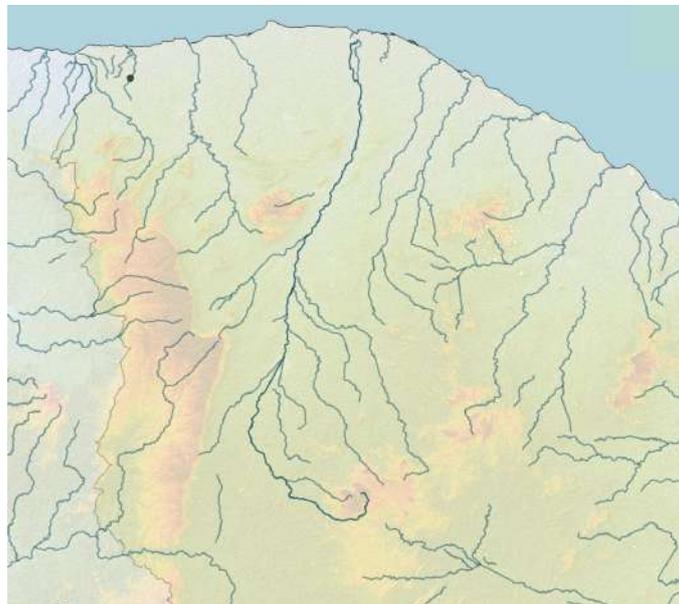




Em sentido horário: casa de farinha, prensa e forno de mandioca. Alpendre da casa-sede, sala de jantar e cozinha em anexo ao corpo da casa.
Fonte: Autora.



Sítio desconhecido. Acredita-se que sua arquitetura seja do século XX. Casa inteiramente construída em taipa de mão. Possui cacimba em pedra e forno de carvão.



Sítio desconhecido

Camocim [CE]

Século XX



ENTRE ARQUITETURA E PAISAGEM, UM HOMOGÊNEO IMPOSSÍVEL

Enveredar pelas “brenhas” dos sertões de terra batida, pelo imaginário da cartografia antiga, dos desenhos, da toponímia e da literatura nos proporcionou perceber a riqueza da arquitetura, da paisagem e de seus agentes modeladores nos sertões do Acaraú, Coreaú e a serra da Ibiapaba, um ínfimo pedaço dos Sertões do Norte.

É preciso voltar ao início. Para tanto, parafraseamos Arraes (2017, p. 470) e sua definição da água como “vertebradora” da construção desse grande espaço, subsistência do homem, do gado e da lavoura; norteadora dos caminhos da urbanização e agente de escoamento da produção econômica e identitária.

Iniciamos com um projeto que focava exclusivamente em arquitetura e com pouquíssimos exemplares. Ir a fundo “nas brenhas” do sertão provou ser uma viagem magnífica. Alguns argumentos iniciais provaram ser verdadeiros, como grandes clãs familiares que se espraiavam pelo sertão através de relações endogâmicas e de poder. Às vezes uma grande propriedade de produção, às vezes uma simples morada com plantio para subsistência. À sua maneira, moldaram-se arquiteturas e paisagens,

Combinando memória e imaginação, o estudo da relação entre o domicílio e o cotidiano familiar compreende mais que narrativas acerca das arquiteturas ou a descrição dos materiais das edificações. Pois a casa é muito mais que um emaranhado de barro, taipa, telhas, palhas e madeiras, e deve também ser compreendida através de seus significados sociais (Vieira Júnior, 2004, p. 88).

Nesse sentido, as construções da arquitetura sertaneja do Acaraú, Coreaú e serra da Ibiapaba são muito diversas. Como uma zona intermediária entre o Piauí e o restante do Ceará, possui soluções construtivas encontradas em várias sertões já documentadas, como os do Rio Grande do Norte, Piauí, Pernambuco, Bahia e Paraíba, por exemplo. Tal fato reforça o argumento acerca da circulação de modelos e soluções arquitetônicas tradicionais e vernaculares ao longo destes sertões.

Observamos, também, como já constatado por Silva Filho (2007), que a migração para os grandes centros urbanos, constituiu em um processo que desencadeou em certa decadência do meio rural, imediatamente refletido na arquitetura oitocentista. As antigas

casas-sede foram convertidas em abrigos rústicos para trabalhadores temporários ou mesmo amplos paióis, fadados ao abandono, em vias de ruínas, dadas as dificuldades de manutenção, em adequar esses antigos edifícios às novas formas de construção e técnicas disponíveis atualmente.

Os costumes caseiros e a culinária dos queijos, do leite, da carnaúba, do gado, do uso de artefatos como redes e marcas de ferrar gado, a cultura material e imaterial permanecem. Por outro lado, o trabalho de documentar é, infelizmente, também assistir a lenta derrocada dessa arquitetura, que está longe das políticas de preservação.

Embora tenhamos núcleos urbanos protegidos com a chancela de órgãos institucionais de salvaguarda do patrimônio (em nossa região de pesquisa temos perímetros de centros históricos de Sobral, às margens do rio Acaraú e Viçosa do Ceará, na serra da Ibiapaba, tombados pelo IPHAN), os espaços rurais estão à deriva. Qual foi a surpresa, entretanto, ao observar um grupo de agentes atuantes como salvaguarda do patrimônio: jornalistas locais, moradores de fazendas, ou mesmo alguns poucos fazendeiros que preservam suas preservam a memória destas fazendas, através de blogues, vídeos, fotografias na internet⁷².

Em “Raízes do Futuro”, Hugues de Varine (2011) propõe estratégias de ação entre o patrimônio, desenvolvimento local e comunidade, pensando nos bens culturais (onde se encaixa o patrimônio histórico arquitetônico das fazendas) a serviço do desenvolvimento local. Vemos, neste caso, a comunidade local a serviço da preservação patrimonial.

Há, portanto, um longo caminho a fim de promover a salvaguarda do patrimônio arquitetônico sertanejo. E, assim como convidamos o leitor na introdução, a viagem continua por estes sertões.

⁷² Aqui gostaríamos de ressaltar os trabalhos do radialista Chagas Lopes, que documenta o cotidiano e arquitetura de fazendas dos sertões do Acaraú através de vídeos em seu canal no YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCznQPZjszBpEFPaQO_7KKCw). No Cariri cearense, destacamos o trabalho de documentação arquitetônica de Roberto Júnior em seu website denominado Cariri das Antigas (<https://cariridasantigas.com.br/>).

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

COMMERCIO. Preços Correntes. GAZETA DO SOBRAL: ORGÃO IMPARCIAL, Província do Ceará -- Sobral, v. ANNO I, n. 10, p. 4, 18 ago. 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/gazeta-do-sobral/714380>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DESENHOS de cangalhas, selas, roupas de couro e cercas; descrição da casa em que pousava a Comissão Científica em Fortaleza; e notas sobre a linguagem popular. 23 maio 1859. BNRJ I-28,11,16. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1473291/mss1473291.pdf. Acesso em: 9 mar. 2022.

DESENHOS de Cumoeiras, dobradiças e ferrolhos. Meruoca, 4 de janeiro [1861]. BNRJ, I-28, 9, 31.

DESCRIÇÃO da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações. 1776. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

ESBOÇO de uma das mais antigas e mais nobres casas da localidade de campo Grande (Ceará). [Novembro de 1860]. BNRJ, I-28, 9, 28.

GAZETA DO SOBRAL. Província do Ceará -- Sobral: Typ da Gazeta Do sobral - Imp. Por Antonio Pereira de Menezes, 1881. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/gazeta-do-sobral/714380>. Acesso em: 26 nov. 2023.

GOVERNO DA PROVÍNCIA DO CEARÁ. Officio a Paulo Fontenele Director dos indios da Villa de Viçosa para castigar os ladrões que ouverem em sua direção, e fazer continuar na sua jurisdição (...). Registro Geral da Correspondência: Período Imperial, [S. l.], p. 52, 21 maio 1824.

MADEIRAS de construção do Ceará [s.d.]. BNRJ, I-28, 10, 26.

PÚBLICO Instrumento do sucesso que teve o capitão-mor Manuel de Sousa Eça na batalha com os franceses na baía de Jurucacoara. AHU_CU_Maranhão, Cx.1, D.1.

REGISTRO de Ofícios às Diversas Autoridades da Capitania do Ceará, [S. l.], 1821. Arquivo Público do Ceará.

RELLAÇÃO de Plantações e Creaçoens de gado deste termo, que na conformidade da Ordem do Il.mo e Ex.mo S.nr Governador Capitão General das três Capitánias deve fazer desta vila e remeter por cópias authenticas ao dito S.nr do que diz este termo. 1788. Núcleo de Estudos e Documentação Histórica. Centro de Ciências Humanas. CCH da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

VISTA da Serra Grande tomada da varanda da casa em que estou arranchado. Outra maneira de tecer cêrca que vi ao chegar a Vila Viçosa. 24 out. 1860. BNRI I-28,9,27. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/428199>. Acesso em: 6 nov. 2023.

Artigos, livros, dissertações e teses

ABA Film (ed.). **Colheita de carnaúba: Fortaleza, CE. Ceará**, [19--]. 1 fot. : p&b. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=435412&view=detalhes>. Acesso em: 12 maio 2021.

AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2021. 158 p.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Brasília: Edições do Senado Federal, 1998. 226 p.

ABREU, João Capistrano de. **Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**. [S. /]: Livraria Briguiet, 1930. p. 271.

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5a ed. Brasília: Editora UnB, 1963.

ALBUQUERQUE, Francisco Nataniel Batista de. Calcário, Caieira e Cal: análise da paisagem no alto Coreaú (Ceará). **Revista Brasileira de Geografia Física**, [s. l.], v. 13, n. 07, p. 3135-3150, 16 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.26848/rbgf.v13.07.p3135-3150>.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTONIL, Pe. André João. **Cultura e opulência do Brazil, por suas drogas e minas, com varias noticias curiosas do modo de fazer o assucar**. Rio de Janeiro: Em Casa de Souza e Comp. [l.é] Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp, 1837. 214 p. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7461>. Acesso em: 10 out. 2023.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Raízes portuguesas do vale do Acaraú**. Sobral: Edições Uva, 2000.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense**. 2. ed. Sobral: Edições Ecoa, 2015. 5 v.

ARQUITECTURA Popular em Portugal. 4. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.

ARRAES, Damião Esdras Araújo. **Curral de reses, Curral de almas: urbanização do sertão nordestino entre os séculos XVII e XIX**. 2012. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível

em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-31052012-113850/pt-br.php>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ARRAES, Damião Esdras Araújo. **Ecoss de um suposto silêncio**: paisagem e urbanização dos "certoens" do Norte, c.1666-1820. 2017. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13062017-130722/pt-br.php>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ARRUDA, Assis. **Os Gomes Parente**: 1742-2011. Com destaque às famílias Barreira, Carvalho da Silveira, Ferreira Gomes, Idelburgue Leal, Menescal, Paula Pessoa, Pinho Pessoa, Prado e Xerez. 2. ed. [S. l.: s. n.], 2011. 285 p. v. 2.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Arquitetura do açúcar**: Engenhos do Recôncavo Baiano no período colonial. São Paulo: Nobel, 1990. 219 p.

BARBO, Lenora; SCHLEE, Andrey Rosenthal. Uma modalidade arquitetônica primitiva e autêntica. **Thesis – Revista da ANPARQ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 9-25, set. 2018. Semestral. Disponível em: https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/issue/view/5/pdf_88. Acesso em: 04 jun. 2022.

BAYMA, Antonio da Cunha. **Carnaúba**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura, 1958.

BENINCASA, Vladimir. **Fazendas paulistas**: arquitetura rural no ciclo cafeeiro. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. DOI: 10.11606/T.18.2008.tde-14032008-151048. Acesso em: 05 dez. 2023.

BENINCASA, Vladimir. **Velhas fazendas**: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1998.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e Geografia Física global**: esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra. São Paulo, n.13, p. 1-27, 1972.

BESERRA, José Ramiro Teles; JACÓ, Alexandre. **Aquarelas & Desenhos do Ceará Oitocentista**: o trabalho de José Reis Carvalho na comissão científica de exploração (1859-1861). Fortaleza: Iphan, 2017.

BEZERRA, Antônio. **Província do Ceará Notas de viagem (parte do norte) por Antonio Bezerra de Menezes Membro do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Typ. Economica, 1889. 379 p.

BEZERRA, Maria do Carmo de Lima. **Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012. 112 p.

BICALHO, Carlos Henrique; ARAÚJO, Guilherme Maciel (org.). **Sylvio De Vasconcellos**: moderno e mineiro. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2015. 116 p.

Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2020/roteiros-arquitetonicos-casa-do-baile-sylvio-de-vasconcellos-moderno-e-mineiro-2015.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2023.

BORSOI, Diogo Fonseca. **Cidades em processo**: arqueologia da paisagem de São Luiz do Paraitinga no contexto da urbanização de São Paulo (séculos XVIII e XIX). 2020. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.16.2020.tde-30032021-233300. Acesso em: 04 dez. 2023.

BRAGA, Aécio Timbó. **Legislativo Municipal de Santa Quitéria**: 165 Anos de História. Santa Quitéria: [s. n.], 2021. 252 p.

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. 532 p.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Memória Sobre A Conservação das Matas e Arboricultura Como Meio de Melhorar O Clima da Província do Ceará**. Fortaleza: Typographia Brasileira, de Paiva & Companhia, 1859.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Ensaio Estatístico da Provincia do Ceará**: Tomo II. Fortaleza: FWA, 1997. 330 p. v. 2.

BRAUDEL, Fernand. **El Mediterráneo y el Mundo Mediterráneo a la Época de Filipe II**. México: Fondo de Cultura Económica, 1953. 2 v. Tradução de La Méditerranée et le monde méditerranéen à la époque de Philippe II. Paris : Armand Colin, 1949.

BRÍGIDO, João. Ephemérides do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, p. 3-65, nov. 1900.

BRITO, Wagner. **Caratinga e Outros Lugares**: raízes, povo e memória. Sobral: Global Gráfica, 2015.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Decifrando mapas: sobre o conceito de "território" e suas vinculações com a cartografia. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 193-234, 2004. DOI: 10.1590/S0101-47142004000100018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5408>. Acesso em: 8 nov. 2023.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da capitania de São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 111-153, dez. 2009. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-47142009000200008.v>

BUENO, Beatriz Piccolotto. Siqueira. Introdução. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 29, p. 1-9, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29d1e29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/184264>. Acesso em: 4 dez. 2023.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BARRETO, Alice Pereira; DIAS, Guilherme Silvério. Cultura material e práticas sociais no Caminho do Viamão: paisagens toponímicas, arqueologia do cotidiano das viagens, perfil e bagagem dos tropeiros (séculos xviii e xix). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S.L.], v. 29, p. 1-87, 2021. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672021v29d1e18>.

CABRAL, Pedro Hungria. **Imagens dos povoados e vilas do interior do Brasil na iconografia e relatos da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)**. 2023. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/D.16.2023.tde-27102023-201227. Acesso em: 04 dez. 2023.

CALDAS, João Rosa Vieira. **A arquitetura rural do Antigo Regime no Algarve**. 2007. Tese (Doutoramento em Arquitetura) - Universidade de Lisboa Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal, 2007.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O Brilho da Simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. 176 p.

CARDOZO, Joaquim. Um tipo de casa rural do Distrito Federal e estado do Rio. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, nº 7, p. 209-254, 1943.

CARVALHO, Luiz. **O Grande Livro Da Família Fontenele**. Manaus: BK, 2016.

CARVALHO, Marcio Rodrigo Côelho de. **Entre o Uwa'kürü e o Acre: fragmentos da formação territorial e urbana entre vazios e inexistências**. 2020. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.16.2020.tde-18032021-103428. Acesso em: 04 dez. 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. A Carnaúba. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 159-215, abr. 1964. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=71115>. Acesso em: 14 out. 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Coisas que o povo diz**. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de Dormir: uma pesquisa etnográfica**. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições Populares da Pecuária Nordestina**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola/ Ministério da Agricultura, 1956.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. São Paulo: Global, 2012.

CASTELO, Roberto Martins. A Casa. In: JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro; GONÇALVES, Adelaide. **Arquitetura Como Extensão do Sertão: casa de fazenda setecentista e**

oitocentista dos Inhamuns no Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019. Cap. 1. p. 12-13.

CASTRO, José Liberal de. **Casa do Umbuzeiro**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1974. Carta endereçada a Renato Soeiro, Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

CASTRO, José Liberal de. **Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga no Ceará**. Fortaleza: Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, 1977. 38 p.

CASTRO, José Liberal de. **Notas Relativas À Arquitetura Antiga do Ceará**. 1980. Tese apresentada para Concurso de docência-livre. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1980.

CASTRO, José Liberal de. Arquitetura no Ceará: o século XIX e algumas antecedências. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 1, p. 9-68, 2014. Anual. Disponível em: https://institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/01_ArquiteturanoCeara.pdf. Acesso em: 11 ago. 2022.

CASTRO, José Liberal de. Prefácio. *In*: BEZERRA, Maria do Carmo de Lima. Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns. 1. ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012. v. 185, p. 17-24.

CIARLINI, Pedro. **Planta topográfica da Serra de Ibiapaba**: sede da grande nação Tabajara. Viçosa: [s. n.], 1897. Mapa. Setor de Obras Raras/ Ceará. Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel (BECE).

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Romano Guerra, 2017. 512 p. (Coleção RG facsímile, 3).

COSTA, Lúcio. **Registro de Uma Vivência**. 3. ed. São Paulo: Editora 34 e Edições Sesc, 2018. 656 p. Apresentação de Maria Elisa Costa; Posfácio de Sophia da Silva Telles.

COSTA, Lúcio. Introdução a um relatório: 1948. *In*: COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora 34, Edições SESC, 2018. p. 455-456.

COSTA, Lúcio. Documentação Necessária: 1938. *In*: COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora 34, Edições SESC, 2018. p. 457-462.

COSTA, Lustosa da. **O Senador dos Bois**: correspondência do senador Paula Pessoa. Sobral: Edições Uva, 2000. 223 p.

CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do Sul de Minas Gerais**: Arquitetura Rural nos Séculos XVIII e XIX. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17022009-113505/pt-br.php>. Acesso em: 28 mai. 2023.

D'ALENCASTRE, José Martins Pereira. **Memória chronológica, histórica e corográfica da província do Piauí**. Rio de Janeiro: IHGB, 1857. 164 p.

DICCIONARIO da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 2: L - Z). 1789. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>. Acesso em: 01 ago. 2022.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. 2008. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.16.2008.tde-04032010-143402. Acesso em: 04 dez. 2023.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Um sertão entre tantos outros**: fazendas de gado das Ribeiras do Norte. 2013. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.16.2013.tde-02072013-120148. Acesso em: 04 dez. 2023.

DINIZ, Nathália. **Um sertão entre tantos outros**. Rio de Janeiro: VersalEditores, 2015. 240 p.

DOMINGUES, Alfredo José Porto; JABLONSKY, Tibor. **Caatinga no semi-árido cearense em Itapajé (CE)**. [S. l.], 1957. 1 fot. : neg., p&b. Negativo 3787. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=410421>. Acesso em: 5 jul. 2022.

EMBRAPA, **Zoneamento Agroecológico do Nordeste**. Brasil, Brasília, Ministério da Agricultura, EMBRAPA - CPATSA/SNLCS, 1991.

FALCI, Miridan Bugyja Britto. **Escravos do sertão**: demografia, trabalho e relações sociais; Piauí (1826-1888). Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2001. 949 p.

FARAGE, Nádia. **As muralhas dos sertões**: os povos indígenas no rio branco e a colonização. 1986. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 7. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

FARIAS, Fernando de Araújo. **O Solar da Caiçara**: história e genealogia. Fortaleza: Gráfica Aquarela, 1995. 135 p.

FEIJÓ, João da Silva. **Memoria Econômica Sobre a Raça do Gado Lanígero da Capitania do Ceará**. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1811.

FEIJÓ, João da Silva. **Memória Sobre a Capitania do Ceará e Outros Trabalhos**. 2. ed. Fortaleza: Fwa, 1997.

FEIJÓ, João da Silva. **Carta Topographica da Capitania do Seará que a S.A.R. O Principe Regente Nosso Senhor Dedica Luiz Barba Alardo de Menezes Governador que foi da Mesma Capitania.** Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, Série Nordeste, Sub-Série Ceará. Localização 02.04.364: [s. n.], 1812. 1 mapa.

FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade:** leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

FILHO, Godofredo. A Torre e o Castelo de Garcia D 'Avila. Ministério da Educação e Cultura, **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 1939, 26p.

FONTELES, José C. **Os Fonteles da Fazenda Águas Livres.** Sobral: Global, 1994.

FREITAS, Dora; FURTADO, Sílvia (org.). **Livro dos Mestres:** o legado dos mestres - cultura e tradição popular no Ceará. 2. ed. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2022. 642 p.

FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral.** 2. ed. Sobral: Henriqueta Galeno, 1974. 629 p.

FROTA, Dom José Tupinambá da. **História de Sobral.** 3ª ed. Fortaleza, 1995.

FURTADO, Maria Stella. **História geral e política de São Benedito.** São Benedito: Imprensa Oficial do Município, 2003. 438 p.

GAGO, Ascenso. Carta anual de 1701. In: Leite, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália/Editora Nacional do Livro, 1943, tomo III, p. 63.

GALDINO, Maria Rakel Amâncio. **Mulheres escravas e forras na Ribeira do Acaraú (1750-1788).** 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

GIANESELLA, Rubens Ramos. **Paisagem no tempo:** vilas litorâneas paulistas. 2008. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Doi:10.11606/D.16.2008.tde-30032010-095837. Acesso em: 04 dez. 2023.

GIRÃO, Raimundo. Franceses no Ceará. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, n. 13, p. 72-84, 1953. Disponível em: https://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1953/ACL_1953_13_Franceses_no_Ceara_Raimundo_Girao.pdf. Acesso em: 6 nov. 2023.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará.** Fortaleza: Edições Ufc, 1984. 316 p.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução Histórica Cearense.** Fortaleza: BNB, 1985. 445 p.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará.** 2. ed. Fortaleza: Programa Editorial Casa José de Alencar, 2000. 470 p.

GLERIA, Ana Carolina Lima. **Um reconhecimento arquitetônico das fazendas cafeeiras do município de Ribeirão Preto (1870-1930)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

GOMES, Geraldo. **Engenho & Arquitetura**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 1998.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. **Confin**. [S.L.], v. 5, n. 5, p. 1-26, 19 mar. 2009. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/confin.5724>.

IBGE. **Carro de boi: Guaraciaba do Norte, CE**. [S. l.], 1983. 1 fot. : color. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=435677>. Acesso em: 12 maio 2021.

IBGE. **Jazida de pedras calcárias: Frecheirinha, CE**. [S. l.]: [s. n.], [19--]. 1 fot. : p&b. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=435533&view=detalhes>. Acesso em: 12 maio 2021.

IBGE. **Forno de cal: Frecheirinha, CE**. [S. l.]: [s. n.], [19--]. 1 fot. : p&b. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=435531&view=detalhes>. Acesso em: 12 maio 2021.

IBGE. **Depósito de cal: Frecheirinha, CE**. [S. l.]: [s. n.], [19--]. 1 fot. : p&b. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=435532>. Acesso em: 12 maio 2021.

IBGE. **Carnaubal: Acaraú, CE**. [S. l.]: [s. n.], [19--]. 1 fot. : p&b. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=433573>. Acesso em: 12 maio 2021.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **A Urbanização do Ceará Setecentista**: As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **A casa de fazenda do Umbuzeiro**: o único testemunho setecentista da conquista do sertão cearense. In: Seminário Íbero Americano Arquitetura e Documentação, 4., 2015, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: leds, 2015. p. 1-15. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22950>. Acesso em: 05 ago. 2023.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro; ANDRADE, Margarida Júlia Farias de Salle; PONTES, Alana Figueirêdo. A fixação da Igreja no território cearense durante o século XVIII: algumas notas. **Paranoá**, [S. l.], v. 13, n. 13, p. 27–36, 2014. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n13.2014.12044. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/10780>. Acesso em: 23 nov. 2023.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro; GONÇALVES, Adelaide. **Arquitetura como extensão do sertão**. 1. ed. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019.

KANTOR, Iris. Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 39-61, dez. 2009. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-47142009000200004>.

KURY, Lorelai (org.). **Comissão Científica Do Império: 1859 - 1861**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2009. 269 p.

KURY, Lorelai Brilhante (org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2012. 344 p.

LACOMBE, Lourenço. A Fazenda de Santo Antônio em Petrópolis (seu histórico e suas origens). **Revista do SPHAN**, n. 8, p. 175-187, 1944.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro/Lisboa: Instituto Nacional do Livro/Livraria Portugália, 1943, tomo III.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo: Edusp, 1999. 264 p.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989. 83 p.

LINDE, Carlos. **Productos da Carnaúba Ceará**. Rio de Janeiro, [18--]. litogravura, p&b 33,4 x 24,6 cm. Coleção de Thereza Christina Maria, Fundação Biblioteca Nacional, Brasil. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/431824>. Acesso em: 5 jul. 2022.

LINS, Eugenio de Ávila; SANTANA, Mariely Cabral de; HERNÁNDEZ, Maria Hermínia Olivera; D’AFFONSECA, Sílvia Pimenta (org.). **Mestres Artífices: Bahia**. Salvador: EdUFBA, 2017. 304 p. (Cadernos de memória).

LUIZ, Washington. **Olho d`Água do Pajé - Sobral - CE**. [S. l.], 20 out. 2014. 1 fotografia. Disponível em: https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipNt_HS8OqAP7xzq1wulo6RRdzpE__4XsBs3iTj7=h1440. Acesso em: 5 set. 2021.

MACEDO, Jozé Norberto. **Fazendas de Gado no Vale do São Francisco**. [S. l.]: Ministério da Agricultura, 1952. 70 p.

MACEDO, Nertan. **O Clã dos Inhamuns: uma família de guerreiros e pastores das cabeceiras do Jaguaribe**. Fortaleza: Editora Comedia Cearense, 1965.

MACEDO, Nertan. **O Bacamarte dos Mourões: roteiro de andança e guerra de Alexandre e seus irmãos**. Fortaleza: Editora "Instituto do Ceará", 1966. 256 p.

MACEDO, Nertan. **O Clã de Santa Quitéria**: memórias sobre vaqueiros, políticos e eruditos. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1967. 113 p.

MAGALHÃES, Jósa. Previsões folclóricas das sêcas e dos invernos no nordeste brasileiro. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 66, p. 253-268, 1952. Anual. Disponível em: <https://www.institutoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1952/1952-PrevisoesFolcloricasSecasInvernosnoNordesteBrasileiro.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2023.

MAIA, Lígio José de Oliveira. **Serras de Ibiapaba**: de aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial - século XVIII. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MAIA, Virgílio. **Rudes Brasões**: ferro e fogo das marcas avoengas. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

MARTINS, Pe. Vicente. Notícia Histórico-Chorographica da Comarca de Granja pelo Padre Vicente Martins. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 171-200, jan. 1911.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel: Edusp, 1991.

MAYUMI, Lia. Luís Saia, um pioneiro na restauração de casas bandeiristas. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S.L.], n. 18-19, p. 95-122, 30 dez. 2014. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i18-19p95-122>.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento**. 1980. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7697344/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%20O.%20T.%20O%20objeto%20material%20Como%20documento.pdf. Acesso em: 04 nov. 2023.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural**: uma revisão de premissas. In: I FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2009. Ouro Preto: Iphan, 2009. P. 25-39.

MENEZES, Catarina Agudo. **Alagoas além do açúcar**: diversidade econômica e formação do território no século XVIII. 2017. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Doi:10.11606/T.16.2017.tde-23062017-111552. Acesso em: 05 dez. 2023.

MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. 390 p.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. **Boletim Geográfico, IBGE**. ano 1, nº 7, p. 7-29, outubro de 1943.

MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de primeiro e segundo graus**. Brasília: MEC/Unesco, 1995.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um "outro" geográfico. **Terra Brasilis**, [S.L.], n. 4-5, p. 1-8, 1 jan. 2003. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>.

MORO, Marcelo Freire; MACEDO, Mariana Bezerra; MOURA-FÉ, Marcelo Martins de; CASTRO, Antônio Sérgio Farias; COSTA, Rafael Carvalho da. Vegetação, unidades fitoecológicas e diversidade paisagística do estado do Ceará. **Rodriguésia**, [S.L.], v. 66, n. 3, p. 717-743, set. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-7860201566305>.

MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Resende (org.). Inventários de Identificação: um panorama da experiência brasileira. Rio de Janeiro: Iphan/ Ministério da Cultura, 2016. 113 p. (Edições do Patrimônio).

MOURA, Nádia Mendes de. **Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)**. 2018. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.16.2018.tde-23102018-170716. Acesso em: 04 dez. 2023.

NIMUENDAJU, Curt. **Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; IBGE, 1981. 97 p.

NOGUEIRA, Gabriel Parente. **Fazer-se nobre nas fímbrias do império: Práticas de nobilitação e hierarquia social da elite camarária de Santa Cruz do Aracati (1748-1804)**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

NOGUEIRA, Paulino. Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceara Com Explicações Etymologicas, Orthographicas, Topographicas, Historicas, Therapeutica etc. **Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza**, v. 1, n. 14, p. 209-435, 1887. Trimestral. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1887/1887-VocabularioIndigenaemusonaProvinciaCeara.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (org.). **Leis Provinciais: estado e cidadania (1835 - 1846) compilação das leis provinciais do ceará compreendendo os anos e 1835 a 1861 pelo dr. José Liberato Barroso**. Fortaleza: Inesp, 2009. Fac-símile da edição publicada em 1862.

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (org.). **Leis Provinciais: estado e cidadania (1847 - 1855) compilação das leis provinciais do ceará compreendendo os**

annos e 1835 a 1861 pelo dr. José Liberato Barroso. Fortaleza: Inesp, 2009. Fac-símile da edição publicada em 1862.

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (org.). **Leis Provinciais: estado e cidadania (1856 - 1861)** compilação das leis provinciais do Ceará compreendendo os annos e 1835 a 1861 pelo dr. José Liberato Barroso. Fortaleza: Inesp, 2009. Fac-símile da edição publicada em 1862.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. Os viajantes e a biogeografia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 8, n., p. 1015-1037, 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702001000500012>.

PAULET, José da Silva. **A Carta Marítima, e Geographica da Capitania do Ceará levantada por ordem do Governador Manoel Ignacio de Sampaio por seu ajudante d'ordens Antonio Joze da Silva Paulet**. Mapoteca do Itamarati/RJ: [s. n.], 1818. 1 mapa litografado 65 x 66 cm em f. 73 x 72,5 cm. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/291464?locale-attribute=en>. Acesso em: 18 ago. 2021.

PINTO JUNIOR, Rafael Alves. Construir no sertão de Goiás (1830-1930). Implantação, técnica, conjunto e uso do espaço arquitetônico. **Arquitextos**, São Paulo, ano 17, n. 197.01, Vitruvius, out. 2016 Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.197/6253>.

POMPEU, João. Contribuição Etnográfica Ao Estudo Das Cêrcas: cêrcas ou tapumes na região central do Ceará. In: CEARÁ, Serviço de Antropologia da Universidade Federal do. **Boletim de Antropologia - I**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958. p. 45-62. Edição fac-símile publicada pela Fundação Waldemar Alcântara em 2011. Disponível em: <https://www.fwa.org.br/books/boletim-de-antropologia-volume-i/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Povoamento do Nordeste brasileiro. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 107-162, jan. 1937.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Topônimos indígenas dos séculos XVI e XVII na costa cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 59, p. 156-250, 1945. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Revapresentacao/RevPorAno/1945/1945-ToponimosIndigenasSeculos16e17CostaCearense.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Sesmarias cearenses (distribuição geográfica)**. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1971.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia; MARIZ, Marlene da Silva; DANTAS, Beatriz Gois. **Documentos para a História Indígena no Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe)**. São Paulo: Nhii-Usp; Fapesp; Governo do Ceará, 1994.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Mãos de Mestre: itinerários da arte e tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Comissão das Borboletas**: A ciência do Império entre o Ceará e a Corte. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 2003. 112 p.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 464 p.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros**: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Edusp; Hucitec, 2002. 328 p.

QUEIROZ, Rachel de. **Melhores Crônicas Rachel de Queiroz: seleção e prefácio: Heloisa Buarque De Hollanda**. São Paulo: Global, 2004. 317 p.

RADAMBRASIL, Projeto (ed.). **Folha SA. 24 Fortaleza: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra** / projeto RADAMBRASIL [v. 21]. Rio de Janeiro: O Projeto, 2003. 489 p., CD-ROM. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=212784&view=detalhes>. Acesso em: 30 jun. 2023.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **As minas de ouro e a formação das Capitânicas Do Sul**. São Paulo: Via das Artes, 2013. 285 p.

ROBERTO JÚNIOR, (org.). Cariri das Antigas. 2014. Disponível em: <https://cariridasantigas.com.br/>. Acesso em: 7 ago. 2023.

ROCHA, Herbert de Vasconcelos. **Contribuição para o estudo do desenho urbano de Sobral**: século XIX. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27292>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROCHA, Herbert de Vasconcelos. **O lado esquerdo do rio**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **Reflexos Das Luzes Na Terra Do Sol**: Sobre A Teoria Da Arquitetura No Brasil Da Independência, 1808-1831. Rio de Janeiro: Proeditores, 2000.

ROSA, João Gonçalves. (Capitania do Ceará). 1759. **Inventário de Floriana Furtado**, [S. l.]: Acervo de Isabel Leitão.

SAIA, Luís. "Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século". Rio de Janeiro, **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.8, 1944, p. 211

SAMPAIO, Amanda; CAVALCANTE, Karla (org.). **Raízes**: espécies da socio biodiversidade dos vales do Curu e Aracatiagu. Fortaleza: Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria Ao Trabalhador, 2015. 112 p. Disponível em: https://issuu.com/cetra/docs/flor_ra_zes. Acesso em: 30 jun. 2023.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

SANTOS, Francisco Leandro de Almeida; SOUZA, Marcos José Nogueira de. Caracterização Geoambiental Do Planalto Cuestiforme Da Ibiapaba – Ceará. **REVISTA GEONORTE**, [S. l.],

v. 3, n. 5, p. 301–309, 2012. Disponível em: //periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/2083. Acesso em: 6 dez. 2023.

SANTOS, Ana Maria Pessoa dos. **Cartas do Sobrado**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. 196 p.

SANTOS, Francisco Leandro de Almeida.; SOUZA, Marcos José Nogueira de. Caracterização Geoambiental Do Planalto Cuestiforme Da Ibiapaba – Ceará. **Revista Geonorte**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 301–309, 2012. Disponível em: /periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/2083. Acesso em: 9 nov. 2023.

SANTOS, Márcio. **A cópia setecentista do mapa de Jacobo Cocleo**: leituras e questões. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1., 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/SANTOS_MARCIO_ROBERTO_A.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Thalison dos; VIANA, Verônica Pontes; BUCO, Cristiane de Andrade. A Morfotécnica Da Arte Rupestre Na Área Nuclear De Taperuaba, Ceará, Brasil: primeiras constatações. **Antrope**, Tomar, v. 6, n. 2, p. 6-29, jul. 2017. Semestral. Disponível em: http://www.cta.ipt.pt/index.php?actual=1&total=16&pagina=unidade_editorial&seccao=antrope&lang=PT&idrevista=202#media. Acesso em: 13 nov. 2023.

SERAINÉ, Florival. Curral-de-Pesca no Litoral Cearense. In: CEARÁ, Serviço de Antropologia da Universidade Federal do (ed.). **Boletim de Antropologia - I**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958. p. 21-44. Edição fac-símile publicada pela Fundação Waldemar Alcântara em 2011. Disponível em: <https://www.fwa.org.br/books/boletim-de-antropologia-volume-i/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de Índios no Ceará Grande**: dinâmicas locais o diretório pombalino. Campinas: Pontes, 2006. 208 p.

SILVA, Josias Clarence Carneiro da. **Abelheiras - O Último Reduto da Casa da Torre no Piauí**, Gráfica e Editora Júnior, Teresina, 1991.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e; RAMOS, Francisco Régis Lopes; RIOS, Kênia Sousa (org.). **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: (1859-1861). Fortaleza: Fwa, 2011. 596 p.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Arquitetura luso-brasileira no Maranhão**. São Paulo: Efece, 1986. 251 p.

SILVA FILHO, Olavo Pereira. **Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Do Autor, 2007. 3 v.

SILVA-NIGRA, D. Clemente Maria da. A antiga fazenda de São Bento em Iguaçú. **Revista do SPHAN**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 269-270, 1943.

SOBREIRA, Jorge Gonçalves Dias da. **Apontamentos Para a Carta Topographica do Ceará**. Arquivo Nacional: [s. n.], 1892. 1 mapa. BR_RJANRIO_F4_O_MAP_0248_d0001de0001_page-0001.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Um Geógrafo do Poder no Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. 160 p.

SOUZA, Marcos José Nogueira de. **Geomorfologia E Condições Ambientais Dos Vales Do Acaraú E Coreaú - Ce**. 1981. Tese (Doutorado em geografia física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **“Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho”**: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822). 2015. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SOUZA, Dr. José Bonifácio de. **Associação Comercial do Ceará 1868-1968**: memória histórica. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1969.

SPHAN. **Memória Oral**: depoimento de João José Rescala. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1940.

STUDART FILHO, Carlos. Vias de comunicação do Ceará colonial. **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo LI. Fortaleza, Ceará, 1937.

STUDART FILHO, Carlos. Os aborígenes do Ceará: 1. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ANNO LXXVI, p. 5-75, 1962. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/1962-2/>. Acesso em: 3 out. 2022.

STUDART FILHO, Carlos. Os aborígenes do Ceará: 2a parte Notícias Históricas. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ANNO LXXVII, p. 153-217, 1963. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/1963-2/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

STUDART FILHO, Carlos. **Os Aborígenes do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1965.

STUDART, Barão de. Commercio da Praça de Lisboa com o Ceará em 1821: oferecido pelo dr. G. Studart. **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo IX. Fortaleza, Ceará, 1895.

STUDART, Guilherme. **Datas e Factos Para a História Do Ceará**: Ceará-colônia. Fortaleza: Typographia Studart, 1896.

STUDART, Guilherme. **Notas Para a História do Ceará**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004.

TAHIM, Elda Fontinele. **Análise Socioeconômica Da Pesca De Curral Em Bitupita Município De Barroquinha Estado Do Ceará**. 1990. 62 f. TCC (Graduação em Engenharia de Pesca) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1990.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**: cenas da seca do Ceará. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

THÉBERGE, Pedro. **Carta chorographica da Província do Ceará com divisão eclesiastica e indicação da civil judiciária até hoje**. Fundação Biblioteca Nacional, 1861. 1 mapa. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html>. Acesso em: 4 jul. 2023.

THÉBERGE, Pedro; THÉBERGE, Henrique. **Carta Chorographica da Província do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge e revista pelo engenheiro Henrique Théberge**. Arquivo Nacional: [s. n.], 1882. 1 mapa. Disponível em: Acesso em: 4 de jul. 2023.

THEDIM BARRETO, Paulo. **O Piauí e Sua Arquitetura**. Distrito Federal: Centro de Estudos Folclóricos, 1952.

THEDIM BARRETO, Paulo. Uma Casa de Fazenda em Jurujuba. [S. l.]: **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 1937.

VARINE, Hugues de. **As Raízes Do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. São Paulo: Medianiz, 2011.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Critica de arte e arquitetura. AD: Arquitetura e Decoração**, São Paulo, v. 4, n. 24, ago. 1957.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Formação urbana no arraial do Tejuco. Revista do Matrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 121-134, 1959

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. 5. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1979. 186 p.

VIANA, Verônica Pontes. **Dinâmicas culturais e ambientais na praia de Jericoacoara, Jijoca de Jericoacoara, Ceará – Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Interfaces Disciplinares, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

VIEIRA, Padre Antonio. **Escritos Instrumentais sobre os Índios**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. Seleção de textos de Cláudio Giordano. Ensaio introdutório José Carlos Sebe Bom Meihy.

VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano. **Entre Paredes e Bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

ANEXO A

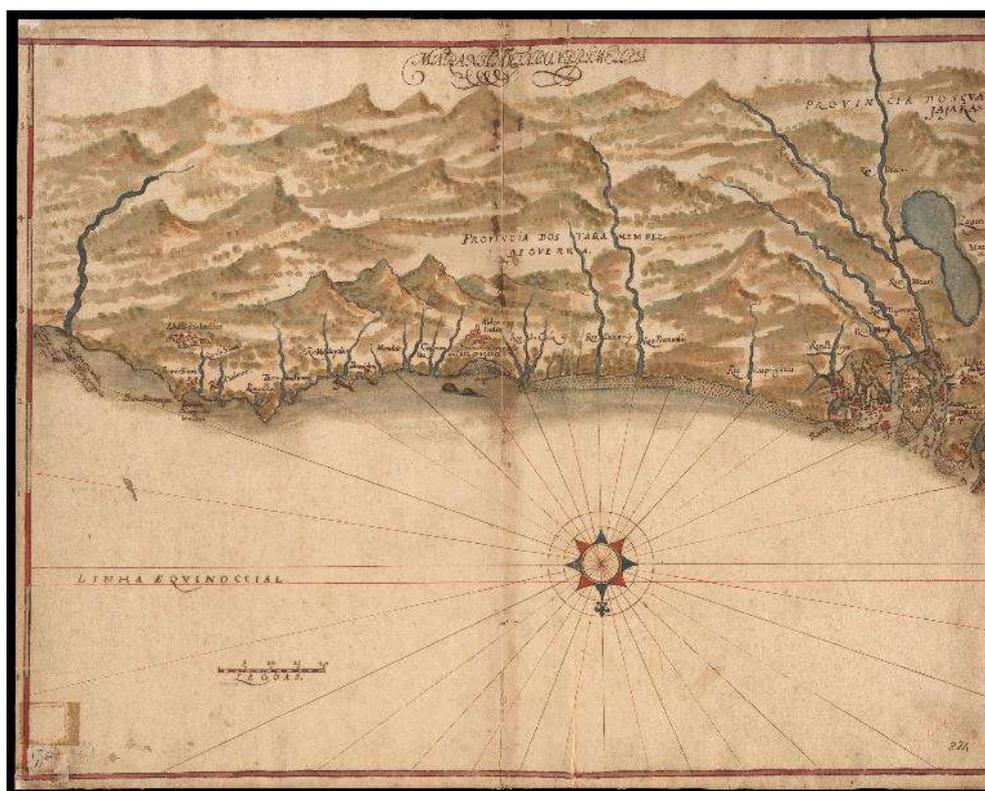
As fazendas inventariadas dentro dos limites políticos do século XXI. Desenho da autora sobre base cartográfica do IBGE e ANA.



ANEXO B

Cartografia cearense dos séculos XVIII-XIX.

Mapa 1: Maranhão Taboa Primeira. Pequeno Atlas do Maranhão e Grão-Pará. 1629. João Teixeira Albernaz I



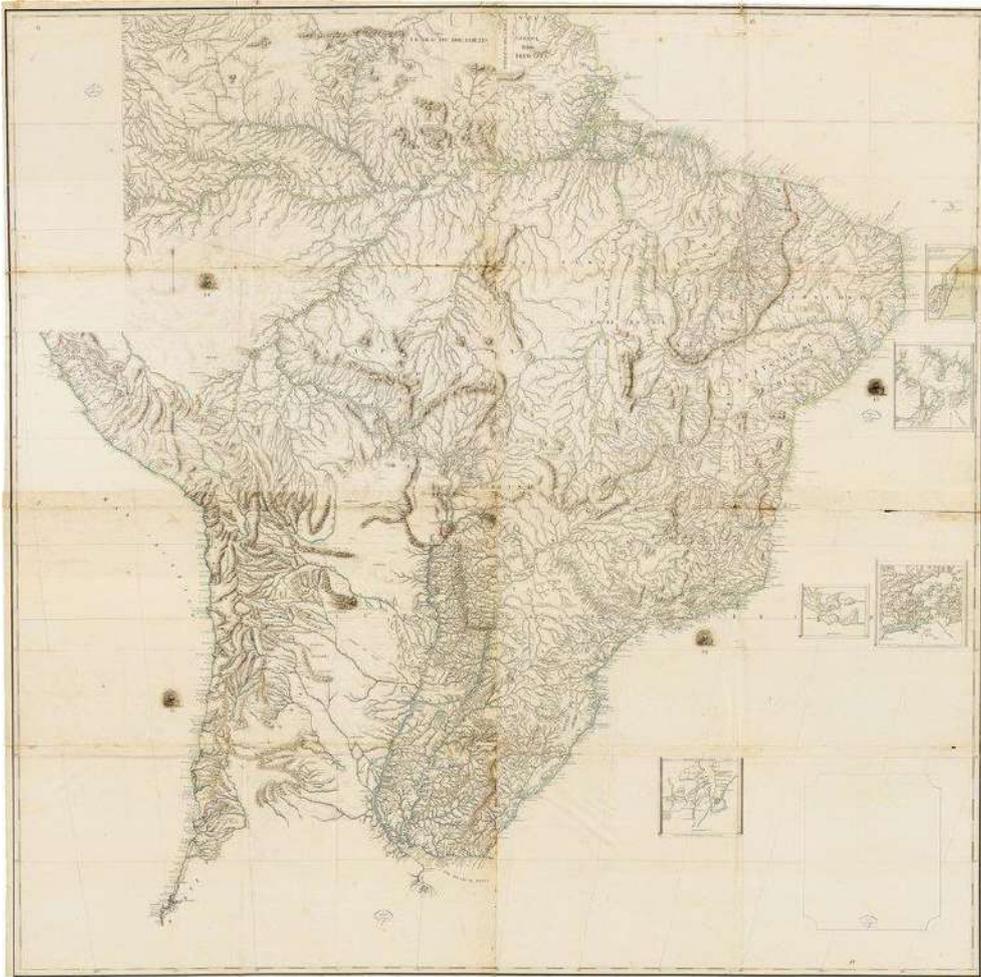
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional Digital

Mapa 2: Carta geografica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes [1761]. Col., desenho a nanquim, 58,5 x 85 cm. Em f. 61,5 x 88. Biblioteca Digital Luso-Brasileira



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

Mapa 3. Carta Geographica de Projeção Espherica da Nova Lusitânia ou América Portuguesa */e Estado do Brazil [1797]. 1 mapa em 16 folhas coladas: ms., color. 199 x 202 cm.



Fonte: Direcção dos Serviços de Engenharia – Lisboa

Mapa 4. Carta topográfica do Seara a Mina do Salpetra descoberta no sítio da Tabajuba na dist. a [distância] de 55 léguas da Villa da Fortaleza. 1800. João da Silva Feijó.



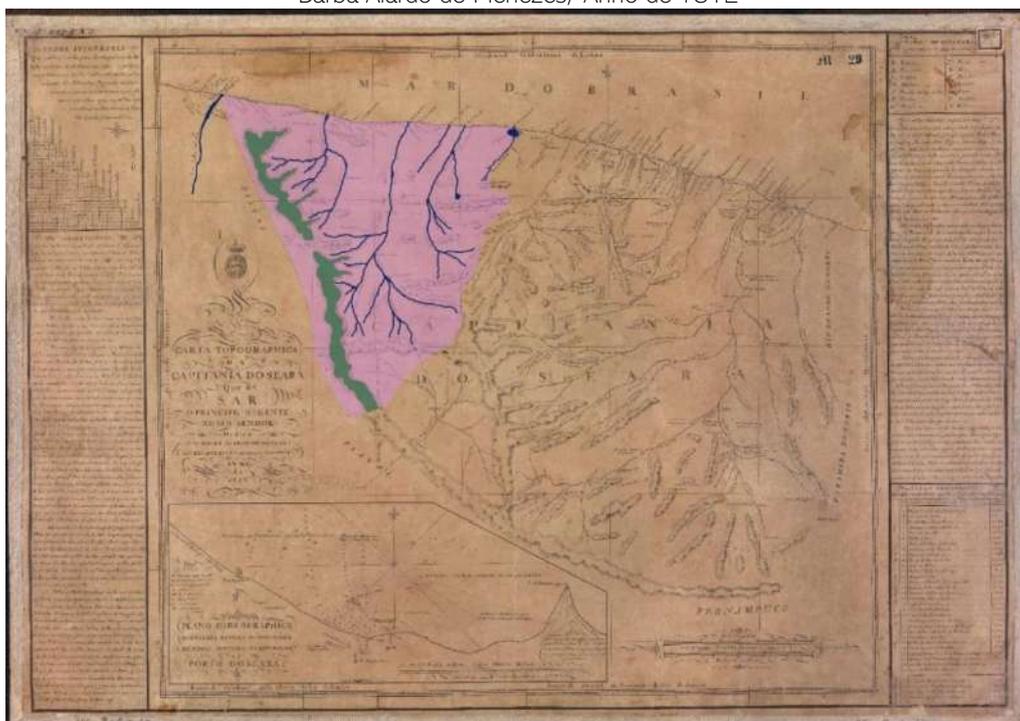
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Mapa 5: Mapa Geographico da Capitania do Seará. Delineado no anno de 1800 por Mariano Gregorio do Amaral



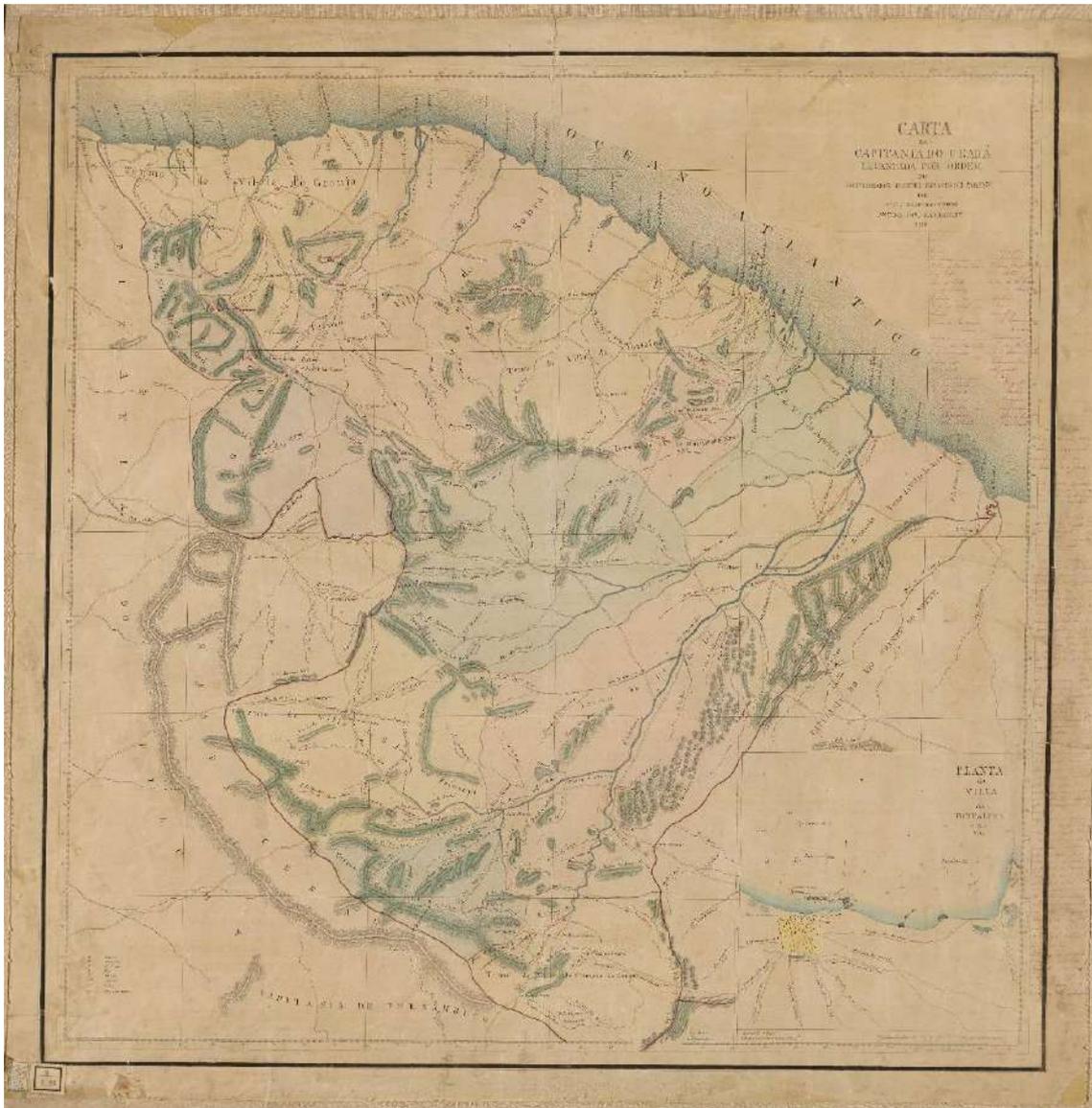
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Mapa 6. Carta Topográfica/ Capitania do Ceará/ que SAR/ o príncipe Regente/ Nosso Senhor/ Dedicada/ Luiz Barba Alardo de Menezes/ Anno de 1812



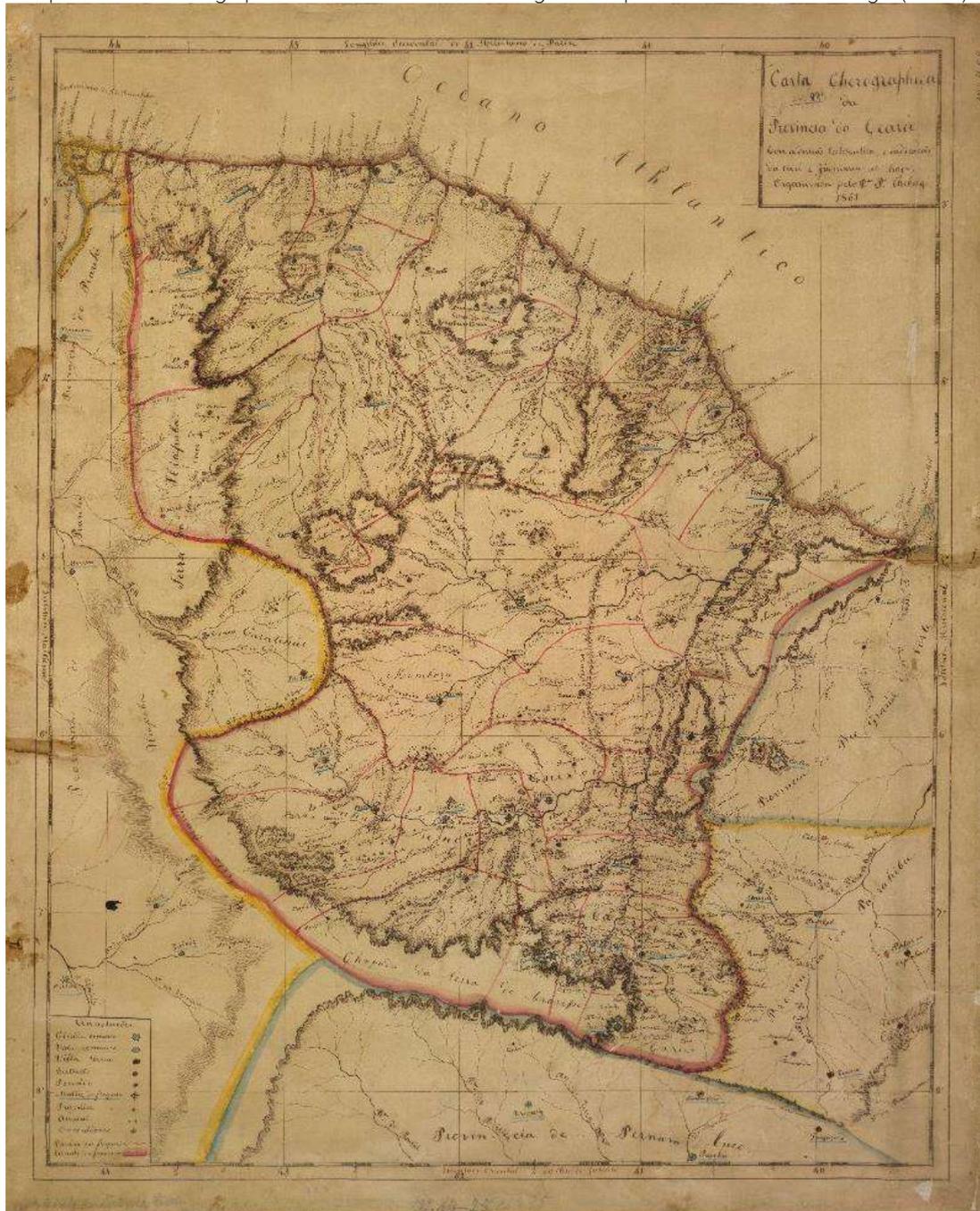
Fonte: Arquivo Histórico do Exército – Rio de Janeiro

Mapa 7: A Carta/ Marítima, e Geographica/ da/ Capitania do Ceará/ levantada por ordem/ do/ Gov^{or} Manoel Ign^{co} de Sampaio/ por seu ajudante d'ordens/ Antonio Joze da S^a Paulet de 1817



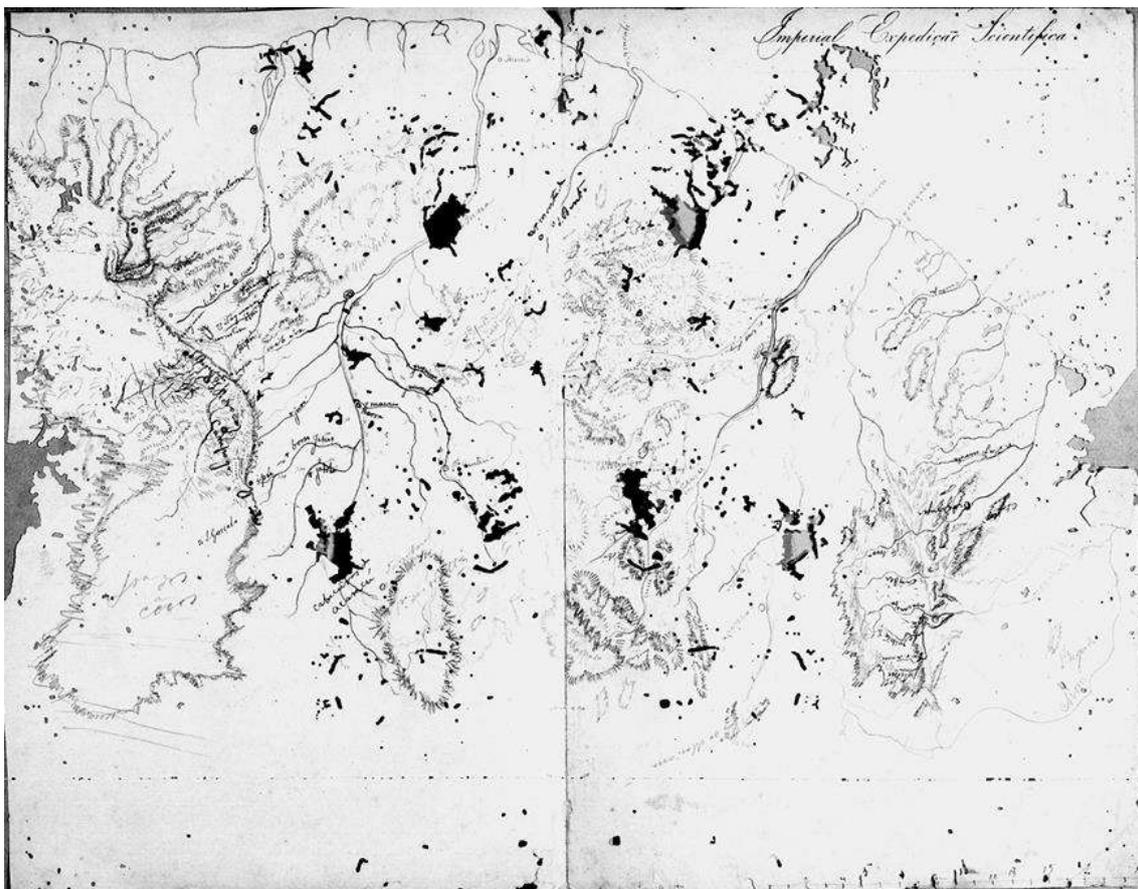
Fonte: Mapoteca do Itamarati – RJ

Mapa 8. Carta Chorographica da Provincia do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge (1861)



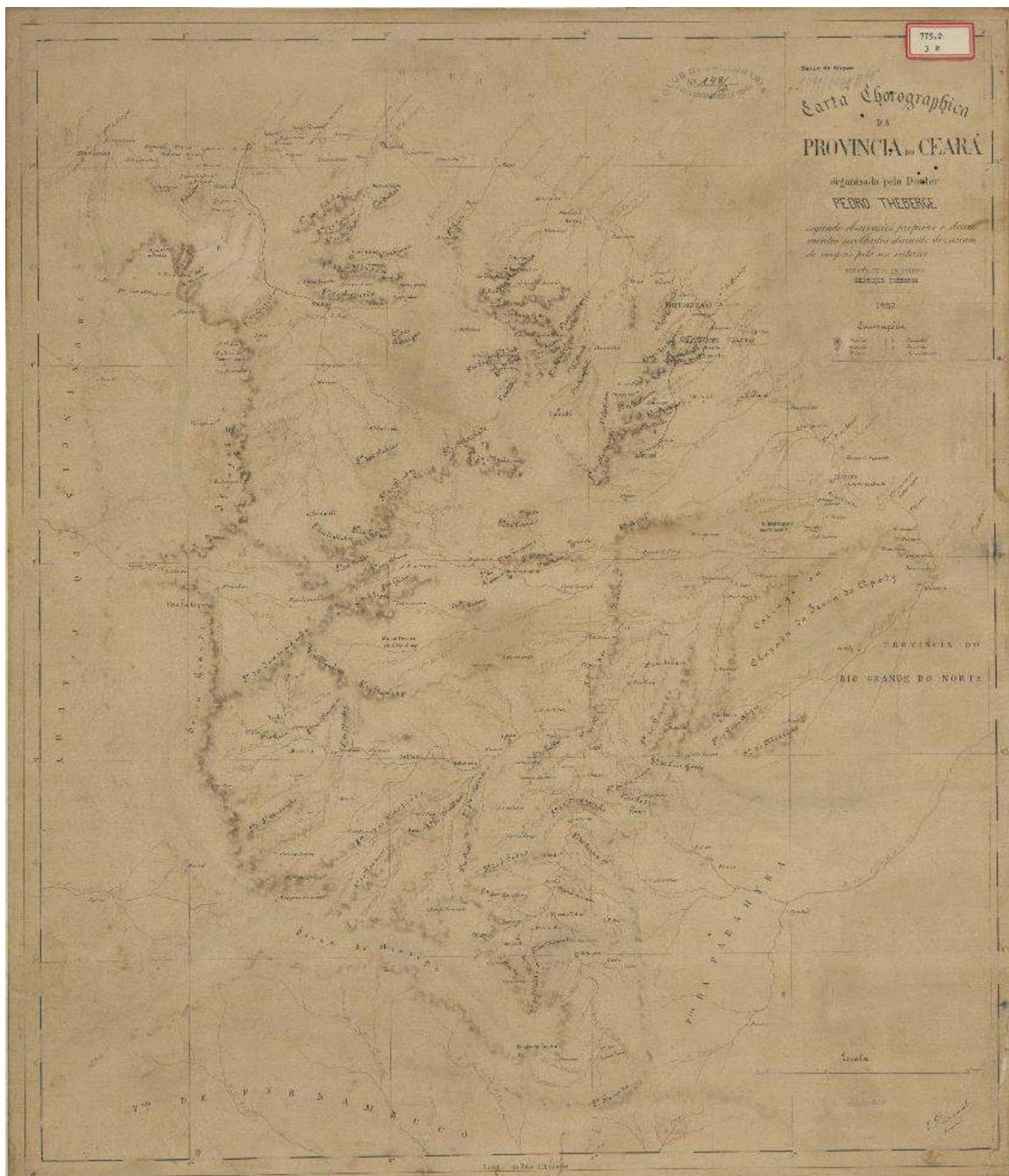
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Mapa 9: Planta da região compreendida entre o litoral, a Serra dos Côcos e o Canindé, 1861. Francisco Freire Allemão. Biblioteca Digital Luso-Brasileira



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Mapa 10. Carta Chorographica da Província do Ceará, organizada pelo Doutor Pedro Théberge e Revista pelo engenheiro Henrique Théberge, 1882



Fonte: Arquivo Nacional

ANEXO C

SESMARIAS CEARENSES NOS SERTÕES DO ACARAÚ, COREAÚ E SERRA DA IBIAPABA.
Transcrito de POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Sesmarias cearenses (distribuição geográfica)**. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceara, 1971.

MUNDAÚ, ARACATIAÇU E ARACATI-MIRIM

No	DATA	ÁREA	CONCESSIONÁRIO(S)	MORADA	LOCALIZAÇÃO	OBS
9	20-6-1694	3x2	Agostinho Alves de Oliveira		Rios Mundaú, Aracatiaçu e Aracatimirim. Pedem 3 léguas de comprimento pelos ditos rios acima, até que cada um dos suplicantes se encha das 3 léguas de terra de comprimento com duas de largo, ficando os ditos rios em meio as terras.	Peticionada por Pedro Roiz (Rodrigues) de Oliveira, o Alferes Jorge Pereira, Augustinho Alves de Oliveira, Antonio de Oliveira Maciel, João Fernandes de Souza, Belchior Fernandes, João da Costa de Aguiar, Fulgência Rodrigues, Antonia Ferreira, Inês Alves (Álvares) Viana (a transcrição registra, em vez de Viana, "Viúva"), Ana de Souza de Jesus; Moradores na Capitania do Ceará Grande; c) Todos criadores de muitas criações de gados vacuns e cavaleares, criando-os em terras alheias de que pagam foro, por cuja causa recebem grande perda e diminuição na Fazenda Real; Notícia de que na Capitania do Ceará, distante da Fortaleza, para a parte do Maranhão, quarenta ou cinquenta léguas, pouco mais ou menos, estão terras devolutas e desaproveitadas, a saber, no Rio Mundaú, Aracatiaçu e Aracatimirim; Essas terras já haviam sido doadas há 12 anos (1682), porém, delas, nessa tempo, não tomaram posse nem as povoaram.
139	17-8-1706	3x1	Francisco Dias de Carvalho Asenço Perez Masino		No rio uma légua antes de chegar à serra da Cajoqua para cima	
189	13-1-1707	3x1	Pe. José Borges Alexandre Borges de Novais		Entre os rios Aracatiaçu e Aracati-mirim	
197	15-1-1707		Jacinto da Costa	Ceará	Na testada dos últimos providos do Aracati-mirim, nas suas ilhargas. Pede as sobras no rio nas testadas dos últimos providos e suas ilhargas	Há pois datas anteriores. Ver Mundaú
259	24-10-1707	3x2	Niculau Lopes Fiuza Um filho dêste Manuel Dias Filgueira Francisco Barroso	Bahia	Pedem nas cabeceiras do Aracati-açu	
3	8-2-1710		João Gomes da Silva Manuel Fernandes Neto Manuel dos Passos		Dizem que há terras devolutas nas testadas de João Fernandes que prescreveram de Pedro Rodrigues de Oliveira e mais heréus, a ele concedidas em 20-6-1694. Pedem o que se achar das testadas de João Fernandes a entestar com a data de Luís Nicolau Henriques	

7	1-3-1710	3x1	Amador Correia de Oliveira Agostinho da Cruz		Descobriram entre o Aracati-mirim e o rio Acaraú a lagoa Inhaoca, que deságua na lagoa Água dos Velhos. Pedem 3 léguas para cada um, fazendo pião na primeira lagoa	Ver Acaracu, data n.30
27	15-7-1714	3x1	Felix Coelho de Morais		Diz que descobriu um riacho que o gentio chama de Itaguguba que corre entre os rios Aracatiçu e nele deságua, confrontando com a ponta da Uruburetama e sempre corre emparelhado com a serra de parte do sul. Pede nele três léguas pegando do poço dos 3 irmãos com ½ légua para baixo e 2,5 para cima	
28	19-7-1714	3x1	Bento Coelho de Morais e sua filha Floriana de Morais		Diz que descobriu um riacho que vem da serra Uruburetama e corre a ela emparelhado, ao sul e deságua no rio Aracatiçu. Pede para ele e sua filha 6 léguas pelo riacho começando das testadas de Félix Coelho	
395	17-11-1717	3x1	Rosa Maria Manuel Gomes Ferreira Manuel Homem da Silva	Ceará	Pegando das testeiras de Sebastião de Sá, buscando a serra de Caió	A serra de Caió deve ser a que de chama hoje do Barriga
370	2-12-1717		Pedro da Rocha Franco		Pede uma légua em torno, de sesmaria que comprou no lugar Água das Velhas	Ver data n.370, Timonha
383	9-3-1718		Bento Coelho de Morais Floriana de Morais	Ceará	Pegando da testada do último provido	Descobriram nas cabeceiras do Aracatiçu terras devolutas
411	2-6-1718		Brás Coelho de Morais		Nas testadas de Pedro de Mendonça	
420	16-11-1718		José de Moura Negrão Manuel Frz. De Carvalho		Querem nova data	Dizem que tiveram uma data nas ilhargas e testadas dos providos do Aracati-açu, com Francisco Duarte de Vasconcelos e que não foi registrada e é de 1710, mas a povoaram há 6 anos (1712)
396	18-11-1718	3x1	Manuel Gomes Ferreira Roque de Campos Manuel Rabelo Antônio Fernandes	Ceará	Pegando das testadas de Estevão Vicente pelo rio acima buscando uma lagoa dita das Pedras que confronta com a serra da Uruburetama, entre o r. Trairi e o Mundaú	
378	17-12-1718	3x1	Manuel Coelho de Andrade Manuel de Brandão João Coelho de Andrade	Ceará	Das testadas de Manuel Dias de Carvalho, pelo rio acima	No rio Aracati-açu
453	9-8-1719	3x1	Francisco Pereira Craves		Quer confirmação e mais que lhe conceda também nas testadas 3 léguas correndo pelas faldas da serra de Uruburetama da parte do sul, compreendendo o olho d'água Itaguguba e terras vertentes da serra para o rio Aracatiçu	Comprou ao Pe. Antônio de Sousa Leal a terra do poço de Mensi de acordo com a data dada de 1706

13	26-1-1722	3x1	Pedro de Sousa Soares João da Mota Pereira		Descobriram um riacho que deságua no Aracatiaçu, ao nascente e nasce na serra das Guarairás e fica nas testadas dos olhos d'água de Carnaupajé, confrontando com a serra da Caioca da parte do nascente	
192	12-7-1744	3x2	Padre Agostinho de Castro e Moura, sacerdote do Hábito de São Pedro		pediu (o sítio) por sesmaria para o poder confirmar	Há quatro ou cinco anos está na posse de um sítio de terras sem título algum, no Riacho chamado Mulungu, entro os dois rios "Aracaty asu e Aracaty mirim, e faz barra neste último. Dada pelo Capitão-mor João de Teive Barreto e Meneses.
492	20-1-1746		Gabriel Cristóvão de Meneses		Possui também nas ilhargas destas terras que houve por data em 1743 no lugar. Os meios de uma légua por 1,5. Pede confirmação de todo	Já possui 1,5 léguas pelo rio Aracati no sítio Santa Rosa, onde mora, e que pega do poço das Lajes pelo rio acima com $\frac{1}{2}$ de largo para cada banda. Possui mais $\frac{3}{4}$ que arrematou e mais $\frac{3}{4}$ que comprou, esta 1,5 légua é pegada a de cima e faz 3 léguas
597	20-1-1746		Gabriel Cristóvão de Meneses	Aracatiaçu	Pede nova data e confirmação	Possui 1,5 légua pelo rio Aracatiaçu no sítio Santa Rosa, onde mora e pega do poço das Lajes pelo rio acima. Sendo $\frac{3}{4}$ que houve por arrematação e os outros $\frac{3}{4}$ por título de compra. Possui mais 1,5 légua pegadas com as outras acima nas duas ilhargas que houve por data em 1743 no lugar Os Meios de 1x1,5
499	18-2-1746	3x2	Veríssimo Tomás Pereira	Aquirás	Quer confirmação em seu nome, começando do poço da Ema para cima	Terras que comprou a Francisco Ferreira da Ponte e Silva, na ribeira de Aracati-açu. Ferreira da Ponte houve estas terras por arrematação a Sebastião de Sá, que as tinha comprado a um dos onze heréus na data da ribeira
536	24-1-1749		Veríssimo Tomás Pereira	Aquirás		Terras que comprou a Francisco Ferreira da Ponte e quer confirmação
563	28-7-1751	3x1	Domingos Alves Ribeiro		Nas testadas de João da Mota Pereira ficando dentro do olho d'água do João Pereira e Cachoeira, confrontando o morro de São Bento. Pede nova data de confirmação	Possui uma fazenda há um ano que teve por data
564	28-7-1751	3x1	João da Mota Pereira		Fazendo Pião no lugar Emboscadas com 1,5 légua para baixo, donde chamam Os Patos e outra légua para cima, onde chamam Santana	Tem por data 3 léguas que quer confirmação no rio Aracatiaçu
565	28-7-1751	3x1	João da Mota Pereira		$\frac{1}{4}$ de légua do olho d'água para cima e $2,3/4$ para baixo, a entestar com outra sua data (Patos)	Diz que há um ano possui no olho d'água e riacho Carnaubapajê uma data que obteve
	28-4-1772		Zacarias de Sousa, sargento- mor da vila de Aracati		Pede sesmaria no riacho da Taboca, ao pé da Serra de Uruburetama	

599	16-2-1773	3x1	José Correia Peralta e outros (Fulano de Abreu e Custódio Nogueira de Carvalho). Certidão pedida por Maria de Assunção Marreiros, viúva de Peralta		Certidão de data de Peralta de 11.5.1718. Dizem que no rio Aracatiaçu estão 9 léguas devolutas, pegando da Caioca em diante	
625	27-5-1790	1x1,5	Sebastião Alves de Holanda	Aracatiaçu	Quer posse judicial de sobras de terra nas cabeceiras do rio Aracatiaçu	Fez composição amigável com Manuel Pinto de Sousa e João Pinto de Sousa
626	27-5-1790	3x1	Manuel Alves de Holanda	Aracatiaçu	Tem terras próprias no rio Aracatiaçu e quer a posse judicial de outras no riacho Agreste que deságua naquele rio, correndo para o poente em suas terras. Pretende três léguas pegando do sul para o poente, contíguas às suas terras do rio	
627	30-7-1790	3x1	Inocência Francisco Braga	Aracatiaçu, na fazenda Gabriel	É senhor de 3 léguas no riacho Gabriel e quer posse judicial de terras nas suas ilhargas, no riacho Vargem Redonda, que nasce do sul para o poente e deságua no riacho Gabriel, pegando da barra e procurando as nascentes	
628	30-7-1790	3x1	Domingos Francisco Braga	fazenda Gabriel	No riacho que corre entre o Aracatiaçu e o riacho Gabriel, chamado Favela e faz barra no riacho Gabriel, quer a posse judicial de 3 léguas	
632	3-11-1790	3x1	José Pereira Dutra, por si e como procurador de seu pai, João da Silveira Dutra			Pedem a posse judicial: 1º - de 3 léguas pelo rio Aracati-mirim acima, pegando das extremas de ½ légua que já possuíam: extremando ao sul com Maria Madalena e ao norte com Manuel Francisco de Melo; 2º - mais 3 léguas, de comprimento entre os providos dos dois rios Aracatiaçu e mirim, pegando de parte do norte com as testadas de Rosa Maria Lins
633	3-11-1790	3x1	Inácio da Costa Leite			Impugnaram a sua pretensão José Pereira e João da Silveira Dutra; mas ao depois de se acomodarem, ficando estes (João e José Dutra) com ½ légua de largura, pegando das extremas de ½ légua que já possuíam e 3 de comprimento pelo rio acima, contestando com Maria Madalena e ao norte com Manuel Francisco de Melo. Ficando Inácio com uma légua de largo no rio Aracati-mirim acima, pegando da parte do norte com as testadas de D. Rosa de S. Maria Lins
644	2-7-1791	3x1	Virgínio Francisco Braga		Nas ilhargas da fazenda Gabriel corre o riacho dito do Meio de nascente a poente e deságua no riacho Gabriel. Pede no riacho do meio 3 léguas pegando das suas testadas riacho acima.	

664	26-10-1798	Manuel Rodrigues Ribeiro	Diz que no Corgo Grande, entre os rios Acaraú e Aracatiagu, há terras devolutas que no rumo do norte extremam com as dos herdeiros de Manuel Gomes de Oliveira e para o sul com terras desaproveitadas; para o nascente em terras dos herdeiros de Manuel da Cunha Linhares e para o poente com os providos do rio Acaraú. Pede 3 léguas pegando das testadas dos herdeiros de Manuel Gomes
-----	------------	--------------------------	---

COSTA LITORÂNEA						
No	DATA	ÁREA	CONCESSIONÁRIO(S)	MORADA	LOCALIZAÇÃO	OBS
29	8-11-1682		Manuel Barreto da Silva Fco. Martins Barradas Francisco Gomes Manuel Dias de Carvalho Domingos de Mendonça João Denobalhas Correia Domingos Ferreira Pessoa Bartolomeu Nabo Baltazar Rodrigues da Costa Francisco da Silva Estevão Velho Cabral Maria Rodrigues Joana de Lemos Jorge Coelho de Sousa Sebastiana da Fonseca Violante da Fonseca Gracia Barreto Maria Vicente Solentino Marinho Falcão Antônia Tavares de Melo Paulo Coelho de Sousa	Moradores em Pernambuco, R.G. do Norte e Ceará		66 léguas em quadro
6	1-3-1710	3x1	Manuel Monteiro de Miranda		No lugar Pernambuquinho, 3 léguas pelo caminho da praia para o Aracatiagu, pela costa abaixo	

428	29-12-1712		Antônio da Costa Peixoto		Quer a retificação da data de Rabelo começando do lado do rio Mundaú para o Trairi e enchendo-se pela ilharga de Estevão Vicente Guerra	Diz ter comprado a data concedida a Manuel Rabelo e nela ou perto dela está situado o seu genro Antônio Marques. (Ver rio Mundaú, data n. 393 e o rio Trairi, data n. 393, que começa da barra e n. 396, concedidas a Manuel Rabelo).
58	3-11-1722	1x2	Antônio Ferreira da Apresentação	Ceará	Numa Gamboa ou Garapé, entre a barra do Timonha e a barra do Camurupim 1 légua pela costa abaixo, entre as duas barras e peo dito Garapé acima 2 léguas com a mesma largura	
68	11-3-1723		Pedro da Rocha Franco e seus filhos: Antônio da Rocha Câmara e D. Maria		Tem descoberto umas lagoas e olhos d'água, numas catíngas entre o rio Camoci e rio Timonha, a 1a confrontando do nascente com um serrote que está fronteiro ao mesmo rio Camossi e do poente com um riacho chamado Itapuiú e a outra lagoa confronta ao poente com o rio Timonha e ao nascente com o riacho Itapuiú; e em cima da serra Uruoqua ou morro do Chapéu, correndo por ela para a parte do mar	
104	3-1-1724	9x1	Miguel Machado Freire e seus irmãos José Machado Freire e Inácio Machado Freire		Nas ilhargas do rio Camocim e o rio Tiaia até o riacho da Cacimbas ou Serrote do Saco, em tôda terra que se achar entre os dois rios, começando na praia do mar	
140	11-12-1725		Manuel Gomes Linhares	Ceará	Descobriu e pede um sítio chamado Sabiá Guara, ilhargas da data do Cap. Antônio Gomes Posso, pela costa abaixo, buscando os providos do Aracatiagu, fazendo pião no dito Sabiáguara, e mais terras que se acharem devolutas da estrada dos tecuns para a parte do mar	
167	31-7-1727		Antônio Nogueira de Carvalho	Ceará	Povoou um sítio na costa da testada dos heréus do Aracatiagu, junto ao riacho Pernambuquinho, de águas salgadas, que deságua no mar, e a lagoa do Peixe. Quer 2 léguas daquela testada, buscando a data do Sabiogoabo, de Manuel Gomes Linhares, com uma légua de largo da pancada do mar para o sertão	
26	29-8-1731	3x1,5	Cristóvão de Sampaio Teixeira	Ceará	Pede 3 léguas mistas de seu sítio Pernambuquinho, pegando da varge e Tanque da Barra do Aracatiagu pelos morros da praia acima, buscando a estrada do Urujuba, com meia de largo	
31	22-2-1732		Tomás Ferreira de Veras	Tapuiú	Soube haver sítios devolutos onde pede 3 léguas da barra do Tapuiú até a barra do Timonha, na costa do mar, isto é, pegando da barra de um rio que mete no Tapuiú da parte do poente a que chamam o Garapé da Barroquinha, correndo pela costa até o Timonha	

6	30-9-1735	3x1	José Bernardo Uchoa, Manuel da Guarda Monteiro e Luís Gomes da Guarda (Pedem por prescritas)		No lugar Água das Velhas, entre Aracati-Mirim e Acaracu, terras que pegam nas testadas do Pe. Filipe Paes Barreto, pela costa abaixo, correndo pela barra do Acarau até o riacho Cauã-Sugura.	
61	28-11-1736		Antônio Correia Peixoto		Nas ilhargas do sítio Timbaúba, pegando da barra do Acaracu até o lagamar Uraú, com 1/2 légua do mar para o sertão	
531	9-7-1748	3x1	Francisca Ferreira Diniz		Fazendo pião no rio Mundaú, seguindo o rumo do nascente para poente, como corre a costa, passando pela Lagoa do Gadelha para a parte do Osso da Baleira e Macaioca	Viúva de Manuel Nogueira Cardoso. É senhora herdeira de 3 léguas na Lagoa do Gadelha e de outra parte do rio Mundaú, que seu marido comprou a Antônio Gomes Pessoa

CAMURUPIM, UBATUBA E TIMONHA

No	DATA	ÁREA	CONCESSIONÁRIO(S)	MORADA	LOCALIZAÇÃO	OBS
192	14-9-1706	1x	Rodrigues da Costa de Aajúo	Morador na ribeira	Uma légua na ilharga de sua sesmaria desabitada, pegando da testada da sua data pelo córrego Vertente do Boqueirão das serras dos índios Aparaú	Rodrigues da Costa deve ter, pois, uma data mais antiga no Coreaú
181	9-12-1706	2-1/2 ¼	Catarina Ribeiro de Morais (viúva de José Dias Paes, natural de São Paulo)	De presente, mora no Ceará	Começando do lugar Corapaitiba ½ para baixo e 1-½ para cima	No riacho Jumboeira
182	9-12-1706	6x1 1- ½x½ 5x ½ 4x1 6x ½	Maria Gaga Josefa Machado		No riacho Temona, do 1º poço de água doce para cima e no Ibiguaçu começando do extremo da ½ légua até a serra de Ibiguaçu, onde nasce o riacho com ½ para cada banda e no riacho da Ubatuba desde água doce até Ibituruna 5 léguas. E ainda no riacho Juna começando água salitrada, lugar Itaguana 4 léguas pelo riacho acima, partindo o rumo pelo meio do Taboleiro entre os dois riachos que fazem barra no poço. Na Parnaíba comedo do curral de Francisco da Cunha seu colono	No riacho Temona. No Ibiguaçu afluente do Temona. No luna ou Tiaia. No Parnaíba.

183	9-12-1706		Maria Gaga Josefa Machado		Os riachos vertentes das terras Ubuaguaçu, Ibiguaçu e Ibitiruna, sítios entre as ribeiras do Camocim e Parnaíba. Estes riachos são o Timonha e seus afluentes.	As petionárias da data 170 requerem para suas filhas Maria Gaga e Josefa Machado. A distribuição é: no riacho Timonha do 1º poço d'água doce para cima até Ubuaguaçu, mais ou menos 6 léguas; no riacho Ibiguaçu (afluente do Temoná), da extrema da ½ légua para cima até a serra Ibiguaçu mais ou menos 1,5 léguas; no riacho Ubatiba, da água doce até a serra de Ibitirana, mais ou menos 5 léguas; devendo inteirar-se onde houver campos no riacho Ignanandiiba, uma légua pelo riacho abaixo, do olho d'água. No riacho Juna, na Tucunduba, que vulgarmente se chama Tiaia, começando do 1º poço d'água salgada, chamado Itiguama 4 léguas pelo riacho acima; da extrema desta, mais duas léguas pelo riacho Panacuí acima. No rio Parnaíba 6 léguas, 3 do curral do seu colono Francisco Cunha para cima e 3 para baixo com ½ para o lado do sul. O curral fica ao lado da estrada da serra.
185	24-12-1706	3x1	Francisco Alberto de Quintilar	Mora há 2 anos no lugar	Fazendo pião na lagoa dos morros que fica no pé do mar. Léguas e meia para cima (sertão)	Lagoa Aiuicena. Brejo Ubatuba. Já situada entre as lagoas acima (será no Timonhaç)
316	13-1-1708	3x1	Manuel Dias de Carvalho Felix Coelho		Por entre os riachos Cromaiú e das Rôlas, pegando das testadas de Rodrigues da Costa, ½ légua de largo para cada banda dos riachos para dentro	
21	15-1-1714	1,5x1	Manuel Dias Neto		Diz que o senhor de 1,5 léguas por uma de largo no rio Taipu por compra a Francisco Pereira Chaves, data que alcançou de Gabriel do Lago e, como há aí terras devolutas, pede 1,5 de comprido por uma, começando do olho d'água do Taipu para cima, buscando a Serra Ibiapaba e com 1x0,5 para o pé da Serra das Bananas do Carnoti	
26	12-6-1714	3x1	Francisco Gonçalves Palas		Diz ter descoberto o sítio Salinas do Teramembé em que pede 3 léguas principiando do campo da última caatinga até a barra do rio Igarauçu, caatinga que sai do rio Camurupi, confrontando para o nascente com este rio e para o poente com aquele.	
43	13-1-1717	2x1	Pe. Antonio de Matos, da C. J. (Companhia de Jesusç), reitor do colégio do Recife (Deve ser Coreauç)	Recife	Diz que entre o sítio da Emboeira e a serra da Tabainha há terras devolutas, pelo que pede duas léguas começando do pé desta serra, cortando pelas extremas da Emboeira para o nascente e por outra parte correndo pelo pé da mesma serra até o Acarape. A largura das extremas da Emboeira até o pé da serra da Tabainha	

60	7-10-1717		João de Almeida da Costa		Diz que comprou a Manuel Dias Neto o sítio Taipu e, como há ainda sobras nas ilhargas testadas, pede-as.	
370	2-12-1717		Pedro da Rocha Franco	Ceará	Pede mais uma légua em volta das ditas sesmarias que possui por compra, para logradouros de seus gados	Diz que está de posse das sesmarias concedidas a Inácia Machado, Inês Pacheco, Úrsula da Câmara, Vitória Roiz, José Correia Peralta, Luís Borges de Vivar, João Pereira de Veras, Pe. José Borges e ao irmão deste, terras sítias na ribeira do Timona (riachos do Tapiú e Paratiú) e na do Aracati-mirim (águas das velhas) e que povoou tudo isto.
371	3-12-1717		Francisco Rocha		Imboráinas, Lagoa das Aningas, Lagoa da Cruz	
400	27-4-1718	3x1	Domingos Dias		Fazendo pião nas Frecheiras	No riacho Ubajara e das Frecheiras ou Itapuanguusú buscando o morro das Rôlas ou Pandanandubu
391	8-10-1718	3x1	José da Costa Joaquim da Costa		Pegando da Lagoa Sambaiba e buscando o Jadani nas ilhargas e testadas de Joaquim da Rocha, costeando a serra da Tabainha pelo nascente.	
423	14-12-1718	2x1	D. José de Vasconcelos (mestre de campo e principal da nação Tabajara)		Pede 2 léguas por uma no lugar Sunununga e daí correndo para o mar	Entre os rios Timona e o Tapiii no lugar Sunununga onde está a lagoa deste nome
455	4-9-1719	3x1	Domingos Ferreira de Veras		Entre os riachos Ubatuba e Camurupan, onde achar terras capazes, principalmente no riacho da Varge Formosa	
456	4-9-1719	3x1	Domingos Ferreira de Veras		½ léguas no riacho Camurupim do último poço d'água doce para cima e o resto nas obras do riacho Ubatuba	No riacho Camurupim e sobras do riacho Ubatuba
457	16-10-1719		Pedro da Rocha Franco		Pede retificação, e as terras começam do primeiro poço d'água doce para cima correndo pelo rio Timonha até a serra Ibuanasu, que poderão ter 7 léguas, e pede todas as vertentes do pé desta serra para o dito riacho	Diz que comprou umas sesmaria no Timonha e suas vertentes e Inácia Machado, Inês Pacheco, D. da câmara e por parte de sua mulher Vitoria Roiz da Câmara, todos heréus da mesma data
1	30-11-1721	2x1	Sebastião Saraiva, índio Tabajara, principal a sua aldeia		Diz ter descoberto um sítio no lugar Abajara (Ubajara), onde pede 2x1 léguas	
534	2-12-1748	3x1	João de Brito Figueiredo		2 léguas pegando do Olho d'água do Jenipapo até entestar com João da Mota e uma légua pegando do olho d'água do Ferreira buscando a serra Enjeitado. Pede mais ½ légua de largo para a parte das nascentes, serra do Carnói e olho d'água das Guaribas	Descobriu a lagoa da Biruaba na ribeira do Curuairu em frente à data de Francisco Neto e a serra do Enjeitado para a parte do poente (Estas terras foram pedidas por Domingos de Matos Rabêlo em nome de Antônio Tomás e seu cunhado, o qual Domingos desistiu. Diz que por si e seus antepassado possui há 40 anos o sítio de Olho d'Água de Taipu com 1,5 légua pelo riacho abaixo e 1 de largo, ½ para cada banda, conforme a compra que fez

547	8-9-1750	3x1	Domingos Machado Freire	Ribeira do Curuaiú	Pede nas sobras ditas 2 léguas das testadas de Vicente Ribeiro pelo rio abaixo e uma légua nas ilhargas na dita terra acima, ao poente, começando no riacho de Camboa	Diz que o defunto Vicente Ribeiro teve uma data no rio Camocí de 1,5 légua, fazendo pião no poço Pericuaru (0,5 légua para cima e uma para baixo). Há aí terras de sobras
551	4-2-1751	5x1	Domingos Machado Freire Inácio Machado Freire		Começando das testadas de Rodrigo da Costa até o Salgado. Pedem confirmação a nova data	Dizem que possuem 5 léguas no rio Camuci que tiveram por data em 1700
552	6-2-1751		Domingos Ferreira de Veras		Pede confirmação e nova data	Já possui 2 pertenças no Avubatida e outra no Boqueirão por compra a João Pereira de Veras (a primeira) e ao Pe. Ascenso Gago (a segunda), em 17-12-1710
559	12-7-1751	3x1	José dos Santos Braga		Pede confirmação e nova data	O coronel Veras diz que há perto de 40 anos o sítio Salinas entre as barras do Igarçu e Camurupim. Nas suas testadas há terras devolutas, que Braga pede 3x1
600	12-7-1751	3x1	Domingos Ferreira de Veras José dos Santos Braga		Pede nova data para confirmação. Sendo 3x1 em cada barra para Veras e nas testadas destas mais 3 de comprido para Braga.	Povoaram há perto de 40 anos o sítio Salinas, entre as barras do Igarçu e Camurupim
560	15-7-1751	3x1	Domingos Ferreira de Veras		Diz possuir terras que comprou no riacho Camurupim, que nasce na Ibiapaba e bota no mar, pegando o Poço das Pedras que fica abaixo do Tigre, pelo rio acima	
561	15-7-1751		Domingos Ferreira de Veras		Pede confirmação e nova data	Possui uma data desde 1719, entre os riachos de Ubatuba e Camurupim
562	15-7-1751		Domingos Ferreira de Veras		Pede confirmação e nova data	Diz que possui desde 1719 uma data de 3x1 pegando no último poço de água doce para cima no riacho Camurupim
	17-10-1752		Domingos Ferreira de Veras		Pede concessão de terras na Ribeira do Curuaiú (Coreaú)	
581	26-6-1753	2x1	Domingos Pinto Machado João Gomes de Faria	Acaraú	Fazendo pião no olho d'água que nasce de uma gameleira e correndo para baixo 1 légua e outra para cima	Descobriram um olho d'água na Serra de Ibuasu que corre para o riachão e fazenda Jaguarasu
604	21-3-1780	3x1	Joaquim Borges de Pinho	Granja	Fazendo pião no meio da logoa lagarapaba, que seca no verão	Consta de uma data antiga tirada por Pedro da Rocha Franco, já defunto para cortar pau violete, não sendo povoada
663	2-10-1797	3x1	Domingos Freitas Caldas	Parnaíba	Descobriu no riacho Mangues, no termo de Granja, terras devolutas e quer 3 léguas principiando das terras de Sebastião da Silva Lopes, ao norte, pelo riacho acima, terras que há 4 ou 5 anos vem lavrando	
666	14-11-1804		Simplício Dias da Silva	Parnaíba	Pede as ilhas das Cunhãs, de Feritas, Grande ou dos Veados, na barra do Timonha, para cultivar.	

674	20-5-1807	3x1	João de Pinho Borges	Granja	Diz que no sítio Olho d'água de Dentro havia terras devolutas e que fôra êle o primeiro que as cultivou, pelo que pede 3 léguas por 1, pegando do riacho do nascente, continuando para o leste com o rio do Pará de Baixo: extremado ao norte com as caatingas que vão ter as Morêas e ao sul com as que vão ao Papagaio
676	7-7-1807	3x1	Antônio da Silva Barros	Boa Vista	Diz que junto onde mora há terras devolutas, pelo que pede 3 léguas pegando onde finda a data de João Pereira Jacinto a qual tem 3 léguas ao nascente e a largura entre a Boa Vista ao Norte e buscando o sul
677	10-10-1807		Domingos Freitas Caldas	Parnaíba	Diz que obteve em 1797 uma data de 3 léguas no riacho Iguaruçu que a tinha povoado, plantando roças. Sem confirmação.
681	4-3-1808	3	Antônio José de Pinho		Havendo no sítio Olho d'água de Dentro sobras de terras ficaram da data de seu irmão João de Pinho Borges, que poderiam ter mais ou menos 3 léguas, vem pedi-las.
682	2-4-1808	3x1	Simplício Dias da Silva	Parnaíba	Diz que nas fazendas Salinas ou Sobradinho e Várzea existiam terras devolutas. Pede 3 léguas entre as ditas fazendas, fazendo pião no lugar chamado Apicum ou João Bento
683	20-4-1808	3x1	Raimundo Dias da Silva		Diz que entre as fazendas Várzea e Camurupim de Cima havia sobras de terras devolutas. Pede 3 léguas dessas terras.
688	26-11-1810	3x1	Anacleta Francisca da Conceição José Gomes de Araújo		Concede-se o sítio Gameleira, principiando das roças de Domingos de Freitas Caldas pelo riacho Igarçu abaixo.
719	18-2-1814		Antônio Martins Viana		Possui por compra a Casemiro Francisco Madeira de Matos em 1812, sem título, no riacho Salgadinho, pegando da Vargem de Caiçara Velha e seguindo pelo Riacho abaixo até contestar com o Pe. Domingos Francisco Braga, e por outro lado com terras dele suplicante e de outros.
711	20-6-1814		Domingos Ferreira de Veras		Possui o lugar Grossos ou S. Rosa. Quer sesmaria pegando 3 léguas de nascente – poente, da testada da fazenda Poção para o lugar Porteirão, onde o termo de Granja extrema com o da Vila de São João da Paraíba. Alargura de N. S. pegando do serrote Poção para a serra Santo Ilário

749 13-7-1818 José Benedito Ferreira de Veras

Diz que entre as terras possuídas pelo falecido João Alves Ferreira de Veras na fazenda Santana (Piauí) e o sítio Campos e a data que foi do falecido Domingos de Veras e Santa Rosa de Domingos Ferreira de Veras há uma caatinga sêca e devoluta em que pede 1-1/2 léguas por uma, pegando de Santa Rosa para o norte a confinar com os Campos e na largura do sítio Santana para o nascente a data de Domingos Ferreira Veras

SERRA DA IBIAPABA						
No	DATA	ÁREA	CONCESSIONÁRIO(S)	MORADA	LOCALIZAÇÃO	OBS
344	11-12-1708	1,5x1,5	Pe. Acenso Gago, Superior das Missões da Ibiapaba		Em cima da serra, além da terra lavradia que já se mediu para os índios, há uns tabuleiros de pastos agrestes que podem criar gado. Pede nestes tabuleiros, começando no princípio de um muritizal fronteiro a Ibiira, onde já tem o seu curral, e cortando pelo muritizal abaixo (poente) 1,5 léguas por $\frac{3}{4}$ para cada banda e mais em uma lagoa que está entre a Serra do Itaumbi e das Guaramirangas, $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{2}$ légua.	Ver data n.180 de 9-12-1706 também data n.147, de 3-9-1706
18	30-10-1712		Bernardo das Neves Gomes Rodrigo Henrique Barros Antonio Duarte de Vasconcelos	Ceará	Têm notícia de um rio Quagunhanha, que deságua no rio Colomin, que vai de parte do Jaguaribe por cima da Serra Ibiapaba e deságua no rio Piracuruca. Pedem da barra para baixo	
32	30-5-1716		Manuel Dias de Carvalho Francisco Carneiro		Pede o sítio Pindaré, na serra da Tabainha, que diz estar devoluto	
43	13-1-1717	2x1	Pe. Antonio de Matos, da C. J., reitor do colégio do Recife (Deve ser Coreau)		Diz que entre o sítio da Emboeira e a serra da Tabainha há terras devolutas, pelo que pede duas léguas começando do pé desta serra, cortando pelas extremas da Emboeira para o nascente e por outra parte correndo pelo pé da mesma serra até o Acarape. A largura das extremas da Emboeira até o pé da serra da Tabainha	
386	14-1-1718	2x2	Félix Coelho de Morais		Pede no lugar Acarape, pegando da descida para o Juazeiro buscando a aldeia de Tabainha	Diz que em cima da serra há terras devolutas, como no lugar Acarape
377	1-2-1718	2,5x0,5	Gaspar Capuranha, Índio Tabajara		Pede 2- $\frac{1}{2}$ x 1/2.	Entre a Serra Guajugá e o caminho que vai ao Acaraú descobriu um sítio

477	26-8-1720	3x1	D. José de Vasconcelos e seu filho D. Baltazar de Vasconcelos, índios tabajaras e principais de sua gente.			Descobriram o sítio e lugar chamado Jopepapa em terra devoluta ainda infestada de gentio bárbaro
1	30-11-1721	2x1	Sebastião Saraiva Conte (índio Tabajara principal de sua gente)	Ibiapaba	Diz ter descoberto no sítio Abajara (Ubajara) terras devolutas	
494	11-12-1745	3x1	Francisco da Silva Cardoso	Ceará	No brejo de Arara, buscando a Tirica que fica ao norte até se encher das 3 léguas	Descobriu e povoou o brejo de Arara em cima da serra dos Cocos, que verte para o rio Caratiús e ocupa de 4 para 5 anos
495	11-12-1745	3x1	Francisco da Silva Cardoso	Ceará	Pegando do olho d'água que está abaixo da Varge chamada Cidade, buscando as cabeceiras da Vareda da Aldeia e o olho d'água do Buraco, isto é, para o nordeste	Descobriu esses olhos d'água na sua vizinhança, na Serra dos Cocos
496	11-12-1745	3x1	Francisco da Silva Cardoso	Cureaú	Quer a confirmação em seu nome da perspectiva data. As terras são de casa banda do olho d'água da Cana Brava no rumo da Vargem Formosa	Possui um sítio que chamou S. Lourenço, sôbre a Serra dos Cocos, que comprou por sobras a João Teixeira Chaves
498	5-2-1746	5x1	João Ferreira Chaves	Ceará	Aí está de posse há 11 anos. Pede para confirmar em seu nome as terras acima do sítio Canindé, 1/5 pelo riacho das Éguas acima e 1,5 pelo riacho abaixo	Comprou a Domingos Ferreira Chaves um sítio de 5 léguas na Serra dos Cocos no riacho das Macambiras que corre de norte a sul e faz barra no rio do Jacaré, da parte do poente
521	27-2-1747		Leandro de Holanda Cavalcante Domingos Alves Ribeiro	Ceará Acaracu	Nas ilhargas de João Maia e testadas de João Pinto de Mesquita, buscando pela cinta da serra as nascentes do riacho S. Mateus e rumo da Puçaba	Em cima da serra nas nascentes do riacho S. Mateus há terras devolutas
598	22-6-1771	3x2	Antônio de Barros Galvão	Serra dos Cocos	Pede uma data no riacho Fresco, pegando das testadas da data do defunto João Ferreira Chaves, fazendo pião na Ipueira do Tamanduá e daí pelos ditos riachos acima	Possui um riacho chamado Olho d'água Grande na Serra dos Cocos, em que faz barra o riacho Fresco que corre de sul a norte, confrontando com outro, anexo à sua fazenda
609	13-10-1785	3x pelo que se achar	José Rodrigues de Aguiar		Onde tem posse no lugar do Olho d'água, compreendendo Olho d'água do Pajeú	Na Serra Grande da Vila Viçosa, um sítio dentro de morros e serrotes, entre as fazendas Imbueira e Carnaúba Furada
652	11-7-1792	3x1	Inácio do Amorim Barros	Viçosa	Descobriu nos confins da Capitania com o Piauí terras devolutas de que se apossou e quer agora posse judicial de 3 léguas, principiando do Morro da Canastra buscando a povoação de Baiaúma	

660	1-10-1796	3x1	Pe. Bonifácio Manuel Antônio Lelau, vigário de Viçosa (sítio Asimim)		Diz que há 12 anos está situado no Sítio Asimim nos confins da Serra Grande, buscando o Piauí, o qual fora descoberto pelo índio Mestre de Campo D. Filipe de Sousa e Castro que o possuiu durante a sua vida; por sua morte, o situou outro índio, o Capitão Mor, Manuel de Sousa que o abandonou depois por se ter ido para o Piauí, onde morreu. Quer a posse judicial do sítio Asimim, 3 léguas principiando do riacho Mata Fria até extremar com a fazenda Carnaubal, com uma légua de largo para o sul, extremado na boca da picada Jabuti e outra para o norte, extremado na fazenda Jurianha	
661	24-5-1797		Inácio João Barcelos	Viçosa	Comprara no sítio Riacho Sêco, nos confins e fora das extremas da Serra Grande (termo de Viçosa), buscando o Piauí, descoberto por Estevão Gonçalves Cardoso, mas ainda devoluto embora o tenha descobridor nêle morado. Quer a posse judicial do dito sítio	
401	17-4-1817	2x2	Manuel Dias de Carvalho		Pedem neste sítio 4x2 léguas	Sôbre a Serra de Tabainha até o sítio devoluto chamado Pindaré

ACARAÚ E AFLUENTES						
No	DATA	ÁREA	CONCESSIONÁRIO(S)	MORADA	LOCALIZAÇÃO	OBS
36	23-9-1683	3x2	Manuel de Gois Fernando de Gois Francisco Pereira Lima Manuel de Almeida Arruda Amaro Fernandes de Abreu Estevão de Figueiredo Simão de Gois de Vasconcelos	Pernambuco " Assistentes no Ceará " " "	Pelo rio acima, uma légua para cada banda	
44	19-7-1705	3x2	João Pereira de Veras Teresa de Jesus		A começar do mar	Já tiveram gado na capitania
48	16-9-1705	2x1	José de Lemos José Francisco	Ceará	Nas testadas dos últimos providos	
162	29-7-1706	3x1	Leonardo de Sá Mariana da Silva do Lago		Começando de onde confinam as terras de José Francisco	
160	6-8-1706		Leonardo de Sá	Acaraú	1 légua de comprimento inteirando-se com moritizais de Jucuoca, correndo rumo direto para Aracati-mirim	Nos salgados do Acaraú onde já estava situado
134	12-8-1706	3x1	Bento Coelho João Miz Barradas		Nas testadas de Antonio Pereira da Rocha	

154	12-9-1706	1/2x1	Pedro de Mendonça José da Silva do Lago Pe Filipe Pais Barreto		Começando da estrada real que vai do Ceará para a serra da Ibiapaba para baixo e 1-1/2 para cima	No riacho Acaraú-mirim
155	12-9-1706	2	Francisco Pereira Chaves Pe Domingos Gonçalves Chaves			No riacho do Paquera, que nasce do poente e corre para o nascente, vertente ao Acaraú
171	13-11-1706	3x2	Leonardo de Sá Félix da Cunha Linhares Bento Coelho Antonio Marques Leitão		Terras nos dois riachos, sem discriminação	Riacho Pacuíá, afluente do Acaraú e Arariáçu afluente do Curuaia
172	13-11-1706	3x1	Rodrigo da Costa de Araújo Catarina do Lago Francisco Alberto João de Barros Braga João de Almeida	Ceará e Pernambuco	No Apecuí, correndo a costa para o norte e no ribeiro Piranji (que verte para a Parnaíba). A largura é da pancada do mar 1/2 légua para dentro, 2x2 léguas para o sertão. No Piranji pegando da barra	Nos Salgados do Acaraú, lugar Apecuí e no ribeiro Piranji (Pq Parnaíba)
589	12-1-1707		Manuel Correia de Araújo		Pede confirmação porque a primeira data tirada por Bento Pereira não foi confirmada	Diz que comprou uma data no lugar Cariré que faz pião na lagoa das Pedras; para norte com uma lagoa por onde confronta com o Poço Danta e para sul outra lagoa que confronta com o sítio Almas que é seu; para os lados 1/2 légua para cada e limita-se ao nascente com os providos do Acaraú e ao poente com o Riacho Sêco, de que foi o primeiro possuidor, por o ter tido por data.
191	20-1-1707	3x1	Gonçalo Pessoa Cabral	Ceará	Pegando das testadas da data de Francisco Gil Ribeiro ou sua mãe D.a Maria ou dos últimos providos que se acham no riacho	No riacho Saibarauçu
225	16-5-1707	3x1	Félix da Cunha Linhares Maria de Sá	Ceará	Nas testadas do suplicante, pelo riacho Macaco	Nas ilhargas de Félix Linhares que se diz povoador da região do rio Acaraú riacho Macaco
226	16-5-1707	3x1	Félix Coelho João da Silva	Ceará	A começar da testeira de Maria de Sá	No riacho Macaco
277	7-1-1708	1/2	José de Lemos		No lugar Boa Vista, nas ilhargas dos providos de Acaraú pelo Jacurutu	Pediu uma légua no riacho Goairás que deságua no rio Acaraú, nas ilhargas da data que se concedeu
279	7-1-1708	1/2x1	Félix da Cunha Linhares	Ceará		No riacho afluente do Acaraú, que vem da serra Cujacu
281	7-1-1708	2x1	João da Mota Pereira Alexandre Albuquerque de Melo Cravo	Ceará	Começando nas ilhargas dos providos do rio Acaraú	No riacho June, que desagua no rio Acaraú e uma lagoa chamada Curimatã
282	7-1-1708	5x1	Paulo Lopes da Costa Micaela Gomes	Ceará	A terra de Paulo começa acima do mato da Boa Vista. Nas suas testadas começa terra de Micaela	No riacho Jacurutu que corre do nascente ao poente e faz barra com o Acaraú, abaixo dos picos Jariti

303	23-1-1708	3x1	Antônio Dias de Carvalho Antônio Nogueira de Carvalho	Ceará	Pegando das testadas de Francisco Pereira Chaves, no meio dos poços Inhore e Goarinigaba, entre o rio Acaraú e a Lagoa da Japuara ou Jacoara	
310	9-2-1708	3x1	Miguel Machado Freire José Machado Freire	Ceará	Pedem no riacho Goroairas, pegando do poço das Pedras que fica detrás do morro das Goroairas	
315	25-2-1708	2 +/-	Gonçalo Pessoa Cabral	Ceará	Pede a terra compreendida entre as duas datas que foram concedidas a Francisco Gil Ribeiro e compreende o sítio do poço Inheruçara	No riacho Jaibaruçu, afluente a Acaraú
278	7-7-1708	1/2x1	Félix da Cunha Linhares	Ceará	Pegando na confrontação da serra Tucunduba	No riacho Cachoeira, afluente do Acaraú. Vem do boqueirão da serra da Meruoca
328	23-10-1708	3x1	Bento Coelho de Moraes Maria José Verçosa Clara de Verçosa Linhares		Pedem 9 léguas, sendo 6 da lagoa para cima buscando a ponta da Serra da Taquara, que se estende da parte do sul; e da lagoa para baixo, 3 léguas	Descobriram uma lagoa chamada Cariré
338	2-11-1708	1,5x1,5	Domingos Madeira Diniz Pereira Daniel Pereira		Nas ilhargas do Acaraú, ao sul, deságua um riacho na vargem grande. Pede 1,5 por 1,5 pelo riacho acima	
340	29-11-1708	1x1	Brás Coelho de Moraes Luís Pereira Azevedo Gonçalo Vaz	Ceará	Da barra do riacho Panacu, afluente do Acaracu-mirim, 3 léguas por uma em busca dos boqueirões do lado da estrada que vai para a serra da Ibiapaba	No riacho Panacu, afluente do Acaracumirim
341	29-11-1708	1x1	Amaro de Moraes Antonio Correia Tomé Aguiar	Ceará	Começando das testeiras de Gonçalo Vaz pelo riacho Panacu	
11	27-11-1711	3x1	Manuel José de Lemos	Ceará	Pede no riacho Seco 3 léguas, começando da Cachoeira para cima ½ légua e para baixo 2-1/2	Pedi no Acaracu um sítio que foi concedido, mas na ilharga dele para lado da serra Ibiapaba, está o riacho seco que desagua no rio Igoimarias
29	21-1-1716	2x1	João de Sá Leonardo Correia			Dizem que descobriram terra devoluta entre o rio Acaracu e Curubauí, pegando no riacho Panacuí na testada dos últimos providos dele buscando a ponta da serra Tucunduba até uma lagoa que fica a ½ légua da ponta da serra e que se chama Lagoa das Pedras
30	29-2-1716	1x1	João de Sá	Ribeira do Acaracu		Diz que achou um sítio entre os rios Acaracu e Aracati-mirim na lagoa Inhengua Cui que está devoluto, o qual fora pedido já por Agostinho da Cruz e Amador Correia, que não povoaram. Quer aí 1x1 légua fazendo pião na dita lagoa
42	6-12-1716	3x1	Manuel Fernandes Carvalho João Fernandes Neto		Pedem 3 léguas buscando as testadas de Rodrigo da Costa de Araújo, com a largura que se achar até topor com a serra da Meruoca (mais ou menos ½ légua) e outro tanto da outra banda do poço	Dizem que descobriram um poço chamado Goiereguá por entre as serras do Boqueirão que corre emparelhado com a de Meruoca

57	2-9-1717	2x2	João de Almeida da Costa Manuel Coelho de Lemos Francisco de Mendonça João Pinto Vieira			Descobriram nas vertentes de uma ponta da Serra Ibiapaba que se chama Ipuçaba e vai ao rio Acaracu principiando em uma lagoa que está no pé da serra pela vertente abaixo, buscando o rio Janduí. Pedem para cada um 2 léguas e uma de largura para cada banda
59	2-10-1717	12x1	Gregório Barbosa Torquato da Rocha Josefa Paio Valente Domingos da Rocha Manuel Roiz Fraga Joaquim da Rocha		Pedem nele duas léguas para cada, pegando da barra para cima e meia légua para cada banda	Dizem que descobriram o riacho Janduí que nasce na serra da Ibiapaba e deságua no rio Acaracú
61	7-10-1717	3x1	Francisco da Costa Sebastião da Costa Maria da Costa Francisco de Mendonça João Pinto José de Paiva Joana Neta Custódio da Costa de Araújo Pedro Roiz de Araújo Francisco Peixoto			Dizem que descobriram terras devolutas nas cabeceiras do rio Acaracú, vertentes da corda da serra da Ibiapaba, buscando o rio Itaim, e começaram a povoar no poço do Quixeré para cima e para baixo e por todas as vertentes da dita serra para o rio Itaim. Pedem três léguas para cada
366	11-11-1717	2x1	Antonio Marques da Costa (pediu também terras no rio Mundaú, com Pelônio e Mateus da Costa. Ver data 365, do mesmo dia)	Ceará	Pede 2-1/2 léguas no riacho Madeira. Quer mais meia sobre a serra Uruburetama	Diz que nas ilhargas de Antônio Marques está o riacho do Madeira, que foi já pedido por Daniel Pereira e Domingos Madeira que não o povoaram
367	11-11-1717	3x1	Manuel Dias Neto		Pede 2 léguas no riacho Pirambeba e uma num olho d'água ao pé da Serra da Meruoca, onde confronta com o mesmo rio.	
411	2-6-1718	2x1	Brás Coelho de Moraes		Nas testadas de Pedro de Mendonça, que foram pedidas pelo Pe. Felipe País Barreto e outros e se acham prescritos	No riacho Acaraú-mirim

389	24-9-1718	2x1	Gregório Barbosa Antonio Pereira de Alvarenga Manuel Rosendo Fraga Manuel Soares de Sousa Catarina de Sousa	Ceará Pernambuco " " " " "	Nas testadas de Miguel Machado, pegando do poço das Pombas, cortando para o sul	No rio Groáiras
419	16-11-1718	2x1	Gregório Barbosa Torquato da Rocha José Dias Valente Manuel Roiz Fraga Domingos da Rocha Joaquim da Rocha Manuel Gomes Ferreira		Pegando das testeiras de Leonardo de Sá ou dos últimos heréus	No riacho Jatobá, que dizem ter descoberto
422	6-12-1718	3x1	Domingos Ferreira Chaves	Ceará	Pede 3 léguas nos olhos d'água de Guinoti, pegando das cabeceiras do Riachão pela fralda da serra buscando as cabeceiras do riacho Jurê	Diz que descobriu na ribeira do Acaraú os olhos d'água que o gentio chama Guinoti, nascentes no pé da Ibiapaba, buscando as cabeceiras do riacho Jurê. Diz que tais terras foram pedidas há mais de 10 anos pelo defunto Manuel Gomes de Oliveira que nunca as povoou e ficam nas testadas de Francisco Pereira Chaves
484	23-1-1721	3x1	Domingos da Costa de Araújo		Em uma ilharga sua para a banda da Serra da Ibiapaba há um riacho que chamam Sambaíba, em que pede 3 léguas buscando a serra, até contestar com a lagoa Sambaíba.	Diz já ter 3 léguas no riacho Jatobá que povoou e quer agora nas suas ilhargas no riacho Sambaíba
485	23-6-1721	6x1	Domingos da Costa de Araújo Francisco Peixoto de Araújo		Pedem 6 léguas pelo riacho acima, buscando a serra da Ibiapaba	Nas ilhargas do riacho Jatobá está um seu afluente, que deságua entre os dois morros do Jatobá e do Periquito que chamam de Passagem e ainda há outro chamado o riacho do Mocambo
39	17-7-1722	3x1	Francisco Alves Feitosa Lourenço Alves Feitosa José de Araújo Chaves Luís Vieira de Sousa Antonio Rodrigues Vidal João da Maia de Cordoa Lourenço Alves Penedo e Rocha Manuel Gomes Leitão		Nas cabeceiras da ribeira do Caracu, pegando dos últimos providos para cima	

47	14-8-1722		Manuel Dias Neto			Diz que tem a data do riacho da Onça que deságua no poço do Bodocongo, no riacho das Guarairas e não povoou por causa do tapuia levantado, pede, pois, no mesmo riacho da Onça, 3x1 léguas fazendo pião no poço das pedras do Aripuá, que confrontam com os morros chamados dos Irmãos
594	15-1-1745		Viúva Francisca Ferreira Diniz		Pede nova data e confirmação. Pegando da testada de Antônio Roiz Magalhães pelo rio acima	Possui o sítio Sobrado, com 2 léguas, que seu marido pediu por data
596	4-5-1745	3x1	Tomé Dias Ferreira (ou Pereira)		Pegando do Olho D'água de dentro , sendo 2 léguas pelas ilhargas do Acaracu acima e uma para baixo.	Nas ilhargas de sua data Barra dos Macacos, ao poente, pede 3 léguas
497	31-1-1746	3x1	Manuel Ribeiro do Vale	Aquirás	Começando das ilhargas dos providos do Acaracu ate apanhar um olho d'água que está nas cabeceiras do riacho logradouro aos seus gados	Na ribeira do Acaracu, no riacho de Tocaia que nunca foi povoado e corre acompanhando o riacho Pau Branco de um lado e o riacho dos Macacos do outro e faz barra no Acaracu
501	2-3-1746		José Bernardo Uchôa	Aquirás	Fazendo Pião no olho d'água do Mocambo, correndo 2 léguas para a parte do Coreaú, por entre a serra da Meruoca e o morro de Cachoeira, compreendendo o olho d'água da Jurema e uma légua para a parte de baixo. Pede retificação	Diz que comprou 3 léguas no olho d'água do Mocambo
502	2-3-1746	1/2x1	José Bernardo Uchôa	Aquirás	Meia légua, começando da estrada geral de Curuá para Pernambuco para cima, com uma légua de largo	Terras que comprou no riacho Jaibaras e pede confirmação da respectiva data
503	9-3-1746	3x1	Claudio de Sousa Brito (pede confirmação)		Pegando nas testeiras de Francisco Pereira Chaves, no poço de Jatubu pelo riacho e olho d'água acima, buscando a serra de Ibiapaba, terras que correm de norte para o sul	Possui 3 léguas no Pacujá em o riacho Caravatá (Croata) por compra a Manuel Dias de Carvalho e Antônio Nogueira de Carvalho
509	23-6-1746		Francisco Ferreira da Ponte		Pegando das Lajes, na ladeira do Capitão João Félix, buscando as testadas deste capitão, e ilhargas de Manuel Rodrigues Coelho, chamadas as ilhargas de Meruoquinha, no sítio Santo Antonio.	O sítio Boa Vista que descobriu
511	7-7-1746		Francisco Machado Freire		Pede confirmação das terras e riacho dos Bois (3x1), que serve de logradouro à fazenda S. Damião	Já possui o sítio Riacho dos Bois por data que pediu em 1736, o qual é pegado a outro chamado S. Damião, que houve por doação de seu tio, Domingos Machado Freire, conforme a data que apresenta
	26-9-1746		Vicente Álvares da Fonseca		Pede confirmação de sesmaria no Ceará	
516	20-12-1746	3x1	Antônio Gomes Bitancôr		Pegando do poço Jacurutu para cima pelo riacho Pacujá	Possui terras que povoou há muitos anos
517	20-12-1746	3x1	Antônio Garcia de Sá		Pegando do poço Jacurutu para cima pelo riacho Pacujá	Possui terras que povoou há muitos anos

520	18-1-1747	2x1	Manuel Correia de Araújo			Comprou as terras do Cariré que faz pião na Lagoa das Pedras, correndo para o norte com uma légua por onde confronta com o poço Danta e para o sul outra légua onde confronta com as Almas; ao nascente, com os providos do Acaracu ao ponte com o Riacho Sêco
518	19-1-1747	3x1	Manuel Correia de Araújo Sebastião Dias Madeira		Pegando do último provido D. Maria Gil, rio acima: para o primeiro, 2 léguas no sítio Almas; para o segundo, nas testadas daquele, no lugar Curimatã Açu	Compraram 4 léguas na ribeira do Acaracu
519	19-1-1747	3x1	Manuel Correia de Araújo		Correndo pelo riacho Sêco acima, pegando em uma cachoeira	Houve por compra 3 léguas no lugar riacho Sêco, junto a sua fazenda Almas, com a qual confronta pelo nascente; pelo norte com a fazenda Poço da Anta e pelo sul com terras do Cariré, que são suas
527	12-1-1748	3x1	João Aguiar Ferreira Bento do Rêgo Bessa		Pegando dos últimos providos, segundo rumo do poente, donde vem o dito rio	No rio Acaracu-mirim
532	4-7-1748	2x1	Viúva Francisca Ferreira Diniz	Acaracu	Pegando das testeiras de Antonio Roiz Magalhães pelo rio acima. Pede retificação	Na ribeira do Acaracu no lugar que chamam o Sobrado, terras que seu marido obtivera por data
530	9-7-1748	2x1	Viúva Francisca Ferreira Diniz	Acaracu	Pegando nas testadas de outro sítio seu. Pede nova data de confirmação	Tem o sítio Poço Danta na ribeira do Acaracu que comprou o seu marido Manuel Nogueira Cardoso a Francisco Gil Ribeiro
544	20-8-1750	3x1	Francisco Machado Freire	Ribeira do Acaracu	Pede nova data as terras do Riacho dos Bois, em confirmação	Possui as terras do riacho dos Bois, data de 1736 que é pegado a outro que chamam S. Damião, que obteve por doação de seu tio Domingos Machado Freire
546	2-9-1750	3x1	Domingos da Cunha Linhares	Ribeira do Acaracu	Pegando das ilhargas do rio Acaracu, buscando a serra de Caioca	Diz que povoou o riacho Caioca há mais de 26 anos, afluente do Acaracu, no sítio S. José, que é seu.
545	3-9-1750	2x1	Domingos da Cunha Linhares	Ribeira do Acaracu	Pede as terras deste riacho Frecheiras, principiando da barra no riacho de Meruoca	Diz que em 1725 descobriu em cima da Serra da Meruoca o riacho das Frecheiras, que povoou
550	4-2-1751	1x1	José Roiz Leitão	Morador da lagoa do Capim, Acaracu	Pegando das testadas de Manuel Madeira de Matos até a lagoa de S. Lourenço	Diz morar na lagoa do Capim, ribeira do Groaíras em terras que teve por dote de seu sogro, o defunto José Machado
555	8-3-1751	3x1	Tomé Dias Pereira		Pegando das testadas de José Francisco, no sítio Curimatã que agora pertence a Sebastião Dias Madeira, 3 léguas pelo rio Acaracu. Pede comprovação e nova data	Diz que arrematou o sítio da Barra do Macaco, pedido por data por Domingos da Costa de Araújo em 1706, que o povoou e depois vendeu a Dionísio Dias Pereira
595	8-3-1751	3x1	Tomé Dias Ferreira (ou Pereira)		Pegando das testadas de José Francisco, no sítio Curimatã, que é hoje de Sebastião Dias Madeira	Arrematou 3 léguas no sítio Barra do Macaco que fora pedido por data por Domingos da Costa Araújo em 1706 e o povoou e vendeu depois ao defunto Dionísio Pereira
566	28-7-1751	3x1	João da Mota Pereira		Pegando nas ilhargas dos providos do rio Acaracu	Diz que há um ano possui 3 léguas no riacho Jurê que obteve por data 2 léguas e uma por compra

588	29-7-1751	3x1	João da Mota Pereira		Pede confirmação 3 léguas no riacho Juré pegando as ilhargas dos providos do Acaracu	Diz que há muitos anos é dono de 3 léguas no riacho Juré, que houve por data
572	28-4-1752	2x1	Antônio Gomes Bitancur		Nas ilhargas do Cravatá pelo poente pede 2 léguas, pegando de sua ilharga	Diz que é dono do sítio Cravatá, onde mora
573	16-6-1752	3x1	Manuel Ferreira Tôrres	Acaracu	Do poço $\frac{1}{4}$ de légua para cima pelo riacho Timbaúba e 2-3/4 para baixo	Há terras devolutas ao nascente da data que pediu Manuel Roiz Coelho em 1744, no riacho do Madeira e Poço dos Bezerros, onde há outro riacho chamado Timbaúba, que tem um poço do mesmo nome
591	22-4-1767	3x1	Manuel Ferreira Torres	Acaracu, no riacho do Madeira	Pegando na Alagoa do Arrebita que está à beira do riacho Sabonete e por este acima, rumo do sul até se inteirar	Povoou o o sítio Conceição no riacho Madeira, comprado a Manuel Roiz Coelho, que o alcançou por data. Pede terras ao poente, que são devolutas
549	10-12-1780	3x1	Manuel Ferreira Pinto		Pegando das ilhargas do rio Acaracu, buscando a serra de Caioca	Possui no Riacho das Rôlas, que deságua no Acaracú, há 36 anos, e que acima do seu curral $\frac{1}{2}$ légua mais ou menos, ao poente, deságua no Riacho das Rôlas o riacho das Cacimbas
635	25-11-1790		Gonçalo Pereira da Cunha		Quer a posse judicial de 3x1 léguas, compreendendo um boqueirão e saco anexo à mesma serra na ribeira do Acaracu	Possui há 4 anos um sítio na Serra Verde, que confronta ao nascente, poente e norte com Jerônimo Machado Vieira
710	30-4-1814		Antônio Pinto de Macedo	Fazenda Riacho Novo	Pede por data as ilhargas que pegam da parte de baixo ou do sul, barra do riacho Jabuti, que core encostado ao dito rio, nas ilhargas da sua dita terra que extrema na barra do dito riacho Jabuti com terras de Veríssimo Rodrigues Magalhães e da parte do sul com terra da viúva Joana Maria Ferreira, correndo o riacho Jabuti pela parte do nascente até confrontar com o Groaíras, terras de Manuel Machado Freire	Possui uma fazenda no riacho Jacurutu
716	21-11-1814	3x1	Vicente Alves da Fonseca		Diz que nas ilhargas das suas fazendas S. Quitéria e Pé de Serra, para o poente, há terras devolutas e pede aí 3 léguas pegando das extremas da fazenda S. Quitéria pelas ilhargas acima até entestar com as ilhargas da fazenda Pé de Serra, preenchendo as 3 léguas e na largura, pegando das mesmas ilhargas até as cabeceiras do riacho do Boqueirão, que corre de nascente e poente e deságua no riacho das Carnaúbas nos limites das freguesias Serra dos Cocos e Sobral	

722	4-7-1815		João Rodrigues Damasceno		Diz que cria seus gados nos lugares Juá, à margem do rio Groaíras, da parte do poente, e Barra, no rio Sabonete, ao nascente. Diz que entre essas duas situações há sobras devolutas de que pede 1,5 légua de comprimento, pegando das extremas da Alagoa das Bestas, de Francisco Gonçalves Freire, procurando o lugar Baixa, por um riachinho acima até contestar com as terras da fazenda Croaíras, de Manuel Machado Freire, com a largura que se achar
728	18-6-1817		Diogo Lopes de Araújo Costa		Diz que é senhor de uma sesmaria na ribeira do Acaracu, há mais de 20 anos, no lugar Lagoa do Mato onde está situado e como há aí um riacho dito do Prata que corre de sul a norte, que ele cultivava também há mais de 20 anos, pede como sobras dos héreus confinantes, limitando-se ao nascente com terras da Cruz, Lagoa Sêca e Malassombrado, e Francisco Antônio Linhares e com a sua Lagoa de Mato; ao poente com terras de Antonio da Silva Barros (de Granja) e ao nascente com terras do Castilha, do termo da Granja, e terras da Timbaúba e ao sul com a mesma Lagoa do Mato
769	30-3-1822	3x1	Vicente Álvares da Fonseca	Pede por este riacho acima (que serve de extremas entre êle e Inácio Parente), 3 léguas somente, para o nascente, pegando das testadas dos providos do rio Macaco ou suas ilhargas, correndo rumo do riacho a contestar com suas terras	Diz que entre as suas terras de Lajes, Cobras, S. Maria, e as terras das fazendas Vitória e Varge, de Inácio Gomes Parente, nos limites do termo de Vila Nova com Sobral, há terras devolutas pelo riacho do Gado
770	3-6-1822	3x1	Inácio Gomes Parente		Diz que entre as suas fazendas Vitória e Varge e as de Vicente Alves, Lajes, Cobras e Santa Maria, no riacho Gado, há terras devolutas. Pede nele 3 léguas pelo lado do nascente
	17-12-1822		Inácio Gomes Parente	Pede confirmação de sesmarias no Ceará	
	17-12-1822		Inácio Gomes Parente	Pede confirmação de sesmarias no Ceará	
234	s/d	2	Capitão Pedro de Mendonça	Lagoa da Aldeia Velha "Data e sesmaria do Capitão Pedro de Mendonça, de duas léguas de terra, começando da Lagoa da Aldeia Velha, chamada Caperoaba, buscando o correjo que vem de Acaraú, fazendo barra no correjo da Parangaba	

ACARAÚ E AFLUENTES						
No	DATA	ÁREA	CONCESSIONÁRIO(S)	MORADA	LOCALIZAÇÃO	OBS
36	23-9-1683	3x2	Manuel de Gois Fernando de Gois Francisco Pereira Lima Manuel de Almeida Arruda Amaro Fernandes de Abreu Estevão de Figueiredo Simão de Gois de Vasconcelos	Pernambuco " Assistentes no Ceará " " "	Pelo rio acima, uma légua para cada banda	
44	19-7-1705	3x2	João Pereira de Veras Teresa de Jesus		A começar do mar	Já tiveram gado na capitania
48	16-9-1705	2x1	José de Lemos José Francisco	Ceará	Nas testadas dos últimos providos	
162	29-7-1706	3x1	Leonardo de Sá Mariana da Silva do Lago		Começando de onde confinam as terras de José Francisco	
160	6-8-1706		Leonardo de Sá	Acaraú	1 légua de comprimento inteirando-se com moritizais de Jucuoca, correndo rumo direto para Aracati-mirim	Nos salgados do Acaraú onde já estava situado
134	12-8-1706	3x1	Bento Coelho João Miz Barradas		Nas testadas de Antonio Pereira da Rocha	
154	12-9-1706	1/2x1	Pedro de Mendonça José da Silva do Lago Pe Filipe Pais Barreto		Começando da estrada real que vai do Ceará para a serra da Ibiapaba para baixo e 1-1/2 para cima	No riacho Acaraú-mirim
155	12-9-1706	2	Francisco Pereira Chaves Pe Domingos Gonçalves Chaves			No riacho do Paquera, que nasce do poente e corre para o nascente, vertente ao Acaraú
171	13-11-1706	3x2	Leonardo de Sá Félix da Cunha Linhares Bento Coelho Antonio Marques Leitão		Terras nos dois riachos, sem discriminação	Riacho Pacuíá, afluente do Acaraú e Arariaçu afluente do Curuaia
172	13-11-1706	3x1	Rodrigo da Costa de Araújo Catarina do Lago Francisco Alberto João de Barros Braga João de Almeida	Ceará e Pernambuco	No Apecuí, correndo a costa para o norte e no ribeiro Piranji (que verte para a Parnaíba). A largura é da pancada do mar 1/2 légua para dentro, 2x2 léguas para o sertão. No Piranji pegando da barra	Nos Salgados do Acaraú, lugar Apecuí e no ribeiro Piranji (Pq Parnaíba)

589	12-1-1707		Manuel Correia de Araújo		Pede confirmação porque a primeira data tirada por Bento Pereira não foi confirmada	Diz que comprou uma data no lugar Cariré que faz pião na lagoa das Pedras; para norte com uma lagoa por onde confronta com o Poço Danta e para sul outra lagoa que confronta com o sítio Almas que é seu; para os lados ½ légua para cada e limita-se ao nascente com os providos do Acaracu e ao poente com o Riacho Sêco, de que foi o primeiro possuidor, por o ter tido por data.
191	20-1-1707	3x1	Gonçalo Pessoa Cabral	Ceará	Pegando das testadas da data de Francisco Gil Ribeiro ou sua mãe D.a Maria ou dos últimos providos que se acham no riacho	No riacho Saibarauaçu
225	16-5-1707	3x1	Félix da Cunha Linhares Maria de Sá	Ceará	Nas testadas do suplicante, pelo riacho Macaco	Nas ilhargas de Félix Linhares que se diz povoador da região do rio Acaraú riacho Macaco
226	16-5-1707	3x1	Félix Coelho João da Silva	Ceará	A começar da testeira de Maria de Sá	No riacho Macaco
277	7-1-1708	½	José de Lemos		No lugar Boa Vista, nas ilhargas dos providos de Acaraú pelo Jacurutu	Pedi uma légua no riacho Goaraíras que deságua no rio Acaraú, nas ilhargas da data que se concedeu
279	7-1-1708	1/2x1	Félix da Cunha Linhares	Ceará		No riacho afluente do Acaraú, que vem da serra Cujacu
281	7-1-1708	2x1	João da Mota Pereira Alexandre Albuquerque de Melo Cravo	Ceará	Começando nas ilhargas dos providos do rio Acaraú	No riacho June, que desagua no rio Acaraú e uma lagoa chamada Curimatã
282	7-1-1708	5x1	Paulo Lopes da Costa Micaela Gomes	Ceará	A terra de Paulo começa acima do mato da Boa Vista. Nas suas testadas começa terra de Micaela	No riacho Jacurutu que corre do nascente ao poente e faz barra com o Acaraú, abaixo dos picos Jariti
303	23-1-1708	3x1	Antônio Dias de Carvalho Antônio Nogueira de Carvalho	Ceará	Pegando das testadas de Francisco Pereira Chaves, no meio dos poços Inhore e Goarinigaba, entre o rio Acaraú e a Lagoa da Japua ou Jacoara	
310	9-2-1708	3x1	Miguel Machado Freire José Machado Freire	Ceará	Pedem no riacho Goroaíras, pegando do poço das Pedras que fica detrás do morro das Goroaíras	
315	25-2-1708	2 +/-	Gonçalo Pessoa Cabral	Ceará	Pede a terra compreendida entre as duas datas que foram concedidas a Francisco Gil Ribeiro e compreende o sítio do poço Inheruquara	No riacho Jaibarucu, afluente a Acaraú
278	7-7-1708	1/2x1	Félix da Cunha Linhares	Ceará	Pegando na confrontação da serra Tucunduba	No riacho Cachoeira, afluente do Acaraú. Vem do boqueirão da serra da Meruoca
328	23-10-1708	3x1	Bento Coelho de Morais Maria José Verçosa Clara de Verçosa Linhares		Pedem 9 léguas, sendo 6 da lagoa para cima buscando a ponta da Serra da Taquara, que se estende da parte do sul; e da lagoa para baixo, 3 léguas	Descobriram uma lagoa chamada Cariré
338	2-11-1708	1,5x1,5	Domingos Madeira Diniz Pereira Daniel Pereira		Nas ilhargas do Acaraú, ao sul, deságua um riacho na vargem grande. Pede 1,5 por 1,5 pelo riacho acima	

340	29-11-1708	1x1	Brás Coelho de Morais Luís Pereira Azevedo Gonçalo Vaz	Ceará	Da barra do riacho Panacu, afluente do Acaracu-mirim, 3 léguas por uma em busca dos boqueirões do lado da estrada que vai para a serra da Ibiapaba	No riacho Panacu, afluente do Acaracumirim
341	29-11-1708	1x1	Amaro de Morais Antonio Correia Tomé Aguiar	Ceará	Começando das testeiras de Gonçalo Vaz pelo riacho Panacu	
11	27-11-1711	3x1	Manuel José de Lemos	Ceará	Pede no riacho Seco 3 léguas, começando da Cachoeira para cima ½ légua e para baixo 2-1/2	Pedi no Acaracu um sítio que foi concedido, mas na ilharga dele para lado da serra Ibiapaba, está o riacho seco que desagua no rio Igoimarias
29	21-1-1716	2x1	João de Sá Leonardo Correia			Dizem que descobriram terra devoluta entre o rio Acaracu e Curubauí, pegando no riacho Panacuí na testada dos últimos providos dele buscando a ponta da serra Tucunduba até uma lagoa que fica a ½ légua da ponta da serra e que se chama Lagoa das Pedras
30	29-2-1716	1x1	João de Sá	Ribeira do Acaracu		Diz que achou um sítio entre os rios Acaracu e Aracati-mirim na lagoa Inhengua Cui que está devoluto, o qual fora pedido já por Agostinho da Cruz e Amador Correia, que não povoaram. Quer aí 1x1 légua fazendo pião na dita lagoa
42	6-12-1716	3x1	Manuel Fernandes Carvalho João Fernandes Neto		Pedem 3 léguas buscando as testadas de Rodrigo da Costa de Araújo, com a largura que se achar até topar com a serra da Meruoca (mais ou menos ½ légua) e outro tanto da outra banda do poço	Dizem que descobriram um poço chamado Goieregá por entre as serras do Boqueirão que corre emparelhado com a de Meruoca
57	2-9-1717	2x2	João de Almeida da Costa Manuel Coelho de Lemos Francisco de Mendonça João Pinto Vieira			Descobriram nas vertentes de uma ponta da Serra Ibiapaba que se chama Ipuçaba e vai ao rio Acaracu principiando em uma lagoa que está no pé da serra pela vertente abaixo, buscando o rio Janduí. Pedem para cada um 2 léguas e uma de largura para cada banda
59	2-10-1717	12x1	Gregório Barbosa Torquato da Rocha Josefa Paio Valente Domingos da Rocha Manuel Roiz Fraga Joaquim da Rocha		Pedem nele duas léguas para cada, pegando da barra para cima e meia légua para cada banda	Dizem que descobriram o riacho Jandaí que nasce na serra da Ibiapaba e deságua no rio Acaracú

61	7-10-1717	3x1	Francisco da Costa Sebastião da Costa Maria da Costa Francisco de Mendonça João Pinto José de Paiva Joana Neta Custódio da Costa de Araújo Pedro Roiz de Araújo Francisco Peixoto			Dizem que descobriram terras devolutas nas cabeceiras do rio Acaracú, vertentes da corda da serra da Ibiapaba, buscando o rio Itaim, e começaram a povoar no poço do Quixerê para cima e para baixo e por todas as vertentes da dita serra para o rio Itaim. Pedem três léguas para cada
366	11-11-1717	2x1	Antonio Marques da Costa (pediu também terras no rio Mundaú, com Pelônio e Mateus da Costa. Ver data 365, do mesmo dia)	Ceará	Pede 2-1/2 léguas no riacho Madeira. Quer mais meia sobre a serra Uruburetama	Diz que nas ilhargas de Antônio Marques está o riacho do Madeira, que foi já pedido por Daniel Pereira e Domingos Madeira que não o povoaram
367	11-11-1717	3x1	Manuel Dias Neto		Pede 2 léguas no riacho Pirambeba e uma num olho d'água ao pé da Serra da Meruoca, onde confronta com o mesmo rio.	
411	2-6-1718	2x1	Brás Coelho de Moraes		Nas testadas de Pedro de Mendonça, que foram pedidas pelo Pe. Felipe País Barreto e outros e se acham prescritos	No riacho Acaraú-mirim
389	24-9-1718	2x1	Gregório Barbosa Antonio Pereira de Alvarenga Manuel Rosendo Fraga Manuel Soares de Sousa Catarina de Sousa	Ceará Pernambuco " " " " "	Nas testadas de Miguel Machado, pegando do poço das Pombas, cortando para o sul	No rio Groáiras
419	16-11-1718	2x1	Gregório Barbosa Torquato da Rocha José Dias Valente Manuel Roiz Fraga Domingos da Rocha Joaquim da Rocha Manuel Gomes Ferreira		Pegando das testeiras de Leonardo de Sá ou dos últimos heréus	No riacho Jatobá, que dizem ter descoberto

422	6-12-1718	3x1	Domingos Ferreira Chaves	Ceará	Pede 3 léguas nos olhos d'água de Guinoti, pegando das cabeceiras do Riachão pela fralda da serra buscando as cabeceiras do riacho Jurê	Diz que descobriu na ribeira do Acaraú os olhos d'água que o gentio chama Guinoti, nascentes no pé da Ibiapaba, buscando as cabeceiras do riacho Jurê. Diz que tais terras foram pedidas há mais de 10 anos pelo defunto Manuel Gomes de Oliveira que nunca as povoou e ficam nas testadas de Francisco Pereira Chaves
484	23-1-1721	3x1	Domingos da Costa de Araújo		Em uma ilharga sua para a banda da Serra da Ibiapaba há um riacho que chamam Sambaíba, em que pede 3 léguas buscando a serra, até contestar com a lagoa Sambaíba.	Diz já ter 3 léguas no riacho Jatobá que povoou e quer agora nas suas ilhargas no riacho Sambaíba
485	23-6-1721	6x1	Domingos da Costa de Araújo Francisco Peixoto de Araújo		Pedem 6 léguas pelo riacho acima, buscando a serra da Ibiapaba	Nas ilhargas do riacho Jatobá está um seu afluente, que deságua entre os dois morros do Jatobá e do Periquito que chamam de Passagem e ainda há outro chamado o riacho do Mocambo
39	17-7-1722	3x1	Francisco Alves Feitosa Lourenço Alves Feitosa José de Araújo Chaves Luís Vieira de Sousa Antonio Rodrigues Vidal João da Maia de Cordoa Lourenço Alves Penedo e Rocha Manuel Gomes Leitão		Nas cabeceiras da ribeira do Caracu, pegando dos últimos providos para cima	
47	14-8-1722		Manuel Dias Neto			Diz que tem a data do riacho da Onça que deságua no poço do Bodocongo, no riacho das Guaraíras e não povoou por causa do tapuia levantado, pede, pois, no mesmo riacho da Onça, 3x1 léguas fazendo pião no poço das pedras do Aripuá, que confrontam com os morros chamados dos Irmãos
594	15-1-1745		Viúva Francisca Ferreira Diniz		Pede nova data e confirmação. Pegando da testada de Antônio Roiz Magalhães pelo rio acima	Possui o sítio Sobrado, com 2 léguas, que seu marido pediu por data
596	4-5-1745	3x1	Tomé Dias Ferreira (ou Pereira)		Pegando do Olho D'água de dentro, sendo 2 léguas pelas ilhargas do Acaracu acima e uma para baixo.	Nas ilhargas de sua data Barra dos Macacos, ao poente, pede 3 léguas
497	31-1-1746	3x1	Manuel Ribeiro do Vale	Aquirás	Começando das ilhargas dos providos do Acaracu ate apanhar um olho d'água que está nas cabeceiras do riacho logradouro aos seus gados	Na ribeira do Acaracu, no riacho de Tocaia que nunca foi povoado e corre acompanhando o riacho Pau Branco de um lado e o riacho dos Macacos do outro e faz barra no Acaracu

501	2-3-1746		José Bernardo Uchôa	Aquirás	Fazendo Pião no olho d'água do Mocambo, correndo 2 léguas para a parte do Coreau, por entre a serra da Meruoca e o morro de Cachoeira, compreendendo o olho d'água da Jurema e uma légua para a parte de baixo. Pede retificação	Diz que comprou 3 léguas no olho d'água do Mocambo
502	2-3-1746	1/2x1	José Bernardo Uchôa	Aquirás	Meia légua, começando da estrada geral de Curuá para Pernambuco para cima, com uma légua de largo	Terras que comprou no riacho Jaibaras e pede confirmação da respectiva data
503	9-3-1746	3x1	Claudio de Sousa Brito (pede confirmação)		Pegando nas testeiras de Francisco Pereira Chaves, no poço de Jatubu pelo riacho e olho d'água acima, buscando a serra de Ibiapaba, terras que correm de norte para o sul	Possui 3 léguas no Pacujá em o riacho Caravatá (Croatá) por compra a Manuel Dias de Carvalho e Antônio Nogueira de Carvalho
509	23-6-1746		Francisco Ferreira da Ponte		Pegando das Lajes, na ladeira do Capitão João Félix, buscando as testadas deste capitão, e ilhargas de Manuel Rodrigues Coelho, chamadas as ilhargas de Meruoquina, no sítio Santo Antonio.	O sítio Boa Vista que descobriu
511	7-7-1746		Francisco Machado Freire		Pede confirmação das terras e riacho dos Bois (3x1), que serve de logradouro à fazenda S. Damião	Já possui o sítio Riacho dos Bois por data que pediu em 1736, o qual é pegado a outro chamado S. Damião, que houve por doação de seu tio, Domingos Machado Freire, conforme a data que apresenta
	26-9-1746		Vicente Álvares da Fonseca		Pede confirmação de sesmaria no Ceará	
516	20-12-1746	3x1	Antônio Gomes Bitancôr		Pegando do poço Jacurutu para cima pelo riacho Pacujá	Possui terras que povoo há muitos anos
517	20-12-1746	3x1	Antônio Garcia de Sá		Pegando do poço Jacurutu para cima pelo riacho Pacujá	Possui terras que povoo há muitos anos
520	18-1-1747	2x1	Manuel Correia de Araújo			Comprou as terras do Cariré que faz pião na Lagoa das Pedras, correndo para o norte com uma légua por onde confronta com o poço Danta e para o sul outra légua onde confronta com as Almas; ao nascente, com os providos do Acaracu ao ponte com o Riacho Sêco
518	19-1-1747	3x1	Manuel Correia de Araújo Sebastião Dias Madeira		Pegando do último provido D. Maria Gil, rio acima: para o primeiro, 2 léguas no sítio Almas; para o segundo, nas testadas daquele, no lugar Curimatã Açu	Compraram 4 léguas na ribeira do Acaracu
519	19-1-1747	3x1	Manuel Correia de Araújo		Correndo pelo riacho Sêco acima, pegando em uma cachoeira	Houve por compra 3 léguas no lugar riacho Sêco, junto a sua fazenda Almas, com a qual confronta pelo nascente; pelo norte com a fazenda Poço da Anta e pelo sul com terras do Cariré, que são suas
527	12-1-1748	3x1	João Aguiar Ferreira Bento do Rêgo Bessa		Pegando dos últimos providos, segundo rumo do poente, donde vem o dito rio	No rio Acaracu-mirim
532	4-7-1748	2x1	Viúva Francisca Ferreira Diniz	Acaracu	Pegando das testeiras de Antonio Roiz Magalhães pelo rio acima. Pede retificação	Na ribeira do Acaracu no lugar que chamam o Sobrado, terras que seu marido obtivera por data

530	9-7-1748	2x1	Viúva Francisca Ferreira Diniz	Acaracu	Pegando nas testadas de outro sítio seu. Pede nova data de confirmação	Tem o sítio Poço Danta na ribeira do Acaracu que comprou o seu marido Manuel Nogueira Cardoso a Francisco Gil Ribeiro
544	20-8-1750	3x1	Francisco Machado Freire	Ribeira do Acaracu	Pede nova data as terras do Riacho dos Bois, em confirmação	Possui as terras do riacho dos Bois, data de 1736 que é pegado a outro que chamam S. Damião, que obteve por doação de seu tio Domingos Machado Freire
546	2-9-1750	3x1	Domingos da Cunha Linhares	Ribeira do Acaracu	Pegando das ilhargas do rio Acaracu, buscando a serra de Caioca	Diz que povoou o riacho Caioca há mais de 26 anos, afluente do Acaracu, no sítio S. José, que é seu.
545	3-9-1750	2x1	Domingos da Cunha Linhares	Ribeira do Acaracu	Pede as terras deste riacho Frecheiras, principiando da barra no riacho de Meruoca	Diz que em 1725 descobriu em cima da Serra da Meruoca o riacho das Frecheiras, que povoou
550	4-2-1751	1x1	José Roiz Leitão	Morador da lagoa do Capim, Acaracu	Pegando das testadas de Manuel Madeira de Matos até a lagoa de S. Lourenço	Diz morar na lagoa do Capim, ribeira do Groaíras em terras que teve por dote de seu sogro, o defunto José Machado
555	8-3-1751	3x1	Tomé Dias Pereira		Pegando das testadas de José Francisco, no sítio Curimatã que agora pertence a Sebastião Dias Madeira, 3 léguas pelo rio Acaracu. Pede comprovação e nova data	Diz que arrematou o sítio da Barra do Macaco, pedido por data por Domingos da Costa de Araújo em 1706, que o povoou e depois vendeu a Dionísio Dias Pereira
595	8-3-1751	3x1	Tomé Dias Ferreira (ou Pereira)		Pegando das testadas de José Francisco, no sítio Curimatã, que é hoje de Sebastião Dias Madeira	Arrematou 3 léguas no sítio Barra do Macaco que fora pedido por data por Domingos da Costa Araújo em 1706 e o povoou e vendeu depois ao defunto Dionísio Pereira
566	28-7-1751	3x1	João da Mota Pereira		Pegando nas ilhargas dos providos do rio Acaracu	Diz que há um ano possui 3 léguas no riacho Jurê que obteve por data 2 léguas e uma por compra
588	29-7-1751	3x1	João da Mota Pereira		Pede confirmação 3 léguas no riacho Jurê pegando as ilhargas dos providos do Acaracu	Diz que há muitos anos é dono de 3 léguas no riacho Jurê, que houve por data
572	28-4-1752	2x1	Antônio Gomes Bitancur		Nas ilhargas do Cravatá pelo poente pede 2 léguas, pegando de sua ilharga	Diz que é dono do sítio Cravatá, onde mora
573	16-6-1752	3x1	Manuel Ferreira Tôres	Acaracu	Do poço ¼ de légua para cima pelo riacho Timbaúba e 2-3/4 para baixo	Há terras devolutas ao nascente da data que pediu Manuel Roiz Coelho em 1744, no riacho do Madeira e Poço dos Bezerros, onde há outro riacho chamado Timbaúba, que tem um poço do mesmo nome
591	22-4-1767	3x1	Manuel Ferreira Torres	Acaracu, no riacho do Madeira	Pegando na Alagoa do Arrebita que está à beira do riacho Sabonete e por este acima, rumo do sul até se inteirar	Povoou o o sítio Conceição no riacho Madeira, comprado a Manuel Roiz Coelho, que o alcançou por data. Pede terras ao poente, que são devolutas
549	10-12-1780	3x1	Manuel Ferreira Pinto		Pegando das ilhargas do rio Acaracu, buscando a serra de Caioca	Possui no Riacho das Rôlas, que deságua no Acaracú, há 36 anos, e que acima do seu curral ½ légua mais ou menos, ao poente, deságua no Riacho das Rôlas o riacho das Cacimbas
635	25-11-1790		Gonçalo Pereira da Cunha		Quer a posse judicial de 3x1 léguas, compreendendo um boqueirão e saco anexo à mesma serra na ribeira do Acaracu	Possui há 4 anos um sítio na Serra Verde, que confronta ao nascente, poente e norte com Jerônimo Machado Vieira

710	30-4-1814		Antônio Pinto de Macedo	Fazenda Riacho Novo	Pede por data as ilhargas que pegam da parte de baixo ou do sul, barra do riacho Jabuti, que corre encostado ao dito rio, nas ilhargas da sua dita terra que extrema na barra do dito riacho Jabuti com terras de Veríssimo Rodrigues Magalhães e da parte do sul com terra da viúva Joana Maria Ferreira, correndo o riacho Jabuti pela parte do nascente até confrontar com o Groaíras, terras de Manuel Machado Freire	Possui uma fazenda no riacho Jacurutu
716	21-11-1814	3x1	Vicente Alves da Fonseca		Diz que nas ilhargas das suas fazendas S. Quitéria e Pé de Serra, para o poente, há terras devolutas e pede aí 3 léguas pegando das extremas da fazenda S. Quitéria pelas ilhargas acima até entestar com as ilhargas da fazenda Pé de Serra, preenchendo as 3 léguas e na largura, pegando das mesmas ilhargas até as cabeceiras do riacho do Boqueirão, que corre de nascente e poente e deságua no riacho das Carnaúbas nos limites das freguesias Serra dos Cocos e Sobral	
722	4-7-1815		João Rodrigues Damasceno			Diz que cria seus gados nos lugares Juá, à margem do rio Groaíras, da parte do poente, e Barra, no rio Sabonete, ao nascente. Diz que entre essas duas situações há sobras devolutas de que pede 1,5 légua de comprimento, pegando das extremas da Alagoa das Bestas, de Francisco Gonçalves Freire, procurando o lugar Baixa, por um riachinho acima até contestar com as terras da fazenda Croaíras, de Manuel Machado Freire, com a largura que se achar
728	18-6-1817		Diogo Lopes de Araújo Costa			Diz que é senhor de uma sesmaria na ribeira do Acaracu, há mais de 20 anos, no lugar Lagoa do Mato onde está situado e como há aí um riacho dito do Prata que corre de sul a norte, que ele cultivava também há mais de 20 anos, pede como sobras dos héreus confinantes, limitando-se ao nascente com terras da Cruz, Lagoa Sêca e Malassombrado, e Francisco Antônio Linhares e com a sua Lagoa de Mato: ao poente com terras de Antonio da Silva Barros (de Granja) e ao nascente com terras do Castilha, do termo da Granja, e terras da Timbaúba e ao sul com a mesma Lagoa do Mato
769	30-3-1822	3x1	Vicente Álvares da Fonseca		Pede por este riacho acima (que serve de extremas entre êle e Inácio Parente), 3 léguas somente, para o nascente, pegando das testadas dos providos do rio Macaco ou suas ilhargas, correndo rumo do riacho a contestar com suas terras	Diz que entre as suas terras de Lajes, Cobras, S. Maria, e as terras das fazendas Vitória e Varge, de Inácio Gomes Parente, nos limites do termo de Vila Nova com Sobral, há terras devolutas pelo riacho do Gado

770	3-6-1822	3x1	Inácio Gomes Parente	Diz que entre as suas fazendas Vitória e Varge e as de Vicente Alves, Lajes, Cobras e Santa Maria, no riacho Gado, há terras devolutas. Pede nele 3 léguas pelo lado do nascente
	17-12-1822		Inácio Gomes Parente	Pede confirmação de sesmarias no Ceará
	17-12-1822		Inácio Gomes Parente	Pede confirmação de sesmarias no Ceará
234	s/d	2	Capitão Pedro de Mendonça	Lagoa da Aldeia Velha "Data e sesmaria do Capitão Pedro de Mendonça, de duas léguas de terra, começando da Lagoa da Aldeia Velha, chamada Caperoaba, buscando o correjo que vem de Acaraú, fazendo barra no correjo da Parangaba

ANEXO D

RELLAÇÃO de Plantações e Creaçoens de gado deste termo, que na conformidade da Ordem do Il.mo e Ex.mo S.nr Governador Capitão General das três Capitánias deve fazer desta vila e remeter por cópias authenticas ao dito S.nr do que diz este termo [Manuscrito]. 1788. Arquivo NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica. Centro de Ciências Humanas. CCH da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Francirco [X]a[v]eer [B]e[tt]acor morador nafazenda

[N Jº]

V788

E Rendeiro nadita fazenda doCapitão Manuel
[er[cop] ade Souza de Senco enta bracosdeterra de Cum
prido Com meya legoa de largo nod/ito Rio que [gira]
cepca efenda Com terras damesma fazenda
[E]Senhor epoSuidor detrezentos bracos deterr ade
plantas [da Serra grande denominado C[opuay]
ras de Cumprido Com Cem bracos de llargo [que]
prencipia nas terras daViuva Francisca Pinto
efendaCom terras de [Ten]ente Antonio Rodre
gues - - - - -
Dois Cavallos de sua fabrica - - - - -
Vente Cabras - - - - -
Deis Cabritos - - - - -
dois machados tres eyxadas foice Euma- - -
DeClarouque ecupa aterra que poSui

Francisco Xavier de BetanCor

do [a[]ruta noRiax odas [a[]barras

86.

[Dr. de Mug][[]

Manifestou perante esta Camera Como Consta da
Relação aSenadapor elle enumerado Com onumero *primeiro*

[R]ecebendo vinteCabras Reconheo des Cabretos
[E]steprezente anno plantou tres mil Covasd emandioca
que [Seo]xão [enSer] - - - - -

Ca[bre]llo

[ho]

Esmeando ametadedemeya mão demilho Colheo qua
renta Seyspor para gastos deSua fabrica- - - - -
Edealos Colheu [o] algumire para Seogado- - - - -
E Cultivando dera[Seis] bracas deterra dealgodão
aindanada conhera - - - - -

[Es]tevão Ferrera de Mello morador noSeu Citio

[Nº]

V788 E Senhor epoSuidor de Senco enta bracas de terra

de Cumpredo nodito Citeo Com meya Legoade
largo queprencipia Com terras de Jose Diniz
Penha efenda Com terras de Antonio Diniz Penha
Quatro Egoas paredeira - - - - -
Eum potrinho - - - - -
dois Cavallos deSua fabrica - - - - -
Maxado Eum eyxada Eum- - - - -
DeClarouqueocupo aterra que poSue

Estevão *Francisco* de Mello[]

Felipe Geraldo morador no Sitio de plantas de nome

[N Jº]

V788 ERendeiro nodito Citio de Manueld eSouza

Leal de Cinco enta bracos deterra deCumprid oCom
amesma Largura que prencipia efenda com terras
domesmopoSuidor. - - - - -

Dois cavalos deSua fabrica - - - - -

Duas Egoas paredeiras - - - - -

Euma foice e Euma eyxada - - - - -

DeCLarouque oCupa aterra que Rendoo

Cruz

De Felipe † Geraldo

Francisco da Cunha de Ar[au]jo morador noSeo

[N Jº]

V788 [E]Senhor epossuidor de Eum quartodeterra de

Cumpred o nodeto Citio Com quatro Centos
bracos de Largo que prencipia Cond aterra den[]

Texeiras efenda Com terras de Nossa Se
nhorada [Beruoca]- - - - -

Constas d[te] Citio deEuma [Escravo] femea de
Sua fabrica - - - - -

Cavalo Eum - - - - -

Maxado Eum eyxada Euma foice Euma cavadora

Eum - - - - -

DeClarouque oCupa aterra que poSuo - - - - -

Francisco daCunha de Araujo

Francisco da Cunha de Ar[au]jo morador noSeo

[N Jº]

V788 [E] Senhor epossuidor de Eum quartodeterra de
Cumpred o nodeto Citio Com quatro Centos
bracos de Largo que prencipia Cond a terras den[]
Texeiras efenda Com terras de Nossa Se
nhorada [Beruoca]- - - - -

Constas d[]te Citio de Euma [Escravo] femea de
Sua fabrica - - - - -

Cavalo Eum - - - - -

Maxado Eum eyxada Euma foice Euma cavadora

Eum - - - - -

DeClarouque oCupa aterra que poSuo - - - - -

Francisco daCunha de Araujo

[Francesco] Antonio Pereyra morador noSeo Citio

denomenado [Ronco]quenha [NJº]

V788 E Senhor epoSuidor de[nota]bracosdeterra[]

Cumprido Com Co[] [b]racos elargo nodito

Citio que prencipio Com terras de João Rodre

gues efenda Com terras de[]acoreas Rodregues

Tres Egoas paredeiras - - - - -

E [potrinho] do anno pacato

Maxado Eum Eyxada Euma - - - - -

DeClarou que oCupa aterra que poSuo

Cruz

De Francisco + Antonio

deplantas denomenado [Caza] naSerra da [Bencoquinha] noRiixo

96

[Dr. de Mu] []

Manifestou peranTe esta Camera Como Consta
da Relacao aSenadopor elle enumerado Com onu
mero primeiro - - - - -

Este prezente anno plantou duasmil Covasde

mandioca que [Seo]xao inSer- - - - -
Esemeando Eum prato demilho Colheu algum
[]e emeyo para Seo gasto - - - - -
[Tem] [Cultevado] Sinco bracasdeterradealgudão
Colheu Euma aSobar enCaroSos- - - - -

Manuel Rodrigues morador noSeo Citio

[N Jº]

V788 E Senhor epo Suidor deSeis Constar bracor de
terrad e Cumprido Conduzentos delargo que
prencipia Com terras dos Erdeiros de Antonio Joze
de Andrade dois eyxadas quatro foices duas
DeClarouque oCupa aterra que poSue - - - - -

Cruz

De Manuel † Rodrigues

Baltezar Rodrigues dos Reis morador nafazenda

Santa Maria noRe[b]eira doCa[v ou r]atim

[N Jº]

V788

[Sa]nto e[S] []rita Vaca parideira
Vinte edois [N]ovelhos novinhos - - - - -
[Trenta] [P ou G]arrotos e[P ou G]arratas - - - - -
Com Bezerros - - - - -
Cavallos
Doze Egoas paredeiras - - - - -
Sete potros e potras
Seis potrinhos - - - - -
des Cavallos defabrica - - - - -
Vinte Cabras - - - - -
Maxado hum duas eyxadas - - - - -
DeClarouque oCupa aterra que poSue

Baltezar Rodrigues Do Reis

Joze Gomes morador do Citio deplantas de
V788 ERendeiro nodeto Citeo deMariadaC[oncei]
cao deSinco enta bracosdeterra de Cumprida Com
amesma largura, que principia efinda Com terras
damesma Donataria - - - - -
Maxado Eum eyxadas duas Foice duas - - - - -
DeClarouque oCupa aterra aRendada - - - - -
Cruz
De Joze Gomes †

Manoel [Jose] [G]ô[] morador noSeo
[B]eruoca [N]º
V788 E Senhor epo Suidor do Citio Sencoenta bracos
De[h]a[]a de Cumprido Com duzentos de largo
nodito Sitio que principia Com terras
do Citio de[] deS[erra] X[] efenda Com
terras deManuel [Diniz] [Penha]- - - - -
Tres Cavallos deSua fabrica - - - - -
Maxados dois eyxadas duas foices tres Cavados Eum
DeClarouque oCupa terra que poSue - - - - -
[Manuel] Jose da []inen[te] []

Manoel [Jose] [G]ô[] morador noSeo
[B]eruoca [N]º
V788 E Senhor epo Suidor do Citio Sencoenta bracos
De[h]a[]a de Cumprido Com duzentos de largo
nodito Sitio que principia Com terras
do Citio de[] deS[erra] X[] efenda Com
terras deManuel [Diniz] [Penha]- - - - -
Tres Cavallos deSua fabrica - - - - -
Maxados dois eyxadas duas foices tres Cavados Eum
DeClarouque oCupa terra que poSue - - - - -
[Manuel] Jose da []inen[te] []

Anna Maria de Morais moradora

da [B]eruoca [NJº]

V788 E Senhora e possuidora de hum quar
to de terra de Cumpredo Com trezentas bracos de
largo nodito Citeo que principia Com terras
de [S]umplicio Ferreira afenda com
terras declaro. [Perupa] [fererpa] aC[ei]nera des
[ta] Villa -----
Maxado dois eyxadas tres foices duas Cavador
Eum -----
De Clarouque oCupa a terra que poSue
Cruz
De Anna + Maria Morais -----

noseo Citeo de plantas denominada Caza Forte no S[]ose

112

[Dr. de Mu][]

Manifestou per *anTe* esta Camera Como Consta da
Relacao a Senadapor elle enumerada Com numero *primeiro*
Este presente anno plantou Se[]gregado quatromil
Covas demandioca que a[]o [Seo]xão enSer- ----
E Semiendo meya ma[] demilho colhera esse[]a
gregada quarenta [maons] para gastode S[ua] fabrica[o]a
E Cultevando oyto bracos de terra de algodão Colhe
ra Se[cre]g[re]gado que aSobar en Caro[S]o asquais ven
[]eraõ Varios moradores do mesmo termo -----

Luiza da Costa e Araujo moradora noseo Citio

Procurador Manuel do Libeira Dias

[N Jº]

V788

E Senhora e possuidora de Euma Legoa de
terra de Cumpredo Com meya Leoga de largo para
Cada [C]onda do mesmo Rio que principia Com

terras de Manuel de Oliveira Dias e finda com
o mesmo -----
Duzentas Vacas parideiras -----
Quarenta e cinco novilhas fêmeas -----
Quarenta bezerros -----
Cavallos
Vinte e cinco Egoas parideiras -----
Senco Cavallos de fabrica -----
Declarou que ocupa a terra que possui
Manoel de Oliveira Dias

de Gado denominado Castello no Rio [Aracaty] So] 119
[Dr. de Mui]

Manifestou perante esta Camera Como Consta da
Relação a Senador Seo Procurador enumerada Com
o numero primeiro -----
Recebendo duzentas Vacas de Casa no dito Ci-
tio Recolheu quarenta bezerros que se fez aver[]
morador na sua fazenda de Gado denominado So Corro no Rio
122.
[Dr. de Mui]

Manuel Gomes Correa morador no Seo Citio de
[R] J]º

V788 E Senhor e possuidor de Seis [Con] los] bracas de
terras de Cumprido Com trezen [tos] bracas de largo no
dito Sitio que principia Com terras do [Erdeiros]
[dode franco] Pr[i] mo Fernandes Coelho e finda Com
terras do Capitão Jose de Araujo Costa -----
Consta do dito Citio de tres escravos de Sua fabrica
entre maxos e fêmeas -----
Tres Cavallos de Sua fabrica -----
Maxados dois e yxadas tres foices tres Covador Eum
Declarou que ocupa a terra que possui -----

[]
[]

Jose Lopes Freire morador [no] Sitio de plantas
[V] Jº

V788

ERendeiro de trezentas bracas de terra de Cumprido no
dito Sitio Com a mesma Largura parte [n] sente a ella
[] Souza Le [al] que precepia Com terras do mesmo [D]
[ah] oreio e fenda Com terras de Seo Bras -----
dois Cavallos de Sua fabrica -----
Machado Eum eyxada duas Foices duas

Cruz

De Jose † Lopes Freire

denominada da Sao Pe [dro] na Serrada [B] eruoca

129

[Dr. De Ma] []

Manifestou per ante esta Camera Como Consta do Relato
sao a Senada por elle enumerada Com o numero primeiro
[Re] plantando [evae] picando duas mil Covas de mandioca
ainda Seoxão in Ser -----
Este presente [como] planto quatro mil Covas de
mandioca que fraxão in Ser -----
E seminando a metade de meya quarta de milho Colheu
oitenta maos as que abatendo quarenta para gastode
sua fabrica vendera quarenta [os mesmos] moradores
deste termo -----
ECultivando Seconenta bracos de terra de
algudaõ te apresente nada Colheu por estarem
[a] gora proxemamente a [brin] do

Jozoº de Sá morador no Seo Sitio de plantas denominado
[N] Jº

V788

[E] Senhor e possuidor de [] Seconenta bracos de terra
de Cumprido Com a mesma Largura que precepia nas ter

ras de Antonio de Sá afenda Com terras de An
gello Pinto -----
Dois maxado Eyxada Euma Foice Euma -----
DeClarou que oCupa aterra que poSue
[Cruz]

De Jozo † de Sá

130

São Jose nop[*arta*]da Serra grande [Dr. De Muq] []

Manifestou perante esta Camera Como Consta de
Relação aSenadapor elle enumerada Com onumero *primeiro*
Este prezenteanno plantou tres mil Covas de mandioca que Seo
x ao enSer -----
ESemiando ametade meya quarta demilho Colheu quarenta.
sepo[s] que abatendo [d]ito para gastodeSua fabrica vende
[r]a demais aos moradores deste termo -----
[E] Cultevando que esta bracos de terra dealgudão recolheu
decas a[S]obar encoraSo asquaes vendera [achano] [Comelho]
morador no mes mo termo evay Continuando na Colheta dade
mais
dos [lebares] denominado São Joaquim no [pedo] Serragrande

131

[Dr. de Muq] []

Manifestou per^{an}Tæesta Camera Como Costa da Re
lacao aSomadapor elle enumerada Com onumero *primeiro*
Este presente anno plantou mil e Seis Contas Co
vasd emandioca que [Seo]xão inSer -----
ESemiado Eum quarto de milho Colheu dezaSeis ma
ons para gastosdeSuafabrica -----
E Cultivando des bracos de terra de algudão Reconheo
inCaraSo duas aSobar para Seu gasto -----

Manuel Nunes Barboza morador no[Sobro] de
Procurador Zacarias Nunes [N Jº] Barboza

V788 ERendeiro nodito Citio de Dona Deonizia Al
vares Lenhares demeyo quatro deterra deCumprido Com
Cemd elargo que prencipia Com terras do [] [ncopda]

dod eNoSa Senhora efenda Com terras doCapitão
 Domingos Rodrigues Lima -----
 Constaodito Citio deoito Escravos entre maxos e
 femias de sua fabrica
 Machados tres eyxadas Seis Foices quatro Covadoris
 dois -----
 DeClarouqueoCupa aterra que posue
 Zacarias Nunes Barboza

Seo Cito deGado denominado São Francis co no Riixo

137

[Dr. de Ma] []

Manifestou perante esta Camera Como Consta
 da Relação aSenadapor elle enumerado Com
 onumero primeiro -----

Cultendo vinte eduas Vacas deCriar nodito Bezerros

Citio Reconheu quatorze bezerros que Sefazerão 14

Manuel Vaz daSilva morador noSitio deplantas

[Nº]

V788 [He] [R]endeiro nodito Citio deSetenta bracasde
 terra de Cumprimento Com Cem delargo doque Es [R]en
 deio de Feliciano Gomes deCoe[lh]o que prencipia e
 fenda Com terras domesmo [P]roitario -----
 CumCavallo deSua fabrica -----
 Maxado hum eyxada duas Foices
 DeClarou que oCupa aterra que poSue
 Cruz

De Manuel † Vaz da Silva

Mariada Conceipção moradora noSeo Citio deplan

V788 ESenhora epoSuidora de Eum quarto
 de terra de Cumprido Com amesma Largura
 para Cada banda do Corgo denomenado [B]aul
 queprencipio Com terras do [V]entura da Veova
 [Queiteria] eMaria de [Percy] efenda [C]on
 terras de Agostinho Ferreyra fe[zeyro] aCamera ---
 Eum Cavallo deSua fabrica -----

Maxado Eum eyxadas tres Foice Euma - - - - -

DeClarou que oCupa aterra que poSue - - - - -

Cruz

De Maria † daConceipção - - - - -

tas denominado [B]aul na Serrada[B]eruoca 141.

[Dr. de Muy] []

Manifestou perante esta Camera Como Consta
da Relação aSenadapor ella enumerada Com onumero
primeiro - - - - -

Este prezente anno plantou tres mil Covasd e
mandioca que Seoxão inSer - - - - -

ESemiando ametade demeya quartademilho [Re]
Colheu quinze [Ses] [cor] demilho para Seogado
Ecultevando des braçosdeterrad ealgodão recolheo
[V ou N][u] ar a[Sobar] [encaroSo] para eSeogasto - - - - -

Jose Francisco da Pascoa morador noSitio

[N Jº]

V788 [E][R]endeiro nodeto Citio de Antonio

Rebeiro Guimarains de Cenco enta bracos de terra
de Cumprimento Com Secenta delargo que prenci
pia efenda Com terras do mesmo Donata
rio - - - - -

[E]um Cavallod eSua fabrica - - - - -

Eyxada Euma Foice Euma

DeClarouque oCupa aterra que aRendou

Cruz

De Jose † Francisco da Pascoa

Tem este Livro duzentos e quarenta e dois folhas, n[]
morados por mim, e Rubricados Com a *mesma* Rubrica
[Dr. de Mual] [], do que fiz este termo. Sobral em 20 de Nove[]
bro de 1788.

Dr. Manuel de M[ug]os Barreto ent[] [ollor] de [S ou G]arbed[]..